

ÍNDICE

Introdução.....	3
Primeiro Capítulo :	
1 Introdução ao autor Jorge Sá Earp.....	7
1.1 A vida do autor e uma breve descrição das características principais das sua obras.....	7
1.2 Entrevista com o escritor sobre o livro <i>Areias Pretas</i>	11
Segundo Capítulo :	
2.1 A Literatura Brasileira Contemporânea.....	17
Terceiro Capítulo :	
3. Texto original com a respetiva tradução do livro <i>Areias Pretas</i>	21
3.1 Uma noite outro mar.....	22
3.2 O Cortinado.....	32
3.3 Visita ao Passado.....	50
3.4 Quadrilha das seis.....	64
3.5 O parceiro.....	86
3.6 Areias Pretas.....	106
3.7 Gregório, a pianola e a mamãe.....	152
3.8 Os irmãos Neiva.....	184
3.9 O segredo.....	204
3.10 A vez da Professora.....	220
3.11 O Antiquário.....	234
Conclusão.....	367
Bibliografia.....	369

INTRODUÇÃO

O meu objetivo com este trabalho de tradução do livro de Jorge Sá Earp, *Areias Pretas*, é interpretar e adaptar para a língua italiana os infinitos matizes da língua portuguesa, as expressões, as dores e alegrias impressas em cada palavra, e que compõem a antologia de contos. O autor reúne em vários contos as grandes problemáticas da sociedade odierna, reconstruindo paisagens e cenários, em tempos e espaços diversos. E essa pluralidade espacial e temporal conquistou-me definitivamente.

A prosa de Sá Earp é etérea e indefinida. As personagens não expõem os seus verdadeiros sentimentos e pensamentos e, por isso, todas as histórias são fragmentadas e, muitas vezes, não seguem um pensamento lógico e uma sequência linear. Os contos refletem perfeitamente as inquietudes dos homens e das mulheres dos nossos tempos. As personagens, desorientadas e angustiadas, vivem as incertezas do cotidiano, desde os seus aspectos insignificantes e normais até as grandes tragédias. De fato, o que mais incomoda as personagens é a franqueza das coisas, a “anormal normalidade” da vida, o sentimento de incapacidade que acomete o sujeito e não lhe permite realizar os seus desejos.

Na verdade, com esse tipo de narrativa, Sá Earp termina por expôr e denunciar esses aspectos da sociedade contemporânea. O autor aponta para o sentimento de opressão e o preconceito social, o medo e o sentimento de impotência diante do julgamento do Outro e de uma classe média falida da qual as personagens, em geral, fazem parte. O preconceito velado serve para disfarçar e minimizar o processo de marginalização e de exclusão social, mas não serve para esconder a perda dos privilégios intrínsecos na própria condição de vida. Por isso, os sentimentos de exclusão e inadequação social das personagens são destinados a aumentar cada vez mais, chegando a sufocá-las e a comandá-las.

Sá Earp compôs as suas personagens com a precisão de um médico, e isso não é casual. No dia-a-dia, elas se comportam como se fossem autômatas. Entretanto, embora as suas ações num primeiro momento resultem mecânicas, os seus pensamentos e as suas reações são humanizadas. Todos nós poderíamos nos reconhecer em alguns traços dessas personagens, conseguiríamos inclusive ver a nossa imagem refletida no espelho, os nossos medos tão pequenos e banais, descritos com simplicidade e sem filtros.

O homossexualismo não revelado é, sem dúvida, uma temática recorrente em todos os contos de *Areias Pretas*. Muitas vezes as personagens não estão totalmente conscientes da natureza da própria sexualidade, se confundem, não têm a capacidade de distinguir os seus sentimentos e pulsões. Neste sentido, existe, nas narrativas, uma forte tendência e vontade de defender a liberdade de escolha sexual, de expressão das próprias emoções. As protagonistas, sobretudo homossexuais, por sentirem-se fragmentadas, vão busca de uma identidade mais segura, e isso cria uma indistinção entre o amor homo e heterossexual. É, sem dúvida, um texto que nos faz pensar, que nos fornece vários estímulos para a reflexão acerca das desigualdades e discriminações sociais, que hoje atravessam a nossa sociedade. De fato, o leitor pode observar com muita clareza como muitos das personagens tentam ainda esconder a própria e verdadeira sexualidade.

Não foi fácil traduzir para o italiano os textos e o estilo de Jorge Sá Earp. Refiro-me aqui também ao estilo porque em um texto literário todos os elementos que o compõem se ligam e se intreleçam, sempre de modo diverso, até alcançar uma unidade. A parte mais difícil do trabalho esteve ligada ao carácter único da obra literária, à falta de textos correspondentes e de pontos de referência, da tradução de frases que se poderiam considerar standard. Isto quer dizer que a “forma”, relacionada ao sentido, foi o grande centro da questão. A literatura apresenta uma forma específica e cada palavra fornece informações ao leitor, através de mecanismos particulares, tais como a estrutura métrica, uma sintaxe não convencional, um léxico específico etc. Cada palavra ganha significados diversos, assim ela se torna uma imagem potente e cheia de potência.

Sabemos que o autor dirige a sua atenção a um público determinado. Ele supõe quais são as competências culturais de seus leitores, seus gostos e também suas orientações ideológicas. No processo de tradução é necessário fazer o mesmo. Neste meu trabalho de tradução tentarei adaptar a tradução a um leitor modelo, que consiga interpretar as expressões tal qual o leitor da língua de partida.

A noção de tempo não é um fator de análise indispensável nestes contos. As histórias são muitas vezes suspensas numa atmosfera indefinida, o autor não escreve datas precisas, e o leitor tem de compreender quando o conto segue ou não uma linearidade temporal. Em vários momentos, a duração de alguns eventos é mais dilatada em relação a outros. O autor utiliza elipses, pausas, diálogos e reminiscências, e esses expedientes alteram e dificultam o trabalho de tradução. Em oposição ao uso das elipses, existem as pausas, os momentos nos quais se suspendem as ações e o tempo da história, e são introduzidos os pensamentos das protagonistas, as digressões e as descrições. Mas, ao contrário da noção temporal, a ideia de espaço é muito importante.

De fato, em cada conto as protagonistas se movem em espaços mais ou menos amplos e muito diferentes entre si. Os diferentes lugares, presentes nos contos, assumem uma função específica no contexto e no desenvolvimento das histórias, refletindo as emoções dos protagonistas, contribuindo para criar um ritmo narrativo e para o *suspence*, ajudando a aumentar e direcionar o foco de atenção do leitor para um determinado aspecto da história.

Interessante também observar como Jorge Sá Earp descreve o espaço circunstante, através dos olhos de um personagem ou do narrador, e estabelece uma relação fundamental entre o ser vivente e o ambiente que o condiciona. Os lugares onde se passam as histórias têm também a função de evidenciar ainda mais a imagem da família burguesa tradicional, que insiste em viver com glamour e cultuar a aparência. Esses lugares são: as praias (de Ipanema, por exemplo), os bairros (Barra e Leblon), os hotéis (Hotel Ivoir, Golf Club), as casas decadentes (dos irmãos Neiva), os apartamentos (do conto de “O Parceiro”, ou de Eduardito em “Antiquário”), os teatros (nos contos “Visita ao passado” e em “Grégorio, a pianola e a mamãe”), e funcionam, ao mesmo tempo, como símbolo de *status* e de decadência.

PRIMEIRO CAPÍTULO

1. Introdução ao autor Jorge Sá Earp

1.1 A vida do autor e uma breve descrição das características principais das sua obras

Jorge Sá Earp nasceu no Rio de Janeiro, em 25 de junho de 1955. Estudou Letras na PUC no Rio de Janeiro. É diplomata e morou na Polônia, Holanda, Gabão, Bélgica, Romênia e Equador. Encontra-se atualmente na Itália. Recebeu o Prêmio Nestlé de Literatura em 1985 pelo romance *Ponto de Fuga*.

A matéria prima de Jorge de Sá Earp são os olhares esquivos, as frases inconclusas, os gestos abortados e os sinais de incompletude das relações humanas. As páginas de *Areias Pretas* são povoadas por personagens que buscam insistentemente, em outras personagens, uma difícil sintonia entre os desejos íntimos. Em sua secreta e angustiada coreografia, os protagonistas executam movimentos – às vezes unilaterais, às vezes mútuos – de aproximação ou conquista, mas hesitam, recuam, batem em retirada, arrependem-se, voltam a tentar. Há um embate permanente entre a sofreguidão e o comedimento, a volúpia e o recato, a idealização do prazer e a realização do medo. A literatura, em Sá Earp, é a exposição implacável e impiedosa de todas as desilusões que a realidade se encarrega de produzir.

As vozes que se ouvem, do fundo de seus contos, provêm de uma alma dolorosa que não sabe expor seus desenganos – e, no entanto, não cansa de revisitá-los. Sá Earp é um investigador desses desenganos, examinado-os em todos os seus matizes. Esse ambicioso objetivo literário – embora minimalista – não se concretiza através do desespero ou da autocomiseração, o que seria muito fácil. A melancolia, presente na maior parte de seus contos, é temperada por um realismo maduro e por uma prosa pausada, introvertida, elíptica, decididamente esvaziada de soluções simplistas. Estamos diante de um artista que controla magistralmente as armadilhas de seu ofício e domina recursos de grande eficácia literária – que muitas vezes evocam, para o prazer dos leitores mais exigentes, a técnica narrativa de Machado (cf. *O Cortinado* e *O segredo*) e a sensibilidade de Svevo (cf. *Areias Pretas*). Como a imensa maioria dos escritores desta e de outras terras, Sá Earp não depende da literatura para comer e pagar suas contas. No entanto, escreve por necessidade. Não o faz por capricho, vaidade ou ânsia de prestígio. Escreve por ânsia de vida. Pertence ao rol

daqueles raros escritores que precisam buscar, na literatura, o suplemento vital que o cotidiano não pode suprir.

Revela-se um poeta denso, com estilo pessoal: seus versos são fluídos, quase prosa, e mergulha nos limites da condição humana, nas mudanças que o tempo provoca nas paisagens da alma (que é quando seus poemas atingem uma dimensão mais metafísica), além de registrar todo o peso da solidão urbana no mundo contemporâneo.

A literatura de Jorge de Sá Earp pode ser definida como uma *literature confessional*, quase um diário, próximo do gênero das memórias. Os livros do escritor podem dar a idéia de uma prosopografia, que vem a ser um estudo de biografias coletivas. Suas histórias se entrelaçam e delineiam vários perfis de homens e mulheres, que assumem diversas funções em diferentes locais de nosso já apertado planeta. E esses bares, hotéis, apartamentos, Embaixadas, que se espalham por diversos pontos do mundo, correspondem aos lugares pelos quais passou Jorge através do exercício de seu trabalho diplomático: Polônia, Holanda, Gabão, Bélgica, Romênia e Equador – sem esquecer o Brasil, onde ele viveu e trabalhou, se dividindo entre Brasília e a orla marítima do Rio. Tantas “nações” – se é que ainda podemos usar este termo para definir os lugares no atual mundo em que os limites entre global e local foram borrados – são representadas por pessoas que não se esgotam na sua variedade e diferença, mas que se completam, desfilar as suas “nacionalidades” como uma espécie rara, exibindo-as neste mundo globalizado em que vivemos. Essas personagens, vindas dos locais mais díspares do mundo – Argélia, Argentina, Rússia -, encontram-se, quase sempre, numa sala de estar ou num restaurante.

Em *A cidade e as cinzas*¹ o autor nos surpreende, a cada página, apresentando situações inusitadas ou cenas extraordinárias, como por exemplo, um personagem que representa a figura de um funcionário mulherengo da Embaixada que num elegantíssimo jantar bebe champanhe no sapato de uma brasileira; um outro que mostra interesse por operas ou por pratos estranhos, como gaspacho – uma sopa fria que escandaliza o mineiro que adora feijão preto –, ou por beterrabas cortadas e servidas quentes, ou mesmo por perdizes. Os pormenores do dia-a-dia ganham contornos de conhecimento da cidade, dos seus habitantes e do mundo, e nos servem de passaporte para o estranhamento diante da cultura alheia.

Ao ler os livros de Jorge, temos a impressão de que a trama, tecido fino, foi costurada por diversas biografias descritas minuciosamente pela mão de um pintor minimalista, um *voyeur*, atento aos mínimos detalhes, sobretudo aqueles relativos ao comportamento cotidiano do ser humano. Isto

¹ JORGE SÁ EARP, *A cidade e as Cinzas*, Rio de Janeiro : Raza Cultural, 2002.

é um dos traços mais marcantes de sua literatura. O antológico conto que traz o nome do livro *Areias Pretas*², já demonstra como o autor é exímio na descrição e desconstrução, inclemente e lenta, dos pequenos atos do dia-a-dia, levando à perda da aura, tal como nas cenas que descrevem as férias glamourosas nas praias de areias monásticas de Guarapari, no Espírito Santo. O casal de idosos se esforça para ser feliz e se divertir, mesmo debaixo da chuva, entediado, sem ter o que fazer, e imerso num ambiente *kitsch*.

Jorge é cruel na sua análise da burguesia em todos os seus contos e novelas, nos quais a visão humorística da sociedade sempre está presente e se concentra na imagem da família burguesa tradicional e decadente, que insiste em viver com o glamour da juventude. Essa análise se torna mais aguda e eficiente no conto *Areias pretas* na medida em que é descrito através do olhar do motorista, representante de uma outra classe, o proletariado que introduz assim um efeito de estranhamento em relação ao individualismo do casal burguês que está de férias imerso em sua problemática pessoal e sem conseguir ver o mundo tal qual ele realmente é. O motorista proletário é quem exerce aqui a função de *voyeur*, e é o seu ponto de vista que serve de filtro para a crítica social humorística.

Em os contos *O cortinado* e *O segredo*, de *Areias Pretas*, não há influência de Machado de Assis, mas de Proust e de sua constante observação minuciosa do cotidiano. Em Machado há sempre ironia com laivos eventuais de humor, e sabemos como a ironia está ligada ao pessimismo, a Nietzsche, a Schopenhauer, autor que Machado tanto lia. Nos contos de Jorge, ao contrário, há humor satírico, em especial em relação aos valores de classe da família burguesa decadente, seus gostos e valores ultrapassados. Pois é através do olhar – uma constante na visão de mundo ocidental, segundo Jacques Derrida –³ que ele espicaça o comportamento da burguesia, em seus mínimos detalhes: o vocabulário pontilhado de palavras em francês, oriundo de um tempo de influência francesa no Brasil, sempre identificada pela elite culta como uma demonstração de bom-gosto e *finesse*, antes da chegada da mídia e da cultura norte-americana. O humor e a paródia se estendem à linguagem, à decoração dos ambientes, ao apego ao passado.

As personagens de Jorge são em geral um pouco tímidas, canhestras ou observam a vida como *voyeurs*, de fora. Os bares, drinques, restaurantes abundam como forma de reunir coragem para aproximar-se do outro. Rum e rumba. Mais um ponto que se afasta de Machado, onde sequer uma personagem prova uma gota de álcool.

² JORGE SÁ EARP, *Areias Pretas*, Rio de Janeiro: 7 Letras, 2004, pp. 56-80.

³ JACQUES DERRIDA, filósofo franco-magrebino, que iniciou durante os anos 1960 a Desconstrução em filosofia.

Pois é no retrato da burguesia que Jorge Sá Earp se torna um exímio escultor, músico intérprete ou compositor do mundo policromático pós-moderno. Vemos na sua narração um conflito entre o totem e o tabu, uma relação de ambiguidade com o seio da família, entre o *fort-da*, composto pela ida e vinda da figura materna – como nos relata Freud, e a figura do pai, ausente, eliminada. No entanto, é ele quem recebe as celebrações cerimoniais dos bares, restaurantes, festas, o júbilo triunfante e os selvagens excessos – como na imagem que Freud estuda das festas celebratórias do pai como totem, que em seguida é assassinado coletivamente pela tribo. As tias, a mãe, os tios encenam uma atmosfera que se torna asfíxiante, em que a criança tenta escapar da figura totêmica familiar. O pai está raramente presente nas histórias porque aparece nelas já representado justamente pela presença do tabu, da proibição. A aventura e o amor ao desafio e a confrontação à proibição social não estão no perigo político da intervenção soviética na Polônia, como lemos no início de *A cidade e as cinzas*, mas no retorno do recalcado, ou na figura onipresente de um patriarca-ditador que obrigasse a família e a sociedade a uma ordenação deste mundo caótico e em desordem. Daí a ousadia, a infração do gênero e de costumes que as personagens masculinas de Jorge Sá Earp introduzem no cotidiano burguês, que representa o princípio do prazer. Mas ele se opõe ao totem, recalcado.

A casa burguesa, ao final, apesar de ser constante motivo de crítica, é também o ponto de partida para todas as viagens e saídas noturnas. *Gregório, a pianola e a mamãe* é um dos pontos altos do livro *Areias Pretas*. Essa história transcorre ao som das óperas *Traviata*, de Verdi e *Salomé*, de Richard Strauss, regada ao vinho do Porto, e pautada por um encontro no cinema Metro-Boavista, na Cinelândia, uma bela mistura do culto e dos meios de massa. Também em *Os irmãos Neiva* há uma referência ao cinema, no sábado à tarde, e o filme é o antigo *Dottor Zivago*, que se tornara *cult*. Este conto é montado a partir de um cenário teatral familiar que protege a personagem na casa contra o mundo lá fora, ao mesmo tempo em que evidencia o estiolamento da classe média ou burguesa em suas bases tradicionais. A decadência da casa no bairro das Laranjeiras, com suas goteiras, seu ar *blasé* e a ameaça da Prefeitura de demoli-la, o apego a uma fonte *démodé*, situada no centro do jardim e construída por Saulo, irmão mais velho e engenheiro, mostram que todos estavam arraigado à casa como se fossem parte dela. Aqui há referência à morte da mãe, que deixou os dois irmãos solteirões como proprietários do imóvel, mas nenhuma referência à morte do pai, quem provavelmente adquirira a casa, pois o totem é intocável. O texto de Jorge retoma os traços operísticos e paradísticos, típicos da escritura pós-moderna: o aspecto grandiloquente, exagerado, histerico, que prende Saulo à velha residência, ligando-o ao passado e ao renascimento *cult* de objetos antigos. O tom do conto também é memorialista e confessional, formando um todo que caracteriza todas as narrativas de Jorge Sá Earp.

1.2 Entrevista com o escritor sobre o livro *Areias Pretas*

(A.Damin) Como nasceu a ideia do livro *Areias Pretas*?

(Jorge) O conto propriamente que dá título ao livro nasceu da lembrança de meus avós paternos, que costumavam passar temporadas na cidade praiana de Guarapari, no Estado do Espírito Santo, onde há areias monazíticas. Meu avô sofria de reumatismo. O resto eu inventei: o chofer, a namorada etc. Reuni os outros contos, que tinha escrito mais ou menos na mesma época, e entreguei o volume ao editor. Não houve, portanto, uma ideia pré-estabelecida de escrever um livro chamado *Areias Pretas*. Dei esse título ao livro creio que por ser o conto que mais me agradava, na época.

(A.Damin) Você é um grande e afirmado diplomata, como é que decidiu de começar a escrever?

(Jorge) Bom, muito obrigado, mas não me considero um grande e afirmado diplomata. Acredito que me esforço para ser um profissional competente (não gosto dessa palavra, mas foi a que me veio logo).

Escrevo desde pequeno. Quando era garoto gostava de desenhar contando histórias para mim mesmo. Falava enquanto desenhava. Acabei escrevendo aquelas historinhas infantis. Meu tio-avô, que me incentivava a desenhar (ele achava que eu ia ser pintor), acabou publicando aqueles papéis com o título pomposo de *Obras Completas*. Imagine...

(A.Damin) Essa capacidade de escavar na profundidade e na interioridade dos personagens é derivada de uma sua característica interior, ou o senhor a desenvolveu durante os anos e durante as suas viagens, quando teve oportunidade de estar contato com pessoas diferentes?

(Jorge) Sempre gostei de uma literatura, digamos assim, "psicológica" (também não gosto desse termo, como não gosto das classificações literárias em geral, mas na falta de outro termo... vai esse mesmo). Apesar de gostar muito de Zola e de Jorge Amado, para ficar no âmbito da literatura em língua portuguesa, sempre gostei mais de Machado de Assis do que de Eça de Queiroz. Acho que vem daí essas minhas tentativas de buscar compreender as atitudes humanas. Talvez, no fundo,

uma tentativa de conhecer a mim mesmo. Aquela frase do Sócrates: "Conhece-te a ti mesmo". As viagens ajudaram nisso, sem dúvida; outras culturas, diferentes modos de pensar, de reagir.

(A.Damin) Por que decidiu misturar a vida no Brasil com aquela na Holanda e na África? Há uma motivação específica? Há também um pouco da vida na Rússia.

(Jorge) A gente não decide; as coisas vêm, quer dizer, as histórias às vezes nascem com uma lembrança. Foi o caso desses contos que ambientei na África e na Holanda. E vi uma prostituta russa da janela do apartamento de um amigo meu francês, que me hospedou em Brazzaville. Na época eu morava em Libreville, no Gabão, bem ao lado do ex-Congo francês.

(A.Damin) O leitor é um espectador das fraquezas dos personagens, dos seus monólogos interiores, das suas contradições, acha que eles são espelhos da sociedade em que vivemos? Pensa que na sociedade de hoje todos estão preocupados com a aparência das coisas mais que com verdadeiros sentimentos?

(Jorge) Acho. Principalmente na nossa época. Com tantos apelos ao consumo, as pessoas estão cada vez mais preocupadas com as aparências. Claro que esse sentimento existiu em todas as épocas e sociedades, mas, como se diz, a sociedade de consumo tem o poder de agravar esse estado. A aparência em detrimento da essência, de valores mais dignos do ser humano, como a solidariedade, o amor etc.

(A.Damin) No livro, a tensão sexual dos personagens é muito forte, e, muitas vezes, eles se tornam homossexuais, percebi isso, nos contos, como sendo uma vontade de combater os tabus da sociedade. Neste sentido, o senhor pensa que há ainda muita violência e muita repressão em relação à homossexualidade?

(Jorge) Sim, ainda há muita. A sociedade evoluiu muito nesse sentido nas últimas décadas, mas ainda há muito preconceito, sobretudo nas cidades pequenas e no campo. Há falta de informação e tabus oriundos da maioria das religiões. Vai demorar muito para esse quadro mudar, mas acho que estamos chegando lá. Pouco a pouco. Violência ainda há muita contra os homossexuais. Os governos podem ajudar a combater isso promulgando leis, mas a mentalidade dos próprios policiais ainda é muito medieval. É o machismo. Outra coisa: acho que as pessoas não se

tornam subitamente homossexuais. A origem do homossexualismo ainda é muito discutida entre especialistas.

(A.Damin) Qual é a história que amou mais? E o personagem?

(Jorge) Gosto muito de “O antiquário”. Mas o personagem pelo qual tenho mais simpatia não é desse conto: é o Lourenço de “Gregório, a pianola e mamãe”.

(A.Damin) Nos contos, em geral, as conclusões ficam sempre suspensas. Esse procedimento é uma escolha estilística para sublinhar ainda a confusão em que vivem os personagens?

(Jorge) Não. Não é uma escolha consciente. Na verdade, você só toma consciência dessas coisas depois que escreveu vários contos. E também através do leitor. Uma amiga me criticou por fazer essas interrupções bruscas. Mas eu gosto disso. Talvez eu queira dar ao leitor um espaço para ele concluir a história.

(A.Damin) Os contos são caracterizados por frases muito breves e por um estilo conciso, esta escolha foi provocada sempre pela grande fragmentação e falta da unidade na vida dos personagens?

(Jorge) É. Talvez. Respondo com essa incerteza porque, como disse antes, não se trata de uma escolha consciente. Aliás, nunca tinha percebido que as vidas de meus personagens são fragmentadas e sofrem de falta de unidade. Mas você me leu com muita atenção: concordo e acabo de descobrir esse lado das minhas narrativas. Talvez sim. O estilo se coaduna com as vidas deles: afinal, o narrador vai seguindo as vozes interiores desses personagens. Como se, ao criá-los, eles se pusessem diante de mim, e criassem vida própria.

(A.Damin) Acha que esta confusão é uma consequência da perda total de coragem? Acha que os personagens não têm tanta força para mudar a própria vida?

(Jorge) Acho que sim. Minha maneira de ver o mundo tem influência de Tchekhov. O que vem a dar no mesmo.

(A.Damin) As mulheres são muito presentes nos contos, mas nas relações com os homens (e mulheres) mostram-se sempre infelizes, pensa que esta é uma característica comum das mulheres?

(Jorge) Não. No amor, mulheres e homens podem ser infelizes ou felizes. Não acho que seja uma característica das mulheres. Talvez tenha colocado mulheres infelizes porque me parecem seres mais sensíveis. Mas não gosto de generalizar. Os personagens femininos sempre me fascinaram. Haja vista as mulheres, grandes personagens do teatro grego, como Medeia, Antígona e Electra.

(A.Damin) O que determinou o seu interesse em trabalhar personagens particulares e fragmentados?

(Jorge) Os personagens surgem na minha cabeça: pode ser uma pessoa que você conheceu, a mistura de várias ou um inteiramente desconhecido. Como disse anteriormente, não é uma opção consciente. Pelo menos eu trabalho assim. Quanto à fragmentação, acho que vejo a narrativa curta desse forma – como a vida pode parecer às vezes - "flashes" do cotidiano, rasgos da memória, cenas de sonho: quase instantâneos da vida que passa veloz.

(A.Damin) Qual é a ideia central dos contos?

(Jorge) Se paro para refletir, a *posteriori*, no que escrevo, vejo que há uma constante temática: solidão, busca de alguém que te complete, a impossibilidade dessa, digamos assim, completude, consciência de que estamos sozinhos, mas que há momentos em que se dá esse encontro, essa afinidade, por vezes, fortuita entre os seres.

(A.Damin) As ideias dos personagens provêm da sua própria imaginação ou se inspirou em alguém?

(Jorge) É, como disse, eu misturo tudo: alguns surgem inopinadamente do baú da memória e outros aparecem vindos não sei de onde, do sonho talvez. Digo, do sonho desperto. Muitas vezes observo pessoas na rua, nos ônibus, nos cafés e começo a inventar uma vida para essas pessoas a partir de seus gestos, de suas expressões fisionômicas, de suas gostos, preferências, trechos de conversa, entonações de voz. E daí, algumas vezes, surge um personag

(A.Damin) Quanto tempo levou para escrever o livro *Areias pretas*?

(Jorge) Fui recolhendo material disperso. O livro *Areias Pretas* foi publicado em 2014, um ano depois que voltei de Quito, no Equador. Acabei de encontrar uma data e estava certo: "A vez da professora" é o conto mais antigo do livro. Comecei a escrevê-lo há muito tempo e o abandonei. Não estava satisfeito com o desenrolar da história. Retomei-o só em 1999 (devo tê-lo começado muitos anos antes, mas não me lembro quando foi), em Bucareste, na primeira vez que trabalhei lá. Depois voltei. Mas, os contos devem ter sido escritos entre 99 e 2003. Uma errata: "Quadrilha de seis" é o conto mais antigo. Em sua forma integral, escrevi-o no Gabão no início dos anos 90.

(A.Damin) Qual é a palavra que escolheria para descrever esses contos?

Longe.

SEGUNDO CAPÍTULO

2.1 A Literatura Brasileira Contemporânea

Nas últimas décadas, a cultura brasileira viveu um período de acentuado desenvolvimento tecnológico e industrial. Entretanto, neste mesmo período ocorreram diversas crises no campo político e social, os anos 60 (época do governo democrático populista de Juscelino Kubitschek) foram repletos de uma verdadeira euforia política e econômica, com amplos reflexos culturais: Bossa Nova, Cinema Novo, Teatro de Arena, as Vanguardas, e a Televisão. A crise desencadeada pela renúncia do presidente Jânio Quadros e o golpe militar que derrubou João Goulart colocaram fim nessa euforia, estabelecendo um clima de censura e medo no país (o fechamento do Congresso; jornais censurados, revistas, filmes, músicas; perseguição e exílio de intelectuais, artistas e políticos). A cultura precisou usar disfarces ou recuar em suas propostas democráticas. A conquista do tricampeonato mundial de futebol, em 1970, foi capitalizada pelo regime militar e uma onda de nacionalismo ufanista espalhou-se por todo o país, alienando as mentes e adormecendo a consciência da maioria da população por um bom período de tempo. A cultura marginalizou-se. Em 1979, um dos primeiros atos do presidente Figueiredo foi sancionar a lei da anistia, permitindo a volta dos exilados e esse ato presidencial desencadeou o otimismo e a esperança renasceu no coração daqueles que discordavam da política praticada pelos militares daquele período. Na década de 1980, inicia-se uma mobilização popular pela volta das eleições diretas, que só veio a se concretizar em 1989, com a posse de Fernando Collor de Mello, cassado em 1991. Em 1995, houve a eleição e posse do presidente Fernando Henrique Cardoso.

A Literatura Brasileira Contemporânea engloba as produções do final do século XX e da primeira metade do século XXI sendo marcada por uma multiplicidade de tendências. Ela reúne um conjunto de características de diversas escolas literárias anteriores, revelando, assim, uma mistura de tendências as quais irão desencadear inovações na poesia e na prosa (contos, crônicas, romances, novelas, etc.) do período. As manifestações literárias desse período desenvolvem-se a partir de duas linhas mestras: de um lado, a permanência de alguns autores já consagrados, tais como João Cabral de Melo e Carlos Drummond de Andrade, acompanhada do surgimento de novos artistas, como Lygia F. Telles e Dalton Trevisan, ligados às linhas tradicionais da literatura brasileira: regionalismo, intimismo, urbanismo, introspecção psicológica. De outro lado, a ruptura com valores tradicionais, que se dispersam através de propostas alternativas ou experimentais, buscava novos caminhos ou exprimia de maneiras pouco convencionais as tensões de um país sufocado pelas

forças da repressão. Nessa vertente, nascem os movimentos: o concretismo, a poesia Práxis, os romances e os contos fantásticos e alegóricos. Vale lembrar que muitas destas características da literatura contemporânea estão relacionadas ao movimento modernista, como a ruptura com os valores tradicionais, entretanto, a identidade nesse momento não é mais uma busca, sendo revelada por uma crise existencial do homem pós-moderno. Alguns movimentos vanguardistas que assinalaram a produção contemporânea foram: Concretismo, Neoconcretismo, Poesia-Práxis, Poesia Marginal, Poesia Processo.

As principais características da literatura contemporânea são em substância a mistura de tendências estéticas (ecletismo), união de arte erudita e de arte popular, prosa histórica, social e urbana, poesia intimista, visual e marginal, temas cotidianos e regionalistas, engajamento formal, experimentalismo formal, técnicas inovadoras (recursos gráficos, montagens, colagens), formas reduzidas, intextualidade e metalinguagem. Os nomes principais que representam essas novas tendências são aqueles de Ariano Suassuna, Antônio Callado, Adélia Prado e Caio Fernando Abreu.

Muitas são as questões suscitadas pelos teóricos sobre a literatura brasileira contemporânea. Entre elas o impacto das novas tecnologias, a inserção mercadológica, os escritores que despontam e os que se mantêm, e, ainda, a situação do romance tradicional em meio à “invasão” das narrativas breves e dos contos curtos. Tomadas de forma sucinta, a partir de abordagens parciais, as observações apresentadas não se prestam a conclusões estanques, mas permitem-nos depreender que se a literatura contemporânea brasileira não criou, até então, nenhuma escola, tampouco se prendeu à escolas anteriores. Embora não rejeite alguns esquemas do passado que tendem, todavia, a serem revistos, recriados, renovados de modo a tomar parte em um cenário crescente em que, dia a dia, despontam novas formas, novos meios, bem como novos nomes, ao lado de nomes já consagrados, sem grandes choques, hoje talvez se pode afirmar que já não disputam, mas compartilham um lugar no universo literário. Em todos os textos sobre a periodização da literatura, embora sejam diferentes entre si, existe uma data comum para se começar a discutir o conceito de contemporâneo. Mas a crítica Beatriz Resende⁴ amplia esse entendimento acerca do termo e vai tratar do contemporâneo como sendo também aquilo que foi publicado algumas décadas atrás, observando, em sua análise, acerca da ficção brasileira contemporânea, que contemporâneo pode ser estendido especialmente a tudo aquilo que foi praticado da metade dos anos 1990 até o correr desta primeira década do século XXI. Já o teórico Karl Eric Schøllhammer inicia a discussão com perguntas bem conhecidas em nosso meio « O que significa ser contemporâneo? E o que significa,

⁴ BEATRIZ RESENDE, Nascida no Rio de Janeiro, Beatriz Resende é crítica, pesquisadora, doutora em Literatura Comparada e Professora Titular de Poética do Departamento de Ciência da Literatura da Faculdade de Letras da UFRJ.

na condição contemporânea, ser “literatura” ? »⁵ e faz uma espécie de “retirada estratégica” no que concerne a um marco temporal, propriamente dito, preferindo uma abordagem mais filosófica, que engloba Giorgio Agamben, Roland Barthes e Nietzsche, para concluir que « ser contemporâneo [...] é ser capaz de se orientar no escuro e, a partir daí, ter coragem de reconhecer e de se comprometer com um presente com o qual não é possível coincidir»⁶ Os avanços tecnológicos e o seu aproveitamento entre os produtores de literatura também comparecem nas considerações tecidas pelos teóricos. Nesse aspecto, Helena Bonito Pereira não parece de todo simpática à invasão tecnológica, pois, muito embora reconheça que não prejudica a viabilidade da criação literária, considera que «a contaminação por outras mídias complica um pouco»⁷ O fazer literário e o aporte tecnológico hoje caminham juntos e Helena Pereira chega a sugerir que se deva à tecnologia o fato de empregar-se na literatura contemporânea de forma mais intensa o recurso da «fragmentação ou desintegração formal assumida como princípio artístico»⁸

Olhar hoje para a literatura brasileira contemporânea e analisar ou defini-la não é um trabalho simples. Atualmente o mercado editorial passou por uma expansão inacreditável, e com a multiplicação das editoras vem também uma multidão de novos autores. Com as possibilidades recentes de autopublicação, especialmente na rede virtual, vários escritores optam pela divulgação de suas obras através desse meio para só mais tarde lançarem um livro impresso. Mas marcar essa produção atual com o rótulo da diversidade seria diminuir o valor dessa vertente literária. O realismo, por exemplo, ganhou uma nova aparência nos livros de escritores como Luiz Ruffato, Marcelino Freire e Marçal Aquino. Enquanto isso João Gilberto Noll reativa a face intimista de autores do porte de Clarice Lispector

No âmbito da poesia há sempre duas constantes: uma reflexão cada vez mais acurada e crítica sobre a realidade e a busca de novas formas de expressão. Se mantêm os nomes consagrados como João Cabral, Mário Quintana, Drummond no painel da literatura e a afirmação de grupos que usavam técnicas inovadoras como: sonoridade das palavras, recursos gráficos, aproveitamento visual da página em branco, recortes, montagens e colagens. As principais vanguardas poéticas prendem-se aos grupos do Concretismo, Poema Processo, Poesia Social, Tropicalismo, Poesia Social e a Poesia Marginal.

⁵ KARL ERIK SCHOLLHAMMER, *Ficção brasileira contemporânea*, Rio de Janeiro: Civilizacao Brasileira Editora, 2009.

⁶ *Ivi*, p.10.

⁷ HELENA BONITO PEREIRA, *Ficção brasileira no século XXI: terceiras leituras*, Mackenzie Editora, 2011, p. 41.

⁸ *Ivi*, p.42.

Assim como a Poesia, a Prosa do período pós-moderno caracteriza-se por uma pluralidade de tendências e estilos. A partir dos anos 70, vão-se quebrando limites entre os gêneros literários: romance e conto, conto e crônica, crônica e notícia; desdobram-se e acabam incorporando técnicas e linguagens, antes fora de seus domínios. Dessa forma, aparecem romances com ares de reportagens; contos parecidos com os poemas em prosa ou com as crônicas, autobiografias com lances romanescos narrativos que adquirem contornos de cena teatral; textos que se constroem por justaposição de cenas, reflexões, documentos. O romance ora segue as linhas tradicionais, aprofundando-se e enriquecendo-as com novos temas; ora inova, criando novas nuances de prosa. Há diversos tipos de romance: Romance Regionalista (Mário Palmério, José Cândido de Carvalho, Bernardo Élis), Romance Intimista (Lygia Fagundes Telles, Autran Dourado, Osman Lins, Aníbal Machado), Romance Urbano-Social (José Condé, Carlos Heitor Cony, Antônio Olavo Pereira, Marcos Rey), Romance Político (Márcio de Sousa, Márcio de Sousa, Ignácio de Loyola Brandão), Romance Memorialista e / ou autobiográfico (Pedro Nava, Érico Veríssimo, Fernando Gabeira) e o Romance experimental e metalinguístico (Osman Lins, Ignácio de Loyola Brandão, Ivan Ângelo) etc. Já a partir dos anos 1970, houve uma verdadeira explosão editorial do conto e da crônica, por serem narrativas curtas, condensadas, e atenderem à necessidade de rapidez do mundo moderno. Novas dimensões foram introduzidas no conto tradicional: subversão da sequência narrativa, interiorização do relato, colagem de flashes e imagens, fusão entre poesia e prosa, evocação de estados emocionais. Também a crônica, texto ligeiro, de interpretação imediata, com flagrantes do cotidiano, passou a agradar o leitor, tornando-se popular.

TERCEIRO CAPÍTULO

3. Texto original com a respetiva tradução do livro *Areias Pretas*

3.1 UMA NOITE, OUTRO MAR

A gargalhada vibrou dentro da madrugada. Lúcia tentou abafá-la com a mão ao perceber a expressão aborrecida de Nando ao seu lado com o queixo apoiado no punho fechado. Na verdade ela tinha repetido a piada pela terceira vez, o que já não produzia o efeito inicial. Abaixei a cabeça, olhei para os lados, mas ninguém parecia ter se importado. Era a hora das aves migratórias, que buscam os restaurantes de fim de noite, egressos das boates ou dos bares que fecham tarde. À nossa volta quase todas as mesas estavam ocupadas. O Fiorentina era o nosso porto, e Lúcia invariavelmente pedia para tomar uma sopa de cebola depois de uma noite dançando sem parar. De cebola ou de aspargos. Nando hesitava, se dizia cansado, mas eu os animava. Desde que me vi sozinho, aceitava os convites deles para sair. Aos sábados é melhor buscar companhia. Saio sozinho às quintas, aos domingos, depois da sesta, às vezes na quarta. Mas aos sábados não resisto a um convite de Lúcia e Nando para sair. Antes costumava ir à sessão da meia-noite, seguida de um chope solitário na Avenida Atlântica. Voltava então para casa e via um filme até adormecer. No entanto, reencontrei Lúcia, ex-colega de faculdade, há coisa de um mês, na Visconde de Pirajá, fazendo compras. Eu tomava um café na Chaika quando ela me abordou. Não a reconheci logo, demorei os segundos suficientes para da se mostrar ligeiramente indignada. Os cabelos estavam mais claros, e ela tinha engordado um pouco. Não muito. Evidente, já não tem mais vinte anos, se casou e teve filhos. Nos abraçamos com efusão, tomamos dois cafés e trocamos telefones. Na sexta seguinte ela me ligou. Me convidava para ir à sua casa no sábado. A partir daí começaram as nossas noitadas delirantes.

Nando é que não mudara muito. Continuava Portão, bem conservado pelo esporte. Os filhos, eu não imaginava Lúcia rodeada de crianças, ela que sempre me pareceu ter um pouco de Zelda Fitzgerald.

Morava no fim do Leblon,⁹ num apartamento simpático com muitas plantas e um retrato a óleo do avô - única nota sisuda ali.

⁹ LEBLON, Bairro da Zona Sul de Rio de Janeiro.

UNA NOTTE, UN ALTRO MARE

La risata riecheggiava all'alba. Lucia ha tentato invano di soffocarla con la mano, non appena ha percepito l'espressione infastidita di Nando, seduto di fianco a lei con il mento appoggiato sul gomito chiuso. Aveva ripetuto la stessa barzelletta per ben tre volte, ma non era ancora riuscita a riscuotere il successo sperato. Ho cominciato a guardarmi intorno e mi sono accorto che nessuno sembrava veramente interessato. La gente stava cominciando ad affollare le strade, erano appena usciti dalle bische o dai bar, e ora si affannavano alla ricerca di uno dei pochi ristoranti rimasti ancora aperti a tarda notte. Al nostro ritorno quasi tutti i tavoli erano già occupati. Il Fiorentina restava la nostra meta preferita, dove Lúcia non poteva fare a meno di ordinare la solita zuppa di cipolle, per riprendersi dopo aver passato una notte intera ballando senza mai fermarsi. Di cipolla o di asparagi. Nando, invece, si mostrava titubante, continuava a ripetere di essere stanco. Ero contento di uscire con loro, visto che ero rimasto solo. Il sabato è sempre meglio passarlo in compagnia, dicono. Esco sempre da solo già il giovedì, la domenica, dopo essermi riposato, e a volte anche il mercoledì. Ma al sabato non riesco proprio a rifiutare un invito da parte di Lucia e Nando ad uscire. Prima ero solito andare allo spettacolo di mezzanotte, seguito dalla solita birra in solitudine sull'Avenida Atlantica per dopo ritornare a casa a vedere un film fino ad addormentarmi. Circa un mese fa, però, ho incontrato per caso Lúcia, ex compagna di facoltà, al centro commerciale Visconde da Piraja, mentre stavo facendo la spesa. Stavo prendendo un caffè nella Chaika, quando mi ha fermato. Non l'ho riconosciuta subito, ho tentennato i secondi sufficienti perché si mostrasse leggermente dispiaciuta. I suoi capelli erano più chiari, ed era un po' ingrassata, ma non di molto. Cosa alquanto normale, dal momento in cui non aveva più vent'anni, si era sposata, ed aveva avuto dei figli. Ci siamo abbracciati con evidente trasporto. Ci siamo fermati a prendere un caffè e ci siamo scambiati i numeri di telefono. Il venerdì seguente mi ha chiamato per invitarmi a casa sua il sabato, e a partire da quel momento sono cominciate le nostre nottate deliranti.

Nando, invece, non era molto cambiato: era sempre robusto e si manteneva in forma praticando molto sport. E i figli, non riuscivo ad immaginare Lúcia contornata da bambini, proprio lei che mi ha sempre ricordato Zelda Fitzgerald.

Abitava alla fine di Leblon,¹⁰ in un grazioso appartamento con molte piante e con un ritratto dipinto ad olio del nonno – l'unico particolare dell'arredamento che poteva incutere una certa

¹⁰ LEBLON, quartiere della zona Sud di Rio de Janeiro.

soggezione. “ Io sono sempre stato il suo preferito, per questo mia nonna me lo ha lasciato quando è morto.” mi ha detto. Mi sono sfregado le mani e ho guardato verso la strada, dove a fianco

"Eu era o xodó dele, e minha avó me deu quando ele morreu." Esfreguei as mãos, olhei a rua do canal, Nando contra a janela me observando como se me visse pela primeira vez e senti a noite que caía tardia e cheia de cigarras. Me ofereceram uísque, afaguei os cabelos louros de Carolina, que logo se aninhou ao meu lado, e Lúcia pôs Elis Regina na vitrola, sua cantora preferida. Nando me falou de seu trabalho na firma de engenharia e de surf, ao qual se apegava fielmente desde a adolescência. Se não me falha a memória, Nando foi um dos precursores desse esporte no Rio. Inaugurou o Arpoador. Praticamente. Fala de surf comigo, como se eu conhecesse em profundidade aqueles termos em inglês, praias exóticas e campeões internacionais. Me limito a aquiescer. Lúcia o interrompe volta e meia. Ele não liga, ri e lhe dá beliscões. Ela conversa sobre o último filme ou a última peça que viu, comenta a vida de alguma amiga em comum, o cotidiano dos filhos e lança planos no ar: comprar uma casa na serra, enquanto Nando sonha com uma na praia. "Uma praia deserta como..." (Naquela época ainda havia praia desertas). Discutem, mas sem agressividade, quase em tom de brincadeira. Saímos então para jantar. Vamos ao La Mole mesmo, ali pertinho. Variamos entre o La Mole e o Real Astoria. Do jeito que a vida anda cara, já não dá mais para gastar adoidado. Só Lúcia tenta arriscar e sugere restaurantes mais caros: o Antonio's, o Florentino, o Antiquário. Nando recusa prontamente. "A última vez que fomos ao Antiquário foi no nosso aniversário de casamento" — ela reclama, Nando sorri, pega sua mão e a abraça.

Nos sentamos no La Mole. Em volta, o burburinho de costume. Fazemos os pedidos, Lúcia um filé marsala, Nando um macarrão na manteiga, eu uma lasanha. A conversa esquenta fitada de chopes e entremeada de fatias de queijo e salame. a revive a noite em que se conheceram, uma festa na Gávea urna, numa casa com piscina. "Era o aniversário de quem mo?" "Da Bete". "Ah, é. Da Bete. Da Bete que te namorou, toi?" Nando faz que sim, meio amuado. "Mas eu tomei ele bete", ela diz vitoriosa. Nando corrige que já tinham terminado há muito tempo. "Ela não me perdoou até hoje."

Lúcia então pergunta da minha vida. Respondo que acabei de terminar um caso de dois anos. "Uma eternidade para você." Nando a repreende.

scorreva lento il canale, e mi sono accorto allora che Nando mi stava scrutando attraverso la finestra, come se mi stesse guardando per la prima volta e, proprio in quel momento, ho come percepito il rumore della notte che scendeva lenta e avida di fumo di sigarette. Mi hanno offerto un bicchiere di whisky, ho accarezzato i capelli biondi di Carolina, che si è subito accoccolata di fianco a me, e Lúcia ha messo il cd di Elis Regina nello stereo, la sua cantante preferita. Nando ha cominciato a parlarmi del suo lavoro nella ditta di ingegneria e della sua passione per il surf, al quale si dedicava fedelmente da quando era adolescente. Se la memoria non mi ingannava, Nando è stato uno dei primi a praticare questo sport a Rio, inaugurando l'Arpoador. Mi parlava del surf come se io realmente conoscessi il significato di quei termini tecnici in inglese, dei nomi delle spiagge esotiche e dei campioni internazionali. Mi limitavo ad annuire, Lucia invece non la smetteva di interromperlo. Lui non le rispondeva, rideva e le dava pizzicotti. Lei, a sua volta, ha cominciato a commentare l'ultimo film o l'ultimo atto che ha visto, la vita di un'amica in comune, la quotidianità dei figli, e a fantasticare su progetti futuri: come ad esempio comprare una casa in montagna. Nando, invece, ne sognava una sulla spiaggia: "Una spiaggia deserta come..." (Allora c'erano ancora delle spiagge deserte). Hanno discusso un pò, ma senza arrabbiarsi veramente, volevano solo giocare. Ci siamo poi diretti verso il ristorante, La Mole, che si trovava lì vicino. Bazzicavamo spesso tra La Mole e la Real Astoria. Visto che il costo della vita si stava alzando sempre di più, non potevamo permetterci di sperperare i nostri soldi. Soltanto Lucia sembrava non pensarci, e ci suggeriva i nomi dei ristoranti più cari: l'Antonio's, il Florentino, l'Antiquario. Nando ha rifiutato fermamente. "L'ultima volta che siamo stati all'Antiquário era per il nostro anniversario di matrimonio"- ha reclamato lei, allora Nando le ha sorriso, prendendole la mano e abbracciandola.

Ci siamo seduti al ristorante La Mole. Intorno a noi regnava il solito brusio. Finalmente siamo riusciti ad ordinare: Lucia un filetto al marsala, Nando un piatto di maccheroni al burro, ed io delle lasagne. La conversazione ha cominciato a riscaldarsi, bagnata dalla birra ed accompagnata da fette di formaggio e di salame. Lúcia ha ripercorso con noi la sera nella quale si erano conosciuti, ad una festa nel quartiere della Gavea Pequena, in una casa con piscina. "Era il compleanno di qualcuno, ma di chi?" "Della Bete". "Ah, sì. Della Bete. La stessa Bete di cui eri innamorato, no?" Nando ha fatto cenno di sì, mezzo ammutolito. "Ma alla fine sono riuscita a rubarlo alla Bete", ha affermato lei vittoriosa. Nando l'ha corretta subito, spiegando che loro avevano già troncato da molto tempo. "Lei non mi ha ancora perdonato".

Lúcia voleva sapere qualcosa di me. Le ho risposto che ho appena chiuso un matrimonio di due anni. "Una vita per i tuoi standard". Nando è intervenuto, sgridandola. Lei si è limitata a

Ela responde que somos amigos íntimos. (Realmente na faculdade quase não nos separávamos. Tomávamos lanche juntos, nos sentávamos um ao lado do outro nas aulas das matérias que cursávamos juntos, estudávamos na biblioteca e eu ainda dava carona para ela. Um dia — conto pra eles, acho que foi até na primeira vez, o toca-fita caiu no colodela. Lúcia gritou de susto e ria às gargalhadas (uma gargalhada diurna, calorosa e não aquela gargalhada inoportuna da madrugada) , enquanto segurava o aparelho no colo.

— Como era o nome dele? Fazia o quê?

— Lúcia! — ele a censura rindo, pecebendo a minha vermelhidão

Nunca tive intimidade com Nando para falar da minha vida amorosa. Respondo que se chamava Rafaela e que era médica. Nando vence, e a conversa toma outro rumo. Pagamos a tinta e continuamos nossa perambulação até o Degrau, não sem antes se instaurar uma discussão sobre que lugar se ia. "Tem um barzinho novo em Ipanema...", Lúcia arrisca. Nando teima, pot étn, em encontrar uns amigos no Degrau.

À saída Lúcia - já um pouco bêbada impõe-nos um passeio pela praia. Nando alega o perigo de assaltos. "Agora tem muita iluminação e policiamento", digo tomando o partido de imitira amiga. O mar está de ressaca. Muitos passantes e até atletas àquela hora da noite. Ficamos por um momento contemplando as ondas em fúria e escutando seu rugido.

Ontem Lúcia me ligou. Estava deprimida. Nando tinha ficado com raiva do seu riso espalhafatoso na Fiorentina; com seu comportamento também na boate: sua maneira de dançar e os drinques em série que tomara; com o beijo que lhe dera na nuca dentro do carro. “ Ele disse que eu não podia fazer isso na sua presença. “

rispondergli che siamo amici intimi. (Ed è vero, in facoltà non ci separavamo quasi mai. Pranzavamo insieme, ci sedavamo uno di fianco all'altro nelle aule delle materie che avevamo in comune, studiavamo in biblioteca e io dopo le davo sempre uno strappo a casa. Un giorno – ho cominciato a raccontare –, credo che fosse proprio quella la volta in cui ci siamo conosciuti, le era caduto il nastro dentro la scollatura. Lucia non è riuscita a trattenere un grido e ha cominciato a ridere di gusto (una risata notturna, calorosa, non come quella fuori luogo dell'alba), mentre stava cercando di sistemare il mangianastri.

— Come si chiamava lei? Cosa faceva nella vita?

— Lucia! – l'ha rimproverata lui ridendo, percependo visibilmente il mio imbarazzo.

Non ero mai entrato abbastanza in intimità con Nando per potergli raccontare della mia vita privata. Le ho risposto che si chiamava Rafaela e che era un medico. Nando ha quindi preso in mano la situazione, e la conversazione ha subito assunto un'altra piega. Dopo aver pagato il conto, abbiamo proseguito il nostro giro fino al quartiere di Degrau, non senza prima aver dato il via a un'ennesima disputa per decidere il luogo verso cui dirigersi. “Hanno aperto un nuovo pub a Ipanema”, ci ha proposto Lúcia. Nando tuttavia preferiva andare a Degrau per raggiungere dei suoi amici.

All'uscita, Lúcia, già abbastanza alticcia, voleva a tutti i costi fare una passeggiata sulla spiaggia. Nando ha cercato di distoglierla dalle sue intenzioni provando a spaventarla con il pericolo di un assalto. “Oltre ad esserci molta più polizia ora, anche le strade sono più illuminate”, ho affermato io, appoggiando in questo modo la mia amica. Il mare era in risacca. C'erano molti passanti e molti atleti anche di notte. Siamo rimasti per un momento immobili a contemplare le onde infuriate e ad ascoltare il suo ruggito.

Ieri Lucia mi ha telefonato. Era triste. Nando era ancora arrabbiato per la sua risata troppo rumorosa alla Fiorentina; ma anche per come si era comportata in barca: per l'esuberanza con cui aveva ballato, per i troppi drink bevuti, e per il bacio che gli aveva dato dietro la nuca in macchina. “Lui mi ha detto che non è stato per nulla un comportamento rispettoso nei suoi confronti”.

Le ho detto quindi che avremmo potuto incontrarci io e lei. Nemmeno io ero di buon umore in quella giornata così calda di Marzo. Mi ero svegliato con la luna storta, pensavo a Raphael, alle belle cosce che non aveva paura di mostrare quando mi alzavo per andare in bagno a lavarmi la faccia. Ho invitato quindi Lucia per pranzo, un pretesto come un altro per colmare la mia

Sugiro então que ela se encontre comigo. Eu também não estava lá essas coisas naquele dia quente de março. Acordei me lembrando de Rafael, da bunda bonita que ele exibia quando ia ao banheiro lavar o rosto. Convidei então Lúcia para almoçar, não deixava de ser um pretexto para espantar a minha saudade. Fomos felizes juntos. Uns dias *up*, outros dias *down* - como canta a Alberta Hunter - , mas no cômputo geral bem. Um dia ele se foi - papagaio ao vento.

Nós encontramos no Veloso. Recomendei uma limonada suíça a Lúcia. Eu pedi um chope. Os ônibus faziam um barulho imenso e eu mal a ouvia falar. Fomos então pra praia. Nos sentamos num banco e deixamos que o domingo caísse insípido sobre nós. Velhos com camisetas e bermudas brancas caminhavam. Crianças empurradas pelas babás. E uma pipa amarela dançava contra o céu. Igualzinha ao Rafael, que me abandonou por (alisa de um agente de viagens. Me seqüestrou Rafael como um pirata do ar. "Ouvi dizer que ele está passando férias em Aruba." "Aruba suruba", Lúcia sempre.

Caminhamos até o Leblon. Lúcia encontra uma tia, dessas que não querem por força envelhecer. Nos sentamos junto a um quiosque e tomamos cerveja. Lúcia me conta dos filhos, de Nando. " Você se lembra que eu sempre falava dele." Não me lembrava, I ,embrava das nossas piadas, de Lúcia imitando os Plefrowin, "Gostei dele desde que eu vi. Ele era meu vizinho na rua Redyntor. Mas ele não me dava a menor bola. Até que um diana festa da Bete... se eu sou feliz? Não sei. Ele é tão rente repondo que nunca entendi duas pessoas tão diferentes se darem bem juntas.

"Vou ao cinema sozinha. Ele fica jogando vôlei na praia. É que eu gosto de filme francês, italiano. Ele gosta de filme americano. Mas só na televisão. Diz que não tem saco pra enfrentar fila."

Vamos pra minha casa. Tenho todos os discos de Elis Regina. Ela se aninha no sofá. Acende um cigarro. Nos entendemos tão bem. Os corpos se entendem mas as almas não, cito Bandeira. Rafael era chão-chão-terra-terra. Eu é que bailo como uma pipa amarela. Nando é um ser prático. Sabe o CPF de cor e consegue controlar a conta no banco. "Ele fica puto porque eu vivo no vermelho." Ouvimos Joe Cocker e dançamos. Eu a abraço. Nos beijamos. Lúcia chora e diz que tem que voltar para casa. Tomamos o mesmo caminho. Além da ressaca surfistas aproveitam as ondas. Lúcia está bêbada. Os olhos aguados ela sorri como se quisesse apanhar a ilha com a mão. Um papagaio dança. Ela entra na areia, caminha decidida, eu fico embasbaçado sem entender aquela reação súbita. Titubeia, ameaça cair, tem os sapatos na mão, entra no mar. O vestido branco fica transparente depois de molhado. O vento salino move os seus cabelos louros. A tarde cai.

nostalgia. Siamo stati felici insieme. Con alti e bassi certo – come canta Alberta Hunter, ma nel complesso andava bene. Un giorno, però, se ne è andata, portata via dal vento.

Ci siamo incontrati al bar Veloso. Ho consigliato a Lúcia di ordinare una limonata, io invece ho preso una birra. In autobus c'era molto rumore, e non riuscivo a capire nulla di quello che mi stava dicendo. Finalmente siamo arrivati in spiaggia. Ci siamo seduti su una panchina e abbiamo lasciato che la domenica ci avvolgesse. Vecchi vestiti con camicie e bermuda bianchi passeggiavano. Bambini stratonati in avanti dai genitori per i bavaglini. E un aquilone giallo si stagliava contro l'azzurro del cielo. Come Rafael, che mi ha abbandonato per scappare con un agente di viaggi. Me l'ha portata via, come un vero pirata. “ Ho sentito dire che è andata in ferie ad Aruba.” “ Aruba suruba” come dice sempre Lúcia.

Abbiamo camminato fino a Leblon. Abbiamo incontrato una zia di Lucia, una di quelle che proprio non ne vogliono sapere di invecchiare. Ci siamo seduti tutti insieme ad un chiosco a abbiamo bevuto una birra. Lúcia mi ha raccontato allora dei loro figli, i figli di Nando. “ Ti ricordi di quando ti parlavo sempre di lui? ” No, in realtà non mi ricordavo. Mi ricordavo dei nostri momenti giocosi, quelli sì, di quando Lúcia imitava i professori. “ Mi è piaciuto fin dal primo momento in cui l'ho visto. Eravamo vicini di casa in via del Redentor. Ma lui non mi ha mai badata. Finché un giorno, alla festa di Bete.... se sono felice? Non lo so. Siamo così diversi...” Le ho risposto che non ho mai visto due persone così diverse stare così bene insieme.

“Vado sempre al cinema da sola. Lui resta a giocare a beach volley in spiaggia. Il punto è che a me piacciono i film francesi e italiani, a lui quelli americani. Ma li guarda solo in televisione. Dice di non avere abbastanza pazienza per fare la fila.”

Ci siamo diretti verso casa mia. Ho tutti i dischi di Elis Regina. Lei si è rannicchiata sul divano. Si è accesa una sigaretta. Ci capiamo alla perfezione. Come quando i corpi sono in perfetta sintonia tra di loro ma le anime no, cito così Bandeira. Rafael era una donna con i piedi per terra. Solo io continuo a sbandare, come se fossi quell'aquilone sospinto dal vento. Nando è una persona estremamente pratica. Sa recitare il suo codice fiscale a memoria e tiene sempre sottocontrollo il conto in banca. “ Lui può restare bambino perché io vivo di passione.” Abbiamo ascoltato Joe Cocker e abbiamo ballato. L'ho abbracciata. Ci siamo baciati. Lúcia è scoppiata a piangere e mi ha detto che era arrivato il momento di andare a casa. Abbiamo preso la stessa strada. Al di là della secca, i surfisti sfidavano le onde. Lúcia era ubriaca. Con gli occhi annacquati, sorrideva come se

Nando está lá, agora o vejo, pegando surf no mar alto. E ela se dirige para ele, cavalo-marinho. Vou me afastando, olhando a luz vermelha atrás do Morro Dois Irmãos, as pessoas que passam e Lúcia lá longe alcançar a prancha e abraçar Nando. Da gargalhada na noite ela alcançou o mar. Eu vou caminhando sem vontade de chegar no apartamento, sem vontade de me sentar num bar, apanho a linha de um papagaio e estaco: pendurado no ar.

volesse afferrare l'isola con la mano. Un aquilone si muoveva sinuosamente. Lei si stava dirigendo verso la spiaggia, camminava decisa, io, invece, sono rimasto immobile, non riuscendo a capire subito il suo movimento. Tentennante, barcollante, teneva le scarpe strette in mano, mentre entrava in acqua. Il vestito bianco è subito diventato trasparente dopo essersi bagnato. Il vento le spostava i capelli biondi. Stava calando la notte. Nando era lì, ora riuscivo a distinguerlo, stava facendo surf dove l'acqua era più alta. Lei stava nuotando verso di lui, avanzava piano come un cavalluccio marino. Mi sono allontanato, fissavo la luce rossa dietro al Morro Dois Irmãos, le persone che stavano passeggiando ,e Lúcia, che cercava di raggiungere la tavola per abbracciare Nando. Ho dedotto dal suono della risata, che è risuonata forte nella notte, che aveva raggiunto il mare. Io continuavo a camminare, senza voler veramente fare ritorno al mio appartamento, senza sentire la voglia di sedermi in un bar, allora ho afferrato il filo di un aquilone e l'ho staccato: sospeso nell'aria.

3.2 O CORTINADO

Quando abriu a janela ele a reconheceu: se chamava Svetlana. Estava na saída da loja de aparelhos elétricos e carregava uma bolsa escarlate. Ricardo fechou então a cortina de bise-bise e voltou-se para dentro do quarto, onde um ventilador de teto fazia um ruído incômodo. Deu alguns passos e se atirou na cama. O colchão, com todos seus aclives e declives que torturavam sua espinha à noite, também rangeu. O espaldar de madeira preta lembrava a cama de sua avó na fazenda em Cotias. Ricardo se virou e ficou olhando as hélices do ventilador que espantavam o bochorno e as moscas. Pensou em Svetlana parada em frente à loja de ventiladores antiquados e no que Etienne tinha dito dela. Loura, balofa, os olhos rasgados, as maçãs rosadas e a expressão de quem ainda se encontra perdida. Ela então abriu a bolsa escarlate e dali tirou um lenço, com o qual secou o suor da testa. O bochorno dos trópicos. A rua feia, o barro permeando tudo, os sapatos das gentes, os interstícios das pedras. Ao fundo a torre da companhia de petróleo. Imensa, sobranceira à cidade. Logo logo ele viria, mas um estremelecimento súbito a fez perceber que pela primeira vez ela rejeitava o homem que a tinha salvado. E num átimo Svetlana reviu o jardim de sua casa de subúrbio numa manhã fria de inverno, em que uma folha amarela resplandecia solitária por entre as outras secas no chão. Um ancinho enferrujado estava encostado na bétula alta. Ela reviu o fogão e suas brasas estalando no interior bojudado e voltou a sentir o calor do cobertor marrom e preto. Naquela manhã de princípio de inverno, ela se abrigava debaixo dos lençóis do vento cortante que uivava lá fora. E sentiu um súbito conforto ao se dar conta de que um resquício de outono permanecia ainda ali, no jardim, como um elo dos dias ensolarados que pareciam ter-se extinguido para sempre, naquele longínquo mês de junho, quando ela comera morangos e framboesas com a vizinha Marusha. A feia Marusha, de nariz batatoso e que se melava toda quando tomava sorvete. Ela sabia o quanto era mais que a vizinha Marusha. Tanto tanto que um dia implicou com ela até deixá-la molhada de lágrimas. E agora comia batatas quentes debaixo do cobertor marrom e preto, comia o nariz da vizi-nha Marusha, e mirava a única folha amarela do jardim, que trazia um ínfimo raio de sol do verão distante, quando Etienne entrou no quarto e desligou o ventilador dizendo: Dis-donc! Tu dors pas mal des heures, hein?

Ricardo se ergueu apoiado nos cotovelos e sorriu, não sem certa saudade da gorda Svetlana, e numa fração de segundo fruiu o sentimento de companhia, sem tê-la. Percebeu o gosto de ter

LA TENDA

L'ha riconosciuta subito appena aperta la finestra: si chiamava Svetlana. Era in piedi fuori dal negozio di elettrodomestici, e indossava una borsa rossa. Ricardo ha richiuso subito la tendina e ha cominciato a camminare nervosamente avanti e indietro nella stanza, accompagnato dal rumore fastidioso del ventilatore. Dopo qualche passo, però, ha deciso di coricarsi a letto. Il materasso è scricchiolato, e, insieme a lui, anche tutti i buchi che torturavano la sua spina dorsale ogni notte. Lo schienale del letto di legno scuro gli ricordava la camera di sua nonna nella fazenda della città di Cotias. Ricardo si è girato su se stesso ed è rimasto a fissare le eliche del ventilatore, che allontanavano le mosche e l'afa. Pensava a Svetlana, ferma davanti al negozio che vendeva vecchi ventilatori, proprio dove Etienne gli aveva parlato di lei. Bionda, gonfia, con gli occhi grandi, le guance rosse e l'espressione di chi ancora si sente perso. Lei, nel frattempo, aveva aperto la borsa rossa, dalla quale ha tirato fuori un fazzoletto per asciugarsi il sudore dalla fronte. Il caldo infernale dei tropici. La strada sporca, fatta di argilla, le scarpe della gente, i piccoli spazi tra i sassi. Sullo sfondo si stagliava la torre della compagnia petrolifera. Immensa, sovrastava la città. Mentre stava camminando, un sussulto improvviso le ha fatto capire che, per la prima volta, stava cominciando a provare un sentimento di rifiuto proprio verso l'uomo che l'aveva salvata. E in un attimo, Svetlana, è riuscita a vedere nitidamente il giardino di casa sua, il giardino in periferia in una mattinata fredda d'inverno, dove una foglia gialla risplendeva solitaria tra le altre foglie secche sparse a terra. Un rastrello arrugginito era appoggiato alla betulla, quella alta. Le è venuto in mente il fornello pieno di cenere, che crepita all'interno, può ancora sentire addosso il calore della coperta marrone e nera. In quella mattina di inizio inverno sarebbe sicuramente rimasta sotto le lenzuola a difendersi dal vento che infuriava là fuori. Si è sentita subito rassicurata nel constatare che un pizzico d'autunno era rimasto lì, come cristallizzato, in giardino, sospeso come un raggio di quei giorni assolati che sembravano essersi estinti per sempre, in quel lungo mese di giugno, quando mangiava fragole e lamponi con la sua vicina di casa Marusha. La brutta Marusha, con il naso a patata, che si sporcava tutta quando mangiava il sorbetto. Lei sapeva benissimo di essere molto di più di una semplice vicina di casa per Marusha. Tanto che un giorno aveva litigato così tanto con lei da lasciarla in lacrime. E ora stava mangiando patate bollenti sotto la coperta marrone e nera, mangiava il naso della vicina Marusha, e osservava l'unica foglia gialla del giardino, che portava con se un raggio di sole ormai lontano, quando Etienne è entrato in camera per spegnere il ventilatore dicendo: Dimmi! Non ti pare di aver dormito abbastanza?

Etienne ali, no limiar da porta, de terno, saudando-o e anunciandi sua chegada com uma brincadeira boba de apagar o ventilador e chamando-o para o almoço.

À mesa enquanto Etienne sussurrava sobre ós habitos da empregada (c'est un savage...) Ricardo se puniu pela oportunidade perdida no dia anterior, quando o amigo ameaçou tocar no assunto dos dois e ele desviou a conversa para aquela coisa ridícula de chocolate. A sobremesa serviu de pretexto: "Não sei como tem gente que não gosta nem de chocolate nem de batatas fritas". Os olhos azuis de Etienne chisparam fogo. Logo agora que ele ia apalpar o assunto proibido. Os dois.

Etienne e Ricardo saíram de casa tarde. Depois do jantar. "Você vai me levar de novo pra aquela boate de putas?" Etienne sorriu. Tinha sido depois do jantar no restaurante chinês, onde ele tinha visto Svetlana pela primeira vez, acompanhada da família. "Era então ali o restaurante chinês em que ele comeu na imeira vez em Brazzaville?" O africano a tinha conhecido nas uas nos tempos em que era estudante em Moscou e agora tinham um casal. A menina de trancinhas reclamava alguma coisa no seu francês africano. "Era então para ali que ele ia todas as noites de sexta e sábado à noite?" Ricardo afastou então com pesar as suspeitas, as queridas suspeitas que ele queria tanto fossem confirmadas. A boate ficava no último andar do hotel de luxo. Logo que entrou pediu um uísque. Etienne não. Ficou parado, na borda da pista como um voyeur espiando os casais dançarem. E Ricardo fugiu. Fugiu para o terraço, puto com o seu engano, puto por ter vindo inutilmente a Brazzaville, esticando sua temporada na África, quando já devia estar de volta. E pensou em Svetlana na rua Dostoievski em Moscou (deve haver urna rua Dostoievski em Moscou) sendo abordada por aquele homem negro, que parecia pouco à vontade em seus trajes de frio. A princípio ela se apavorou. Devia ser um enviado das Trevas, uma aparição horripilante que Svetlana nunca abordara. Ele falou e expeliu fumaça da boca. Com todos acontecia isso, mas com ele o fenômeno ganhou um aspecto demoníaco. Ela já estava sozinha. As outras tinham se afastado, pegado seus parceiros da noite. Agora era ela. Não poderia rejeitar o negro. Havia muitos em Moscou ultimamente.

Ricardo, allora, si è alzato e gli ha sorriso, non senza provare della nostalgia per Svetlana, e in una frazione di secondo ha sentito l'immediato bisogno di avere qualcuno vicino, di non essere solo. Desiderava che Etienne fosse là, proprio fuori dalla porta, con il suo modo di fare così buffo, quando lo salutava, e annunciava il suo arrivo con lo stupido gioco di spegnere il ventilatore per chiamarlo a pranzo.

A tavola, mentre Etienne era impegnato a spifferare a bassa voce le abitudini della cameriera (è una selvaggia), Ricardo si stava già pentendo per l'opportunità persa il giorno prima, quando l'amico stava per inoltrarsi nel discorso riguardante quei due, ma lui aveva sviato prontamente la conversazione sul cioccolato. Il dessert risultava perfetto come pretesto: "Non capisco proprio come possa esserci qualcuno a cui non piaccia né il cioccolato né le patatine fritte". Gli occhi azzurri di Etienne lanciavano scintille ogni qualvolta tentasse di avvicinarsi all'argomento proibito. Quei due.

Etienne e Ricardo erano usciti di casa tardi, finito di mangiare. "Mi vuoi portare ancora in quella bisca piena di prostitute?" Etienne gli ha sorriso. Era stata in quell'occasione, che aveva visto Svetlana con la propria famiglia per la prima volta, dopo aver mangiato al ristorante cinese. "Era forse quello allora il primo ristorante cinese dove aveva mangiato la sua prima volta a Brazzaville?" Svetlan aveva conosciuto l'africano per strada, quando ancora studiava a Mosca, e ora si erano sposati. La bambina con le trecce reclamava qualcosa nel suo francese mischiato all'africano. "Era lì che si recava quindi tutti i venerdì e i sabati notte?" Ricardo si è allontanato subito dal discorso per riflettere in solitudine sulle sue supposizioni, i suoi più intimi sospetti che tanto desiderava gli venissero confermati. La bisca si trovava all'ultimo piano di un hotel lussuoso. Appena entrati, si è ordinato subito un whisky. Etienne non lo voleva. E' rimasto fermo, sul bordo della pista come un voyeur, spiando le coppie che ballavano. Ricardo ha approfittato di quel momento per fuggire. E' scappato verso il terrazzo, come un bambino conscio del suo stesso inganno, sentendosi così infantile per essere venuto inutilmente fino a Brazzaville, prolungando così la sua permanenza in Africa, quando doveva essere già di ritorno. Pensava a Svetlana, (dovrebbe esistere una via Dostoievski a Mosca), abordata da quell'uomo che, da come era vestito, si potrebbe dire non sentisse il bisogno di ripararsi dal freddo. All'inizio era spaventata. Aveva l'aspetto di un'apparizione terrificante, che di certo non avrebbe mai potuto conquistarla. Quando ha aperto la bocca per parlare, gli è fuoriuscito del fumo dalla bocca, come succede a tutti, ma quando lo faceva lui questo gesto aveva un che di demoniaco. Lei era già sola. Tutte le altre si erano allontanate con i loro partner da una notte. Era rimasta solo lei. Non avrebbe mai potuto rifiutare un negro. Ce n'erano molti a Mosca ultimamente. Se li stava immaginando mentre

Ela pensava que andavam vestidos de pele de leopardo no país deles, e o homem sol-tou uma gargalhada quando Svetlana ousou dizer isso mais tarde, sob o efeito de dois copinhos de vodca no apartamento dele, depois de o negro, acertada a quantia em rublos, pronunciar na esquina a palavra de praxe: "Vamos?"

O rio Congo e a noite eram urna só mancha escura engolindo os pontinhos luminosos da cidade, que pulsavam. O amigo de Etienne se aproximou da amurada e tentou entabular conversa. Ricardo foi monossilábico. O cara falava de Carnaval, futebol e Amazônia. "Não gosto de nenhum dos três", ele respondeu deixando o francês rir abobado no terraço, enquanto ele voltava para dentro da boate, pensando em um dia escrever a história de Svetlana, tão-logo terminasse seu longo artigo sobre a África Equatorial. Foi em Abidjan que ele mentre conheceu Etienne. Abidjan, a cidade dos gaviões, que, na chegada, do hotel Ivoire, ele imaginou tratar-se de urubus-rei, sendo corrigido pelo diplomata brasileiro: gaviões. A mãe do diplomata ao lado, estirada na espreguiçadeira, lendo uma novela de Kawabata, de óculos escuros, chapéu, a pele untada de óleo, tinha vindo ajudar o filho solteiro a se instalar. Disse depois que adorou o cassino do hotel. E tomaram cerveja assistindo aos gaviões passearem no céu de Abidjan.

— Vá a Lyon me ver. Na volta.

Lyon. Lugdunum. A velhinha afogada no Saône. Etienne riu. Riu seu riso irônico sem se importar com a tentativa de suicídio da velhinha no rio. Ele era assim. Ricardo se condenou mais uma vez de ter alimentado esperanças a respeito de Etienne. Ou será que justamente essa atitude distante nada mais fazia senão enredá-lo cada vez mais?

Svetlana foi ver o negro de novo. Ele dava mostras de ter apreciado suas carnes brancas e macias; se hipnotizado pelos seus olhos oblíquos e verdes. Ela, para seu próprio espanto, começava a gostar dele. E se sentiu não profissionalmente mas fisicamente gratificada quando ele pronunciou pela terceira vez na esquina da rua Dostoievski o: "Vamos?"

Etienne dançava sozinho. Ricardo voyeuristicamente o olhava com o copo de uísque na mão. A menina morena, com quem inha jantado em casa de Etienne, a marselhesa, que namorava aquele menino bonito e que comia ouriços na varanda de sua casa na praia, o convidou para dançar. A marselhesa, com quem então comia crustáceos contemplando o pôr-do-sol no Mediterrâneo. Nas tardes de inverno o sol se punha às quatro, e Svetlana se aprontava em frente ao espelho também contem lindo o seu reflexo. Balançou os brincos de falsa prata e esgarçou um sorriso abundantemente vermelho, ao pensar que hoje, pela quarta vez, ele não faltaria e sopraria o bafo morno em seu ouvido: "Vamos?"

andavano in giro acconciati con la pelle di leopardo nelle loro terre. L'uomo non è riuscito a trattenere una risata, quando Svetlana più tardi ha osato confessarglielo, sotto l'effetto di due bicchieri di vodka. Era finita nel suo appartamento, dopo che, questo, accertatosi dei contanti in suo possesso in rublos, aveva pronunciato all'angolo della strada la parola usata sempre in questi casi: "Andiamo?".

Il fiume Congo sembrava una macchia scura che ingoiava i puntini luminosi della città immersa nel buio. L'amico di Etienne si è avvicinato alla compagnia provando ad intavolare una conversazione. Parlava del Carnevale, di calcio e dell'Amazzonia. "Non amo nessuno dei tre", ha risposto lui, lasciando così il francese a ridere in modo frivolo in terrazza, mentre lui rientrava dentro la bisca, pensando che un giorno avrebbe potuto scrivere la storia di Svetlana, non appena avesse terminato il suo articolo sull'Africa Equatoriale. Ha conosciuto Etienne ad Abidjan. Abidjan, la città degli sparvieri. In principio, quando era appena arrivato all'hotel Ivoire, pensava fossero avvoltoi, ma era stato subito corretto dal diplomatico brasiliano: si trattava di sparvieri. La madre del diplomatico, distesa sullo sdraio, stava leggendo un libro di Kawabata, con gli occhiali da sole scuri, un cappello, e la pelle unta dall'olio. Dopo aver ammirato il casinò dell'hotel, gli aveva confidato che era venuta ad aiutare il figlio a traslocare. E così avevano sorseggiato insieme una birra, mentre guardavano gli sparvieri che volteggiavano sul cielo di Abidjan.

— Vieni a Lione a trovarmi, quando sarai di ritorno.

Lione. Lungdunum. Si stava immaginando la vecchietta che annegava nella Saona. Così Etienne aveva cominciato a ridere. Una risata ironica, che sembrava fregarsene del tentativo di suicidio della vecchietta nel fiume. Lui era così. Ricardo si è maledetto più di una volta per aver nutrito delle speranze nei confronti di Etienne. O forse era proprio per questo suo modo di essere così distante dal suo che si sentiva terribilmente attratto da lui?

Svetlana aveva rivisto il nero. Sembrava aver gradito la sua pelle bianca e morbida; era rimasto ipnotizzato dai suoi occhi verdi, da cerbiatta. Lei, a sua volta, e non senza provare un certo stupore, ha cominciato ad apprezzarlo. Si sentiva non più professionalmente, ma fisicamente appagata, quando lui ha pronunciato, per la terza volta, all'angolo della via Dostoievski, il fatidico: andiamo?

Etienne stava ballando da solo. Ricardo lo guardava con fare voyeuristico, nella mano un bicchiere di whisky. Ha ricevuto un invito a ballare dalla ragazza mora, la marsigliese, con la quale aveva mangiato a casa di Etienne, che si stava frequentando con quel bel ragazzo, e che mangiava sempre i ricci nel terrazzo della sua casa al mare. La marsigliese, insieme mangiavano i crostacei,

Etienne parou de dançar e desapareceu em meio à ridão. Ele foi embora, Ricardo se alarmou. Me deixou sozinho, perdido em cima desse topo de hotel por sobre o rio Congo. Ricardo se desculpou com a marselhesa e mergulhou nas profundezas da boate, em busca de Etienne.

Svetlana simplesmente abriu a boca e ofereceu um beijo. Ela estava cansada. O corpo do negro pesava. Ele disse se chamar Pierre. Um nome que exala mais perfumes e vinhos do que a mata molhada de chuva. Era engenheiro e ganhara uma bolsa. Ao fim de um ano voltaria para o seu país, país cujo nome soava como um tambor, uma fossa escura, um rugido de fetla, serpentes e florestas cerradas.

"Le Brésil Çafait bizarre ce nom, sais pas, ça fait exotique..." , ele disse com os joelhos agarrados nos braços, sentado na pedra, à margem das corredeiras. Do outro lado o palácio do general Mobutu. Eles tinham saltado pedras redondas e lisas até chegar àquele ponto de observação. Ricardo ficara para trás. Etienne era mais ágil saltando as pedras. *"Ça fait sauvage ce nom... Brésil..."*

Voltar. Por que arriscar um fim-de-semana em Brazzaville com um cara de quem ele não tinha certeza de nada? Svetlana tinha certeza. Tinha certeza de que ficaria ali no coração da África até o fim de seus dias. Pierre a salvara da vida dura, do frio, do dinheiro contado, do medo permeando tudo. Do país cinza e dos azuis lentos do entardecer. Ao menos naquele país, de que ele contava histórias de sua infância, o sol brilhava constantemente, devia haver flores gigantes e pássaros coloridos. Agora ela olhava com amargor o barro nos interstícios das pedras no cliáo, enquanto o suor empapara-lhe os cabelos na testa.

— Você sumiu.

— Não sumi. Eu estava ali. Na pista, Etienne respondeu. Ricardo então puxou conversa com os amigos dele; com o namorado da marselhesa comedora de ouriços e de garotos bonitos. () cara pagou-lhe um uísque, ele, se animou com a conversa, mesmo com aquele chato de meia-hora atrás. Etienne chamou-o. Queria ir embora.

mentre contemplavano il sole, che sembrava volesse annegare nel Mediterraneo. Nelle sere invernali il sole cominciava a calare alle quattro, allora Svetlana iniziava a prepararsi davanti allo specchio, mentre contemplava il suo riflesso. Faceva tentennare i suoi orecchini di finto argento e si faceva scappare un sorriso molto rosso, al pensiero che, per la quarta volta, lui non sarebbe mancato, e che lei avrebbe esalato ancora il suo respiro tiepido ascoltando il suo: “Andiamo?” Etienne ha smesso di ballare per poi sparire in mezzo all’oscurità. Non c’era più. Ricardo si stava preoccupando. Lo aveva lasciato lì da solo, in cima all’hotel affacciato sul fiume Congo. Ricardo si è scusato frettolosamente con la marsigliese per lanciarsi alla ricerca di Etienne in tutti gli antri possibili della bisca.

Svetlana, in quel momento, stava aprendo la bocca per offrire un bacio. Era stanca. Il corpo dell’uomo di colore era così pesante. Le aveva detto di chiamarsi Pierre. Un nome che da solo esalava più profumo e ebbrezza del bosco appena bagnato dalla pioggia. Era un ingegnere e aveva vinto una borsa di studio. A fine anno sarebbe ritornato al suo paese, il cui nome suonava come fosse un tamburo, una fossa scura, un ruggito animalesco, di serpenti e fitte foreste.

“*Le Brésil Çafait bizarre ce nom, sais pas, ça fait exotique...* ” , ha detto lui con le ginocchia chiuse tra le braccia, seduto sui sassi, di fianco ai piccoli torrenti. Dall’altro lato si ergeva il palazzo del generale Mobutu. Avevano schivato pietre rotonde e lisce per arrivare fino a quel punto. Ricardo era rimasto indietro. Etienne era senz’altro più agile a schivare i sassi. “ Ha qualcosa di selvaggio questo nome ...Brasile ...”

Doveva tornare indietro. Perché mai avrebbe dovuto rischiare di passare un altro fine settimana a Brazzaville con un tale che non gli dava alcuna sicurezza? Svetlana invece una certezza ce l’aveva. Era certa che sarebbe rimasta lì nel cuore dell’Africa fino alla fine dei suoi giorni. Pierre l’avrebbe salvata dalla vita difficile, dal freddo, dai soldi che non bastavano mai, dal dolore che entrava dappertutto. Il paese della cenere e degli azzurri sfumati della sera. Invece, nel paese dove c’era sempre il sole, sul quale lui le raccontava le storie della sua infanzia, c’erano fiori giganti e uccelli colorati. Ora lei guardava con amarezza la creta tra i sassi nel pavimento, mentre il sudore gli bagnava i capelli.

— Sei sparito.

— Non sono sparito. Ero lì in pista, gli ha risposto Etienne. Ricardo ha cominciato quindi a parlare con gli amici di lui: con il ragazzo della marsigliese, la divoratrice di ricci e di avvenenti ragazzi. Il tizio gli ha offerto un whisky, ha tentato di non perdersi d’animo per tutta la durata della conversazione, nonostante avvertisse ancora il peso della situazione scoccante di

— Deixa só eu acabar esse uísque?

— Bebe, bebe, vai!

Ele parecia aborrecido. O rio escuro, a noite cálida, as luzes de Kinshasa na margem oposta. "Caguei pra Etienne", Ricardo pensou e soltou uma gargalhada forçada acompanhando os amigos de Etienne, sem ter prestado atenção na piada. No carro o amigo francês não falava. "*Tu boudes?*" "*Je bonde pas.*"

Quando entraram, Etienne inutilmente fazia estalar o interruptor. Merda! não tem luz. Dormiriam se soprasse o vento do rio; se os mosquitos não tivessem entrado. Ricardo jogou-se sobre os lençóis e começou a escutar o conhecido zumbido. Etienne no quarto contíguo tinha-lhe cedido sua cama de casal. Ricardo se perguntava: "Por que ele não vem ou por que então eu não chamo ele pra vir aqui para nos abrigarmos juntos dos mosquitos, dessa verdadeira investida de mosquitos cotaminados de malária?" Etienne dormia provavelmente. Ele já o escuta-va ressonando no quarto ao lado. Que fazer senão pensar em Svetlana, no possível amor de Svetlana por um homem em seu passado remoto, um polonês chamado Piotr, louro e louco por vodca, poeta, que a tinha encontrado moça, nos anos da fazendola de subúrbio e a tinha seduzido no celeiro ou na cozinha, num momento em que seus avós não estavam. Porque ele achava que Svetlana tinha perdido muito cedo a mãe, jamais conhecera o pai (que diziam ter morrido no Cáucaso) e fora criada pelos avós. E ao contrário desses primeiros amores, ela revira Piotr muitas e muitas vezes porque ele era um viajante que sempre voltava. E escrevia-lhe cartas doces de amor, recendendo a taberna e vinho e quando surgia de un inopino lhe trazia flores. Sempre e tão-somente flores. Piotr era um vagabundo que ia e vinha de Moscou ao seu pequeno burgo de fronteira. Às vezes arranjava uns bicos, trabalhava um par de meses e torrava todo o dinheiro com vodca e viagens. Nas espeluncas onde pernoitava escrevia poemas e cartas para Svetlana. No último dia em que ela o vira, ele tinha uma mancha escura na altura da sobancelha esquerda. Devia ter sido briga. Piotr jurou que não. Mas estava todo enfatiotado, como que para remir sua culpa. De terno branco, gravata azul e sapatos novos. Trouxe-lhe um ramo de narcisos amarelos e um poema, em papel enebado, em polonês. Svetlana, no entanto, teve a intuição de que aquela seria a última vez, já que no fundo sabia que haveria um dia uma última vez. A avó sussurrava-lhe para nunca acreditar em poetas. Disso estava certa, porém mais certa de que guardaria para sempre aquela imagem dele, louro, de terno branco e gravata azul.

mezz'ora prima. Etienne lo ha chiamato. Voleva andare via.

— Mi lasci almeno finire il whisky?

— Vai vai bevi!

Sembrava annoiato. Il fiume scuro, la notte afosa, le luci di Kinshasa¹¹ sul lato opposto. Chi se ne frega di Etienne, ha pensato allora Ricardo, e così si è tuffato in una discussione sforzata con gli amici di quest'ultimo, senza prestare troppa attenzione alla sua lamentela. In macchina l'amico francese non parlava. "Sei arrabbiato?" "No, non sono arrabbiato".

Quando hanno fatto rientro in casa, Etienne ha provato ad accendere la luce, ma con scarsi risultati. Era saltata la corrente! Sarebbero riusciti a dormire solo nel caso in cui fosse spirato un po' di vento dal fiume; e se i moscerini non fossero già entrati in casa. Ricardo stava ascoltando il famoso zumbido. Etienne era nella stanza di fianco, visto che aveva preferito cedergli la sua camera matrimoniale. Ricardo si stava domandando: "Ma perché non viene di qua? Perché non lo chiamo io stesso per difenderci insieme dalle zanzare, da questa ondata di moscerini che portano la malaria?" Etienne stava già dormendo – probabilmente. Lo sentiva russare dalla camera di fianco. Cosa gli rimaneva dunque da fare se non pensare a Svetlana, al suo probabile amore passato per un polacco chiamato Piotr. Era biondo e matto per la vodka, un poeta, che aveva incontrato da ragazza, durante gli anni in cui viveva nella fattoria di periferia. L'aveva sedotta nel granaio e in cucina, quando i suoi nonni non c'erano. Supponeva che Svetlana avesse perso molto presto la madre, che non avesse mai conosciuto il padre (dicevano essere morto nel Caucaso), e che era stata cresciuta dai nonni. Al contrario degli altri suoi primi amori, aveva rivisto Piotr molte volte, perché era sì un viaggiatore, ma uno di quelli che ritornano sempre. Le scriveva lettere d'amore, esalavano profumo di taverne e di vino, e quando riappariva all'improvviso non si dimenticava mai di portarle dei fiori. Sempre e solo fiori. Piotr era un vagabondo che andava e veniva da Mosca al suo piccolo paese di frontiera. Alcune volte aggiustava i lampioni, lavorava un pò di mesi per poi sperperare tutti i suoi soldi in vodka e viaggi. Scriveva poemi e lettere per Svetlana negli antri in cui si ritrovava a pernottare. L'ultimo giorno in cui lo aveva visto, aveva un segno scuro sopra il sopracciglio sinistro. Era sicuramente finito nel mezzo di una rissa. Piotr le aveva giurato di no. Si era ben agghindato per l'occasione, come se dovesse farsi perdonare qualcosa. Un completo bianco, una cravatta azzurra e delle scarpe nuove. Aveva portato con se un mazzo di narcisi gialli e una poesia, in polacco. Svetlana, intanto, aveva come la sensazione che quella sarebbe stata l'ultima volta in cui lo avrebbe

¹¹ KINSHASA, capitale e la più grande città della República Democrática do Congo.

visto, in fondo lo sapeva da sempre quel momento sarebbe arrivato prima o poi. La nonna le aveva

Tocando um violino. O cigano Piotr partira em cima de uma carroça tocando um violino. O instrumento zumbia voltejante sobre sua cabeça até que, sem forças para abrigar-se dos mosquitos, adormeceu de tanto cansaço. Etienne, no dia seguinte, parecia o mesmo. Como se nada tivesse acontecido. Mas nada na realidade tinha acontecido — Ricardo considerava. Por que ele, e sempre ele, teria que dar o primeiro passo? O dia modorrento, os dois passaram a discutir seriamente sobre o artigo que Ricardo preparava sobre a África. Mais tarde visitaram o museu, foram visitar a marsehesa e o namorado, que moravam num apartamento aconchegante (fai fait la grasse toute la journée...), foram ao cinema e terminaram a noite no Bar Central. Ficava na praça de Brazzaville. Em frente havia um outro. "Numa tarde aqui fazia um calor insuportável e eu vim neste lugar beber. Bebi sozinho muita e muita cerveja." Ricardo estranhou tanto aquela confissão quanto a atitude de Etienne. Mas naquela noite ele pediu chá. Se dizia nauseado por causa do jantar e da noitada da véspera. Ricardo pediu uma Amstel gelada. Os olhos de Etienne, sorridentes por um instante, se tornaram sombrios, como se aquele momento representasse a última oportunidade para que a palavra-chave fosse pronunciada ou então, ao contrário, ele sem querer tivesse criado a ocasião propícia para que Ricardo tocasse no assunto temido e até então velado. O Bar Central respirava uma atmosfera carregada. Um ventilador girava no teto. Urna negra conversava com o barman. Não era ela Alphonsine — Ricardo se perguntou depois de um gole de cerveja —, ou uma das Alphonsines que tinham surgido aquela tarde de sábado na portaria do edifício de Etienne? Pelo menos usava tranças também, como Alphonsine, que, junto com sua amiga, a outra Alphonsine, sem tranças, tinha vindo fazer uma visita de surpresa a Etienne na tarde de sábado. Sem querer parecer indiscreto, ele permaneceu mudo dentro do jipe, até se espantar com a voz de Etienne que se desculpava pela aparição das duas Alphonsines: "A gente as conheceu na boate, Marc e eu, quando Marc veio me visitar, você se lembra de que eu te contei que Marc veio me visitar, não é? Elas então vieram aqui e ficaram conversando um pouco e depois foram embora." "Elas vêm sempre te visitar?" ele não resisitiu. "Não, não", Etienne riu encabulado.

sempre detto di non credere ai poeti. Di questo ne era certa, ma era ancora più certa che avrebbe custodito per sempre quell'immagine di lui, biondo, con un completo bianco e la cravatta azzurra.

Suonava un violino. Piotr lo zingaro era partito in cima a una carrozza suonando il violino. Faceva volteggiare lo strumento sopra la sua testa finché, Ricardo, senza più forze per potersi difendere dalle zanzare, si è arreso, addormentandosi per la stanchezza. Etienne, il giorno seguente, sembrava sempre lo stesso. Come se niente fosse successo. In realtà non era successo proprio niente – ha pensato Ricardo tra sé e sé. Perché doveva per forza essere sempre lui a dover fare il primo passo? Era una giornata così inutile. L'hanno passata a discutere animatamente sull'articolo che Ricardo stava scrivendo sull'Africa. Più tardi sono andati a visitare un museo, sono passati a trovare la marsigliese e il fidanzato, i quali abitavano in un appartamento nelle vicinanze (“Ho dormito per tutto il pomeriggio”), e alla fine si sono diretti verso il cinema, per poi concludere la notte nel Bar Centrale. Si trovava in piazza Brazzaville. Di fronte ce n'era un altro. " Una sera c'era un caldo talmente insopportabile che sono venuto qui a bere. Ho bevuto fiumi di birra tutto da solo." Ricardo è rimasto molto perplesso, sia per quella confessione, sia per il comportamento strano di Etienne. Quella notte ha ordinato un tè. Diceva di sentirsi sottosopra per quello che avevano mangiato e a causa della scorsa notte. Ricardo invece ha ordinato una Amstel gelata. Gli occhi di Etienne, che sembravano essersi illuminati per un istante, si erano subito adombrati, come se quel momento avesse rappresentato l'ultima opportunità in cui la faticosa parola avrebbe potuto essere pronunciata. Come se, involontariamente, avesse creato l'occasione ideale in cui Ricardo avrebbe potuto toccare l'argomento tanto temuto, e fino ad allora tenuto nascosto. Nel Bar Centrale si respirava un'atmosfera pesante. Un ventilatore faceva girare l'aria dal soffitto. Una donna di colore era intenta a chiacchierare con il barista. Non era lei forse Alphonsine - si stava domandando Ricardo, dopo un sorso di birra -, o perlomeno una delle tante Alphonsine che si erano palesate quella notte di sabato nella portineria del palazzo di Etienne? Aveva le trecchine, come Alphonsine, che, insieme alla sua amica, l'altra Alphonsine, quella senza le trecce, era venuta a fare una sorpresa a Etienne la sera di sabato. Non voleva sembrare troppo indiscreto ai suoi occhi, per questo era rimasto seduto in silenzio dentro alla jeep, fino a quando è stato richiamato di colpo alla realtà dalla voce di Etienne, che si stava scusando per l'arrivo delle due Alphonsine: " Le abbiamo conosciute alla bisca, io e Marc, quando era venuto a trovarmi, ti ricordi di quando ti avevo detto che era venuto qui vero? Loro poi ci hanno raggiunti a casa, abbiamo parlato un pò e dopo siamo usciti tutti insieme." " Vengono spesso a trovarti? " non potevo fare a meno di domandarglielo. "No, no", ha riso Etienne sguaiatamente.

Mas não era ela, apesar das trancinhas. Etienne se virou para olhá-la. Perguntou quem ele estava olhando. Ricardo respondeu. Etienne sorriu aquele sorriso meio desmascarante, como se descobrisse o motivo verdadeiro daquela curiosidade dele. Ricardo então, mais uma vez, desviou a conversa. Como tinha desviado a conversa à mesa para o assunto ridículo do chocolate. Disse que já tinham passado por aquele bar de dia; que parecia o lugar propício para estrangeiros solitários se encharcarem de cerveja nos domingos de sol.

— Nos domingos eu costumo almoçar no Golf Club. Etienne respondeu.

— Menos no primeiro dia em que você chegou.

— Não foi no primeiro dia. Naquela noite de domingo eu fui jantar com a mulher do meu chefe no restaurante chinês.

— Foi numa das primeiras tardes em Brazzá. — Que importa isso?

— A mim importa.

E Ricardo pediu outra cerveja. Etienne mal tinha tocado em sua xícara de chá, devia estar gelado, Ricardo insistiu então que ele encomendasse outra com conhaque.

— Sem conhaque.

— Por que você não telefonou para o meu hotel em Abidjã, enquanto estava sozinho aqui no Bar Central?

— Você não estava mais em Abidjã.

E depois de um ligeiro e abafado silêncio:

— Você estava em Lagos. E eu não sabia em que hotel. Você nunca me deu o nome do seu hotel em Lagos.

— É uma cidade muito perigosa, Ricardo mordeu o lábio inferior; ia de novo desviar de assunto, mas corrigiu: — Eu não queria nunca você lá. Mas se você tivesse me telefonado eu viria correndo. No primeiro avião.

— *C'est vrai?*

— *Oui, c'est vrai.*

Ma non era lei, nonostante avesse le treccine. Etienne si è girato a guardarla. Gli ha chiesto chi stava guardando. Ricardo gli ha risposto. Etienne gli ha sorriso di risposta, con quel sorriso che aveva un che di amaro, come se avesse smascherato il vero motivo della curiosità di lui. Ricardo quindi ancora una volta, ha sviato subito la conversazione. Come aveva già una volta evitato quella a tavola, spostandola su un argomento inutile come la cioccolata. Gli ha confidato di essere già venuto in quel bar durante il giorno, di come gli era sembrato il luogo ideale in cui gli stranieri solitari potevano riempirsi di birra nelle domeniche soleggiate.

— Di domenica mangio sempre al Golf Club – ha risposto Etienne.

— Tranne nel giorno in cui sei arrivato tu.

— Non era il primo giorno. Quella notte di domenica io ero a mangiare con la moglie del mio capo al ristorante cinese.

— Era una delle prime sere a Brazzà.

— Che importanza ha ora?

— Per me è importante.

Ricardo ha ordinato un'altra birra. Etienne era entrato con un dito nella sua tazza di tè, era gelato ormai. Ricardo insisteva che ne ordinasse un'altra con il cognac.

— Senza cognac. — Perché non hai mai telefonato al mio hotel ad Abidjan,¹² quando eri qui da solo al Bar Centrale?

— Tu non ti trovavi più ad Abidjan.

E dopo un silenzio leggero e soffocante:

— Tu eri a Lagos, ma non sapevo in quale hotel. Non mi hai mai detto il nome.

— E' una città molto pericolosa, Ricardo si stava mordicchiando il labbro inferiore; voleva di nuovo cercare di evitare l'argomento, ma alla fine ha puntualizzato:

— Non avrei mai voluto che ti ritrovassi là. Ma se tu mi avessi telefonato, sarei corso. Con il primo aereo.

— Dici davvero?

¹² ABIDJAN, la più grande città della Costa D'Avorio. E' stata la capitale del paese dal 1934 al 1983.

— Si, veramente.

Nesse instante o ventilador foi desligado, e um mosquito zumbiu bem perto da orelha de Ricardo. A crioula tinha partido, e o barman dava mostras de fechar o estabelecimento. "Eu não ia querer que você ficasse sozinho bebendo aqui neste Bar Central, nesta praça deserta e calorenta de Brazaville", ele ia dizer, mas limitou-se a terminar a cerveja. Etienne não tinha mais os olhos chispantes, irônicos, porém melancolicamente fixos, em lugar nenhum.

— *On y va?* ele propôs.

Ricardo então, pela primeira vez, tocou-lhe a mão pequena.

— Você não acredita que eu viria de Lagos só para te ver, Etienne?

Ele tirou bruscamente a mão e disse:

— *Il est tard.*

Svetlana preparou o chá só para si, já que Pierre só tomava café puro de manhã. Ele parecia inconformado, mas não dizia nada contra a decisão da mulher de partir. Os russos abandonavam o país pouco a pouco, o regime mudava. O presidente prometia eleições democráticas, a oposição ia tomar o poder. Svetlana não queria se sentir totalmente abandonada. Naquela manhã friorenta ela vestia uni. xale típico de sua terra. Um xale já desbotado. E com seus olhos rasgados olhava para o interior da xícara de chá. Pierre não deu um sou para a sua viagem. Tampouco permitiu que ela levasse os filhos. Svetlana, contudo, acreditava um dia poder resgatá-los. Ela ia ficar rica na nova Rússia. Ela e Mítia. Pelo menos ele tinha prometido a ela na sua última carta. Só que Mítia há muito não a via, e naturalmente a imaginava ainda seca de carnes, moça, como nos tempos em que ele trabalhava como engenheiro nos poços de prospecção. Mítia se separara da mulher e lhe prometia agora um mundo novo. Mítia não lhe escrevia cartas apaixonadas nem versos, tampouco lhe oferecia flores. No entanto, mandou-lhe uma carta definitiva, aquela que a salvaria pela segunda vez. Svetlana não viveria encerrada o resto de seus dias na selva africana. Voltaria a ver as torres douradas das igrejas de seu país natal. E. Pierre ignorava a carta de Mikhail Ilitch. Se soubesse certamente a mataria. Juntamente com os filhos a facadas. Svetlana teve de mentir e alegar a doença da mãe.

In quel momento il ventilatore si è spento e Ricardo poteva sentire chiaramente una zanzara ronzargli nell'orecchio. La negra se n'era andata, e il barista dava segni di voler chiudere il bar. "Io non vorrei mai che tu ti ritrovassi da solo a bere in questo Bar Centrale, in questa piazza deserta e afosa di Brezaville", sembrava fosse sul punto di cominciare un discorso, ma si è solo limitato a finire di bere la sua birra. Etienne non aveva più gli stessi occhi vispi, ironici, nonostante fossero sempre stati malinconicamente fissi, puntati su un luogo che sembrava non esistesse all'apparenza.

— *On y va?* propone lui.

Proprio in quel momento Ricardo gli ha toccato la piccola mano per la prima volta.

— Tu non mi credi che io verrei a Lagos solo per vedere te, vero Etienne?

Questi ha tirato via bruscamente la mano e ha detto:

— *Il est tard.*

Svetlana si stava preparando il tè solo per lei, visto che Pierre beveva solo caffè di mattina. Sembrava restio, ma non aveva detto nulla a proposito della decisione presa dalla moglie di partire. I russi stavano abbandonando il paese a mano a mano che il regime cambiava faccia. Il presidente prometteva elezioni democratiche, l'opposizione stava per salire al potere. Svetlana non si voleva sentire abbandonata. In quella mattinata fredda si era vestita con uno xale tipico della sua terra. Uno xale già sbottonato. E con i suoi occhi a mandorla stava guardando dentro la tazza da tè. Pierre non aveva voluto contribuire alle spese per il viaggio. Non le aveva neanche dato il permesso di poter portare con sé i figli. Svetlana pensava che sarebbe riuscita a riprenderseli un giorno. Stava per partire per la nuova Russia. Lei e Mitia. O perlomeno, così lui le aveva promesso nella sua ultima lettera. Mitia non la vedeva da molto tempo, se la immaginava ancora magra, una ragazza, come quando lui lavorava come ingegnere nei pozzi di indagine geologica. Mitia si era separato dalla moglie, e ora le aveva promesso di cominciare una nuova vita insieme. Non le scriveva di certo lettere ricche di passione, tantomeno dei versi, era già tanto se le portava dei fiori. Le ha mandato, però, la lettera decisiva, quella che l'avrebbe salvata per la seconda volta. Svetlana non avrebbe vissuto per il resto della sua vita prigioniera nella selva africana, sarebbe potuta tornare a rivedere le torri dorate del suo paese natale. Pierre ignorava completamente l'esistenza della lettera di Mikhail Ilitch. Se l'avesse saputo, l'avrebbe sicuramente già uccisa. A coltellate, e insieme a lei anche i loro figli. Svetlana aveva dovuto mentire a proposito del suo viaggio, appellandosi alla malattia della

Mesmo assim ele se recusou a pagar sua viagem. Talvez pressentisse a traição no ar. E assim guardava as crianças.

Svetlana bebeu o chá, agasalhou-se mais com o xale e apanhou a bolsa escarlate. Pierre se encarregou de levar a mala velha de couro. Iriam até a estação pegar o trem que a deixaria em Pointe-Noire, onde tomaria o navio rumo a Leningrado. As crianças dormiam. Ela preferiu despedir delas na noite anterior e prometer que as reveria dentro de um mês. A manhã era fria, e uma aragem vinha da direção do rio.

Etienne tossia no carro. Do centro até o aeroporto não demorava mais do que vinte minutos. Ricardo ainda olhou o hotel de luxo, em cuja piscina tinha passado o último dia inteiro, enquanto Etienne trabalhava, de onde tinha visto os edifícios de Kinshasa do outro lado e uma canoa no largo rio. O canoero vestia o mesmo burnous vermelho do canoero das corredeiras. Quiçá seria o mesmo, ele tinha pensado. A tosse de Etienne interrompia seus pensamentos. Cruzaram a praça e o Bar Central.

— Você bebeu muito ontem à noite.

— Você também.

— Chá. Eu bebi chá.

— Eu bebi duas cervejas.

Ele sorriu sem vontade. Parecia não querer admitir a verdade. A sua verdade. Provavelmente os meses em que ele teria ainda de passar na África o fizessem pensar. E admitir-se. Admitir o impulso que o tinha movido talvez tão-somente duas vezes na vida: uma noite em Abidjan no Hotel Ivoire, depois do cassino com Ricardo no quarto, e ontem em Brazzaville sob o rumor do ventilador no teto, depois do pouso no Bar Central. E quando Svetlana acenou para o marido, foi de súbito acometida por aquele sentimento a um tempo de ternura e pena, à medida que o trem se afastava. E Ricardo anotou a última frase de seu conto dentro do avião com uma sensação semelhante à de seu personagem, embora só visse Etienne em sua memória, tão vagamente como alguém protegido sob um cortinado, num quarto às escuras.

madre, ma si era comunque rifiutato di pagarle il viaggio. Era come se avesse percepito quell'inganno nell'aria. E così aveva deciso di tenersi i bambini. Svetlana cercava di trovare protezione nel suo xale, mentre beveva il suo te, per poi afferrare la borsa rossa. Pierre si è offerto di portarle la vecchia valigia di cuoio. Sono andati fino alla stazione per prendere il treno, che l'avrebbe lasciata a Pointe-Noire, dove avrebbe preso poi la nave rombo per Leningrado. I bambini stavano dormendo. Aveva preferito salutarli la notte prima, promettendogli che sarebbe tornata entro un mese. La mattina era gelida, e un temporale si stava preannunciando all'orizzonte, dalla direzione del fiume.

Etienne stava tossendo, seduto in macchina. Dal centro all'aeroporto non ci si impiegava più di venti minuti. Ricardo si è soffermato ancora una volta a guardare l'hotel di lusso, nella cui piscina aveva passato il suo ultimo giorno, mentre Etienne era al lavoro. Da lì era riuscito a scorgere gli edifici di Kinshasa, e dall'altra parte una canoa in mezzo al fiume. Il canottiere indossava gli stessi indumenti rossi dei canottieri delle regate. Chissà se era uno di quelli, aveva pensato. La tosse di Etienne interrompeva i suoi pensieri. Sono passati per la piazza e per il Bar Centrale.

— Hai bevuto tanto ieri sera.

— Anche tu.

— Te. Io ho bevuto solo del te.

— Io ho bevuto due birre.

Sorrideva. Sembrava non volerla ammettere la verità. La sua verità. Probabilmente i mesi che avrebbe dovuto passare ancora in Africa lo facevano riflettere. Doveva ammettere. Ammettere l'impulso, quell'impulso che lo aveva smosso solamente due volte in tutta la sua vita: una notte ad Abidjan all'Hotel Ivoire, dopo il casino successo con Ricardo in camera; e ieri, a Brazzaville, accompagnato dal rumore del ventilatore sul tetto, dopo il tempo trascorso a bere al Bar Centrale. Man mano che il treno si allontanava, Svetlana non poteva fare a meno di pensare al marito, ed è stata subito assalita da quel sentimento, che era allo stesso tempo di tenerezza e di pena. Ricardo, invece, ha scritto l'ultima frase del suo racconto proprio in aereo, provando lui stesso la medesima sensazione del suo personaggio, nonostante riuscisse a vedere solo la figura Etienne nella sua mente, così indefinita, come una sagoma protetta da una tenda, in una camera al buio.

3.3 VISITA AO PASSADO

*I have been seeing his face everywhere,
the face of a former lover.
But it is not he. Passing, passing in the
the daily crowd,
an old ghost, of the wind, of the heart,
a starting up
of indelible pang. I said I would never forget.*

Robert Duncan

Tinha sabido por um amigo que ele trabalhava agora numa repartição do governo encarregada da salubridade das águas. Logo que chegou procurou então o endereço no catálogo: ficava na Avenida Rio Branco, esquina com rua tal. Vestiu um terno, pois devia tratar de alguns assuntos que exigiam aparência respeitável na cidade, e tomou o frescão do Castelo. No ônibus, antes de se recostar confortavelmente dentro do ar condicionado, ajeitou a gravata, percebendo a custo sua imagem no vidro da janela em pleno dia. Ele. Devia estar gordo com certeza. E com bigodes. Franziu o nariz. Não suportava barbas e bigodes. Encobriam o rosto. Uma vez ele usara barba, bigode nunca, o que considerava pior, por dar à fisionomia um aspecto de foca fa-minta. Gordo. Talvez só com barriga. Barriguinha. Um amigo dele dissera uma vez ser preferível o barrigão à barriguinha. O barrigão, pelo menos, confere uma compleição sólida, que por vezes pode ser associada à erudição e à reflexão filosófica, o que provoca certa reverência. Mas a barriguinha, segundo seu amigo, era desprezível, característica dos trintões recém-casados. Será que ele tinha agora bigodes felpudos e barriguinha? — conjecturou.

O frescão entrou na Avenida Atlântica. O mar então afugentou seu pessimismo substituindo-o se não por uma beleza apolínea, pelo menos por algo bastante próximo ao visual do amigo de muito tempo. A última vez que o vira fora justamente na praia, quando juntos jogaram frescobol. O corpo dele era na época uma estátua grega. O sol da tarde ainda tratava de projetar uma luz de cobre sobre seus músculos. Téc-téc. Era muito ruim de frescobol, mas jogava assim mesmo só para jogar com seu amigo de infância, primo de um vizinho seu.

UN SALTO NEL PASSATO

*I have been seeing his face everywhere,
the face of a former lover.
But it is not he. Passing, passing in the
the daily crowd,
an old ghost, of the wind, of the heart,
a starting up
of indelible pang. I said I would never forget.*

Robert Duncan

Era venuto a sapere da un amico, che aveva trovato impiego in una sezione del governo, che stava lavorando nel reparto dedicato alla salubrità dell'acqua. Appena arrivato, si è subito messo a cercare l'indirizzo sul catalogo: si trovava nel Rio Branco, all'angolo della strada. Ha scelto un completo elegante per l'occasione, dal momento che doveva discutere di alcuni temi che esigevano un certo decoro, e ha preso il frescão do Castelo. In autobus si è sistemato la cravatta, prima di appoggiarsi comodamente sotto la bocchetta dell'aria condizionata, guardando, non senza una certa difficoltà, la sua immagine riflessa nel vetro del finestrino illuminato dal sole. Lui. Doveva essere sicuramente ingrassato. Probabilmente aveva i baffi. Ha arricciato il naso. Non poteva sopportare né la barba né i baffi. Nascondono il viso. Una volta anche lui aveva la barba, ma i baffi, quelli proprio no, li ha sempre considerati il miglior metodo per assomigliare a una foca affamata. Sarà sicuramente ingrassato. O forse aveva solo la pancia. La pancetta. Un amico una volta gli aveva confidato di preferire la pancia alla pancetta. La pancia tonda esprime solidità, che può essere associata a una certa erudizione, alla riflessione filosofica, il che provoca sempre un sentimento di reverenza in chi ti circonda. Ma la pancetta, sempre secondo il suo amico, era da disprezzare, una caratteristica tipica dei trentenni appena maritati. Forse aveva i baffi e anche la pancetta? – ha ipotizzato.

Il vento stava soffiando sulla Avenida Atlântica. Il mare, che voleva riappropriarsi a tutti i costi di una più lineare bellezza apollinea, stava provando a vomitare tutto il suo pessimismo, e per questo lo faceva pensare alla fisionomia del suo vecchio amico. L'ultima volta che lo aveva visto erano in spiaggia e stavano giocando a calcio. All'epoca il suo fisico poteva essere paragonato a

Ele morava mais perto da praia, na Aníbal Mendonça, a três quadras da sua rua. A casa fora derrubada pela fúria imobiliária e hoje um prédio, até que não muito alto, ocupava o terreno. A avó morava na cobertura, já que fora proprietária da casa de pedra. Viúva de um juiz, parece que estava adoentada, com mal de Parkinson, certa esclerose, mas continuamente era vista no bairro em companhia de sua antiga empregada. Os pais dele já eram separados quando os conheceu e, pelo que também lhe disseram, a mãe fizera outra união e morava hoje em dia em Jacarepaguá.

Coragem procurá-lo depois de tanto tempo — seus pensamentos descreveram uma guinada dos tempos adolescentes para sua decisão presente. Foi o engarrafamento no Túnel Novo que o fez descer das nuvens róseas do passado para uma aterrissagem forçada na realidade. Coragem que foi logo sufocada pelo medo. Pensou então em completar primeiro todas as tarefas na cidade, como pagar as taxas do sítio em Miguel Pereira que herdara dos avós, buscar o livro para o pai na livraria Camões, o bilhete para a mãe no Municipal, tomar informações na Receita Federal, compras pessoais e pequenas encomendas que costumam ser lembradas de última hora, quando se anuncia uma excursão ao centro. Depois ia ver... Se ia ou não ia ao tal departamento de tratamento das águas.

"Se der tempo tudo bem. Se não, fica pra outra vez. "

Desceu no Castelo, reconstruiu uns segundos em sua imaginação o Morro do Castelo, arrasado nos anos 20, povoado de cortiços e sobrados portugueses ocupando aquela zona da cidade agora alfinetada de edificios de escritórios. Uma revoada de pombos enfeitou o flanco da Biblioteca Nacional por alguns instantes, ele estacou para olhar e prosseguiu caminho com os olhos na lista de tarefas. Era extremamente organizado: perdia sempre alguns minutos anotando o que tinha para fazer, o que tinha que comprar, de outro modo acabava esquecendo. Primeiro: Receita Federal? Ficava longe. Iria comprar antes de mais nada os bilhetes para a mãe e a amiga no Municipal para o concerto de sábado. Antigamente freqüentava bastante salas de música, porém nos últimos anos andava cansado: no meio dos concertos, voava para longe, pensava em tantas coisas que deixava de escutar a música executada. Em Barcelona, onde tinha morado um bom par de anos, no começo costumava ir ao Palau de la Musica

quello di una statua greca. Il sole della sera proiettava una luce color rame sui suoi muscoli. Tac-tac molto bravo a giocare a calcio, ma ci giocava lo stesso, solo per passare un po' di tempo con il suo vicino di casa, che prima di tutto era un suo caro amico di infanzia. Lui, però, abitava più vicino alla spiaggia, all'Aníbal de Mendonça,¹³ a tre quartieri di distanza dalla sua via. Nel corso degli anni la casa era stata inghiottita dalla furia delle agenzie immobiliari, e oggi un edificio, non molto alto, occupava quel terreno. La nonna, dal momento che era la proprietaria della casa, abitava all'ultimo piano. Vedova di un giudice, tutti dicevano che fosse malata di Parkinson e di sclerosi, ma nonostante questo veniva sempre avvistata a passeggiare lungo la via in compagnia della sua vecchia colf. Il suo paese natale era già stato diviso quando lo aveva conosciuto, poi era venuto a sapere che sua madre si era risposata e che viveva ora a Jacarepaguá.

Ha dovuto cercare il coraggio dentro di sé per prendere la faticosa decisione, spinto dal fatto di non riuscire a smettere di pensare a un particolare momento che avevano vissuto durante l'adolescenza. E' stato il traffico nel Túnel Novo a ditoglielo dai suoi ricordi, per farlo atterrare bruscamente alla realtà, dove il coraggio è stato ben presto sopraffatto dalla paura. Ha pensato che, come prima cosa, doveva portare a termine i suoi compiti in città, come pagare le tasse del terreno che aveva ereditato dai nonni, comprare un libro per suo papà alla libreria Camões; acquistare il biglietto per sua mamma al Municipal, chiedere delle informazioni alle entrate federali, e infine fare degli acquisti personali e delle piccole commissioni, quelle di cui ci si ricorda sempre all'ultimo momento, quando si va a fare un giro in centro. Dopo si vedrà...se andare o no al famoso dipartimento dedicato alla salubrità dell'acqua.

“Se dovesse avanzarmi del tempo bene. Sennò vorrà dire che sarà per un'altra volta”

Mentre scendeva dal castello, provava a ricostruire velocemente nella sua testa l'immagine del Morro do Castelo, costruito negli anni 20 e popolato da bugni e ricchi portoghesi, che occupavano quella zona della città, ora piena di edifici ed uffici. Un gruppo di piccioni si è appollaiato per alcuni istanti di fianco alla Biblioteca Nazionale. Si è fermato a fissarli, per poi continuare la strada con gli occhi fermi sulla lista delle tasse. Aveva un debole per l'organizzazione: perdeva sempre una manciata di minuti ad annotarsi le cose da fare e cosa doveva comprare, perché altrimenti sarebbe sicuramente finito per dimenticarsene. Prima di tutto: l'ufficio federale. No, era troppo lontano. Per prima cosa, allora, si sarebbe recato a comprare i biglietti per sua mamma e la sua amica al Municipal, per il concerto di sabato. Una volta frequentava spesso le sale da ballo, ma negli ultimi anni si era stancato: nel bel mezzo dei concerti volava lontano con la fantasia, pensava a

¹³ ANÍBAL DE MENDONÇA, quartiere di Ipanema, Rio de Janeiro.

così tante cose da arrivare a dimenticarsi di ascoltare la musica. A Barcellona, in compenso, dove aveva vissuto per un paio di anni, andava spesso al Palazzo della Musica – questo era dovuto — principalmente por causa da arquitetura *art-nouveau* que o transportava a uma época pela qual tinha paixão: o começo do século XX— e a outras salas, mas depois não sabia hem o motivo, especulava que talvez a atmosfera um tanto abstrata dos músicos já não lhe fazia tão bem, se aborreceu e cortou de sua agenda de diversões o item musical.

Escolheu dois bons lugares. Isso ainda sabia fazer. No balcão simples, como convém a duas senhoras de classe média da Zona Sul. "Compra Torrinha mesmo, meu filho... É onde eu sempre ia quando tinha a sua idade..." Balcão simples, mamãe, balcão simples, um pouco de classe não faz mal a ninguém. Depois... o livro do papai na Camões. O pai dera agora para estudar literatura medieval portuguesa. E a Receita Federal? Não, preciso primeiro pagar os impostos do sítio do vovô que fica ali pertinho na Sete de Setembro... Acontece que se caminhasse um pouco mais adiante na Rio Branco passando o Teatro Nacional de Comédia, a livraria Leonardo Da Vinci e avançasse 'mis algumas quadras já estaria à altura do número tal da esquina da rua tal, onde ele trabalhava. Avançou. Deixou para trás o livro do pai, a Receita Federal e o sítio em Miguel Pereira, como se atirasse uma pasta cheia de papéis na rua, atrás das costas. Andou seguro até uma esquina onde havia uma banca de jornais e um guarda. Parou para ler umas manchetes, mas de repente se deu conta de que não estava absolutamente interessado em notícia alguma. Só uma o interessava: o reencontro com Beбето.

Resolveu então perguntar ao guarda de trânsito onde ficava o número tal, esquina com rua tal. "Logo ali, companheiro." Mas pra que ele tinha perguntado se estava justamente seguindo a numeração com uma acuidade ilimitada?

No elevador apertado, com o ascensorista negro de cabeça baixa, dois Bebetos apareceram-lhe à frente: um de bigodes e barriguinha, outro helênico, dourado pelo verão. De óculos. Ele vestiu então um par de óculos de armação de tartaruga no Beбето bigodudo.

"Treze", o ascensorista anunciou.

O elevador já estava vazio.

Ele tremeu, uma ameaça de cólica bateu no abdômen.

principalmente all'architettura in stile art-nouveau, che lo trasportava in un'epoca che lui amava alla follia: l'inizio del secolo XX. Non riusciva a capire come mai, però, le altre sale gli trasmettessero un forte senso di inquietudine. Poteva ipotizzare che l'atmosfera un po' astratta delle musiche lo portavano ad annoiarsi, perciò ha preso la decisione di eliminare dalla sua agenda i momenti di svago musicale che era solito concedersi in passato.

Ha prestato attenzione a scegliere i due posti che sembravano poter offrire la visuale migliore. Questo lo sapeva ancora fare. Quelli nel balcone più sobrio, adatto a due signore della classe borghese della Zona Sud. “Dovresti acquistare anche una mansarda, figlio mio... E' dove mi rifugiavo sempre anche io, quando avevo la tua età...” Un balcone sobrio mamma, sobrio, un po' di eleganza non ha mai fatto male a nessuno. Dopo... il libro per papà alla Camões. Suo padre si era messo in testa ora di cominciare a studiare la letteratura medievale portoghese. E l'ufficio federale? No, bisogna prima pagare le imposte del terreno del nonno, che si trova lì vicino alla via Sete de Setembro... Se avesse proseguito ancora un po' per il Rio Branco, passando per il Teatro Nacional de Comédia e per la libreria Leonardo Da Vinci, e avesse fatto ancora alcuni metri, sarebbe giunto all'altezza del posto in cui lavorava. Ha proseguito. Ha accontonato per un attimo il libro di suo padre, l'ufficio federale e il terreno in Miguel Pereira, era quasi come se avesse lanciato la sua cartellina piena di carte per la strada, lasciandosela alle spalle. Si è avviato sicuro verso l'angolo, dove c'erano un banco dei giornali e un poliziotto. Si è fermato a leggere i titoli, ma si è subito reso conto di non provare interesse per alcuna notizia. Solo una cosa era importante: rivedere Beбето.

Ha deciso quindi di domandare al poliziotto dove si trovasse precisamente quel numero civico. “Proprio lì, amico.” Chissà per quale strano motivo glielo aveva domandato, visto che stava già seguendo correttamente da solo la numerazione?

Davanti all'ascensore aperto, dove si stagliava l'usciera di colore, che teneva la testa bassa, gli si pararono di fronte due possibili Bebetos: uno con i baffi e la pancetta, un altro con una fisionomia tipicamente ellenica, con la pelle ancora dorata dalla bella stagione. Quest'ultimo portava gli occhiali. Ha provato a immaginare di posizionare degli occhiali con la montatura di tartaruga al Beбето con i baffi.

“Tredici”, ha sentenziato l'usciera.

L'ascensore si è svuotato completamente.

E' stato pervaso da un fremito, una minaccia di colica lo ha colpito allo stomaco.

"Ele está em reunião. O senhor se importa de esperar?", a secretária simpática de óculos e rabo-de-cavalo disse apontando uma poltrona de couro.

Tomou um dos jornais que estavam deitados sobre a mesa de acrílico. Guerras regionais, regimes duros destituídos, regimes democráticos, convulsão social, greves, eleições, "*les évènements mennuients*" — ele lembrou um verso de Valéry citado por Drummond em epígrafe. Uma notícia na página policial: dois rapazes mortos em um motel da Barra na noite de sexta-feira para sábado. O artigo especulava com assassinato e suicídio. Ou pacto de morte. As fotografias mostravam dois sujeitos bonitos. Tinham permanecido no motel dez dias sem saírem. Pediam almoço e jantar no quarto. "Depois de uma semana, comecei achar aquilo estranho...", o gerente declarava ao jornal. "Eu nem sabia que eram dois homens. O estabelecimento foi construído justamente para procurar manter a maior discricção de quem entra e de quem sai. No terceiro dia bati lá, e o sujeito me apareceu com a porta meio fechada e disse que ia ficar mais uma semana. Respondi que aquilo não era hotel, que só se pode ficar uma noite, e que ele tinha de sair imediatamente. Ele então deu várias desculpas, disse que não era do Rio, que o companheiro estava doente e que até pagava mais. Foi estupidez a minha, mas deixei e eles foram ficando..." O gás do banheiro asfixiara os dois, mas, segundo as investigações da polícia e do corpo de bombeiros, não foi constatado qualquer avaria no aquecedor. Além disso, o mais moço tinha lesões corporais no rosto e ao longo do corpo, o que indicava espancamento. O diagnóstico revelara ainda que as vítimas tinham ingerido doses consideráveis de álcool e anfetaminas. O mais escabroso da notícia era a revelação de ter sido encontrado pelo quarto manchas de urina e fezes, acrescidas de um odor nauseabundo que atravessava os corredores do motel.

"A senhora leu esta notícia?" Não, ele não pode perguntar à secretária simpática se tinha lido essa reportagem, sobretudo quando se tratava de seu patrão uma das vítimas e ele, o desco-nhecido à sua frente, de terno, empertigado na poltrona de couro marrom a outra, a mais jovem, logo a que apresentava marcas de arranhões e espancamento. Fora Bebeto quem quisera, depois do almoço dos dois ali na cidade. Fora ele quem tinha feito a proposta — e aí seus olhos claros se dilataram num brilho doentio — de ir para o motel na Barra. Fazer tudo que sempre quis com Bebeto sozinho num hotel na Barra, numa terça-feira Lie carde. Começaram e não pararam mais. Fizeram de tudo. Uma semana e vieram bater na porta. Ele tinha uma ressaca nstruosa de tanta mistura de champanhe, uísque, vinho e dica. Um breakfast, um breakfast, por favor. Muito suco de nja. Bebeto de bunda de fora conversava com o gerente, e metido entre lençóis de cetim, tentava se lembrar de uma semelhante em algum filme visto há muito tempo.

“E’ in riunione. Le dispiacerebbe attendere qui?”, gli ha detto la simpatica segretaria con gli occhiali e la coda di cavallo, mentre gli indicava una poltrona di cuoio.

Ha preso allora uno dei giornali appoggiato sopra il tavolino in acrilico. Conflitti regionali, regimi deposti, governi socialisti, convulsioni sociali, scioperi, elezioni politiche, “*les évènements mennuients*” – gli è tornato in mente un verso di Valéry, citato nell’epigrafe da Drummond. Gli è balzata agli occhi una notizia della pagina dedicata alla cronaca nera: si trattava di due ragazzi trovati morti in un motel nella Barra, nella notte tra venerdì e sabato. L’articolo ipotizzava si trattasse di un assassinio o un suicidio. O un patto di morte. Le fotografie mostravano due bei ragazzi. Avevano pernottato nel motel dieci giorni senza mai uscire, ordinavano il pranzo, per poi consumarlo in camera. “Dopo una settimana ho cominciato a nutrire dei sospetti ...” ha dichiarato il direttore del motel al giornale. “Non sapevo nemmeno che fossero due uomini. La struttura è stata costruita in modo tale da garantire una certa privacy per chi entra e per chi esce. Il terzo giorno mi sono deciso a bussare. E’ comparso un tizio sull’uscio, teneva la porta mezza chiusa, e mi ha informato che sarebbe rimasto lì ancora per una settimana. Gli ho risposto allora che quello non era un hotel, che si poteva alloggiare solo per una notte, e che quindi doveva andarsene immediatamente. A quel punto ha cercato di scusarsi ripetutamente, mi ha detto di non essere originario di Rio, che il suo amico non si sentiva per niente bene e che sarebbe stato disposto a pagare di più. Sono stato ingenuo, ho accettato e così sono rimasti ancora lì ...” Sembra siano morti asfissati a causa del gas in bagno, anche se, dai riscontri emersi dalle indagini della polizia e dei pompieri, non è stata verificata alcuna avaria nell’impianto dell’acquedotto. Oltre a questo, il più giovane aveva riportato delle lesioni corporali in viso e lungo il corpo, e questo indicava chiaramente che c’era stato un pestaggio. L’autopsia aveva anche rivelato, che le vittime avevano ingerito dosi considerevoli di alcool e di anfetamine. Ma il particolare più macabro dell’accaduto riguardava la presenza di feci e di urine sparse per la camera, accompagnate da un odore nauseabondo che si era sparso anche per i corridoi del motel.

“Ha già letto questa notizia?” No, non avrebbe mai potuto domandare all’affabile segretaria se per caso avesse già letto quell’articolo, dal momento che una delle vittime era proprio il suo titolare, e l’altra era lui. Lui, quello sconosciuto seduto di fronte a lei, che stava provando a sostenere un atteggiamento impettito sulla poltrona di cuoio marrone scuro, ma che in realtà suscitava un sentimento di tenerezza in chi lo guardava, era la vittima più giovane, visto che presentava segni di graffi e di pestaggio. Era stato Beбето a volerlo, dopo che avevano pranzato lì in città. Era stato lui a proporgli – e in quell’istante i suoi occhi chiari si erano dilatati in uno sprizzo di dolore – di andare al motel, che si trovava nella Barra. Avrebbe potuto fare tutto quello aveva

A piscina. O sol da tarde. Bebeto não era mais o atlético parceiro de futebol, mas ainda era Bebeto. Louro como um deus grego. Em seu corpo as gotinhas reverberavam sob o por-do-sol. Champanhe. Mais champanhe. O êxtase. A morte: "Quero morrer junto com você." Não. Eu quero viver. Eu quero fazer isso com você várias vezes, mas o cara parecia louco, enfurecido, me bateu, me espancou e eu... caí aos pés dos lençóis de cetim todo dolorido sem dar por mim, tonto, meio inconsciente e aí eu vi uma borboleta: uma enorme borboleta de ouro e prata batia suas asas bem acima da minha cabeça. Era o lustre do quarto que, na minha tonteira, ia e vinha, ia e vinha.

— O senhor está se lembrando de alguma piada, é? — a secretária eficiente perguntou.

— É... mais ou menos.

— Como mais ou menos? Posso saber?

— É um caso verdadeiro... mas é um pouco forte.

— Ah não! Eu só gosto de piada de salão — deu um sorriso malicioso e voltou à máquina-de-escrever.

"Eu quero morrer junto com você", ele agarrou-o e insistia em dizer. Os olhos de Bebeto ganharam uma expressão próxima à loucura. Ele se levantou. "Está bem. Me dá um pouco mais de champanhe." Tinha de arranjar um jeito de escapar da fúria daquele louco. Como podia ter entrado ali — se perguntava —, afogado em paixão e atração e agora estar completamente em pânico, com medo de Bebeto, do grande amor de sua juventude? A janela era alta. Mais um gole de champanhe. Bebeto tomava a sua de costas para ele. E se de repente ele prepara um golpe e vem com um punhal pra cima de mim? Escuta, Bebeto, vamos conversar... Não, não adianta chamar o louco à razão. Já ouvi dizer que é pior. Só tem um jeito: e é agora!

Ele projetou o corpo em direção à porta, agarrou a maçaneta, mas, quando a abriu, uma força gigantesca o puxou para trás.

sempre sognato, da solo con Bebeto, in un hotel nella Barra, in martedì sera. Non si erano mai fermati. Avevano fatto di tutto. Dopo una settimana, però, erano venuti a bussare alla porta. Si era preso una sbronza colossale mescolando champagne, whisky, vino e vodka. Una colazione, una colazione per favore. Tanto succo di arancia. Bebeto stava parlando, con le natiche ancora scoperte, con il titolare dell'hotel, mentre lui, tra le lenzuola di raso, stava provando a ricordarsi di una scena simile, in un - film che aveva visto molto tempo fa.

La piscina. Il sole al tramonto. Bebeto non era più l'atletico compagno di calcio di un tempo, ma era ancora Bebeto. Biondo come un dio greco. Le sue gote diventavano rosse sotto il sole. Champagne. Più champagne. L'estasi. La morte: "Voglio morire qui insieme a te." No. Io voglio vivere. Voglio farlo con te più e più volte. Ma lui sembrava come impazzito, infuriato, mi ha picchiato, mi ha spinto a terra e io... sono caduto ai piedi del lenzuolo di seta, tutto indolenzito, inerme, inebetito, ero ancora mezzo incosciente quando ho visto una farfalla: un enorme farfalla d'oro e d'argento che batteva le ali sopra la mia testa. Era il lampadario della camera che, immerso nel mio delirio sembrava andare e venire, andare e venire.

— Sta pensando a una barzelletta vero? — mi ha domandato la segretaria indaffarata.

— Più o meno.

— Perché più o meno? Se posso chiedere.

— E' una cosa accaduta veramente. Ma è molto forte.

— Ah no! A me piacciono solo le barzellette da salotto. Gli ha lanciato un sorriso malizioso ed è ritornata alla sua macchina da scrivere.

"Io voglio morire insieme a te", Bebeto non la smetteva, provava ad arpionarlo in tutti i modi. Sembrava avesse gli occhi fuori dalle orbite. Si è alzato. "Sto bene. Versami un po' più di champagne." "Doveva trovare un modo per scappare dalla furia di quel pazzo. Come cavolo aveva fatto a ritrovarsi in quella situazione? - si stava domandando -, era stato sopraffatto prima dalla passione e dall'attrazione, e ora si ritrovava a navigare nel panico più completo. Aveva quindi paura di Bebeto, del suo grande amore della giovinezza? La finestra era lì in alto. Ancora un sorso di champagne. Bebeto lo beveva senza farsi vedere da lui. E se lo colpisse di sorpresa con un pugnale? Ascolta, Bebeto, parliamo un attimo ... No, non si può far ragionare i matti. Una volta mi avevano detto che si rischiava solo di peggiorare le cose. Aveva solo un modo: e doveva farlo ora!

Si è buttato di colpo verso la porta, ha afferrato la maniglia, ma quando era sul punto di

Um segundo depois estava na cama, Bebeto por cima dele com uma tira de lençol sobre o seu pescoço.

— O senhor pode entrar. O dr. Roberto o espera em seu gabinete.

— Ah! ele acordou.

Bebeto não estava nem gordo nem usava bigodinho de foca. Pelo contrário, estava magro e tinha os cabelos curtíssimos. Parecia ter a sua idade. Ele é que devia parecer mais gordo e mais velho aos olhos de Bebeto. Por isso ficou um tempo inexprimível parado no meio da sala carpetada e com ar condicionado, onde uma janela mostrava o mar da baía.

— Você não mudou, Bebeto disse.

— Você é que não mudou nada.

À medida que ele falava de seu trabalho, voltava-lhe à mente o Bebeto da adolescência, já que sua maneira de explicar alguma coisa, sua voz, seus tiques característicos permaneciam idênticos, mesmo se ele estivesse mais gordo e com bigodinho de foca. Suas idéias, por outro lado, encontravam ressonância nas idéias de hoje, o garoto de praia combinava afinal com o executivo preocupado com a salubridade das águas e a preservação das florestas. Era o mesmo. A imagem antiga se superpunha à imagem atual numa fusão perfeita.

Convidou-o então para almoçar. Foram ao Mosteiro, onde "tem feijão-preto em pote de barro", Bebeto sugeriu. Duas caipirinhas para esperar, tinham atravessado as ruas sob um sol rachante, depois chegavam aqueles milhões de beliscos, ou petiscos, como se diz em Portugal, o tal serviço que alimenta como duas entradas. Isso ele explicou para Bebeto, que não conhecia a Europa. Ele então sentiu que estava sendo explicativo demais, falava como um guia turístico, se estendeu sobre essa característica ibérica de gostar de beliscar frutos-do-mar, azeitonas, cebolinhas, lingüicinhas e batatinhas até Bebeto vidrar o olhar e deixar escapar um bocejo, que abafou com um guardanapo.

"Desculpe, fui dormir tarde ontem à noite. Mas vai, conta... o que você tava contando mesmo?"

Sorriam sem graça os dois, e o assunto foi mudado. Mas por que essa preocupação ainda de agradá-lo, de querer parecer uma pessoa legal se Bebeto vivia uma vida inteiramente diferente, tinha se casado, divorciado e talvez até se casado de novo? Ele não sabia. Nem ousava perguntar. Olhou para as mãos dele apoiadas sobre a toalha, em pausa. Quis tocá-las. Ergueu rápido os olhos

aprirla, una forza immensa lo ha ricacciato indietro. Un secondo dopo si era ritrovato ancora in camera con Bebeto sopra di lui.

— Può entrare. Il signor Roberto la sta aspettando nel suo ufficio.

— Ah! Si è risvegliato di colpo.

Bebeto non era ingrassato e non aveva neppure i baffi da tricheco, come si era immaginato. Al contrario, era magro e portava i capelli cortissimi. Dimostrava esattamente la sua età. Forse era lui che doveva essere sembrato più grasso e più vecchio agli occhi di Bebeto. Per questo motivo è rimasto immobile, in mezzo alla sala tappezzata e con l'aria condizionata, per un tempo che gli era parso infinito. Da una finestra si poteva scorgere il mare della baia.

— Non sei cambiato, gli ha detto Bebeto.

— No, sei tu a non essere cambiato di una virgola.

Più parlava del suo lavoro, più gli tornava in mente il Bebeto dell'adolescenza. Il modo in cui parlava, la sua voce, i tick che lo caratterizzavano, sarebbero sempre rimasti gli stessi, anche se fosse ingrassato e avesse avuto i baffi da tricheco. I suoi ideali, invece, si erano allineati con quelli della modernità, il ragazzo della spiaggia si era infine trasformato nell'imprenditore che si dedicava alla salubrità dell'acqua e alla preservazione delle foreste. Era sempre lo stesso. Il ricordo che conservava di lui si sovrapponeva perfettamente all'immagine che ora si trovava davanti ai suoi occhi.

Lo ha invitato a pranzo. Sono andati al Mosteiro, dove servivano il fagiano scuro nella scodella di argilla, che Bebeto gli aveva consigliato di prendere. Hanno bevuto di gusto due Caipirinhas, visto che avevano appena attraversato la strada sotto un sole cocente, per ingannare l'attesa del pranzo. E poi finalmente sono arrivati i manicaretti. Ha cercato di spiegarlo a Bebeto, che non conosceva per niente l'Europa. Si è reso conto presto di essere stato fin troppo esplicitivo, aveva parlato come fanno le guide turistiche: si era dilungato sulla tipica passione iberica per i frutti di mare, per le olive, cipolline, salsicce e per le patate, finché ad un certo punto si è accorto che lo sguardo di Bebeto stava diventando vitreo, e lo ha visto lasciarsi scappare uno sbadiglio, che ha provato subito a nascondere con un tovagliolo.

“Scusami, sono andato a dormire tardi ieri sera. Ma continua tu, vai avanti ... dov'eri rimasto?”

para ele. Então Beбето apertou seu pescoço na cama daquele motel da Barra, e ele sentiu um sufocamento tirar-lhe as forças.

— Você leu aquela notícia?

— Que notícia? Bebem perguntou.

— Dos dois caras que morreram num motel da Barra. Não, não tinha lido. Você não quer fazer igualzinho?

— De que que cê tá rindo? - Beбето quis saber sorrindo.

— Daquilo que você me disse.

— Sobre?

— Que eles fizeram um pacto de morte porque se gostavam muito um do outro.

— Eu não disse nada disso!

— Ué... tive a impressão. Sabe, eu acho que você tem toda razão. É por isso que eu nunca vou me casar.

— É. Depois que cê se casa uma vez, pô...

Ele tinha arriscado: não escutara nada de casamento, devia estar se lembrando da cena do assassinato entre os espelhos no quarto do motel. Um crime reproduzido ao infinito no tempo e no espaço.

— Mas tou com uma menina agora. Vinte anos. Pô, cara, sabe que ultimamente eu só gosto de garotinha?

Si sono scambiati un sorriso finto, per poi passare ad un altro argomento. Ma perché aveva sempre quella paura di doverlo compiacerlo per forza, di voler sembrare a tutti i costi una bella persona ai suoi occhi, se dall'altra parte Bebeto viveva in un modo totalmente differente dal suo, si era sposato, aveva divorziato e forse si era anche risposato? Non sapeva rispondere. Non osava neanche domandare. Si è limitato a fissargli le mani che erano appoggiate sopra la tovaglia, ferme. Avrebbe voluto toccarle. Ha alzato lo sguardo su di lui. Intanto Bebeto gli stava stringendo il collo nella camera di quel motel nella Barra, e si è sentito soffocare, quasi senza forze.

— Hai letto cosa è accaduto?

— Cosa? ha domandato Bebeto.

— Dei due tizi trovati morti in un motel nella Barra. No, non avevi letto forse. Non vuoi fare lo stesso anche tu?

— Perché ridi? — chiede ridendo Bebeto.

— Rido per quello che mi avevi detto.

— Riguardo a cosa?

— Avevano stretto una sorte di patto di morte perché si piacevano troppo.

— Io non ho mai detto niente di simile.

— Mi era sembrato allora. Sai, penso che tu abbia ragione. E' proprio per questo che ho deciso di non sposarmi mai.

— Una volta che ci si sposa.. poi..

Aveva rischiato troppo: non ha ascoltato niente di quello che gli stava dicendo sul matrimonio, stava ripensando alla scena dell'assassinio avvenuta tra gli specchi della camera dell'hotel. Un crimine che si era perpetrato all'infinito nel tempo e nello spazio.

— Ora sto con una ragazza di colore. Ha vent'anni. Non so, sai che ultimamente mi piacciono solo le ragazzine?

3.4 QUADRILHA DE SEIS

Sua pele luzia sob camadas de óleo de essência de cacau. Havia mesmo uma melosidade por toda a parte, espalhada na tarde. O sol de inverno projetava a sua luz rala do lado dos edifícios e do morro, ao contrário do que faz no verão, quando fica por cima do mar. Pode-se então olhar as pessoas passearem na beira, os garotos jogando frescobol, a vizinha gorda que mergulha tapando o nariz e as crianças fazendo castelos de areia. Tem mais riso e mais cor do outro lado. Mas se ela quisesse queimar o rosto e a barriguinha teria de construir o montinho e se deitar virada para a rua, tendo à frente a paisagem de asfalto e concreto. Fechava os olhos então. Não queria assistir ao insosso espetáculo do tráfego e do comércio de barraquinhas. A calma da tarde também se inquietava. A manhã era leve, a tarde pesada, engordurada, sufocante como se as horas cansadas, empanturradas de vida ansiassem pelo fim e se precipitassem balofas e aos empurrões para dentro da noite. Mas ela não podia mais ir à praia de tarde, já que estudava de manhã.

Virou-se então de bruços e deu com o olhar dele sobre ela. O garoto tinha ido apanhar a bola, que escapara dos limites da quadra de vôlei e voara até quase a beira d'água, se preparava para dar o saque de volta quando sofreu o gesto e a olhou insistente. A timidez então baixou sua cabeça para um livro de Corin Tellado que segurava bem ao pé do monte de areia. Ele, mas logo ele? Há muito o seguia de vista, talvez mesmo há anos o observasse na praia, mas era tão bonito, tão moreno, tão forte, tão olhos-azuis que... nunca, jamais. Fora pura impressão. Ela se virou de novo para a rua, sem qualquer intenção de comprovar se o jogador tinha olhado mesmo para ela. "Não é possível! ele não tira os olhos de mim!" Pronto: não conseguia mais virar a página. O olhar a envolvia como a presença obsessiva de um perfume de ervas fortes. As vezes ela não conseguia deixar de retribuir, porém logo ruborizava e voltava os olhos para a leitura. Ao fundo um rumor de carros, buzinas intermitentes, o pléc-pléc do frescobol atrás, murmúrios, gritos. Ela se virou para o mar, o grande mar que rugia indiferente ao desejo dos corpos estirados na areia. "Preciso ficar queimadíssima para sábado." Tratava-se da festa da Renata, amiga do Bope, que tinha namorado a Sônia, colega da Aliança da Márcia, vizinha dela. Não, ele desistiu, ela pensou e finalmente ia começar a reganhar concentração quando escutou um "oi", virou-se para cima e mesmo com a visão ofuscada pôde reconhecer aquele chato. Um chato e logo agora — pôxa. O gordo do Cao.

LA BANDA DELLE SEI

La sua pelle luccicava sotto lo strato di olio all'essenza di cacao. C'era un non so che di mieloso nell'aria, sparpagliato nella sera. Il sole invernale illuminava con luce tiepida i lati del palazzo e della collinetta, al contrario di come succede in estate, quando galleggia immobile sul mare. Si può restare a guardare le persone passeggiare sul bagnasciuga, i ragazzi giocare a calcio, la vicina un po' robusta nuotare tappandosi il naso e i bambini fare castelli di sabbia. C'erano più risate e più colori dall'altra parte. Ma dal momento che lei aveva deciso di abbronzarsi il viso e la pancetta, aveva dovuto costruire una collinetta e restare girata verso la strada, trovandosi di fronte il paesaggio di asfalto e di realtà. Non voleva essere spettatrice dei traffici e del commercio delle bancarelle abusive. La calma della sera portava con sé qualcosa di inquietante. La mattina era leggera, mentre la sera era pesante, unta, soffocante, come se le ore stanche, gonfie di vita, si sentissero ora angosciate per la fine imminente, e si precipitassero a spintoni dentro la notte. Ma lei non poteva più andarci in spiaggia di sera, visto che la mattina dopo doveva studiare.

Appena si è girata di colpo, ha sentito subito addosso lo sguardo di lui. Il ragazzo stava correndo a prendere la palla, che era uscita dai limiti del campo da pallavolo ed era quasi finita in mezzo all'acqua. Si stava preparando a ritirarla indietro, quando ha frenato il lancio, per girarsi a guardarla. La sua timidezza l'ha costretta ad abbassare lo sguardo sul libro di Corin Tellado, che fungeva da sostegno per la montagnola di sabbia. Lui, proprio lui? Era da molto che lo aveva notato, forse erano anni che lo stava osservando, era così bello, così moro, così forte, con quegli occhi azzurri, che di così non ne aveva mai visto prima. Sarà stata solo un'impressione. Si è girata di nuovo verso la strada, senza nessun'intenzione di verificare se anche il ragazzo l'avesse veramente guardata. "Non è possibile! Di certo non sta guardando me!" Non riusciva più a cambiare pagina. Quello sguardo la inebriava come un profumo forte di erba. C'erano alcune volte in cui non riusciva a sostenere lo sguardo, così arrossiva senza volerlo e ritornava al suo libro. Come sottofondo il brusio continuo delle macchine che andavano e venivano, clacson intermittenti, il rumore delle pallonate dietro di lei, il mormorio, le grida. Si è voltata verso il mare, il ruggito del mare immenso che se ne fregava dei desideri delle persone distese sulla sabbia. "Devo essere abbronzata per sabato." Doveva esserlo in occasione della festa della Renata, amica di Bope, che si era fidanzato con la Sonia, collega della Aliança da Márcia, la sua vicina di casa. No, stava pensando che lui avesse sicuramente già smesso di guardarla. Ma proprio nel momento in cui stava per riuscire a riguadagnare un pò di concentrazione, ha sentito un ehi, ha guardato verso l'alto, così

— Ah, oi... Tudo bem? Sentai, Cao.

E não é que ele se sentou mesmo? Cao, o gordo. O vizinho gordo. Ele metia a toda hora o dedo no nariz, cuspiam enquanto falava e tinha espinhas. Os olhos eram de peixe-morto e o cabelo sempre oleosos, mesmo molhado de água salgada. Ela o achava até bonzinho, mas o visual era um espanto! Cao puxou conversa sobre faculdade. Quer coisa mais chata do que falar de faculdade na praia? Créditos pra cá, créditos pra lá. Trancar ou não trancar matrícula. Prova final, prova semifinal. O professor isso, o professor aquilo. Ela se distraía enquanto o gordo tentava contar um caso engraçado.

Ela ali. Sabia que ia encontrar, mas jurou para si mesmo que não pensava nisso o tempo todo. Procurou ruminar pensamentos diferentes, o livro que estava lendo, o filme que ia ver à noite e a conversa sobre o mesmo filme que tivera com o Ricardo no chope de sábado à tarde. Uma menina bonita passava e logo se transfundia nela, sempre ela que estaria ali, estirada, relaxada e morna bem em frente à Carlos Góis. Esperando por ele — não: mas Cao veria Leila e conversaria com ela. Mais uns passos dificultosos sobre a areia e sua imagem se desentranharia dos poucos casais e banhistas solitários das três da tarde, sua imagem ganharia relevo e foco como a figura central de um quadro épico. Leila sorriu para ele. Sim, ela sorria, ele tinha certeza e agora não havia dúvida; ele ia cumprimentá-la e passar nem que fossem uns minutinhos, ali, com ela, sentados na areia, comentando o filme que todo mundo tinha visto menos ele, mas que podia comentar, já que tinha lido todas as críticas a respeito, a favor e contra.

A bola de vôlei caiu bem perto dela. Aquela menina o olhava tanto que incomodava como o sol na cara. Mas ele tinha de ir até lá e recuperar a bola. Ele estava no canto da quadra e não tinha jeito: estava mais perto do lugar onde a bola fora parar. Bem ao lado da garota de biquíni rosa. Ela sempre olhava para ele. Achava que ela morava na esquina da Carlos Góis com a General San Martin, mas já a tinha visto várias vezes lá pela Bartolomeu Mitre. A verdade é que ela era um dragão. A barriga flácida, as pernas cheias de celulite, gorda. "O rosto? Não sei, pra dizer a verdade nunca reparei, cara..." — ele disse mais tarde prum amigo no bar em frente a dois chopos. "Também, quem é que quer saber de cara?" Boa era a Solange do quarto andar, aquela do poodle. Casada, como não podia deixar de ser.

da riuscire a riconoscere quello scemo. Quello stolto, proprio adesso, maledizione! Il ciccione di Cao Ah, ciao! Tutto bene? Siediti pure, Cao.

E figurarsi se non si sarebbe seduto lo stesso? Cao, il ciccione. Il vicino ciccione. Si metteva sempre le dita nel naso, sputava mentre parlava e aveva anche i brufoli. Gli occhi sembravano quelli di un pesce lesso e aveva i capelli sempre unticci, anche quando era appena uscito dall'acqua salata. Lo trovava anche piacevole come persona, ma il suo aspetto aveva un che di abominevole! Cao ha iniziato a parlarle dell'università. Esiste qualcosa di peggiore di parlare dell'università in spiaggia? Crediti di qua, crediti di là. Cancellare o non cancellare la matricola. Prova finale o semifinale. Quel professore, quell'altro. Già non lo stava più ascoltando, quando ha cominciato a raccontarle un aneddoto.

Lei era lì. Sapeva benissimo a cosa sarebbe andato incontro, ma aveva giurato a sé stesso che non avrebbe passato tutto il tempo a pensarci. Ha provato a concentrarsi su tutt'altro, come ad esempio il libro che stava leggendo, il film che avrebbe visto quella sera, e la probabile conversazione che avrebbe intavolato con Riccardo davanti a un boccale di birra il sabato sera. Quando è passata una bella ragazza, ha provato ad immedesimarsi in lei con tutte le sue forze, come se fosse lei quella ad essere lì, distesa, rilassata ed assopita dai discorsi di Carlos Gois. Ad aspettarlo - no: ma Cao si sarebbe sicuramente accorto della presenza di Leila e avrebbe cominciato a parlare ininterrottamente con lei. Ancora alcuni passi sulla sabbia, e la sua figura si sarebbe palesata tra le coppie e i tipi da spiaggia solitari delle tre di pomeriggio. La sua immagine si sarebbe delineata e avrebbe preso rilievo come fosse il personaggio centrale di un quadro epico. Leila gli ha sorriso. Sì, lei sorrideva, si sentiva sicura ora e non aveva più dubbi; lui sarebbe andato a salutarla, e sarebbe rimasto seduto là con lei nella sabbia a commentare il film che tutti avevano visto. tranne lui, ma che poteva comunque commentare dato che aveva già letto tutte le critiche, a favore e contro.

La palla è caduta proprio vicino a lei. Quella ragazza lo guardava così tanto da risultargli fastidiosa come il sole negli occhi. Ma lui doveva andare lì vicino per recuperare il pallone. La sua posizione era agli angoli della squadra e quindi non aveva scelta: era il più vicino al punto in cui si era fermata la palla. Proprio vicino alla ragazza con il bikini rosa. Lei aveva guardato verso di lui per tutto il tempo. Lui sospettava che abitasse all'incrocio di via Carlo Gois con la General San Martin, ma l'aveva vista varie volte girare per la Bartolomeu Mitre. La verità è che sembrava un ippopotamo. Aveva la pancia flaccida, le gambe piene di cellulite ed era grassa. " Il viso? Non lo so, a dire il vero non mi ero neanche mai soffermato a guardarlo..." - disse dopo ad un amico di fronte a due boccali di birra. " E poi, a chi è che interessa di quella là? " Trovava invece molto bella Solange, la ragazza del quarto piano, quella del poodle. Già sposata, d'altronde come poteva essere

Mas descia as escadas rebolante. E ainda tinha uns olhos rasgados e verdes... de gata mesmo. Gatona. E ele agora ia recolher a bola ao lado daquele dragão, que evidentemente iria virar o pescoço e sorrir pra ele. Também não era tão mal assim: reforça o ego, como bem diz a Bia que faz análise há não sei quantos anos. Massageia o ego, ela diz agora.

Engraçada a Bia, mas feia também. Muito feia.

Patinhos, absolutamente patinhos. Leila apostou para si mesma que o desenho no balde azul, que a babá enchia de areia brincando com o menino de cabelos crespos, representava patinhos e não margaridas-do-campo como pensou à primeira vista. Na realidade, queria mais era se distrair da conversa chata e desviar a cabeça dos cuspes do Bolão. Cláudio Bolão desde o colégio. Eles tinham estudado juntos no Chapeuzinho Vermelho, depois que o Santo Agostinho visou misto, Leila entrou e se reencontraram. O Bolão parecia persegui-lá com os seus olhos atônitos. Antes ela ria, fazia piadinhas sobre ele uno as porém com a insistência dele passou da raiva à aversão. "I. nojo. Eu acho ele um nojo, Tetê. Você pode não achar, tuas eu acho ele um nojo." Farinhento. E, farinhento, era assim que Leila via ele e agora ele ali ao lado dela, na praia, logo ela que adorava praia, o único lugar onde podia esquecer tudo, relaxar, não pensar nas brigas de papai e mamãe, logo naquelas poucas horas o Bolão eis que aparece para falar da faculdade, pâxa, só para lembrar que ela ia ter que fatalmente trancar duas matérias, sem a família saber.

Ploft! a bola cai bem ao lado dela. Susto. É claro que ele fez de propósito só como pretexto para se aproximar. Logo agora que... e o Bolão não pára de falar. Será que ele acha que pra me agradar tem que ficar falando feito um doido sem parar? Ele me toca ainda com as suas unhas roídas e seus dedinhos úmidos, hum... E eu queria tanto era virar o rosto e falar com ele, sorrir ou até cumprimentar, quem sabe?

O Bolão, no entanto, nem notou a presença do jogador ao lado de Leila, que ansiava por se desvencilhar daquela companhia untuosa e se dirigir àquele cara mesmo que se agachava para pegar a bola engastada na areia, aquele cujo cheiro ela até chegou a sentir, não fosse talvez sua imaginação costumeiramente exacerbada. Leila odiava os olhos meio vidrados, a voz borrifante e os unhas roídas do Boião,

altrimenti. Scendeva sempre le scale ancheggiando. Aveva gli occhi da cerbiatta e verdi... da gatta. Bella. E invece a lui toccava andare a riprendere la palla proprio vicino a quell'ippopotamo, che ovviamente non avrebbe perso occasione per girarsi a sorridergli. Alla fine non è proprio così male come cosa: serve a fortificare l'ego, come dice sempre la Bia, che fa la psicologa da non so quanti anni. Rinforza l'ego, sostiene.

Bia era sempre di compagnia, ma non era di certo bella. Anzi, era molto brutta.

Papere, saranno sicuramente delle papere. Leila aveva scommesso con se stessa, che il disegno sul secchiello azzurro, che la bambina stava riempiendo di sabbia mentre giocava con il bimbo con i capelli ricci, raffigurasse delle papere e non delle margherite di campo, come aveva subito pensato al primo sguardo. In verità, voleva solo trovare delle distrazioni a quella noiosa conversazione e tentare di scansare la testa dagli sputi di Bolão. Il Cláudio Bolão delle superiori. Avevano studiato insieme al Chapeuzinho Vermelho e, quando anche il Santo Agostino era diventato misto, Leila si è iscritta e così si erano ritrovati di nuovo. Bolão sembrava rincorrerla con i suoi occhi attoniti. All'inizio Leila trovava la cosa divertente, gli preparava degli scherzi con l'aiuto delle sue amiche, ma a causa dei modi insistenti di lui ha presto cominciato a provare rabbia e rifiuto nei suoi confronti. " Uno schifo. Mi fa schifo. Puoi anche non credermi, ma a me suscita ribrezzo." Viscido. E' viscido. Ed ora era proprio lui ad essere seduto di fianco a lei sulla spiaggia. Lei, che amava così tanto stare in spiaggia, l'unico posto in cui poteva dimenticarsi di tutto, rilassarsi, non pensare alle liti di mamma e papà, ma giusto in quel momento doveva arrivare Bolão a parlarle dell'università, forse, in un certo senso, era lì per ricordarle che doveva ancora portare a termine due corsi senza farlo sapere alla sua famiglia.

Ploft! La palla era caduta proprio vicino a lei. Panico. Era ovvio che avevs lanciato lì il pallone come mero pretesto per avvicinarsi. Proprio ora che ... e che Bolão non la smetteva più di parlare. Forse pensa che per piacermi deve sempre avere qualcosa da dire senza mai fermarsi? Adesso ha pure iniziato a toccarmi con le sue unghie tutte mangiucchiate e le sue dita sudate, mmm ... e io che invece vorrei tanto voltarmi e parlare con quel ragazzo, sorridergli oppure anche salutarlo, chi può dirlo?

Bolão, nel frattempo, non aveva notato che il giocatore si stava avvicinando a Leila, la quale non aspettava altro che liberarsi dalla sua sudicia presenza per voltarsi verso di lui, anche se questi era impegnato a recuperare la palla sommersa nella sabbia. Pensava di poter riuscire a sentire perfino il suo odore, o forse era solo frutto della sua folle immaginazione. Leila si stava impegnando con tutte le sue forze per sopportare gli occhi mezzi vitrei, la voce fastidiosa e le

enquanto Lula procurava, por sua vez, completar o gesto da maneira mais mansa possível para dar o fora rapidinho, sem atrapalhar a conversa dos dois nem ter de agüentar o cumprimento adocicado e enturmado do dragão de biquíni cor-de-rosa. Uma onda estourou com força lá longe, atrás da arrebentação, sufocando a voz chuvosa do Bolão em descompasso com o recolher da bola por Lula e o olhar fixo de Leila nos patinhos do balde da babá.

A criança de cabelos crespos se levantou então abriu o berreiro. Um choro lancinante, agudo de estourar os tímpanos. E o jogador se fora sem dizer nada. Leila apenas escutara o ato de apanhar a bola, como quando a gente finge que dorme e vem procurar alguma coisa no armário do quarto no escuro. Ele dobrara as pernas, os músculos de suas coxas se retesaram, raços peludos e fortes a pouca distância dos dela, suas mãos riram para agarrar a bola de couro e um suor cristalino rem das têmporas e respingara na areia perto dela. O rosto do do Bolão mais vermelho sob o sol. Ele parecia inchar, inflar, ia quase estourar, implodir, sangüíneo até a altura da pipa ureia.

— Vou dar um mergulho — Leila disse sem convidar o Bolão.

Não é possível, ele se lembrou, eu nem perguntei se ela viu nele filme!

— Vi. Detestei. Só não saí no meio porque tava com um migo e ele queria ver como é que acabava. Tchau.

O Bolão largou os braços e ficou parado na areia com um osto estranho na boca como se tivesse chupado uma chave. A pipa laranja então caiu-lhe nos braços emaranhando Um garotinho mulato veio, furioso, tentar desembraraçar sua pipa do tronco do gordo. seu fio no corpo rotundo de Cláudio.

A praia pareceu-lhes então mais inclinada. Desde a grande ressaca de janeiro, o Leblon tivera sua faixa de areia estreitada. O sol da tarde contribuía para essa inclinação, como se os edificios fossem escorregar para dentro das águas. A brisa começou então a tocar o seu sinal de recolher: banhistas levantavam acampamento sacudindo suas toalhas, como as empregadas espanavam tapetes nas janelas.

unghie mangiucchiate di Bolão; mentre Lula, a sua volta, stava tentando di recuperare il pallone con la massima discrezione per poter andarsene velocemente, cercando di non interrompere la conversazione tra i due. Voleva evitare in tutti i modi un apprezzamento mieloso e mellifluido da parte dell'ippopotamo con il bikini rosa. Un'onda si è infranta con forza in lontananza, oscurando così in un solo colpo la voce densa di Bolão, il gesto di Lula nel raccogliere la palla, e lo sguardo assente di Leila fisso sulle paperelle del secchiello della bambina.

Il bambino con i capelli ricci si è alzato ed ha rovesciato il secchiello, seguito subito da un pianto disperato, così forte da poter spaccare un timpano. Il ragazzo si è allontanato senza dire niente. Leila si è resa conto del momento esatto in cui aveva preso in mano la palla, come quando si finge di essersi addormentati, ma in realtà si rimane ad ascoltare qualcuno che cerca qualcosa nell'armadio della camera al buio. Lui ha piegato le gambe, i muscoli delle cosce erano ben tesi, le sue braccia pelose e forti così vicine a lei, le sue mani si erano aperte per prendere la palla di cuoio e un sudore cristallino gli stava scendendo piano dalla tempia, per poi finire sulla sabbia di fianco a lei. Il viso tondo di Bolão stava diventando bordeaux sotto il sole. Sembrava si stesse per gonfiare, sformare, fino a quasi esplodere.

— Vado a fare il bagno – ha affermato Leila senza preoccuparsi di invitare Bolão.

Non è possibile, ha pensato lui nel frattempo, non ho neanche avuto il tempo di chiederle se ha visto quel film!

— Sì, l'ho visto. Non mi è piaciuto per niente. Non sono uscita dal cinema solo perché ero con un amico e lui voleva finirlo. Ciao.

Bolão ha allargato le braccia ed è rimasto immobile sulla sabbia con un sapore strano in bocca, come se avesse appena ingoiato una chiave. L'aquilone arancione era caduto tra le sue braccia, il filo era rimasto incastrato nel suo corpo tozzo. Un ragazzetto mulatto si è precipitato correndo, furioso, ha tentato di divincolare il suo aquilone dal corpo del grassone.

La spiaggia sembrava essersi inclinata, quasi come se gli edifici stessero per scivolare dentro l'acqua. La brezza stava segnalando che era arrivata l'ora di abbandonare la spiaggia: i bagnanti hanno allora cominciato a smantellare gli accampamenti, sbattendo gli asciugamani come fossero donne delle pulizie impegnate a sbattere i tappeti dalle finestre.

"Não é possível", foi a primeira frase que passou pela cabeça de Leila ao entrar no apartamento. O quadro abstrato à sua frente no hall, o garçom que sorria segurando a porta e por entre a multidão na sala semi-iluminada, Leila conseguiu divisá-lo. Entrou devagar, cuidadosa como um ladrão numa casa às escuras, e virou-se para perguntar ao garçom onde estava Renata. "Ela estava na cozinha inda agora... acho que no terraço... Rosalindo, você por acaso viu a d. Renata?"

Rosalindo fez que não com a cabeça e se embarafustou na multidão equilibrando a bandeja com bebidas.

— Eu acho. Eu acho — ela respondeu ao garçom que a atendeu na porta e mergulhou na massa de convidados. O burburinho e a música alta de sempre. "Onde ele estava mesmo?" Perdera-o de vista. Mas tinha certeza de que vira o jogador de vôlei num canto da sala, por entre uma brecha de convidados, perto do terraço.

— Querida... você viu a Renata? É que eu estou acabando de chegar e...

— Mas você está chiquérrima! Não, não vi não mas olha, quero te apresentar aqui um amigão meu...

— A gente se conhece há anos... Desde o colégio. Oi, — ia dizer Boião mas se conteve — Cao. Tudo bem? A gente se viu hoje na praia.

— Com licença mas eu preciso falar com a Renata. Acabei de chegar. Tchau. Bia, tchau Cao.

"Bem que o Bolão podia era namorar a Bia. Não, não adianta, ele é muito feio pra namorar até a Bia, coitada. Mas de repente... acho até que nasceram um para o outro."

Leila navegava rumo ao terraço, não sem um certo temor de que ali poderia surpreender o jogador de vôlei com a sua namorada. Não, nenhum conhecido por ali. Ela então se recostou na amurada e contemplou não o mar, mas a festa. A turba que dançava, conversava e bebia. Rosalindo finalmentesurgiu, e Leila apanhou um vinho branco. Logo apareceram a Sônia e o Bope. 'A gente continua amigos, ué. A gente terminou numa boa. Também que besteira brigar só porque...' Mas onde estava ele? Onde?

“Non è possibile“, era la prima cosa che aveva pensato Leila entrando nell’appartamento. Il quadro astratto proprio di fronte a lei nella hall, il portinaio che sorride mentre accompagna la porta, e nonostante lo sciame di folla presente tra di loro nella sala semi-illuminata, è riuscita a scorgerlo comunque. E’ entrata lentamente, silenziosa come un ladro che si intrufola in una casa sommersa dal buio, si è girata per domandare al portinaio dove poteva trovare Renata. “ Era in cucina fino a prima ... credo sia in terrazza ora ... Rosalindo, per caso hai visto Renata? “

Rosalindo ha fatto cenno di no con la testa, è sì e immerso subito tra la folla cercando di tenere in equilibrio il vassoio con le bibite.

— Io penso. Io penso — è riuscita a balbettare solo questo al ragazzo fermo davanti alla porta, per poi sparire tra gli invitati. Il rumore e la musica erano alti come sempre. “Dov’era finito?“ Lo aveva perso di vista. Ma era sicura di aver intravisto il giocatore di pallavolo in un angolo della sala, tra di loro c’era un gruppo di invitati vicini al terrazzo.

— Cara ... hai visto Renata per caso? E’ che sono appena arrivata e...

— Ma sei bellissima! No, non l’ho vista, ma aspetta che ti presento un mio amico...

— Ma lo conosco già da anni... dalle scuole superiori precisamente. Ehi, - stava per dire Bolão, ma si è fermata giusto in tempo – Cao. Come stai? Ci siamo già visti oggi in spiaggia.

— Scusatemi ma devo assolutamente parlare con Renata. Sono appena arrivata. Ciao Bia, ciao Cao.

“Così Bolão avrebbe potuto conquistare la Bia. No non stava parlando seriamente, era troppo brutto per poter piacere perfino a lei, poveraccia. Ma in fondo... penso che starebbero veramente insieme.“

Leila stava vagando verso il terrazzo, non senza il terrore di sorprendere proprio lì il giocatore di pallavolo insieme alla sua ragazza. No, lì non c’era nessuno che conosceva. Si è appoggiata quindi al muro, non per guardare il mare, ma la festa. La moltitudine che ballava, chiacchierava e beveva. Finalmente è spuntato Rosalindo, e Leila ne ha subito approfittato per prendere un bicchiere di vino bianco. Poco dopo sono arrivati Sonia e Bope. “ La gente va avanti così eh .. sono tutti alla frutta.. Gli basta litigare per...” Ma lui dov’era? Dove?

O olhar dela o siderava. Olhos de gata. Mas não deixava aquele grupo de bundões. O jeito era ficar mesmo com essa garota, que não era lá essas coisas mas dava pra uma trepada. Dançar com a Márcia, tirar um sarrinho. Quem sabe a Solange acaba me dando bola?

Não me dá a menor bola. Não adianta, já fiz de tudo. E olha que ela não é lá essas coisas. O que que ela pensa que é? A Natassia Kinski? A Leila é, no máximo, no máximo a Victoria Abril.

Ia ser o máximo! Comer a Solange de tarde num motel, na casa dela... num barco... O máximo! PO nunca fodi num barco. O máximo que eu fiz foi no capô do carro.

— Cao, tou falando com você.

— Desculpe, tava distraído.

— Tava pensando em quê?

— Em quê?

— É, é, tava pensando em que?

— Num filme do Almodóvar.

— Qual? Eu adoro Almodóvar!

Aquele negócio de ela dizer que detestou o Tacones Lejanos foi só pra implicar comigo e pronto. Tenho que tirar ela da mi-nha cabeça. A Leila... puxa... desde o ginásio...

O Bope tem um jeito charmoso de dançar. Gosto como ele dança. Engraçado, nunca pensei: esse cabelo encaracolado, a pele morena. Pena que seja tão baixinho. Mas a Sônia ainda gosta dele, eu sinto que gosta, o jeito dela olhar pra ele não é um jeito de olhar de amiga. Eu conheço. Tenho muita capacidade de observação.

Renata de repente aparece, e as duas trocam beijos. No meio .1 pista a música alta, conversam quase com os rostos colados. Quando se despedem, Leila nota, não sem certa decepção, que liope tinha desaparecido. Restava agora retomar a árdua cruzada de buscar o anônimo jogador.

Il suo sguardo lanciava veri e propri fulmini. Quegli occhi così seducenti. Peccato che non si staccasse mai da quel gruppo di stolti. L'idea era di stare con quella ragazza, magari riuscire a darle una botta. Ballare con la Márcia, provarci con lei. Chi può sapere se alla fine Solange non finisce per darmi retta?

No, non accadrà mai. Mai, ho già fatto tutto quello che era in mio potere. E a lei non sembra importare proprio nulla. Ma chi cavolo si crede di essere? Natassia Kinski? Leila potrebbe essere al massimo Victoria Abril.

E ho detto al massimo! Morsicare Solange in un motel, di sera, a casa sua... in barca.. sarebbe l'ideale! Non l'ho mai fatto in una barca. Sulla capotte della macchina si però.

— Cao, sto parlando con te!

— Scusami, mi ero distratto un attimo.

— A cosa pensavi

— A cosa?

— Sì, a che pensavi?

— A un film di Almodovar.

— Quale? Io adoro Almodovar!

Sicuramente aveva detto che non gli era piaciuto il Tacones Lejanis solo per provocarmi. Devo levarmela dalla testa. Leila è lì. ferma immobile ... dal liceo...

Bope balla molto bene. Mi piace vederlo muoversi. E' aggraziato, non l'avrei mai detto: con quei capelli ricci, la pelle olivastra. Peccato che sia così basso. Sicuramente a Sonia piace ancora, lo vedo che le piace ancora, il modo in cui lo guardava non lasciava dubbi. Io lo so. Sono molto intuitiva.

All'improvviso arriva Renata, e le due si scambiano i baci. Nel mezzo della pista, con la musica alta, parlano con i visi quasi attaccati. Appena si sono separate, Leila ha notato immediatamente, e non senza provare una certa delusione, che Bope era sparito. L'impresa ora era quella di ritrovare il giocatore di pallavolo in mezzo a tutta quella gente.

Depois do terceiro uísque, Cláudio Boião decidira abordar Leila mais uma vez. Mas Bia não o largava e despejava um cacarejar enervante sobre a filmografia de Almodóvar.

— *Entre Tinieblas*, adoro *Entre Tinieblas*, aquelas freiras doidonas, mas dizem que o melhor mesmo é *Labirinto de Paixões*.

Leila está inquieta. Caminha ansiosa por todos os cantos, atravessa a sala, vai até a cobertura, se debruça, ameaça cair (*Mujeres al borde de un ataque de nervios* é uma obra-prima, cê num acha Cao?), olha o mar, escuta as ondas na praia de Ipanema, se vira para a esquerda, para a direita: como eu sou idiota! Não sou eu que ela tá procurando, é claro.

— Pepi, Luci, Bom n y otras chicas dei montón. Cê viu, Cacao?

— Só gosto da Lei do Desejo — e o Cláudio Boião abando-nou Bia naquele canto perto da cômoda, se dirigindo direto para o terraço. Leila, por sua vez, sem perceber o Boião, finalmente avistou Lula e voou para cima de sua vítima, que tomava coca-cola numa mesa na cobertura.

Os não-fumantes menos tímidos costumam perguntar as horas, mas Leila fumava e abordou Lula de maneira clássica:

— Tem fogo?

— Alguém de vocês fuma? — ela perguntou se sentando muito à vontade com o cigarro em riste.

As garotas da mesa fizeram não com a cabeça como dois autômatos e sem emitir qualquer palavra.

— Bom, mas deve ter alguém por aí que fuma... ela olhou para os lados com o braço erguido e o cigarro entre os dedos. Rosalino!

Um sujeito acendeu seu cigarro, Rosalino apareceu com a bandeja cheia, Leila pinçou um copo de vinho branco e fincou os cotovelos na mesa olhando ora para seu ídolo, ora para suas rivais.

— Prazer. Meu nome é Leila.

— Prazer — uma delas respondeu seca.

Sorriu amarelo para as meninas e prosseguiu na luta:

— Você não joga vôlei em frente à Bartô?

Dopo aver bevuto il terzo whisky, Claudio Bolão si è convinto a provarci ancora una volta con Leila. Ma Bia sembrava non avere alcuna intenzione di mollarlo e non la smetteva più di civettare inutilmente sulla filmografia di Pedro Almodovar.

— *Entre Tinieblas*, adoro *Entre Tinieblas*, quelle suore così mattacchione, ma si dice che il migliore rimanga comunque *Labirinto de Paixoes*. Leila è irrequieta. Vaga nervosamente per tutti gli angoli della sala, la attraversa tutta, prosegue fino al soppalco, si sporge, sembra quasi stia per cadere (Donne sull'orlo di una crisi di nervi è un capolavoro, non è vero Cao?),guarda verso il mare, ascolta le onde che si infrangono sulla spiaggia di Ipanema, guarda prima a destra e poi a sinistra: come sono stata stupida! Non sono certamente io quello che sta cercando, è evidente ormai.

— *Pepi, Luci, Bom y outras chicas del monton*. Lo avete visto, Cacao?

— Mi piace solamente *Lei do Desejo* — così dicendo, Cláudio Bolão ha abbandonato Bia vicino all'angolo del comò, dirigendosi con passo deciso verso il terrazzo. Leila, che non si era accorta dell'imminente arrivo di Bolão, era riuscita a scorgere Lula proprio in quel momento, così si è diretta verso di lui, che stava bevendo una coca cola ad un tavolo.

I non fumatori meno timidi erano soliti domandare l'ora in quelle occasioni, ma Leila fumava ed ha approcciato Lula nel classico modo:

— Hai un accendino per caso?

— Qualcuno di voi fuma? Ha chiesto allora lui, sedendosi con una sigaretta già in mano.

Le ragazze al tavolo hanno fatto cenno di no con la testa, con un gesto quasi automatico, senza emettere alcun suono.

— Non importa, ci sarà qualcuno che fuma qui... si è guardata intorno con il braccio alzato, mentre teneva la sigaretta tra le dita, Rosalino!

Un tipo si stava accendendo una sigaretta, e proprio in quel momento è sbucato fuori Rosalino con il vassoio pieno in mano, Leila ha afferrato un bicchiere di vino bianco e si è appoggiata con i gomiti al tavolo, guardando prima verso il suo sogno proibito, e poi verso le sue rivali.

— Piacere. Mi chiamo Leila.

— Piacere — ha risposto seccamente una di loro.

— Onde?

Ela repetiu o nome abreviado da rua.

— Não. Eu nem jogo vôlei.

Atordoada pela ducha fria, ela se levantou sem mesmo pedir licença. Sua vontade era beber no gargalo uma garrafa de vinho e fugir dali. De repente, teve a sensação de cambalear no meio da sala. Os convidados pareciam sombras desnorteadas. Apoiou-se então no parapeito do terraço e olhou a rua iluminada. Escutou o rugido do mar ao longe e sentiu um travo na garganta. Pudera: tinha ido de encontro a uma fortaleza que nunca tinha acendido uma única tocha ou ameaçado descer a ponte elevadiça para ela. Um gesto brusco e o copo de vinho partiu-se no chão. Ouviu risos, gargalhadas. Nem ousou erguer a cabeça; deviam vir da mesa do jogador.

— Que foi? Que é que cê tem?

Era o Bope. Cabelos cacheados, óculos redondos. Leila respondeu que bebera demais, que não estava se sentindo bem. Ele então se ofereceu para levá-la em casa, mas Leila disse que não precisava, que afinal era cedo e que se tomasse uma água mineral o mal-estar passaria. "Queria tanto que ele me visse com o Bope..."

Bolão os contemplava miserabilíssimo, enquanto movia o copo de uísque na mão. "Vou me embora pra Pasárgada."

A música aumentou e muitos convidados vieram dançar nu terraço. Aliás, tudo levava a crer que muitas pessoas tinham Regado mais tarde.

— Tem fogo? — Uma mulher de olhos rasgados estendeu cigarro para ele.

— Tenho, tenho. — Cláudio não fumava mas aprendera a nunca deixar de carregar um isqueiro ou uma caixa de fósforos bolso.

Ha rivolto un sorriso finto alle ragazze, per poi riprendere la sua battaglia:

— Per caso giochi a pallavolo di fronte a Barto?

— Dove?

Leila ha ripetuto il nome abbreviato della strada.

— No, io non gioco a pallavolo.

Ancora stordita da così tanta freddezza, si è alzata senza riuscire a dire niente. Sentiva il bisogno di scolarsi all'istante una bottiglia intera di vino e di fuggire da lì al più presto. Si è sentita come barcollare nel mezzo della sala. Gli invitati le sembravano delle ombre sfuggevoli. Si è appoggiata quindi alla ringhiera del terrazzo e si è messa a fissare la strada illuminata. Mentre origliava il ruggito del mare in lontananza, ha sentito come un sapore aspro in gola. Era così: si era appena schiantata contro una fortezza, nella quale non era mai stata accesa una torcia, o era stato fatto scendere un solo ponte levatoio nei suoi confronti. Un gesto brusco e il bicchiere di vino è caduto a terra in mille pezzi. Ha percepito delle risatine in sottofondo. Non ha osato alzare la testa; dovevano sicuramente provenire dal tavolo del giocatore.

— Cos'è successo? Ma cos'hai?

Era Bope. Capelli ricci, occhiali tondi. Leila gli ha risposto che aveva bevuto troppo, che non si sentiva bene. Si è gentilmente offerto di riaccompagnarla a casa, ma Leila gli ha detto che non serviva, che era ancora presto, e che se avesse bevuto dell'acqua minerale forse le sarebbe passata. “ Vorrei tanto che mi vedesse con Bope ...”

Bolão, nel frattempo, li stava scrutando con aria triste, mentre muoveva il bicchiere di whisky nella mano: “ Ritorno a Paságarda.”

La musica era aumentata di volume e molti invitati si erano diretti verso il terrazzo per ballare. Tutto faceva pensare che molti erano arrivati alla festa quando già era tardi.

— Hai un accendino? una signora con gli occhi stanchi ha proteso la sua sigaretta verso di lui.

— Ce l'ho, ce l'ho. Cláudio non fumava ma aveva imparato a portarsi sempre dietro un accendino o una scatola di fiammiferi nella tasca. Lei lo ha ringraziato e gli ha domandato come si chiamava.

Ela agradeceu e perguntou o nome dele.

— Meu nome é Solange — ela disse com sua voz rouca.

"Não é possível! A Solange dando papo praquele gordo esto!" Lula abandonou a mão dnarota ao seu lado e apoiou o dobrado no encosto da cadeira. O dragão da praia até que enfim tinha se arrumado com aquele cara de babaca. Lula então se levantou, nem se dignou a se despedir da garota-autômato caminhou masculinamente até o parapeito do terraço, onde apoiou o pé e ficou mirando a avenida com o queixo na mão.

De repente sentiu que estava sendo olhado. Virou o pescoço para a direita e deu com uma menina nem bonita nem feia com um vestido branco e um longo copo na mão.

No canto perto da cômoda o beijo quente de Bope em seu uente de pescoço. Por um pudor inexplicável Leila quis desaparecer dali. Evidentemente ninguém se importava com eles. Talvez Sônia, caso os visse, mas tudo estava imerso numa penumbra de boate. Bope pegou suas mãos, entrelaçaram os dedos e ele a olhou bem dentro dos olhos. Outro beijo, e ela se sentiu como a afogada socorrida a tempo.

— Posso agora te levar pra casa?

"Pena que ele não esteja me vendo. Mas onde está ele?"

— Leila... posso..."

"E acabei nem sabendo o nome dele..."

— Vamos ficar só mais um poquinho? – Leila pediu.

— Não, não. Vou-me embora que tou cansado.

— Só mais um pouquinho... Meia-hora?

— Tá bem

— Ih, deixei meu grampo cair. Acho que foi no terraço. Vou dar um pulo lá um instantinho, tá?

— Sou casada — Solange revelou.

— Casada? O Boião arregalou os olhos.

— Mi chiamo Solange – ha detto poi lei con la voce rauca.

“Non è possibile! Solange che da retta a quel grassone!” Lula ha lasciato la mano della ragazza al suo fianco per appoggiare il braccio sullo schienale della sedia. L’ippopotamo della spiaggia alla fine si era sistemato con quel tipo laggiù. Lula ha deciso quindi di alzarsi, senza preoccuparsi di dare alcuna spiegazione alla ragazza-automa, e si è avviato con un atteggiamento alquanto virile fino alla ringhiera del terrazzo, dove si è appoggiato, e si è fermato a contemplare la strada con il mento sulla mano.

A un certo punto ha come sentito uno sguardo fisso su di lui. Si è girato alla sua destra e ha visto una ragazza, che non si poteva definire né bella né brutta, con un vestito bianco e un calice in mano.

All’angolo, vicino al comò, il bacio caldo di Bope sul suo collo. Assalita da un pudore che non sapeva spiegare, Leila sentiva solo il bisogno di andarsene da lì. Nessuno sembrava averli notati. Forse solo Sonia li aveva scoperti, anche se erano completamente immersi nella penombra della stanza. Bope le ha preso le mani, le loro dita si sono intrecciate, mentre lui la guardava fisso negli occhi. Un altro bacio, e lei ha sentito come la sensazione di essere stata salvata appena prima di affogare.

— Ti posso accompagnare a casa allora?

“Peccato che non ci stia guardando. Ma dove si sarà cacciato?”

— Leila posso ...”

“E neanche stavolta ho scoperto come si chiama ...”

— Possiamo restare qui ancora un po’? – domandò Leila.

— No, no. Io vado a casa perché sono stanco.

— Ancora poco. Una mezz’ora?

— Va bene.

— Ah, mi sa che mi è caduto la forcina per i capelli. Penso sia per terra in terrazzo. Vado a dare un’occhiata e torno, ok?

— Sono sposata — gli ha rivelato presto Solange

— É, com aquele cara ali.

E Cláudio divisou no meio do terra um sujeito alto e grisalho que conversava num grupo.

— É médico o seu marido?

— Como é que cê sabe?

Lula aproximava o rosto cada vez mais do de Sônia.

— Terminei com meu namorado de anos, ela disse num tom lamentoso.

— Pena.

E ele pegou o queixo dela e a beijou longamente.

O beijo se exibindo a Leila que entrava no terraço à procura de um grampo inexistente. Ela estaca e é a única espectadora do beijo. Os outros convidados eram sombras ruidosas.

— Achou o grampo? -- Bope a agarra pelo braço.

— Não. Mas não tem importância.

— Que isso? — Cláudio pergunta.

— É o meu cartão. Me telefona de dia durante a semana ou na quarta-feira. É, é dia do plantão.

— Vamos ficar um pouco? — Leila suplica.

— Se você quiser você fica. Eu vou me embora.

— Sabe, eu tenho que te contar uma coisa — Sônia disse com o rosto bem próximo do de Lula — eu gosto mesmo é daquele cara ali (e apontou Bope com a cabeça). Mas a gente tem temperamentos muito diferentes.

— Então? Se vocês têm temperamentos diferentes é porque não tinha que dar certo mesmo. Cê não quer tentar uma pessoa diferente? — Lula disse com a expressão sedutora de um ator canastrão.

— Por favor... Olha, Bope, eu quero ir com você.

— Sposata? Bolão ha strabuzzato gli occhi.

— Sì, con quel signore lì. E Cláudio ha distinto allora nel mezzo della folla un tipo alto e brizzolato, che conversava con altre persone.

— Fa il medico tuo marito?

— Come fai a saperlo?

Lula stava avvicinando sempre di più il suo viso a quello di Sonia

— Ho chiuso con il mio fidanzato storico, gli confida lei in tono lamentoso.

— Che peccato.

Le ha preso il mento per darle un lungo bacio. Bacio che hanno esibito senza riguardo a Leila, che stava entrando in terrazza proprio in quel momento alla ricerca di una forcina inesistente. Leila era come immobilizzata, unica testimone di quel bacio. Gli altri invitati continuavano ad essere delle ombre rumorose tutte intorno.

— Hai trovato la forcina? —Bope è arrivato e l'ha presa per un braccio.

— No, ma non ha importanza.

— Cos'è questo? domanda Cláudio.

— È il mio biglietto da visita. Mi puoi telefonare di giorno durante la settimana o di mercoledì. È il giorno dedicato alle visite.

— Rimaniamo ancora un po'? lo ha supplicato Leila

— Se vuoi rimanere rimani. Io vado.

— Sai, ho una cosa da dirti – ha affermato Sonia con la sua faccia appiccicata a quella di Lula – a me piace ancora quel ragazzo là (indicando Bope con la testa). Ma le persone a volte hanno caratteri molto diversi.

— Ma se avete due caratteri così diversi è inutile stare insieme. Perché non provare allora qualcosa di diverso? ha domandato Lula con un'espressione sibillina da attore mancato.

— Per favore... ascolta Bope io voglio venire via con te.

"Puxa, uma mulher casada... E se o marido um dia me pega dentro do quarto e mata nós dois a tiros? Não, mas ela é bonita demais, boa demais... E me deu uma bola danada...", pensava (:ao manuseando nervosamente o cartão.

— A gente dança só mais uma música e te juro que vamos embora.

— Leila, acho que você já bebeu demais.

— Tá bem.

O dia começou a dar sinais no horizonte, e as pessoas continuavam dançando. Renata não devia se importar com o sono de seus vizinhos, já que a música prosseguia no mesmo volume do começo da festa. Quando o sol surgiu rubro, os convidados começaram a se despedir. A música cessou e ouviram-se cantos de pássaros. O acaso fez com que Boião, Bope, Leila, Lula e Sônia tomassem o mesmo elevador. Durante o longo trajeto, o silêncio ia ficando mais incômodo a cada andar. Pigarros, olhos para o teto, olhos para o chão, olhos fechados, batidas na parede da cabine. Enfim a liberdade do térreo e a luz ofuscante da manhã que subitamente arrebentara.

Lula tomou a mão de Sônia, que ainda se virou para trás para se despedir de Bope, que fez o mesmo gesto segurando a mão de Leila.

Cláudio atravessou a Vieira Souto com seu jeito desengonçado e meio tonto dos uísques tomados. Sentou-se no banco em frente à praia, olhou o horizonte com o cenho franzido e manuseou tanto o cartão de Solange que acabou quase por rasgá-lo. "Mulher casada..." Ergueu-se e voltou caminhando para casa, afinal morava a poucos passos dali.

“Cavolo, ma doveva proprio essere sposata ... e se un giorno il marito ci beccasse in flagrante e ci ammazzasse con il fucile? No, però lei è così bella..davvero troppo bella..e mi sono cacciato in un bel guaio ora.”, stava pensando Cao, che continuava a stropicciare il biglietto nella mano.

— Giuro, ancora l’ultima canzone e poi ce ne andiamo.

— Leila, sei già abbastanza ubriaca credo.

— Per piacere..voglio venire via con te.

— Va bene.

Il sole stava già cominciando a sorgere, ma gli invitati non sembravano voler smettere di ballare. Renata pareva non preoccuparsi troppo del rumore, che sicuramente stava recando disturbo ai vicini, dal momento che non aveva mai dato segno di voler abbassare la musica dall’inizio della festa. Solo quando il cielo si era ormai colorato di rosso, la folla ha cominciato ad avviarsi verso la porta. Quando la musica si è spenta, si potevano sentire i versi dei passerotti. Il caso ha voluto che Bolão, Bope, Leila e Lula finissero nello stesso ascensore. Durante la discesa, che gli era sembrata infinita, il silenzio diventava sempre più imbarazzante. Tentavano di schiarirsi la gola, di guardare per terra, in alto, di chiudere gli occhi e di tamburellare le dita sulla parete dell’ascensore. Solo quando si sono aperte le porte per fare entrare l’accecante luce mattutina sono finalmente riusciti a liberarsi di quel silenzio ingombrante.

Lula ha preso la mano di Sonia, che si è girata automaticamente per guardare Bope, il quale aveva a sua volta preso Leila per mano.

Cláudio stava attraversando la Vieira Souto, camminava con la sua solita andatura goffa e sgangherata, dovuta anche ai troppi whisky bevuti. Si è seduto al bancone, proprio di fronte alla spiaggia, ha guardato verso l’orizzonte con un’espressione corrugata, e ha spiegazzato così tanto il bigliettino da visita di Solange, quasi volesse romperlo. “ Donna sposata.. “ Si è alzato e si è diretto verso casa, alla fine abitava solo a pochi metri da lì.

3.5 O PARCEIRO

Quando ela deparou com ele na soleira da porta, sentiu um sobressalto. Esperava que fosse bonito, mas nem tanto. Ficou pasma uns poucos segundos segurando a porta até que ele esboçou um gesto que parecia significar permissão para entrar. Ela então se deu conta da atitude ridícula a que se entregava porém respondeu com outro gesto para que ele entrasse, pois a voz engasgava. Era espadaúdo, moreno e com um sorriso imenso. Olhos de um castanho cor de mel. Apertou as mãos e disse que ia chamar o marido, mas tropeçou no corredor, ficou vermelha, desculpou-se e deu com Flávio bem à sua frente. Ele tinha uma expressão tensa e fitou o rapaz com curiosidade. O visitante estendeu a mão, ele a apertou agora um tanto perplexo, talvez porque começasse a se dar conta da ousadia a que tinha se proposto. Os três ali na sala, perto do corredor, acotovelados por um silêncio que não deve ter durado mais de cinco segundos, porém que soou enorme, encapuzante.

— Vamos aos drinques? O marido balbuciou, tentando emprestar à voz um tom descontraído.

— Eu não bebo.

— Bem... um refrigerante talvez?

— Não. Nada.

O marido ficou embaraçado. Ela, por sua vez, permanecia tática até vir emergindo a vontade de gritar o vamos-acabar-om-isso-tudo-de-uma-vez-por todas. Mas refreou o impulso. idvio a empurrou para a cozinha com ordens de tirar o gelo, as explicações de que ansiava por um uísque. Ela o obedecia, mo sempre o obedeceu, escutando rumores de uma conversa nudicante na sala. O gelo queimava nas mãos. Perguntou-se então o que ela, a boa esposa, tomaria durante essa cerimônia de preparação. Tomaria um martíni seco, já que só gostava de bebidas doces. Porém um martíni seco obriga a presença de urna azeitona flutuante em seu interior. Ela buscou a dispensa e o armário, mas não encontrou o pote desejado. Não, um martíni seco tem que conter estritamente uma azeitona. Resolveu então ir à rua para comprá-las. Sairia pela porta dos fundos, assim não criaria constrangimento ainda maior à conversa do marido com o visitante.

IL PARTNER

Quando se l'è trovato davanti, sull'uscio della porta, ha sentito come una fitta dritta nello stomaco. Se lo aspettava bello, ma non così tanto. E' rimasta immobile un attimo, mentre richiudeva la porta, finché lui le non le ha fatto cenno di entrare. Si è resa conto proprio in quel momento del suo atteggiamento ridicolo e impacciato, così gli ha indicato con la testa di entrare, visto che la voce sembrava non aver intenzione di uscire. Aveva le spalle larghe, era moro e sfoggiava un sorriso bellissimo. Gli occhi erano di un colore castano miele. Ha aperto le mani, dicendo che sarebbe andata subito a chiamare il marito, ma nel mentre è finita per inciampare in corridoio. E' subito diventata paonazza e, mentre era impegnata a scusarsi per l'incidente, si è ritrovata Flávio proprio di fronte. Aveva un'espressione tesa e stava scrutando il ragazzo con attenzione. L'ospite gli ha teso la mano, lui l'ha stretta con fare perplesso, forse per indurlo a rendersi conto dell'impudenza con la quale aveva fatto il suo ingresso in casa. Quei tre lì nella sala, vicini al corridoio, incastrati in un silenzio che non doveva essere durato più di cinque secondi, ma che gli era parso come infinito, ingombrante.

— Beviamo qualcosa? Ha balbettato il marito, tentando in tutti i modi di sembrare a proprio agio.

— Io non bevo.

— Qualcosa di fresco allora?

— No, per me niente grazie.

Il marito era chiaramente a disagio. Lei, a sua volta, si manteneva immobile come una sfinge, anche se dentro di sé sentiva l'irrefrenabile bisogno di urlare il fatidico finiamola con questa storia una volta per tutte. Ma è riuscita a contenere l'impulso. Flávio l'ha quindi spedita in cucina per tirare fuori il ghiaccio, visto che gli era venuta voglia di bere un whisky. Lei gli ha obbedito, come sempre del resto, ma è rimasta ad ascoltare di nascosto i rumori di un dialogo zoppicante in salotto. Si riusciva a sentire il gelo sciogliersi tra le mani. Si stava domandando che cosa avrebbe scelto lei, da brava moglie, in questa cerimonia di preparazione. Voleva bere un Martini dry, le piacevano solo le bevande dolciastre. Però il Martini implicava la presenza di un'oliva fluttuante. Ha cercato nella dispensa e nell'armadio, ma non ha trovato il barattolo. No, in un Martini secco doveva per forza esserci un'oliva. Ha deciso quindi di uscire a comprarle. E' uscita dalla porta sul retro, così da non recare ulteriore disturbo alla conversazione in atto.

Ao fechar a porta chegou a escutar música da sala. Prova-velmente o ambiente relaxara. Desceu à rua e foi direto à mercearia conhecida. O português respondeu-lhe então que não havia mais azeitonas, seu estoque se acabara. Aflita, ela atravessou a avenida e tentou encontrar o produto outra loja, mais careira. A moça forneceu-lhe resposta semelhante, quer dizer, não, não tinha mais azeitonas. "Ora bolas, por que é que eu preciso tanto de azeitonas para preparar um drinque se o importante é só..." — Cíntia conjecturava, não sem deixar de correr até o supermercado, onde, sabia, havia um setor variado de produtos de delicatessen. Lá com certeza estariam dispostas sobre a prateleira diversos tipos, diversas marcas de azeitonas até mes-mo aquelas recheadas à ia grega. Flávio escutava música com o garoto de programa. Que disco teria posto na vitrola? No ínfimo instante que a separou da área de serviço, do átimo em que fechou a porta dos fundos, mal conseguiu escutar a música. Se perguntou então se seria o disco que ela tinha lhe dado de pre-sente de aniversário, jutamente em agosto passado, há três meses. Cíntia achava, no entanto, que um presente não precisa ser dado em datas festivas, mas em momentos inesperados, quando se passa por uma loja e se surpreende um objeto que lembre a pessoa amada ou o amigo. E ela tinha visto o disco de Maria Betânia que Flávio manifestara uma noite vontade de comprar. Um disco gravado ao vivo, ali naquela loja do shopping novo. Pediu para o vendedor botar, e a música desceu oleosa pelo ambiente inteiro, escorrendo para a rua com sua escuridão entremeada de lampejos. "Essa música é pra ele, é pra nós, nós que voltamos a nos casar faz pouco tempo, depois que cinco anos de convivência nos fizeram crer, aos dois, que o sentimento tinha simplesmente terminado, sem qualquer possibilidade de recuperação." Era esse o disco que Flávio colocara na vitrola para o garoto de programa, não por crueldade, mas tão-somente por-que, dado o embaraço inicial, fora o primeiro que tinha encontrado à mão.

O rapaz o olhava com o canto dos olhos. Pareceu, de repente, mais envergonhado que ele. Chegou a abaixar a cabeça e a juntar as palavras das mãos no instante em que ele pôs a música, que se ergueu coleante, espiralante como a fumaça de um cigarro que ainda não fora aceso por nenhum dos dois, mas que Flávio tratou logo de oferecer. "Eu não fumo, obrigado", foi a resposta do outro lado. Não fuma — Flávio pensou meio contrariado e apanhou um maço, largado na mesa de centro, como o disco no chão, e tirou um cigarro. Tomava tempo antes de dizer alguma frase estúpida como minha mulher está demorando com os drinques, estúpida já que o garoto nem sequer bebia.

Prima di chiudere la porta ha sentito della musica proveniente dal salotto. Probabilmente l'atmosfera si era riscaldata. E' scesa lungo la strada diretta al solito alimentari. Il tizio portoghese ha detto che purtroppo non aveva più barattoli di olive, la sua scorta era già terminata. Sconfortata, ha attraversato la strada per ricercare in altro negozio, ma è stato tutto inutile. La commessa le ha dato più o meno la stessa risposta. “ Cavolo, ma perché mai dovrebbe essere fondamentale avere a disposizione delle olive per preparare un drink se in realtà la cosa importante è.. – stava ipotizzando Cíntia, non senza smettere di andare in direzione del supermercato, dove sapeva esserci uno scompartimento molto variegato di prodotti confezionati. Lì avrebbe certamente trovato diversi tipi e diverse marche di olive tra gli scaffali, tra cui quelle greche a cui stava dando disperatamente la caccia. Flávio nel frattempo stava ascoltando un po' di musica con il ragazzo della lista. Chissà che disco aveva scelto? Non era riuscita a distinguere la canzone nell'infinitesimo istante che la separava dall'area di servizio, nell'attimo in cui era uscita dalla porta sul retro. Si stava domandando se si fosse per caso trattato dello stesso cd che lei gli aveva regalato in occasione del suo compleanno, precisamente lo scorso agosto, tre mesi fa. Cíntia riteneva che non dovrebbero esserci delle occasioni prestabilite in cui fare dei regali, ma che anzi, questi dovrebbero nascere da un gesto spontaneo, quando, passando davanti a una vetrina, ci salta agli occhi un oggetto che ci fa pensare alla persona amata o all'amico. Lei aveva visto il disco di Maria Betânia e le era venuto in mente che Flávio le aveva confidato di volerselo comprare. Un disco registrato dal vivo, lì in quel nuovo centro commerciale. Aveva chiesto al venditore di farglielo sentire, e subito la musica aveva pervaso tutto, scorrendo attraverso la strada scura illuminata dalle luci dei lampioni. “ Questa è la musica perfetta per lui, per noi, per noi che ci siamo sposati pochi mesi fa, dopo che cinque anni di convivenza ci avevano portato a pensare, che l'amore fosse finito, senza nessuna possibilità di ritorno. “ Era proprio quello il disco che Flávio aveva messo per il ragazzo della lista, non lo aveva fatto con malizia, ma era stata una decisione dettata dal momento di imbarazzo iniziale. Aveva semplicemente preso il primo disco che gli era capitato tra le mani.

Il ragazzo intanto lo stava scrutando con la coda dell'occhio. All'improvviso era lui a sentirsi a disagio. Ha abbassato la testa e ha cominciato ad intavolare discorsi a caso nell'istante in cui era partita la musica, che si stava spargendo sinuosamente, si alzava come il fumo di un sigaro che ancora non era stato acceso da nessuno dei due, ma che Flávio gli aveva gentilmente già offerto. “ No, grazie. Io non fumo “, è stata la risposta del ragazzo. Non fuma – ha pensato allora Flávio un po' contrariato, ha afferrato una scatoletta, da cui ha estratto una sigaretta. Si è preso un po' di tempo prima di dover pronunciare qualche altra frase di convenienza e inutile, come, mia moglie non ha ancora finito di preparare i drink, visto che il ragazzo aveva già detto che non voleva nulla da bere.

Com o vidro de azeitonas dentro do saco da delicatessen, Cíntia sentiu alívio ao escutar a música na vitrola. Não era o disco que ela dera de presente para Flávio, mas um desses que ele tinha comprado ultimamente na cidade. Tratou de preparar o uísque do marido primeiro, já que ela demorara tanto na rua. Com a dose na mão, no limiar da porta da cozinha, subitamente se deu conta de que se esquecera do que o rapaz pedira. Martíni, acho que foi martíni. Ele tem cara de que só gosta de bebidas doces. Voltou e preparou um martíni.

— Que demora com esses drinques... — Flávio reclamou.

O ambiente na sala continuava pesado. Um cheiro forte de fumaça sufocava. As janelas não tinham sido abertas.

— Mas eu não bebo... — o garoto disse sem, no entanto, deixar de apanhar o copo das mãos de Cíntia.

— Ele disse que não bebia, Cíntia — Flávio a repreendeu a mulher e se deu conta de que nem sequer sabia o nome do garoto.

— Flávio — ele respondeu e Flávio estourou numa garga-lhada forçada.

— Eu também, eu também me chamo Flávio. Quer dizer que somos xarás!

O rapaz sorriu sem graça. Cíntia permanecia parada em pé, em frente aos dois até que, de repente, tossiu e reclamou das janelas fechadas.

— Abre então — Flávio, o marido, ordenou. Mas ela não se moveu, só a incomodava o chiado da agulha no selo do disco.

— Olha aqui — Flávio, o michê, finalmente se levantou. — Eu não posso ficar perdendo meu tempo, não.

— Não, espera! — o outro Flávio disse erguendo a mão.

Cíntia então correu à cozinha. Não se lembrava mais o que queria beber. Que situação embaraçosa, meu Deus! O Flávio, o Flávio. Da sala vieram um ar fresco e música. Ah, o disco com que ela o tinha presenteado! Até que enfim ele cometeu o ato infame! Cíntia se serviu de uísque puro e virou a dose de um gole só. Ouviu então a voz de Flávio que a chamava. Não, ela não queria ir. O garoto era bonito, mas ela não queria entrar mais na sala. Refugiou-se no quarto de empregada. Por que — ela se perguntava toda encolhida na cama — o tédio do casamento tinha levado Flávio

Con il barattolo di olive dentro il sacchetto della spesa, Cíntia ha avvertito un po' di sollievo, quando è riuscita a distinguere la melodia. Non era il disco che gli aveva regalato, bensì era uno di quelli che aveva comprato in centro negli ultimi tempi. Per prima cosa ha preparato il whisky del marito, per rimediare all'attesa dovuta alla ricerca delle olive. Le è venuto in mente, mentre si accingeva ad entrare in cucina con il barattolino in mano, che si era completamente scordata cosa volesse da bere il ragazzo. Martini, penso volesse del Martini. Ha la faccia di chi beve solo bibite dolci. Si è girata per prepararne uno.

— Ma quanto ci mette a portare da bere.. — si è lamentato Flávio.

In salotto si respirava ancora un'aria pesante. Aleggava una cappa di fumo. Le finestre erano rimaste chiuse.

— Ma io non bevo.. — ha ribadito il ragazzo ancora una volta, rifiutando il bicchiere che Cíntia gli stava porgendo.

— Ti aveva già detto che non beveva, Cíntia — l'ha ripresa Flávio, rendendosi conto solo allora, che non sapeva nemmeno come si chiamava.

— Flávio — ha risposto lui e Flávio si è sforzato di ridere.

— Anche io mi chiamo così. Siamo omonimi!

Il ragazzo ha sorriso senza alcuna allegria. Cíntia era in piedi, immobilizzata, di fronte a loro. Ad un certo punto ha cominciato a tossire, lamentandosi che le finestre erano chiuse.

— Aprile allora — le ha ordinato il marito. Ma lei non si è mossa da lì, era troppo infastidita dallo stridore del disco.

— Guarda qui — dicendo così, Flávio il vecchio, si è alzato.

— Io non posso continuare a perdere tempo in questo modo, non posso.

— No, aspetta! Ha esclamato il secondo Flávio alzando la mano.

Cíntia era già corsa in cucina. Non si ricordava neanche più cosa doveva bere. Che razza di situazione, mio Dio! Non un Flávio, ma ben due. Dal salotto proveniva un misto di aria fresca e musica. Ah, il disco che gli aveva regalato! E alla fine si era lasciato andare a quell'atto infame! Cíntia si è servita un whisky puro e lo ha bevuto in un sorso solo. Sentiva Flávio, che la stava chiamando dal salotto. No, lei non sarebbe di certo tornata di là. Il ragazzo era molto bello sì, ma lei

àquela cena ridícula? Alguém abriu a porta da cozinha. O grito subiu-lhe à garganta, mas ela o conte-ve. A silhueta do rapaz surgiu no limiar. Não, ela não podia, ali, no quarto de empregada, não.

— Eu preciso de mais um drinque.

— Tá bem — Flávio suspirou.

Cíntia saiu do quarto, sentiu o cheiro do corpo dele e se serviu de martíni com muitas azeitonas. O marido apareceu já meio bêbado na cozinha, o cigarro no canto da boca e a agarrou com violência. Ela não mostrou qualquer resistência. Parecia só desejar comer as azeitonas embebidas em martíni, que catava de dentro do copo. Gargalhava enquanto era levada por Flávio-marido para o quarto. Flávio-michê os seguia.

Ao chegarem no quarto, Cíntia rompeu num ataque histérico. O marido e o parceiro tiravam a roupa e se punham ao lado dela no leito. Flávio-marido tentou pôr um filme pornô no videocassete para ver se a acalmava, ou melhor, se a transferia do canal colérico para o da perfeita sintonia sensual. Inútil: Cíntia caiu em prantos. Flávio-michê então emitiu sua opinião:

— Acho besteira continuar. Olha, faz uma coisa? Vocês me pagam só a metade, tá legal?

Foi nesse exato momento que a cama veio em auxílio de Cíntia ou justamente abalada em suas bases por seus gritos e convulsões, desabou no chão com evidente estrondo. Só aí Flávio-marido concluiu ser totalmente infrutífera sua aventura daquela tarde abafada de sábado. Pagou meia tarifa ao profissional, agradeceu-lhe com a polidez originária do colégio de jesuítas e fechou a porta não sem certo alívio. A situação tinha se mostrado de um ridículo extremo. Por isso ficou parado uns instantes perto da porta com receio de avançar para dentro de casa, onde um silêncio constangedor abrangia tudo. Cíntia o odiaria agora. Ela estaria soluçando ainda restos de pranto convulsivo ou apenas amargando retrospectivamente a cena que ele armara de modo tão canhestro e indesculpável? Não haveria perdão para ele. O casamento tinha terminado com aquele tombo da cama no chão que ressoava em sua memória. Entrou. Finalmente criou coragem e entrou no quarto.

in quel salotto non ci voleva più entrare. Ha cercato rifugio nella camera della domestica. Perché – si stava domandando tutta rannicchiata nel letto – perché la noia che era subentrata nel loro matrimonio, aveva portato Flávio ad andare a quella cena ridicola? Qualcuno ha aperto la porta della cucina. Un grido le stava salendo nella gola, ma è riuscita a trattenersi ancora una volta. La sagoma del ragazzo è comparsa sulla porta. No, lei non avrebbe mai potuto, proprio lì, nella camera della domestica, no.

— Ho bisogno di un altro drink.

— Va bene — ha aggiunto Flávio sospirando.

Cíntia è uscita dalla camera. Dopo aver sentito il suo profumo, si era affrettata a prepararsi un altro Martini con tante olive. Il marito ha fatto il suo ingresso in cucina già ubriaco, con la sigaretta nell'angolo della bocca, e l'ha afferrata con violenza. Lei non ha opposto alcuna resistenza. Sembrava non desiderasse altro che mangiare le olive imbevute nel martini, galleggianti dentro al bicchiere. Rideva mentre Flávio la portava verso la camera. Flávio-piccolo li stava seguendo.

Appena entrati in camera, Cíntia si è lasciata andare ad un attacco isterico. Il marito e il ragazzo si sono spogliati, per poi distendersi vicino a lei. Flávio-marito ha provato a calmarla con una videocassetta porno, o per meglio dire, ha tentato di far incanalare tutta la sua rabbia in sfogo sessuale. Inutilmente: Cíntia ha cominciato a piangere. Flávio-piccolo è allora intervenuto:

— Credo sia inutile continuare. Ascoltatemi, facciamo così. Mi date la metà dei soldi pattuiti, va bene?

E' stato proprio in quel preciso istante, che il letto è venuto in soccorso a Cíntia: le doghe erano state profondamente danneggiate dalle grida e dalle convulsioni, ed è quindi finito a terra con un gran frastuono. Solo in quel momento, Flávio-marito ha compreso che l'avventura di quella notte afosa non si sarebbe conclusa come aveva programmato. Ha pagato la tariffa dimezzata al ragazzo, ringraziandolo con il pudore tipico trasmesso nei collegi gesuiti, e ha chiuso poi la porta, non senza provare un certo sollievo. La situazione era diventata troppo ridicola. E' rimasto ancora immobile per alcuni secondi, rifiutandosi di rientrare in casa, dove aleggiava un silenzio pesante. Cíntia lo avrebbe sicuramente odiato con tutta se stessa. Forse in quel momento stava ancora piangendo le ultime lacrime del suo pianto disperato, oppure stava ancora ripensando a quella cena alla quale lui aveva partecipato così maldestramente e ingiustificatamente. Non lo avrebbe mai perdonato. La fine del matrimonio era stata sancita con quel tonfo del letto sul pavimento, che non la smetteva di

Cíntia dormia. Os pés da cama ao chão, a cabeceira sobrevivente soerguida e os reflexos televisivos sobre o seu rosto. Sons de gemidos e sussurros arfantes. Flávio se sentou so seu lado e ia moveu um músculo do rosto.

O domingo foi preenchido com um almoço de família, um jogo de futebol para Flávio e um de biriba para Cíntia com os unhadados e finalmente um filme na televisão. Nenhum comeu-álrio sobre "aquilo" veio incomodar a presença de um diante do outro. A semana recomeçou sensaborona quotidiana, afora alguns aborrecimentos com a empregada antiga e a arrogância do novo chefe de Flávio. Lá pela quarta-feira é que ele demorou a voltar para casa. Tomou chope num bar da cidade, fez hora, estacionou longe e veio caminhando cheio de pensamentos in quietos. A vida com Cíntia tinha se tornado sem graça. Mesmo a perspectiva de filhos não lhe trazia nenhum alento novo. Pirralhos gritando e circulando pela casa, remexendo nos seus livros, nos seus discos, atrapalhando o ansiado sono que obliterava — quando sonhos malsãos não resolviam atormentar sua alma ainda mais —, a imagem do chefe, o gordo Ribeiro que, com as mãos miúdas, o reprimendava. Não, nada de pirralhos. As massagistas, que uma época começara a freqüentar, não o satisfiziam e a amante — ou melhor, "o caso" arrumara no escritório era toda exigências, sufocante. Cíntia era terna sim, in como o fora desde que se noivaram, mas faltava condimento em sua vida presente, ensombrecida pela perspectiva insípida da monogamia.

Na esquina (os grandes acontecimentos em geral nascem nas esquinas) foi acometido de uma ousadia brutal: dirigiu-se ao orelhão, tirou um papelzinho do bolso do paletó e telefonou para o seu homônimo: Flávio. Ele tinha um conjugado onde recebia clientes. De volta para o carro estacionado, lembrava de suas formas helênicas e de seu sorriso apolíneo-dionisíaco. Não, só havia um remédio para sua insatisfação imediata: o coro daquele rapaz de sábado.

Cíntia abriu o jornal. Procurou a seção de classificados. O dedo foi percorrendo então todos os nomes da seção "Acompanhantes" até estacar em cima do nome Flávio: gato, 20 anos, corpo atlético, bem dotado, liberal, atende tb. casais. Você não vai se arrepender — dizia ainda o anúncio. Ali estava ele, o xará de seu marido, o garoto de pernas fortes, o torso moreno, o sorriso agridoce. Dai ela se perguntou por que o buscava depois daquela tarde sufocante e nublada de sábado,

risuonargli nella testa. Si è deciso a tornare dentro. Finalmente ha trovato il coraggio di entrare in camera.

Cíntia stava dormendo. I piedi del letto sul pavimento, che era sorretto solo dalla testiera, fortunatamente sopravvissuta all'urto, e i riflessi della televisione sul suo viso. Gemiti e sussurri affannati. Flávio si è seduto di fianco a lei, non riusciva a muovere un muscolo del viso.

La domenica l'avevano occupata con un pranzo di famiglia, una partita di calcio di Flávio e una biriba di Cíntia con i cognati, e poi con un film in tv. Nessun tipo di riferimento a quello che era successo. Con la nuova settimana è ricominciata anche la loro normale quotidianità, a parte per alcuni fastidi con la vecchia domestica, e per l'arroganza del nuovo capo di Flávio. Era giovedì quando quest'ultimo, però, si è rifiutato di far ritorno a casa. Si è fermato a bere una birra in un bar in città fino a tardi, continuava a camminare avanti e indietro, preso dai suoi pensieri inquieti. La vita con Cíntia era appassita completamente. Nemmeno la prospettiva di avere dei figli dava loro un po' di ossigeno. Marmocchi urlanti che corrono per casa, che mettono le mani sui suoi libri, sui suoi dischi, disturbandogli il già tanto tormentato sonno. – quando i peggiori incubi non ne volevano sapere di smettere di lacerargli l'anima -, l'immagine del capo, il gonfio Ribeiro che lo rimproverava con le sue mani sottili. No i bambini no. Le massaggiatrici, che aveva frequentato per un periodo di tempo, non lo avevano soddisfatto abbastanza, e l'amante - o meglio, " la segretaria " - che gli metteva in ordine lo studio era troppo esigente, troppo soffocante. Cíntia era dolce, lo era sempre stata da quando si erano fidanzati, ma mancava un pò di pepe nella loro vita attuale, adombrata dalla prospettiva insipida della monogamia.

All'angolo (gli avvenimenti più importanti di solito hanno sempre inizio agli angoli delle strade) è stato assalito da un impeto improvviso: si è diretto verso la cabina telefonica, ha tirato fuori una scheda dalla tasca del cappotto, e ha telefonato al suo omonimo: Flávio. Aveva uno studio dove riceveva i clienti. Mentre si stava dirigendo verso la macchina, non poteva fare a meno di pensare alla sua fisionomia ellenica e al suo sorriso apollineo-dionisiaco. C'era solo una soluzione per il suo senso di insoddisfazione attuale: il corpo di quel ragazzo di sabato.

Cíntia stava sfogliando il giornale. Ha cercato la sezione dei classificati. Con il dito ha percorso tutti i nomi della lista " Accompagnatori " fino ad imbattersi nel nome di Flavio: bello, 20 anni, corpo atletico, ben dotato, generoso, accetta anche persone sposate. Non te ne pentirai – continuava l'annuncio. Era proprio lì, l'omonimo di suo marito, il ragazzo dalle gambe muscolose, il petto abbronzato, il sorriso agrodolce. Si stava domandando il motivo per cui lo stava cercando

em que os três pareciam se espremer, se embolar dentro de um apartamento que não era tão pequeno assim, mas que de repente adquiriu as dimensões de uma cabine de elevador? E o seu martíni seco cheio de azeitonas porosas lhe sabia agora repelente,' como um remédio desnecessário. Cíntia se jogou sobre as folhas sujas do jornal. Não conseguira fazer sexo com Flávio por duas semanas. Só então as relações se abrandaram, se aplainaram. Ele pareceu carinhoso novamente. Então ela acariciou os jornais como um luva de pelica. Só um filho ou filhos, muitos, os salvariam da crise. Muitos bebês preenchendo a sala, os quartos, todos os cômodos, inundando a casa de alvoroço. Cíntia se ergueu, abraçou os joelhos e se perdeu em devaneio. A empregada veio e ipanhou os jornais, que já voavam ao vento. Cíntia a interceptou ralhando. A pobre não entendeu por que madame só estava interessada na seção de classificados e sumiu cozinha adentro. Cíntia esquadrinhou esbaforida o verbete "acompanhantes" e sorriu bacante ao descobrir o nome do marido, um gato de apenas vinte anos oferecendo seu corpo.

"Eu estava atendendo cliente", ele se justificou quando ela entrou na quitinete.

"Claro. Ele atende outros clientes", Cíntia concluiu não sem se envergonhar um segundo após seu ciúme absurdo. Ele era um garoto de programa. A palavra prostituto ameaçou chegar ao limiar de sua consciência, mas ela a repeliu. Flávio então ainavelmente disse-lhe que se sentasse. Cíntia tremia, apesar da tentativa do rapaz de profissionalmente deixá-la à vontade.

— Você tem martíni seco?

— Não. Desculpe. Só tenho cerveja.

— Vá lá.

"Como seria ela ou ele que esteve aqui antes de mim?"

Cíntia observou a cortina encardida, a parede descascada e uma reprodução de Dali na parede. Flávio trouxe a cerveja.

Quando estavam na cama, o telefone tocou na saleta. Flávio fez um movimento para atendê-lo.

dopo quella serata afosa e uggiosa di sabato, nella quale i tre sembravano essersi oppressi a vicenda, s'erano sentiti come soffocare in un appartamento che non era poi così piccolo, ma che di colpo aveva preso le dimensioni di un ascensore. E il suo Martini liscio pieno di olive porose le sembrava avere ora un che di repellente, aveva l'aspetto di un inutile rimedio. Cíntia è rimasta un po' a giocherellare con i fogli sudici del giornale. Non riusciva a fare sesso con Flavio già da due settimane. E' così che le relazioni finiscono per rovinarsi, si appiattiscono. Sembrava essere ritornato improvvisamente affettuoso. Accarezzava i giornali come fossero dei guanti di pelle. Solamente un figlio, o dei figli, tanti, l'avrebbero salvata da questa crisi. Tanti bambini che riempiono il salotto, le camere, i mobili, inondando la casa con un po' di trambusto. Cíntia si è alzata, abbracciandosi le ginocchia, per poi ritornare a perdersi nei suoi vaneggi. Quando è arrivata la colf per mettere in ordine i giornali, che avevano già cominciato a svolazzare al vento, Cíntia l'ha sentita borbottare qualcosa. La poveretta non riusciva a capire perché la signora fosse così interessata alla sezione degli accompagnatori, ma ha fatto rientro in cucina senza dire una parola. Cíntia stava fissando con evidente affanno la parola "accompagnatori" e si è lasciata scappare un sorriso spento nel leggere lì il nome del marito, un ragazzotto di appena vent'anni, che offriva il suo corpo.

"Stavo aspettando un cliente", si è giustificato lui quando lei è entrata nello stanzetta.

"Ovvio. Forse ti aspettavi un altro tipo di cliente", ha detto Cíntia, non senza provare una certa vergogna per l'ondata di gelosia che l'ha assalita un secondo dopo. Era un ragazzo della lista. La parola prostituto stava per far ingresso nella sua coscienza, ma è riuscita a scacciarla via appena in tempo. Nel frattempo Flávio le ha detto gentilmente di accomodarsi. Cíntia stava tremando, nonostante il tentativo professionale del ragazzo di farla sentire a suo agio.

— Hai del martini liscio per caso?

— No. Mi dispiace. Ho solamente della birra.

— Va bene lo stesso.

"Chissà com'era la lei o il lui che erano seduti qui prima di me?"

Cintia si è soffermata a guardare la tenda sudicia, la parete scrostata e una copia di Dali sulla parete. Flávio le ha portato la birra.

Appena entrati in camera, hanno sentito il telefono squillare dalla saletta. Flávio ha fatto come il gesto di occuparsene. Ma il telefono ha smesso in quel momento di suonare, e si è sentita

O aparelho daí parou, e unia voz chiou da secretária eletrônica. Cíntia empurrou-o: era nívio, o marido! Não tinha dúvida!

— Foi o Flávio que veio aqui antes de mim?

— Flávio sou eu.

— Meu marido, porra!

— E, tá a fim de marcar outro encontro.

— Outro encontro?! — e aqui Cíntia caiu em um pranto que beirava a histeria.

— Olha aqui: se você vai recomeçar toda aquela lenga-lenga de novo, são vinte e cinco reais agora pelo meu tempo perdido.

Cíntia se acalmou. Se ergueu da cama, se duas notas de dez e uma de cinco da bolsa. A vestiu e tirou chegar em casa, encontrou Flávio sentado na poltrona de espaldar alto da sala, as pernas estiradas, o olhar distante. Sem sequer dar um "oi", Cíntia sentou-se no sofá ao lado e percebeu com o rabo do s olhos que o marido não esboçou a menor reação, é repente ele se levantou e foi esquentar café na cozinhat, que de voltou e acendeu um cigarro.

— Eu preciso te dizer uma coisa. Eu estou apaixonada por outro homem.

Flávio recebeu a frase como se fora um comunicado do noticiário vespertino. Deu uma baforada, sernicerr os olhos e bocejou.

— Então acho que devíamos casa. víamos convidá-lo para jantar aqui

— Você está louco? então você não me ama mais? Será que nemoa menos você tem um acesso de ciúmes? Não me bate, não me espanca, não grita, não.. nada?

— Você não acha que a gente devia convidar ele pra jantar meu amor? Uma noite dessas?

— Acho absurdo.

Flávio, porém, não viu absurdo algum na idéia. Retrucou, que Flávio, o outro (finalmente nomeou-o) um rapaz tosco, de subúrbio ou da província que necessitava aprimorar os seus hábitos para melhor se adaptar a uma mulher como ela, que apesar de não ter tido uma educação como a dele, de Zona Sul, não deixava de pertencer a uma família respeitável do Grajaú.

una voce in segreteria. A Cíntia è venuta la pelle d'oca: era Flávio, il marito! Non aveva dubbi!

— Flávio è stato qua prima di me vero?

— Sono io Flávio.

— Ma no io parlo di mio marito!

— Eh si, dovevamo metterci d'accordo per un altro incontro.

Un altro?! — Cíntia è crollata in un pianto isterico.

— Stammi bene a sentire, se hai intenzione di ricominciare la solfa dell'altro giorno sappi già che sono 25 reis per il mio tempo sprecato.

Con quelle parole, Cíntia è riuscita a calmarsi. Si è alzata dal letto, si è vestita e ha tirato fuori due banconote da dieci e una da cinque dalla borsa. Al suo rientro a casa ha trovato Flávio seduto sulla poltrona con lo schienale alto, in sala, le gambe distese e lo sguardo perso. Senza neanche dirgli “ ciao “, Cíntia ha preso posto nel divano al suo fianco e ha percepito con la coda dell'occhio che suo marito non ha dimostrato la benché minima reazione alla sua vista. A un certo punto lo ha visto alzarsi di scatto per andare a riscaldare il caffè in cucina, per poi ritornare ad accendersi una sigaretta.

— Ti devo dire una cosa. Mi sono innamorata di un altro.

Flávio ha appreso la notizia con lo stesso trasporto con cui ascolta quelle del telegiornale. Ha sbuffato, semi chiudendo gli occhi, e si è lasciato andare ad uno sbadiglio.

— Credo che dovremmo invitarlo qui a pranzo allora.

— Tu sei matto! Non mi ami più quindi? Non provi neanche un minimo di gelosia nei miei confronti? Non mi picchi, non tiri calci, non urli, niente di niente?

— Ma tu non pensi che dovremmo invitarlo qui a mangiare amore mio? Una di queste sere?

— Lo trovo completamente assurdo.

Flávio, dal canto suo, non la trovava per niente un'idea assurda. Ha replicato che, l'altro Flávio (finalmente è riuscito a nominarlo), era un ragazzo rozzo, di periferia, un provinciale, che aveva bisogno di raffinare le sue abitudini per riuscire a stare accanto ad una donna come lei, che nonostante non avesse ricevuto un'educazione come la sua, quella della Zona Sud per intenderci,

— Você é um cínico! Você esteve lá antes de mim e ainda telefonou outra vez pra marcar outro encontro! — e desatou a chorar novamente. Flávio a recolheu nos braços e a conduziu a quarto. Trouxe-lhe um calmante.

— Afinal você está ou não está apaixonada?

— Não sei, não sei — ela soluçou até adormecer.

Na quinta-feira seguinte, quer dizer, uma semana depois, Flávio chegava no apartamento 702 daquele mesmo prédio em Copacabana onde estivera numa nevoenta e abafada tarde de sábado. Cintia estava maquiada, bem vestida. Flávio, o marido, recebeu-o simpático. Ele entrou com mais cerimônia do que na tarde de sábado. Tinha vestido sua melhor roupa, presente de uma bicha velha, na melhor butique do Rio. Tomaram drinques e conversaram sobre temas variados, sem jamais tocar nos encontros anteriores. Às dez horas foram para a mesa iluminada à luz de velas. A empregada tinha sido evidentemente dispensada. Cíntia serviu a entrada — uma galantine de salmão — e Flávio-marido abriu a garrafa de vinho.

— Você disse a primeira vez que nos encontramos que não bebia...

— Não bebo em serviço.

Riram mas logo que se fez silêncio um embaraço caiu sobre a mesa e seus convivas.

— Brindemos — Flávio-anfitrião tratou de reesquentar a conversa.

Em seguida vieram o lombinho de porco com farofa de ameixa,¹⁴ o arroz à grega, a sobremesa, o café e os licores.

A tarde de sábado se afastara pesada e cinzenta como nuvem de chuva, deixando livre os sopros quentes da noite de hoje. Flávio sentava-se e deitava-se entre Flávio e Cintia no sofá sob risos.

Saiu de lá no dia seguinte. Cedo, porque Flávio-marido tinha reunião de trabalho. Cíntia beijou-o calorosamente na porta. Ele tinha tido uma noite inesquecível e só pediu o dinheiro do táxi.

¹⁴ FAROFA DE AMEIXA, comida típica brasileira, feita de farinha de mandioca.

apparteneva comunque a una delle famiglie più rispettabili del comune di Grajaú.

— Sei così cinico! Sei stato lì prima di me e stavi già richiamando per fissare un altro incontro! – Cíntia ha ricominciato a piangere. Flávio l’ha presa in braccio e l’ha portata in camera. Le ha preparato un calmante.

— Allora ti sei innamorata?

— Non so, non so — ha bisbigliato lei tra i singhiozzi, per poi addormentarsi.

Il giovedì seguente, ossia, una settimana dopo, Flávio il giovane faceva ritorno all’appartamento 702, dove era già stato quell’afosa e nuvolosa sera di sabato, nello stesso palazzo a Copacabana. Cíntia era elegante e ben truccata. Flávio, il marito, lo ha accolto con gentilezza. Sembrava avesse un’aria più molto più seria rispetto alla scorsa volta. Aveva indossato il suo vestito migliore, regalo di una vecchia fiamma, preso nella migliore boutique di Rio. Hanno bevuto insieme e hanno parlato di vari argomenti, ma senza mai avvicinarsi all’episodio avvenuto lo scorso sabato. Alle dieci si sono diretti verso il tavolo illuminato dalla luce delle candele. La colf era stata abbondantemente ricompensata. Cíntia ha servito la prima portata – una tartina di salmone – e Flávio-marito ha aperto una bottiglia di vino.

— La prima volta che ci siamo conosciuti ci avevi detto che non bevevi..

— Non bevo solo quando sono in servizio.

Sono scoppiati in una risata, ma le risate sono state subito seguite da un silenzio improvviso, che ha fatto calare l’imbarazzo sopra la tavola e i suoi invitati.

— Brindiamo — Flávio l’anfitrione ha cercato così di risollevare la situazione.

Sono stati serviti in ordine, la lonza di maiale con farofa de ameixa, riso alla greca, il dolce, il caffè e i liquori.

La serata di sabato si stava pian piano allontanando, grigia e pesante come le nuvole di pioggia, facendo spazio ai sospiri caldi di quella notte. Flávio, il marito, ora si sedeva, ora lasciava Flávio e Cíntia alle loro risate sul divano.

Se ne è andato via solo il giorno seguente. Presto, poiché Flávio, il marito, aveva una riunione di lavoro. Cíntia gli ha stampato un bacio caloroso sulla porta. Aveva appena passato una notte indimenticabile, per questo si è limitato a chiedere solo i soldi del taxi.

Repetiu a visita durante três meses. Cíntia parecia plenamente satisfeita com os serviços prestados, tanto mais que exigia cada vez com mais frequência a sua presença. Quanto ao xará, prosseguia seu papel de espectador das cenas de amor entre sua mulher e ele, de cujo clímax demonstrava extrair mais prazer do que quando desempenhava cenas semelhantes com o garoto de programa. Uma noite propuseram uma espécie de contrato: a exclusividade. Certamente Flávio-michê contrapropôs uma soma vultosa, aceita sem hesitações pelo casal. É preciso saber que a proposta foi feita no limiar da porta, Flávio-marido empunhando um drinque e com um sorriso entre sibarítico e de escárnio, e Cintia fixando-o com seus óculos fora de moda e com expressão no rosto que lembrava urna gata hidrófoba prestes ao ataque. Quis. Simplesmente quis, aceitou continuar freqüentando o casal do Bairro Peixoto.

Num domingo, em que o marido tinha viajado, ele aparece de repente. Cíntia ofereceu-lhe dois martinis secos, que ago-ra ele começava a apreciar, e passaram a tarde inteira na cama. À noite, na hora de ir embora, ela pressionou seu rosto com as mãos como num estado de fúria. Beijou, mordeu-o e desabou aos seus pés. Tinha lágrimas nos olhos. "Quero que você não me deixe nunca."

— Se levanta, que bobagem.

— Quero um filho seu.

Ele se limitou a sorrir e estendeu-lhe a mão. Aquela noite recusou o dinheiro do táxi e desceu rápido pelas escadas, em vez de esperar o elevador, sem dar explicações. Apesar dessa inusitada reação, Cintia encostou-se à porta, suspirou e se lembrou com irritação do regresso do marido: "É tão bom quando ele não está aqui. É tão bom quando ele não está nos espiando..."

Às terças era costume recebê-lo, mas Flávio nem atendeu o telefone, nem apareceu. Nos dias subseqüentes, o mesmo silêncio, a mesma ausência. Na semana seguinte o número de telefone mudara.

Per i tre mesi seguenti ha continuato a frequentare regolarmente la loro casa. Cíntia sembrava pienamente soddisfatta dai suoi servizi, tanto che cominciava a volerlo lì sempre più spesso. Quanto al marito, continuava con il suo ruolo di spettatore alle loro cene amorose, dalle quali sembrava trovare più diletto rispetto alle cene a cui si recava con i ragazzi del programma. Una sera hanno proposto la stipulazione di una specie di contratto: uno esclusivo. Com'era prevedibile Flávio junior ha domandato una somma ingente, pienamente accettata dalla coppia. La proposta era stata formulata sullo stipite della porta, Flávio senior aveva un bicchiere in mano e un sorriso che oscillava tra il sibillino e lo scherno, e Cíntia lo stava fissando da dietro i suoi occhiali, ormai fuori moda, con un'espressione in viso che poteva ricordare quella di una gatta terrorizzata dell'acqua.. Lo voleva anche lui, quindi ha accettato il contratto.

Una domenica, quando il marito era in viaggio, è apparso all'improvviso. Cíntia gli ha offerto due Martini lisci, e hanno trascorso l'intera nottata a letto. Durante la notte, quando il momento della sua dipartita era ormai arrivato, Cíntia ha cominciato a comprimersi la faccia con le mani, sconvolta da un improvviso momento di rabbia. Lo ha baciato per poi finire ai suoi piedi. Aveva le lacrime agli occhi. “ Io non voglio che tu te ne vada. “

— Alzati, dai.

— Voglio un figlio con te.

Lui si è limitato a sorriderle e a tendergli la mano per rialzarla. Quella notte ha chiesto i soldi per il taxi ed ha sceso rapidamente le scale, non voleva aspettare l'ascensore, non voleva dare spiegazioni. Cíntia non ha dato molta importanza a questo strano comportamento, si è appoggiata alla porta sospirando, ricordandosi con ansia, che suo marito avrebbe fatto ritorno a casa a momenti: Si sta così bene quando lui non c'è, quando non è qui a spiarcì..”

Al martedì Flávio si recava abitudinarmente da loro, ma questa volta non ha risposto al telefono e non si è presentato. Nei giorni seguenti, il suo silenzio e la sua assenza si perpetravano. La settimana dopo ha cambiato numero di telefono.

Flávio-marido parecia contrariado, mais ansioso que ela, fumando seguidamente e não conseguindo estar num mesmo lugar por muito tempo. De madrugada ela sentia mais profundamente a sua falta. Os olhos verde-garrafa, a pele morena, o cheiro, que parecia ter impregnado para sempre o seu travesseiro, flutuavam no escuro do quarto. E se ela estivesse grávida? Abortaria? eram perguntas que se misturavam com essas imagens sensitivas de Flávio-garoto, enquanto o marido parecia fingir que dormia ao lado dela, já que não ressonava.

Ao fim de algumas semanas, Cíntia não suportou mais e foi ao conjugado dele no Leme. Ninguém atendeu. Resolveu então descer e perguntar ao porteiro, um paraíba com dente de ouro:

— O rapaz do 1012? Se mudou, sim senhora. Voltou pra Alfenas, em Minas. Parece que foi pra casá. Ouvi dizer que fez mal a urna moça e aí, já viu, né?

Flávio, il marito, appariva contrariato, più ansioso di lei, fumava continuamente e non riusciva a star fermo. Alla mattina, invece, era lei a sentire la sua mancanza. I suoi occhi verde bottiglia, la pelle scura, il suo profumo, che sembrava essersi impossessato per sempre del suo cuscino, continuavano a girare per la stanza. E se fossi incinta? Dovrei abortire? queste domande continuavano a mischiarsi alle immagini del ragazzo nella sua testa, mentre suo marito sembrava stesse fingendo di dormire sdraiato accanto a lei, dal momento che non lo sentiva russare.

Dopo alcune settimane, Cíntia non riusciva più resistere, così si è recata alla stanza di Flávio junior a Leme. Non c'era nessuno. Ha sceso le scale e ha domandato al portiere, un tipo con un dente oro.

— Il ragazzo del 2012? E' andato via signora. Ad Alfenas, Minas Gerais. Credo sia tornato a casa. Ho sentito dire che aveva fatto del male a una ragazza, cose già viste, non è vero?

3.6 AREIAS PRETAS

Em frente ao espelho d. Clotilde pôs a rede sobre o cabelo e reparou como ele se tornava menos grisalho a cada dia. Prendeu os brincos de pérolas, pingou perfume atrás das orelhas e por um momento, que julgou ínfimo, mas que afinal de contas resultou tão longo que provocou protestos do marido pela hora que ia adiantada, por um momento baralhou as jóias no pequeno pote de ágata, cada uma delas despertando uma lembrança cara. Do colar de pérolas saltou o retrato exato da mãe com que ela a presenteara: sua tez morena, seu cenho quase franzido, seus cabelos amarrados em coque, sua altivez, seu dedo em riste exigindo disciplina. Do broche de brilhantes, em forma de besouro, surgiu o marido moço, fardado de oficial de Marinha, o baile de formatura, os vestidos brancos esvoaçantes das moças e a orquestra entoando uma valsa. Dos brincos de jade, a estação de águas durante as férias dos meninos, quando a Vera Maria pegou uma bronquite e o médico recomendara uns dois meses de ar puro e dieta salutar. De uma pulseira com pedras de fantasia ela reviu Osório mais velho, quando do oitavo ano de seu casamento. " Olha, em Paris hoje em dia tem muito chique usar bijuteria...", ele como que se desculpava. O pote de ágata fazia um efeito para ela mais intenso do que o álbum de retratos, pois ele suscitava imagens inesperadas no primeiro momento, que iam surgindo à medida que ela ia manuseando as jóias, como se dali, daqueles metais e pedras se desprendesse um fumo suave que aos poucos ia adquirindo uma forma familiar, um cenário, cheiros e melodias esquecidas.

Observou então que Osório tentava com dificuldade amarrar os sapatos. Acudiu rapidamente, não sem deixar de pensar que o pobre Osório se esforçava à toa, já que sabia muito bem o quanto seu reumatismo o impedia de desempenhar qualquer esforço além do necessário ato de locomover-se. "Pronto", ela fez e acariciou-lhe o rosto com ternura, aquele rosto já tão distinto do rosto que conhecera, do guapo rapaz de outrora, oficial de Marinha, que rugas e gorduras desde anos vinham modificando. "Osório", ela murmurou ainda sob a leve carícia e beijou-lhe a testa. O marido, por sua vez, se limitou a despedir uma tênue centelha do olhar, como se, embora agradecido pela ajuda da mulher, se sentisse diminuído em sua capacidade de desempenhar um ato tão insignificante e corriqueiro como atar o cadarço.

Levantou-se a custo, tossiu, se dirigiu ao espelho oval do quarto e estudou a dentadura.

SABBIE SCURE

Di fronte allo specchio, d. Clotilde si stava sistemando la retina sui capelli, constatando così come stavano diventando ogni giorno sempre più grigi. Ha preso due orecchini di perla, si è spruzzata un po' di profumo dietro le orecchie e, solo per un momento, giudicato da lei millesimale, ma che alla fine dei conti è stato abbastanza lungo da provocare le proteste del marito per l'ora che aveva già pagato, ha mescolato i gioielli nel piccolo scrigno di agata, dove ognuno di loro riportava alla memoria un ricordo importante. Dalla collana di perle fuoriusciva l'immagine della madre, la sua precisa descrizione: la sua pelle scura, il suo viso severo, i suoi capelli raccolti nello chignon, il suo atteggiamento superbo, il suo dito sempre puntato ad esigere una certa disciplina. La spilla di brillanti aveva la forma di un maggiolino, da lì spuntava il marito, con l'uniforme da ufficiale di marina, il ballo di formazione, i vestiti bianchi delle ragazze che si muovevano svolazzanti, mentre l'orchestra suonava un walzer. Dagli orecchini di giada fuoriusciva la stagione delle acque, quando i ragazzi erano in vacanza. Quell'anno in cui la Vera Maria si era presa la bronchite e il medico ci aveva raccomandato di passare due mesi all'aria aperta seguendo una dieta sana. In un braccialetto con delle pietre colorate riusciva a intravedere Ósorio invecchiato, era l'ottavo anniversario del loro matrimonio. “Guarda, al giorno d'oggi a Parigi va molto di moda usare la bigiotteria..”, diceva lui come per scusarsi di qualcosa. Lo scrigno di agata le faceva più effetto della raccolta delle foto: da lì fuoriuscivano delle immagini inaspettate, che spuntavano fuori quando mescolava le gioie, come se, in quel movimento, dai metalli e dalle pietre si alzasse un fumo dolce che assumeva man mano una forma sempre più familiare, uno scenario, dei profumi e delle melodie ormai dimenticate.

Si è accorta solamente ora che Ósorio stava cercando di allacciarsi le scarpe. E' corsa subito in suo aiuto, non potendo fare a meno di pensare a quanto questi dovesse sforzarsi a tavola, sapendo molto bene quanto il suo reumatismo gli impedisse di compiere qualunque sforzo al di fuori dei movimenti necessari per muoversi. “Ecco fatto“, disse lei accarezzandogli il viso con dolcezza. Quel volto che era già così tanto cambiato da quando lo aveva conosciuto, quel bel ragazzo di Outreora, ufficiale della Marina, che le rughe e i chili in più avevano modificato anno dopo anno. “Osorito “ ha mormorato lei con gentilezza, baciandogli la testa. Il marito dal canto suo, invece, si è solamente limitato a guardarla con una tenue scintillio negli occhi, come se, nonostante fosse grato alla moglie per il suo aiuto, si sentisse inferiore a lei per la sua incapacità di riuscire in un'azione così insignificante e banale, come quella di allacciarsi le scarpe.

Si è rialzato con difficoltà, ha tossito, e si è diretto verso lo specchio ovale della camera,

"Vamos indo, Clotilde, que o rapaz já deve estar lá embaixo nos esperando." Clotilde tratou então de pôr os últimos apetrechos na frásqueira e verificar na mala se estava faltando alguma peça de roupa. "Vamos, vamos", ela dizia sem, no entanto, interromper o sagrado mandamento de sempre, antes de partirem em viagem, examinar minuciosamente se não havia deixado de inserir algo essencial na bagagem. Por isso, punha-se nessa posição encurvada e quase imóvel, apenas beliscando pedaços de roupa íntima ou de acessórios dispostos sobre a camada superior da mala, escutando nervosa o chamado de Osório e ao mesmo tempo aflita com a possibilidade de ardil da memória, que lhe poderia surrupiar o par de cias verde-musgo ou o cinto grená, pelo qual Osório não deiria de resmungar tão-pronto chegassem à praia de cura.

Enfim conseguiram descer — Osório, decerto, com a dificuldade que lhe ministrava o reumatismo dos últimos anos —, iliadados por Dolores, que carregava malas e o imprescindível arda-chuva, amiúde reclamado pelo patrão, e alcançar o velho Oldsmobile negro. O chofer, um rapaz contratado para a xsião, estava próximo ao automóvel segurando — como cocedor da função — a porta traseira.

— Olá, olá, seu Gonçalves.

— Bons dias, d. Clotilde, seu Osório. Que prazer ver os senhores de novo.

Dolores fez um ligeiro aceno do portão e desapareceu. Ao virar o pescoço da janela traseira para o interior do veículo, d. Clotilde pensou na boa-vida que ia levar aquela rapariga sem os dois em casa, ausentes por um mês, em Guarapari. Osório pediu-lhe um lenço. Ela abriu a frásqueira e estendeu para o marido um de seda com bolinhas, não sem antes perguntar: "Constipou-se Osorinho?" Ele apenas resmungou negativamente e levou o lenço aos olhos, suspendendo os óculos de tartaruga. Clotilde então entabulou conversa — que pretendeu animada — com o motorista. Perguntou pela família, dando ênfase aos meninos.

— E o Felisberto, já está com que idade mesmo?

— Gilberto, d, Clotilde... como meu avô.

— Ah, sim, claro, Gilberto... mas eu o vi nascer!

Osório cochilou tão logo pegaram a estrada. Clotilde pediu ao Gonçalves que diminuísse a velocidade, pois a mais leve freada ou uma curva muito fechada bastariam para interromper o sono do Osório.

dove ha controllato i denti. “ Dobbiamo andare Clotilde, il ragazzo sarà già giù che ci aspetta. “ Clotilde si è accinta quindi a mettere apposto gli ultimi attrezzi in cantina, e a controllare se si era dimenticata di mettere qualcosa in valigia. “ Andiamo, andiamo “, gli ha risposto lei senza interrompere il suo rituale segreto. Prima di partire per un viaggio, infatti, doveva sempre controllare minuziosamente di non aver lasciato qualcosa a casa. Per questo, si è chinata, curva, quasi immobile, sfiorando con la mano i pezzi della biancheria intima e gli accessori disposti nella parte superiore della valigia, di sottofondo Ósorio che la chiamava nervosamente. Si sentiva già afflitta per quello che sicuramente non le era venuto in mente di portare, che potrebbe essere il paio di calze verde muschio o grigio cenere, per il quale sicuramente Ósorio non avrebbe smesso di lamentarsi quando sarebbero arrivati alla clinica.

Alla fine sono riusciti a scendere – Ósorio, ovviamente, con la solita difficoltà dovuta ai reumatismi degli ultimi anni -, aiutato da Dolores, che portava le valigie e l’immancabile ombrello, spesso reclamato dal padrone, e hanno raggiunto il vecchio Oldsmobile nero. Il guidatore, un ragazzo contattato per l’occasione, era in piedi vicino all’automobile che assicurava – sapendo come funzionava - il bagagliaio.

— Ehilà signor Gonçalves.

— Buongiorno, d. Clotilde, signor Ósorio. Che piacere rivedervi. Dolores ha fatto loro un cenno dal portone per poi scomparirvi dentro. Mentre stava voltando la testa dal lato del finestrino verso l’interno della macchina, d. Clotilde ha subito pensato alla bella vita che avrebbe fatto la domestica con loro due via di casa per ben un mese nella città di Guarapari. Ósorio le ha chiesto un fazzoletto. Lei ha guardato nella tasca e gliene ha passato uno di seta con i pallini, non senza aver prima domandato: “ Ti sei raffreddato Ósoretto? “ Lui ha mugugnato una specie di risposta negativa, portandosi il fazzoletto agli occhi e togliendosi per un attimo gli occhiali tartarugati. Clotilde, intanto, ha intavolato un dialogo – che voleva anche risultasse animato – con il conducente. Gli ha domandato notizie della sua famiglia, soprattutto dei bambini.

— E Filiberto, quanti anni ha ora?

— Gilberto, d. Clotilde... lo abbiamo chiamato come mio nonno.

— Ah si è vero, Gilberto... l’ho visto nascere!

Ósorio si era subito addormentato alla partenza. Clotilde ha domandato allora a Gonçalves di diminuire la velocità, dal momento che la curva più lieve o una molto stretta sarebbero state sufficienti per interrompere il sonno del marito.

— Ele vem melhorando com as areias pretas, d. Clotilde?

Ela se aproximou do banco dianteiro e cochichou no ouvido do chofer:

— Qual o quê! Mas se ele acredita... Faço todas as suas vontades...

E, recostando-se no banco de trás, aconchega-se ao corpo do marido adormecido e toma-lhe a mão enrugada e sarapintada, esquecida no colo.

— Quase cinqüenta anos..., ela suspirou.

— Quase bodas de ouro!

— Vamos comemorar.

— Claro claro. E devem. Com muita festa!

— Há de ser cerimônia simples. Sem pompa.

A partir daí o silêncio recobriu trecho considerável da viagem. Só o ruído do velho Oldsmobile subindo a serra e o dos outros carros que o ultrapassavam. Clotilde abriu um pouco mais a janela, com cuidado para que o vento não perturbasse o repouso do marido, e respirou fundo o ar de montanha. Aspirou cheiro de hortências e eucaliptos e contemplou um renque de ipês amarelos. Aquela paisagem trazia, num misto de alegria e tristeza, imagens da menina de uniforme branco e azul-marinho, com uma cruz de marfim ao peito, que subia de trem de volta ao internato no alto da serra. Clotilde voltou a sentir o mesmo nó na garganta de um tempo remoto, quando a idéia de ter de voltar ao convívio das freiras, apesar do prazer em rever as colegas, e abandonar a casa paterna a desolava como a condenação a um cárcere secreto.

Almoçaram na mesma churrascaria de costume, perto de Casimiro de Abreu. Osório tinha os olhos vermelhos e inchados, bocejou longamente e perguntou o que sempre perguntava ao despertar: "Onde estamos?" Clotilde abriu o cardápio com a elegância aprendida com as freiras, deitou o pince-nez no nariz e pôs-se a esquadrihar a lista de pratos, muito embora já a conhecesse praticamente de cor. O Gonçalves ficara em sua posição de praxe, quer dizer, recostado ao capô do Oldsmobile, fumando um cigarro antes de se dirigir ao balcão e ali pedir um Bauru com cerveja, por conta de seu Osório, mas oferecido, concretamente, como de hábito, por d. Clotilde, quem zelava pelas despesas da viagem, manipulando notas e cheques de sua pequena carteira florida.

— Pensa che trarrà dei benefici dalle sabbie scure, signora Clotilde?

Allora lei si è avvicinata al posto del guidatore, e ha sussurrato al suo orecchio:

— Non si può saperlo. Ma se lui ne è convinto... Mi limito a eseguire le volontà...

E riappoggiandosi al sedile posteriore, si è accoccolata vicino al corpo assopito del marito, prendendogli la mano rugosa e ricoperta di macchie scure, appoggiata sul grembo.

— Quasi cinquant'anni... ha sospirato lei.

— Quasi le nozze d'oro!

— Le celebreremo.

— Ovvio, ovvio. Bisogna. Dovete fare una grande festa!

— Sarà una cerimonia semplice.

A partire da quel momento sono rimasti in silenzio per la maggior parte del viaggio. Si sentiva solo il rumore del vecchio Oldsmobile che avanzava tra le montagne e quello delle altre automobili che lo sorpassavano. Clotilde ha aperto un po' di più il finestrino, prestando attenzione che il vento non disturbasse il riposo del marito, così da poter respirare a fondo l'aria di montagna. Ha respirato l'odore delle ortensie e degli eucalipti per poi fermarsi a contemplare una macchia di iris gialli. Quel paesaggio le suggeriva un sentimento che avrebbe potuto definire come un misto tra allegria e tristezza. Ha distinto una ragazza in uniforme bianca e azzurro acquamarina, una croce di avorio sul petto, che stava scendendo dal treno. Quell'immagine l'ha subito catapultata nei suoi ricordi legati al suo Internato sulle montagne. Clotilde ha cominciato a sentire lo stesso nodo in gola di molto tempo fa, quando all'idea di dover ritornare al convento delle suore, nonostante il piacere di rivedere le sue colleghe e di abbandonare la sua casa, aveva come la sensazione di essere una condannata in un carcere segreto.

Sono finiti a mangiare nella solita churrascheria, vicino a Casimiro di Abreu. Ósorio aveva tutti gli occhi rossi e gonfi, ha sospirato lentamente, per poi domandare quello che domandava sempre quando si svegliava: “ Dove siamo? “ Clotilde ha aperto il menù con la tipica eleganza che le avevano trasmesso le suore, si è appoggiata il prince-nez sul naso e ha cominciato a studiare i piatti proposti, nonostante li conoscesse già a memoria. Gonçalves restava nella sua posizione canonica. Era appoggiato al muso della Oldsmobile, che si stava fumando una sigaretta, poco dopo sarebbe andato ad ordinare un panino e una birra, a nome del signor Ósorio, ma che in realtà gli

— Rabada com agrião, Osório encomendou ao garçom, um mulato de sorriso largo.

— Não há, Osório, não há, você sabe. Aqui só churrasco, não é mesmo, meu filho? Ele adora rabada com agrião...

O mulato assentiu, e o casal se contentou em dividir uma maminha de alcatra com farofa de ovo e batatas fritas. "Bem passada, meu filho, bem passada" — ela recomendou com o dedo em riste e — retirando o pince-nez.

— Será que vamos encontrar as mesmas pessoas, Osório?

— Que pessoas? Ora, Clotilde, me deixa eu tomar uma cerveja...

— Não pode, Osório, não pode. Não se lembra das recomendações do médico? E sua diabete?

— Uma ele disse que pode.

— Então peça e não me amole. Ora, que pessoas! A Mirres, o Clarindo, a..

À tarde, depois da cerveja gelada, o Osório não cochilou: adormeceu profundamente com a boca aberta. Seus roncos faziam contraponto com o ruído dos outros automóveis. Ao cair da tarde, Clotilde ofereceu um biscoito amanteigado ao Gonçalves e retirou da frasqueira uma maçã que começou a descascar. Não jantariam — pensou. O Osório que se contentasse com os sanduíches de queijo prato que a Dolores confeccionara justamente para a viagem. "É de melhor digestão."

Chegaram por volta da meia-noite e aportaram no costumeiro Hotel Avenida. Gonçalves e o porteiro auxiliaram Osório a sair do automóvel. Clotilde sapecou um tapinha no queixo do porteiro, como sempre fazia: "Mas você é mesmo a cara do meu neto". Tão logo se instalaram no quarto, Osório olhou a noite e escutou o rumor do mar, o absoluto mar bem em frente à sua janela. "O mar, meu companheiro de tanto tempo", murmurou para si. "O Osório deu para falar sozinho depois de velho", Clotilde conjecturou desarrumando a mala.

veniva offerto dalla signora Clotilde, che da sempre si occupava delle spese del viaggio, tirando fuori le carte e gli assegni dalla sua cartellina fiorita.

— Una coda di rospo con del crescione, ha ordinato Ósorio al garzone, un mulatto con un bel sorriso.

— Non c'è, Ósorio, non lo fanno, lo sai. Qui fanno solo churrasco, non è forse così, caro? Lui adora la coda di rospo con il crescione ...

Il ragazzo mulatto ha fatto cenno di sì con la testa, quindi la coppia ha deciso di dividersi una bistecca con farina di uova e delle patate fritte.

“Ben cotta, ragazzo, ben cotta“ – gli ha raccomandato lei, puntandogli il dito, e togliendosi poi il prince-nez.

— Dici che ritroveremo le stesse persone, Ósorio?

— Quali? Dai Clotilde lasciami bere una birra in pace ora...

— Non puoi bere Ósorio, lo sai. Ti sei già dimenticato di cosa ti ha detto il medico? Del tuo diabete?

— Aveva detto che potevo berne una.

— Allora bevila e non mi disturbare più. Come chi? La Mirtes, o Clarindo, la...

La sera, dopo aver bevuto la birra ghiacciata, Ósorio non ha solamente sonnecchiato: si è addormentato profondamente, con la bocca aperta. Il suo russare faceva da contrappeso ai rumori delle automobili che passavano. Al calare della sera, Clotilde ha offerto un biscotto al burro a Gonçalves, e ha tirato fuori dalla borsa una mela che ha cominciato a sbucciare. Non ceneremo questa sera – ha pensato. Per quanto riguarda Ósorio, poteva accontentarsi benissimo dei panini con il formaggio fresco, che Dolores aveva preparato apposta per il viaggio. “Vorrà dire che farà meno fatica a digerirli“.

Sono arrivati a destinazione a mezzanotte, al solito Hotel Avenida. Gonçalves e il portiere hanno dato una mano a Ósorio a scendere dalla macchina. Clotilde ha fatto una carezzina sul mento al portiere, come del resto faceva sempre: “Siete identico a mio nipote“. Poco dopo si sono sistemati nella stanza, Ósorio si era bloccato a contemplare la notte dal vetro, in sottofondo il rumore del

Quanto ao Gonçalves, antes de procurar a sua pensão, a pensão de d. Irene, respirou fundo e caminhou ao longo da avenida beira-mar. Nessas ocasiões, quando chegava, a primeira atitude que tomava era ir ao Bar Dinamene.

— Mé que é, cumpadi? — perguntou o garçom, um crioulo forte, a camisa aberta.

— Tudo em riba. Me vê uma Antártica aí bem gelada? — o Gonçalves pediu já instalado a uma mesa em plena calçada espiando o movimento.

— E tu, ô Adão?

— Num pode tar melhor, meu chapa fez o garçom abrindo a garrafa.

— Cê tem visto a Marlene por aí?

— O, Gonçalves, sabe que tem tempo que eu num vejo aquela mina?

— No duro? Pôxa..., ele fez e acendeu um cigarro.

A noite soprava uma aragem. Casais, solitários, vagabundos e pivetes ¹⁵ passeavam na avenida beira-mar. O Gonçalves, ao alcançar aquele estado nirvânico, em que se conformou de não ter encontrado a Marlene, pagou cambaleante, procurou a Pensão de d. Irene, encontrou seu quarto e se estatelou na cama, onde adormeceu acreditando ser feliz.

No salão de refeições, Clotilde buscou reconhecer algum hóspede dos anos anteriores, enquanto Osório lia os jornais. Ninguém. Que maçada! — pensou. "Será que chegamos muito cedo este ano? Muito cedo ou muito tarde? Deixe-me ver... Hoje é dia... Osório?" O marido ergueu bovinamente os olhos da folha e franziu o cenho. Não, não tinham chegado cedo. Estavam justamente no meio de julho, em plena época de férias escolares, e no ano passado, tinham chegado no início daquele mês. Mas o salão estava vazio de qualquer conhecido. Ao fundo, sentava-se um homem que ela jamais vira, muito compenetrado Imperando seu prato. mare, il mare infinito proprio di fronte alla sua finestra. "Il mare, il mio compagno per tanto tempo", ha mormorato tra sé e sé. "Ósorio ha cominciato a parlare da solo da quando è diventato vecchio", ha congetturato Clotilde mentre svuotava la valigia.

¹⁵ PIVETES, parola colloquiale brasiliana, con cui si intende i bambini che vivono per strada.

Gonçalves, invece, stava camminando sul lungomare prima di avviarsi verso la sua pensione, la pensione della signora Irene. Era solito andare al bar Dinamene appena arrivava in quei luoghi.

— Come stai compare? – ha domandato il ragazzo, un creolo robusto, con la camicia aperta.

— Tutto apposto. Mi fai un antartica bella gelata? ha chiesto Gonçalves, che aveva già preso posto a un tavolo in mezzo al selciato.

— E tu Adão?

— Non potrebbe andarmi meglio di così, vecchio mio – gli ha risposto il ragazzo mentre prendeva in mano la caraffa.

— Hai mai visto Marlene qui?

— No Gonçalves, è da molto che non la vedo in giro.

— Ma dai? Pensa te... ha risposto lui accendendosi una sigaretta.

Soffiava la tipica brezza notturna. Coppie, solitari, vagabondi e ragazzini di strada passeggiavano sulla strada fronte mare. Gonçalves era entrato in una sorte di stato nirvanico visto che non era riuscito a vedere Marlene, ha deambulato fino ad arrivare alla pensione della signora Irene, è entrato in camera e si è buttato a letto, dove ha finito per addormentarsi credendo di essere felice.

Nella sala da pranzo, Clotilde stava provando a cercare con lo sguardo alcuni degli ospiti degli anni precedenti, nel mentre Ósorio leggeva il suo giornale. Nessuno. Che peccato! – ha pensato. “Forse siamo arrivati troppo presto quest’anno? Troppo presto o troppo tardi? Fammi pensare.. Ósorio.. che giorno è oggi? Il marito ha alzato infastidito gli occhi dal giornale per indicarle la data. No non erano arrivati troppo presto. Era metà luglio, in pieno periodo di vacanze scolastiche, e l’anno scorso erano arrivati proprio all’inizio del mese. Ma nella sala non riusciva a scorgere volti conosciuti. In fondo, era seduto un uomo che non aveva mai visto prima d’ora, che stava aspettando il suo piatto con un aria molto concentrata. Dall’altro lato, vicino alla porta, una

Do outro lado, próximos à porta, uma senhora gorda e uma rapariga, que bem podiam ser mãe e filha. Bem, talvez cheguem mais tarde, daqui a alguns dias, nunca se sabe." "A comida do hotel é boa, nada de especial, mas... *légère, comme il faut*, já que como você sabe — Clotilde escrevia à filha tal de, escutando o ressonar do marido — seu pai deve obedecer a uma dieta rigorosa nesses dias de cura", omitindo com certeza a carregada refeição em Casimiro de Abreu. "Amanhã bem cedinho vamos à praia de areias monazíticas, depois de um dia inteiro nos refazendo de viagem hoje tão longa para duas pessoas de nossa idade." Beijou a carta onde estavam escritos os nomes dos netos, sobrescreveu o envelope, colocou-o e o depôs sobre a penteadeira. Observou o marido em seu sono profundo: "O Osório mudou. De fato, mudou. É outro homem". E virando-se para o espelho: "Bem, eu também... Mas mudou. Mudou em tudo, mudou de hábitos... eu não. Continuo a mesma. Ele antes nunca dormia depois do almoço. Gostava de andar, se exercitar. Era um atleta, forte, sempre bem disposto. Bem, é a idade, a idade. Mas eu não: nunca fui dada a sestas e agora tampouco".

Às quatro, sacudiu-o:

— Vamos, Osório, vamos, acorde que senão tu não dormes à noite... — Tratava-o por tu, já que era gaúcha, embora tivesse vindo para o Rio pequena.

Desceram para o salão de chá, e Clotilde reviu os mesmos hóspedes do almoço: o senhor sisudo e a senhora gorda.

— No ano passado havia mais gente.

— Quiçá tenham mudado de hotel. Ou não tenham vindo este ano.

Clotilde fez um muxoxo, e levou a colherzinha de sorvete de creme à boca.

O Gonçalves, por sua vez, persistia na busca de sua amada. Voltou ao bar Dinamene, pediu cerveja e se informou junto ao Adão.

— Nada, amigo, nada. De duas uma: ou a mina anda amancebada por aí ou então zarpou de vez daqui.

— Como zarpou? Assim sem mais nem menos, sem dizer nada?

signora molto robusta insieme a una ragazza, che potevano benissimo essere madre e figlia. “Bene, forse arriveranno più avanti, magari tra qualche giorno, non si può mai sapere.” “Qui in hotel il mangiare è buono, niente di speciale, ma ... *légère, comme il faut*, come ben sai – la sera Clotilde scriveva così alla figlia, mentre ascoltava il marito russare – tuo padre deve seguire una dieta molto severa in questi giorni di riabilitazione“, cercando quindi di evitare il cibo pesante di Casimiro de Abreu. “ Domani mattina presto ci recheremo alla spiaggia di monazite, abbiamo già perso un giorno intero per riprenderci dal viaggio, che è stato così pesante per due persone della nostra età.” Ha baciato la lettera proprio dove erano scritti i nomi dei suoi due nipotini, ha scritto l’indirizzo sulla busta, e l’ha appoggiata sopra la spazzola per capelli. Si è soffermata a guardare il marito che dormiva profondamente: “ Ósorio è tanto cambiato. E’ vero, è cambiato. E’ proprio un'altra persona “. E ha aggiunto voltandosi verso lo specchio : “ Beh, io anche... Ma lui di più. E’ cambiato in tutto, ha cambiato le sue abitudini...io no. Sono rimasta sempre la stessa. Prima non si sarebbe mai messo a dormire dopo il pranzo. Gli piaceva andare a camminare, ad allenarsi. Era un vero atleta, forte, sempre attivo. Sarà l’età. Ma io non sono così: non ho mai amato i sonnellini pomeridiani, neppure adesso.

Alle quattro è andata a svegliarlo:

— Andiamo Ósorio, andiamo, devi svegliarti sennò questa notte non dormi più... - Si permetteva di dargli del tu, visto che era nativa del Rio Grande do Sul , nonostante provenisse da Rio pequena.

Sono scesi verso la sala da te, e Clotilde ha ritrovato gli stessi ospiti che erano presenti anche al pranzo: il signore dall’aria grave e la donna robusta.

— L’anno scorso c’era più gente.

— Forse hanno cambiato hotel. Oppure non sono voluti ritornare qui quest’anno.

Clotilde ha messo il broncio, e si è portata il cucchiaino con il sorbetto alla bocca.

Gonçalves, invece, non dava segni di desistere nella ricerca della sua amata. E’ tornato al bar Dinamene, ha ordinato una birra e si è informato ancora con Adão.

— No, amico, non so nulla. Ci sono due ipotesi: o la ragazza si è accasata o è partita

— Come partita? Così? Senza dire nulla?

— Cumé que ela ia dizer alguma coisa pra ti se tu nunca tá aqui, porra!

— É, lá isso é verdade. Se mandou, é, vai ver se mandou mesmo...

E nem chegou a terminar a cerveja. Levantou-se e foi caminhar ao longo da praia. As ondas batiam num ritmo gostoso, embalante e do fundo escuro da noite batia uma rajada fresca. Pessoas passeavam: casais, prostitutas, vagabundos, vendedores ambulantes, pivetes. Marlene. Marlene. E o Gonçalves recordava as boas noites de julho do ano anterior com a mulata Marlene, que conhecera já faz bem uns quatro anos quando veio pela primeira vez trazer os velhos a Guarapari. Conhecera-a no bar Dinamene, ela era bonita e cheirosa, tomaram umas cervejas e depois foram dançar num clube por perto. E noites e noites cheias de amor na pensão de d. Irene. Marlene e seu sorriso, sua covinha no queixo. Gonçalves andou tanto nos pés alados de suas lembranças que nem reparou no fim da avenida, mas sentia-se esgotado. Agora teria de refazer todo o percurso. Porém as luzes de uma biosca o salvaram: com a ajuda de uma boa braminha, o caminho ia naturalmente ser mais fácil.

Foram cedo — conforme ela tinha escrito à filha e cuja carta já despachara na recepção do hotel para a praia de areias pretas. O Gonçalves estava a postos, com uma cara meio azedada, é verdade, em frente à portaria. O porteiro tratou de abrir a porta para d. Clotilde, que despejou uns níqueis na mão do moço. "Não achas que ele se parece com o Guilherme, Osório?"

— Quem? O rapazola do hotel? Ora, não, Clotilde, a mim não me lembra em nada. Você está é com saudades. Isto sim.

— Pois lá estou mesmo, e retirou da bolsa florida um retratinho que contemplou por longos minutos. O menino — não há como negar, o que é uma lástima — puxou ao pai. Quisera tivesse puxado à Vera Maria. "Mas é lindo... Não, não, o sorriso é de Vera Maria."

Na praia o Gonçalves teve que prestar auxílio carregando todos os apetrechos. E estava sentindo a barraca, a sacola com toalhas e provisões para o lanche, cadeiras, tudo mais pesado do que a ressaca de que sofria. A Marlene não dera sinal de vida. Puta. Sumira. Zarpara, como tinha dito o crioulo do botequim. Ou então estava aí amasiada com algum filho-da-puta. Era o que dava... era o que dava..., martelava para si enquanto furava a areia preta com o pau da barraca.

— Come avrebbe potuto dirtelo se tu non sei mai qui, idiota?

— Hai ragione. Forse mi ha scritto qualcosa, controllerò se mi ha spedito qualcosa...

Non ha finito nemmeno di bere la birra. Si è alzato ed è andato a camminare lungo la spiaggia. Le onde battevano forte sulla riva, con un ritmo che conciliava benissimo il sonno, e sullo sfondo scuro della notte soffiava una corrente di vento fresca. La gente passeggiava: coppie, prostitute, vagabondi, venditori ambulanti, bambini di strada. Marlene. Marlene. Gonçalves ripensava alle notti dello scorso luglio trascorse insieme alla mulatta Marlene, che aveva conosciuto ben quattro anni prima, quando era venuto per la prima volta ad accompagnare la coppia a Guarapari. Si erano conosciuti lì, era bella e profumata, avevano bevuto una birra insieme e dopo erano andati a ballare in una discoteca lì vicino, le tante notti d'amore passate alla pensione della signora Irene. Marlene, il suo sorriso, la sua fossetta sul mento. Gonçalves si era abbandonato completamente ai ricordi, tanto da non accorgersi di essere arrivato alla fine della via, si sentiva stremato. Ora sarebbe dovuto tornare indietro. Per fortuna le luci di una bettola sono accorse in suo aiuto: con l'aiuto di una buona birra il percorso sarebbe stato sicuramente meno difficoltoso.

Sono partiti presto in direzione della spiaggia scura, come aveva anticipato alla figlia nella lettera che aveva già lasciato alla reception dell'hotel. Gonçalves, che era già al suo posto di fronte alla portineria, mostrava una faccia un po' provata. Il portiere si è subito accinto ad aprire la porta alla signora Clotilde, la quale gli ha prontamente lasciato una monetina in mano. “Non trovi che sia uguale a Guilherme, Ósorio?”

— Chi? Il ragazzo dell'hotel? No Clotilde, a me non ricorda proprio nessuno. Senti la mancanza di casa. Questo è.

— Si è vero, e dicendo così ha estratto dalla borsa a fiori una foto che ha fissato per lungo tempo. Il ragazzo – non si può negare senza un certo rammarico – che assomigli al padre. Ma perché non poteva somigliare alla Vera Maria? “Ma resta comunque bello.. No, no, aveva il sorriso della Vera Maria.”

Quella mattina in spiaggia era presente anche Gonçalves a dare una mano, portando tutti gli attrezzi. Stava preparando la cabina, il sacco con le tovagliette, le provviste per il pranzo, le sedie, e tutto gli sembrava molto più pesante a causa del malessere interiore che provava. Marlene non aveva ancora dato segnali di vita. Maledetta, schifosa. Era partita, come gli aveva detto il mulatto del bar. O forse era diventata l'amante di qualche altro figlio di puttana. Era così... queste

Seu Osório a custo se sentara na cadeirinha. "Não sei se adiantam muito essas areias. A Clotilde insiste que eu tenho que esfregar bastante areia no corpo, mas no fundo, eu não acredito. A cada ano parece que o reumatismo me deixa mais paralisado." Clotilde foi se banhar. Ao fundo avistou uma mulher que se parecia enormemente com a Mirtes. Acenou. A figura distante, nebulosa ("Essa vista cansada que já não enxerga mais nada...") permaneceu imóvel. Ela se enganara. Não era a Mirtes. Alguém muito parecida. Clotilde então mergulhou até o pescoço. A água estava fria, mas ela sentia que aquilo lhe fazia bem, o médico tinha prescrito banhos frios para ativar a circulação. Mas só até o pescoço. Nunca ousara molhar a cabeça — hábito antigo. Virou-se para Osório, afundado também em um monte de areia preta, construído pelo Gonçalves, que agora se sentava ao lado dele, segurando as pernas cruzadas. Ela com a cabeça à flor da água, e ele, o marido, com o pescoço enfiado nas areias negras. "Ele vai ficar bom. Sinto que vai. É só um pouco de persis-tência, alguns anos freqüentando esta praia de cura, e o Osório vai ficar bom... Tenho certeza... Os movimentos vão voltar a ser os mesmos... Talvez ele não possa jogar tênis, como sempre jogou, contudo..."

"Me sinto um traste no meio da bosta." Osório olhou o Gonçalves ao seu lado. "E estou proibido até de fumar. De fumar, de beber, de comer doce, que diacho! A vida ficou muito sem graça..."

— O Gonçalves! parecia a primeira vez naquele ano que seu Osório se dirigia a ele.

— Me dê um cigarro, sim? Sei que eu não posso, mas agora a Clotilde não está vendo. Rápido!

O chofer tirou o maço do bolso da camisa, vigiando a velha imersa nas águas escuras e estendeu um cigarro para o patrão. Acendeu-o sempre sem deixar de espiar d. Clotilde a distância.

— Sabe, Gonçalves, eu às vezes acho que os médicos exageraram.

— Mas é claro que exageraram, seu Osório. Eu posso pegar um pouco d'água na garrafa?

— Fique à vontade. Pois eu acho um exagero. Imagine, só porque tive um probleminha no estômago me fazem logo uma lista de proibições! Nenhum cristão pode viver desse jeito!

parole martellavano dentro la sua testa, mentre perforava la sabbia nera con la punta del legno della cabina.

Il signor Ósorio si è seduto a fatica sulla seggiolina. “Non so se questa sabbia mi aiuterà a star meglio. Clotilde insiste sull’importanza di sfregarla sul corpo, ma io non ci credo veramente. Ogni anno i reumatismi mi rendono sempre più difficili i movimenti.” Clotilde, invece, era andata a bagnarsi. Le sembrava di aver visto una signora che assomigliava incredibilmente a Mirtes lì più avanti. Le ha fatto un cenno. Ma quella figura distante e sfocata (“Ormai non riesco più a distinguere niente a causa di questa vista anebbiata...”) è rimasta immobile. Si era sbagliata. Non era Mirtes. Era una che le assomigliava molto. Clotilde si è immersa nell’acqua fino al collo. L’acqua era fredda, ma le dava una sensazione di benessere. Il medico le aveva raccomandato di fare dei bagni in acqua fredda per attivare la circolazione. Ma solo fino alle spalle. Non sarebbe mai uscita ad immergere la testa – come faceva un tempo. Si è voltata a guardare Ósorio, sembrava stesse affondando in quel mucchio di sabbia nera, preparato da Gonçalves, che ora si stava sedendo al suo fianco con le gambe incrociate. Lei, con la testa appena fuori dall’acqua, e lui, il marito, infilato fino al collo nella sabbia scura. “Starà meglio. Me lo sento. Ci vuole solo un po’ di pazienza, dobbiamo solo ritornare per alcuni anni in questa spiaggia benefica, e potrà guarire... Ne sono certa... Potrà tornare a muoversi come prima... Forse non potrà più tornare a giocare a tennis, come ha sempre fatto, però...”

“Mi sento come un furfante intrappolato nel letame.” dicendo così Ósorio si è girato verso Gonçalves, che era al suo fianco. “ Mi è stato proibito anche di fumare. Non posso fumare, non posso bere, mangiare dolci, che palle! La vita è troppo insipida così...”

— Gonçalves! gli sembrava fosse quella la prima volta in un anno che si rivolgeva a lui.

— Mi daresti una sigaretta? Lo so che non posso, ma ora Clotilde non sta guardando verso di noi. Veloce!

L’autista ha tirato fuori il pacchetto dalla manica della camicia, mentre con un occhio teneva sotto controllo la vecchia galleggiante in acqua, e ha porso una sigaretta ad Ósorio. Gliel’ha accesa sempre senza smettere di guardare verso Clotilde.

— Sai, Gonçalves, a volte penso che i medici siano troppo esagerati.

— E’ evidente che lo sono, signor Ósorio. Posso prendere un po’ d’acqua?

— Certo. Beh io credo siano esagerati. Solo perché ho un problemino di stomaco mi hanno

— Mas não pode mesmo, seu Osório.

"Será que a Marlene não vai estar hoje no boteco do Adão?"

— Olha só d. Clotilde que vem vindo, o chofer advertiu.

Osório cuspiu o cigarro, que mal findava, e o enterrou nas ,ireias monazíticas.

— A água está na temperatura ideal! O que tens, Osório? I 'arece aborrecido

— O que você acha? Ficar enterrado aqui na praia não é nada agradável. "O que que ela tem que perguntar? Não vê que eu estou atirado num meio de bosta?"

— Mas tu fazes todos os anos, Osorinho... "Como ele ficou teimoso com o tempo! Como ficou rabugento! Se ainda tivesse alguma moléstia séria, mas qual o quê! Reumatismo se cura!"

— Me tire daqui. "Se se recusarem a me desencavar desse buraco, grito, ameaço, viro uma fera! Não: finalmente fez-se a minha vontade. Estão me erguendo. Sem delicadeza, é claro, pois não sabem tratar mais os velhos direito!"

Voltaram para o hotel. Na hora do alvoreço, Clotilde perquiria as mesas, em busca dos conhecidos do ano passado.

— É impossível que tu não te lembres da Rosália, aquela boa moça de Paracatu. Sofria de artrite, coitada... Tão jovem... Nau sei como isso pode dar nos jovens...

"Sabes de uma coisa? Acho que a Clotilde, na verdade, sempre foi cacete. Não sei como nunca percebi isso. Fica insistindo nas coisas! Agora cismou com esses amigos do ano passado que nem chegaram a ser amigos, mas conhecidos... Se digo isso, vai me chamar de ranzinza. Por isso não falo nada. Ah, eu não reclamo de mais nada. Quero paz e sossego neste fim de vida tão atormentado..."

— Teve três filhos. Dois morreram. RH. Problemas de sangue. Esse negócio que a

proibito tutto! Nessun uomo può vivere così!

— Sono d'accordo, signor Ósorio.

“Forse oggi Marlene andrà da Adão?”

— Guardi che la signora Clotilde sta tornando indietro, lo ha avvertito l'autista.

Ósorio ha spento la sigaretta, l'aveva a malapena finita, e l'ha nascosta alle svelte nelle sabbia nera.

— L'acqua ha una temperatura ideale! Cos'hai Ósorio? Sembri annoiato.

— Tu che dici? Di certo essere intrappolato qui nella sabbia non è proprio il massimo. “Ma che domande fa? Non lo vede che sono incastrato nel letame?”

— Ma non è una novità Ósorietto, lo fai tutti gli anni... “Come è diventato lamentoso col passare degli anni! È sempre rabbioso! Neanche fosse gravemente ammalato! I reumatismi si curano!”

— Tirami fuori di qui. “Se si azzardano a lasciarmi ancora qui in questo buco, comincio ad urlare e sbraitare come un animale feroce! Finalmente mi danno ascolto. Mi stanno facendo uscire. Senza tanti complimenti, chiaro, non si preoccupano neanche più di portare il benché minimo rispetto per gli anziani!”

Hanno fatto ritorno all'hotel. All'ora di pranzo, Clotilde stava controllando tutti i tavoli, con la speranza di scorgere qualche ospite dello scorso anno.

— E' impossibile che non ti ricordi più di Rosália, quella bella ragazza di Paracatú. Soffriva di artrite, poverina... così giovane... Non so come possa accadere una cosa simile a dei ragazzi giovani...

“Sai una cosa? Credo che Clotilde sia sempre stata così pesante a questo punto. Non so come ho fatto a non accorgermene prima. E' sempre così insistente in tutto! Adesso si è impuntata sulla storia degli ospiti dello scorso anno, che non sono mai stati nostri amici, bensì dei semplici conoscenti ... Se mi azzardassi a dirle queste cose, mi darebbe sicuramente del burbero. Per questo motivo non dico nulla. Ah, no io non la rimprovero più. Voglio solo trovare un po' di pace e serenità ormai...”

— Ha tre figli. Due dei quali sono morti. RH. Malattie del sangue. La stessa di cui soffriva

Verinha teve, tu te lembras? O Paulo tem RH positivo, a Verinha negativo. Sorte que a Mariana sobreviveu. A coitada não; perdeu dois filhos e só lhe ficou um, aquele menino que ela trouxe no ano passado. Tinha uma aparência doentia aquele rapaz, tu não achas, Osório? Ah, não Osório, não vais pedir cerveja, não. Eu te proíbo terminantemente! Rapaz! Olha aqui, rapaz! ela fez para o garçom.

"Agora deu para beber depois de velho! Que teimosia! Não, não vou me opor aos seus caprichos. Depois vai me chamar de cacete. Logo eu que sempre fui tão dedicada..."

Osório bebeu de um gole só o primeiro copo. A praia, a imersão nas areias pretas, lhe dera enorme sede. Deu um segundo e se sentiu bem. Bem com a vida. Com a vida que lhe emitia sinais de esgotamento. Areias pretas e compressas de manjerição para as articulações, pílulas para o coração, xarope para a úlcera, elixir para o fígado, baço e intestinos. Cálculo nos rins. Restrições médicas. Dietas. Abstinências. Tamborilou os dedos na toalha alva da mesa e voltou-se para a direção que Clotilde olhava. "Ah! Sempre os hóspedes! Pois será que eu não lhe faço companhia, ora que diabo!"

"É, ela! Agora reconheço que é ela: Lourdes. Aquela viúva de um juiz que morava na nossa rua em Laranjeiras! Não tenho a menor dúvida, apesar dos meus óculos".

Clotilde levantou-se sem comunicar nada ao marido, já que "quando bebe cerveja ele nem fala comigo. Me deixa tão-só, não escuta o que eu te digo.. " Ao alcançar a porta de vidro, porém, quando seu campo de visão tornou nítida a fisionomia da hóspede, d. Clotilde concluiu com desalento que não se tratava da mesma pessoa. Muito parecida, o mesmo coque nos cabelos acaju, o mesmo jeito de andar, mas não era a viúva do juiz. Ela chegou mesmo quase a abraçá-la, entretanto, estacando o gesto no ar. Sentiu então o rosto vermelho.

— Me desculpe. Me enganei de pessoa.

— Por nada, e afastou-se seca.

Clotilde voltou para a mesa acabrunhada, supondo que receberia uma reprimenda de Osório. No entanto sentou-se, e ele continuou calado, como que perplexo, mirando o vazio. "É. um egoísta. Só pensa nele."

"A Clotilde está caduca. Cismou que quer reencontrar essas pessoas. Ora, eu me lembro que havia um brotinho simpático na turma. Mas aquelas velhas... Havia um camarada muito maçante que disse ter sido da Marinha. Mas eu não me lembro dele. E olha que eu conhecia praticamente todo mundo, desde o oficialato até a... bem, havia muito marujo que, é claro, eu não

anche Verinha. Paulo ha l’RH di tipo positivo e Verinha negativo. Per fortuna che almeno Mariana è sopravvissuta. Anche a lei poverina non è andata comunque meglio: ha perso due figli, solo uno le è rimasto, quel ragazzo che era qui con lei l’anno passato. Sembrava malaticcio anche lui, non credi Ósorio? Ah no, Ósorio non puoi bere birra. Assolutamente no. Mi scusi! Mi scusi, cameriere! disse rivolgendosi al ragazzo.

“Adesso ha pure cominciato a bere da quando è diventato vecchio! Che vergogna! No, io non cederò ai suoi capricci. Mi dirà che sono una rompipalle. Io che gli sono sempre stata così devota...”

Ósorio ha bevuto in un sorso solo il primo bicchiere. La spiaggia, le immersioni nella sabbia scura, gli avevano fatto venire una sete tremenda. Dopo pochi secondi si è sentito subito meglio. Si sentiva bene. In pace con la vita, che era andata svuotandosi a poco a poco. Sabbie nere e pastiglie di basilico per favorire il funzionamento delle articolazioni, pillole per il cuore, sciroppo per l’ulcera, elisir per il fegato, la milza e l’intestino. Calcoli ai reni. Restrizioni mediche. Diete. Rinunce. Ha tamburellato nervosamente le dita sulla tovaglia chiara e si è voltato nella stessa direzione in cui stava guardando Clotilde. “Ah! Sempre questi ospiti! Forse non le faccio abbastanza compagnia io!”

“E’ lei! L’ho riconosciuta solo ora: è Lourdes. La vedova di quel giudice che abitava nella nostra stessa strada a Laranjeiras! Non ho il minimo dubbio, nonostante i miei poveri occhiali”.

Clotilde si è alzata da tavola senza dire niente al marito, tanto “ quando beve la birra non mi parla neanche. Sta lì, senza ascoltare quello che dico... “ Solo quando aveva ormai raggiunto la porta di vetro, ed era riuscita a vedere nitidamente la figura dell’ospite, si è resa conto, con sgomento, che non si trattava della stessa persona. Le assomigliava molto, aveva lo stesso chignon che le teneva su i capelli, lo stesso modo di fare, ma non era la vedova del giudice. E’ rimasta immobile con le braccia aperte, già pronte per abbracciarla. Si è sentita arrossire.

— Mi scusi tanto. L’ho scambiata per un'altra persona.

— Si figuri, ha detto lei e si è allontanata con aria dura.

Clotilde si è avviata al tavolo con aria imbronciata, si stava già immaginando i rimproveri che le avrebbe riservato Ósorio. Ma quando si è riseduta al suo posto, lui è restato in silenzio, stava guardando il vuoto con aria perplessa. “E’ solo un egoista. Pensa solo a se stesso.”

“Clotilde è diventata vecchia. Vuole a tutti i costi rivedere quegli ospiti. Adesso mi viene

conhecia. E ele insistiu comigo que tinha se aposentado como Capitão-de-Mar-e-Guerra. Não, não é possível. Lorota. Pode ter sido marujo e coisa e tal. Mas não deve ter feito a Escola Naval, não..."

— Eu lembro que apreciastes muito o vatapá de D. Honorina... — Clotilde ousou quebrar o silêncio no elevador.

— Ah sim! Disso eu me lembro muito bem! D. Honorina! Que senhora agradável! E o vatapá, hein Clotilde? Repeti três vezes, você se lembra?

— Pois então: ela tinha alugado um apartamento perto daqui, a conhecemos na praia e ela nos convidou para almoçar. Não fizeste a menor cerimônia. E ela se ria como o quê. Morava na rua da Matriz. Era vizinha da Estelita, mulher do dr. Vazquez.

À tardinha, depois da invariável sesta, foram fazer uma caminhada ao largo da praia. A brisa refrescava a tarde. Entre os transeuntes, eis que de repente d. Clotilde avistou o Gonçalves tomando sorvete de morango próximo a uma carrocinha, com melancólico. as canelas encostadas num banco, a espiar o horizonte com ar malincônico.

— O rapaz! estás por aqui?

— Tomando um ar, d. Clotilde.

Os velhos se afastaram. Gonçalves ainda olhou para se perguntou por que seu Osório andava ultimamente tão emburrado. Deu de ombros. Quando em-ueria era a sua grana no final da excursão. Queria era rever Marlene, a morena esquiva. Desaparecida. Certamente ela não estaria lá, no fundo do horizonte rosa-pálido para onde ele dirigia sua tristeza há pouco. Estaria no meio da multidão, nos bares, na sinuca, no alpendre de urna casa, na fila de um cinema, num parque de diversões comendo algodão-doce. Não, ela não estava em lugar nenhum. Tinha sumido a galope com algum malandro via giro. E a saudade ardia no peito do moço. Saudade das noites quentes com ela na cama da pensão de d. Irene, saudades dos apertos na última fila cineminha poeira, saudade dos agarros com ela numa árvore do e da praça à noite. Ao longe tocava urna banda de crentes, e um pastor pregava. Sua voz ecoava enquanto eles dois se esfregavam no escuro, contra o tronco da árvore. Era a trombeta do céu ameaçando os pecadores.

in mente che c'era un ragazzo simpatico tra loro. Ma quelle vecchie ... c'era un gruppo molto noioso che si diceva fosse della Marina Militare. Ma io non ho ricordi di loro. E si può dire che conoscevo praticamente tutti, dagli ufficiali a ... beh ok c'erano molti marinai che non aveva mai visto. E lui insisteva dicendomi che era andato in pensione con il titolo di Capitano di Mare e Guerra. Ma non è possibile. Stolto. Poteva al massimo essere un marinaio o cose del genere. Ma sicuramente non aveva fatto la Scuola Navale, non è possibile ...”

Mi ricordo che avevi gradito molto il vatapá della signora Honorina ... - Clotilde ha rotto così il silenzio in ascensore.

— Ah si! Mi ricordo molto bene! La signora Honorina! Che signora deliziosa! E il vatapá Clotilde? L'ho ripetuto tre volte, ti ricordi?

— Beh allora: lei aveva affittato un appartamento qui vicino, l'avevamo conosciuta in spiaggia e ci aveva invitato fuori per pranzo. Non hai fatto molte cerimonie. Rideva inutilmente. Abitava nella strada Matriz. Era la vicina di casa di Estelita, la moglie del dottor Vazquez.

La sera, dopo l'ormai immancabile pisolino, hanno deciso di andare a camminare lungo la spiaggia. La brezza rinfrescava l'aria. Clotilde ha intravisto Gonçalves tra i passanti, stava bevendo un sorbetto alla fragola vicino a un baracchino, con gli stinchi appoggiati al bancone, e scrutava l'orizzonte con aria melanconica.

— Ragazzo! Che ci fa tu qui?

— Sto prendendo una boccata d'aria, signora Clotilde.

I vecchi si erano allontanati. Gonçalves era ancora girato verso di loro, e si stava domandando come mai il signor Ósorio si fosse così imbruttito ultimamente. Che importa. L'unica cosa importante era ritrovarsi i suoi soldi in tasca alla fine della vacanza. Voleva solo rivedere Marlene, la moretta schiva. Scomparsa. Certamente non avrebbe potuto trovarla lì, sulla linea rosa pallida verso la quale stava dirigendo la sua tristezza. Avrebbe potuto incontrarla in mezzo alla folla, nei bar, al biliardino, sotto il portico di una casa, in coda per vedere un film, in un parco giochi a mangiare dolcetti. No, lei non era in nessuno di quei posti. Era volata via al galoppo con qualche viaggiatore. E ora poteva sentire chiaramente la nostalgia che ardeva dentro al suo petto. La nostalgia di quelle notti di passione trascorse nella pensione della signora Irene, la nostalgia per gli abbracci rubati al cinema, quando si sedevano nell'ultima fila, la nostalgia di sbattersi contro un albero della piazza di notte. Mentre lontano si poteva sentire la musica di alcuni religiosi, e un pastore che pregava. Sentivano l'eco della sua voce mentre erano impegnati a sfregarsi con passione

Ela! era ela, Marlene no meio de um grupo resolveu andar , perto do vendedor de cataventos. Gonçalves quis correr, mas rápido, pois o sorvete derretia na mão e melava os dedos, rumo aos infinitos cataventos coloridos. Não, não era Marlene aquela morena de decote cavado nas costas. Atirou a casquinha besuntada numa cesta de lixo e pediu um guardanapo de papel numa carrocinha de cachorro-quente, pensando no ledão engano, já que a morena não tinha nada a ver com Marlene. Chutou uma lata de cerveja vazia, teve vontade de se embriagar, porém examinou o relógio: era cedo. Não queria que, caso finalmente desse de cara com ela, Marlene o visse bêbado. Sentou-se em outro banco (não aquele em que encostara as canelas) e veio-lhe um saudades infinita da mulher. Da mulher de verdade. Com quem casou na igreja e no civil. Dela e dos filhos. De Gilbertinho e de Ludmila, que aliás era a cara dele. O Gilbertinho também. Os dois eram os cornos do pai; e ele ali, naquela cidade do Espírito Santo, paquerando uma vagabunda. "Que filho-da-puta que eu sou!" e procurou em vão uma lata de cerveja para chutar.

O camafeu oval na mão, Clotilde contemplava com um sorriso, o retrato de Luiz Guilherme, o neto. Infelizmente a cara do pai — ela suspirou. Mas o temperamento da mãe, com a graça de Deus... Tirou então outro retrato, sem moldura mesmo, da bolsa. Mariana puxara à mãe, sem ser tão bonita. "Uma pena, principalmente para uma moça. E além do mais tem um gênio de cão. Tal qual o pai." Luiz Guilherme vai ser médico. Ela assim o decidira e nesse ponto, por incrível que pareça, estava de acordo com o genro. "Ele tem porte de médico, apesar de estar só com doze anos.

— As moças... Já penso que as moças devem se dedicar ao lar... Essa história de mulher trabalhar, competir com o homem... não está certo... Não é da nossa natureza.

— Falando sozinha de novo, Clotilde? — Osório perguntou dando o nó na gravata, pois nunca deixara de vestir o terno para o jantar, mesmo em casa.

— Fazendo as minhas orações.

contro il tronco di un albero. Erano le trombe del cielo che ammonivano i peccatori.

Lei! Era proprio lei, Marlene in mezzo a un gruppo, vicino a dei venditori di aquiloni colorati. Gonçalves avrebbe voluto correre, ma si è limitato a camminare rapidamente, mentre il sorbetto gli colava tra le mani appiccicandogli le dita, dirigendosi deciso verso gli aquiloni colorati, che ai suoi occhi sembravano essere infiniti. Ma non era Marlene quella moretta con le spalle scoperte. Ha gettato con rabbia la buccia ormai unta nel bidone dell'umido, e ha chiesto se potevano dargli una salvietta in un baracchino che vendeva hot-dog. Stava ripensando a quel piacevole inganno, ma quella moretta non aveva proprio nulla a che vedere con la sua Marlene. Ha dato un calcio a una lattina di birra vuota, sentiva il bisogno di ubriacarsi, ha guardato l'orologio sul polso: era ancora presto. Non voleva, però, che lo vedesse ubriaco, nel caso riuscisse a trovarla. Si è seduto quindi in un altro tavolo (non in quello in cui incastrava gli stinchi) e all'improvviso è stato sopraffatto dall'improvvisa nostalgia per lei, quella che ti coglie senza avvertirti. Per la donna della verità. Con la quale si è sposato sia in chiesa che in comune. Per lei e per i figli. Gilbertinho e Ludmila, che era identica a lui. Ma anche Gilbertinho lo era. Erano il frutto delle corna fatte al padre. (il risultato di quella relazione clandestina) ; e lui era lì, in quella città di Espírito Santo, a cercare una vagabonda come un disperato. “ Che figlio di puttana che sono! “ così ha cercato invano un'altra lattina di birra da prendere a calci.

Con il cammeo ovale nella mano, Clotilde stava contemplando sorridendo la foto del nipote Luiz Guilherme. E' così un peccato che abbia ereditato la faccia del padre – ha sospirato lei. Per fortuna che almeno il temperamento lo aveva preso della madre... Ha tirato fuori un'altra foto dalla borsa, che però non aveva cornice. Mariana assomigliava alla madre invece, anche se non la eguagliava per bellezza. “ Che peccato. Soprattutto per una ragazza. E oltre a questo è anche dotata di poca intelligenza. Tale e quale al padre. “ Luiz Guilherme vuole diventare un medico. Anche lei aveva preso parte a questa decisione, e per quanto strano possa sembrare, si trovava in accordo con il genero questa volta. “ Ha già il modo di fare di un medico, nonostante abbia appena dodici anni. “

— Le ragazze.. Penso che le donne debbano dedicarsi alla propria famiglia... Questa storia della moglie lavoratrice, che deve essere in competizione con l'uomo... non è normale... non fa parte della nostra natura.

— Stai parlando ancora da sola Clotilde? – ha domandato Ósorio, mentre si stava facendo il nodo alla cravatta. Non aveva mai perso l'abitudine di vestirsi elegante per sedersi a tavola, neanche a casa.

— Sto recitando le mie preghiere.

— Uma coisa que eu sempre admirei em você, Clotilde, é a força da sua fé.

— Eu nunca permiti que ela titubeasse. Nem quando da doença da Gatinha, coitada. Agora tu, Osório...

— Ah! Vou à missa porque você me obriga. A fé mesmo...

— Que horror... E eu rezo para que o Espírito Santo te ilumine para que voltes a ter fé.

— Se é que eu a tive algum dia... Não sei, mas essa história de vida eterna...

Não reentrariam em assunto tão delicado. Desceram para jantar. No elevador Clotilde temia as profundas tendências ao ateísmo do marido, que não rezava mais nem durante a missa. O Osório, por sua vez, queixava-se intimamente das dores nas articulações e da precariedade da existência humana.

Foram frugais no jantar e se deitaram cedo, não sem antes cada um tomar o seu respectivo calmante.

— Luís Guilherme vai tratar de ti quando for homem feito.

— Una cosa che da sempre ho ammirato in te, Clotilde, è la tua fede in Dio.

— Non ho mai permesso che vacillasse. Neanche nel momento della malattia di Cotinha, povera anima. E ora anche tu, Ósorio...

— Ah! Io vado a messa solo perché tu me lo imponi. E lo stesso vale per la fede...

— Per l'amor di Dio... io prego che lo Spirito Santo possa illuminarti e farti ritrovare la fede.

— Ci sono stati giorni in cui l'ho avuta... Non so, ma questa storia dell'anima immortale...

Non si sono addentrati in un argomento così delicato. Sono scesi a mangiare. In ascensore, Clotilde era preoccupata per le inclinazioni atee del marito, che non pregava mai nemmeno durante la messa. Dal canto suo, Ósorio si lamentava tra sé e sé dei dolori alle sue articolazioni e della precarietà dell'esistenza umana.

Quella sera hanno mangiato poco e sono andati a dormire presto, non senza prima aver preso

— Una cosa che da sempre ho ammirato in te, Clotilde, è la tua fede in Dio.

— Non ho mai permesso che vacillasse. Neanche nel momento della malattia di Cotinha, povera anima. E ora anche tu, Ósorio...

— Ah! Io vado a messa solo perché tu me lo imponi. E lo stesso vale per la fede...

— Per l'amor di Dio... io prego che lo Spirito Santo possa illuminarti e farti ritrovare la fede.

— Ci sono stati giorni in cui l'ho avuta... Non so, ma questa storia dell'anima immortale...

Non si sono addentrati in un argomento così delicato. Sono scesi a mangiare. In ascensore, Clotilde era preoccupata per le inclinazioni atee del marito, che non pregava mai nemmeno durante la messa. Dal canto suo, Ósorio si lamentava tra sé e sé dei dolori alle sue articolazioni e della precarietà dell'esistenza umana.

Quella sera hanno mangiato poco e sono andati a dormire presto, non senza prima aver preso ognuno il proprio calmante.

— Sarà Luís Guilherme a curarti un giorno.

— Por que você acha que o rapaz tem que ser médico? Ah, vocês decidem tudo pelas

crianças! O Luís Guilherme nem disse ainda o que vai ser quando crescer! — e enfiou-se entre os lençóis, pensando na incertidão das coisas vindouras e no fundo escuro em que ia mergulhar, tão logo o calmante fizesse efeito. Clotilde embaralhou as orações, quando o sono veio pairar sobre sua cabeça, misturando Pai-Nosso com Ave-Maria, deseja do um futuro brilhante e promissor para o Lig e um marido rico e paciente para Mariana.

No dia seguinte choveu.

"Mas que maçada!", pensaram os velhos e m coro olhando as gotas rolarem pela vidraça do salão do hotel.

— Bem, vamos jogar um biribinha, Osório?

— Que jeito!

— Pena não termos uma parceria este ano... D. Clotilde se dirigiu então à recepção e pergunto

— Está vazio o hotel este ano... u ali ao rapaz:

— Não sei o que aconteceu, minha senhora. Parece que este ano ninguém tem mais dinheiro para viajar. arece que

Depois de uma pausa, em que ela como que mastigou uma pastilha inexistente, perguntou:

— O senhor, por acaso, não se lembra de um casal de nome Clarindo e Mirres que vieram o ano passado? Ele era alto, um tipo assim do Norte, e ela uma senhora grisalha, muito distinta...

— Não, não me lembro. Também, minha senhora, são tantos os hóspedes que passam por esse hotel que...

— Natural, natural. É que eu e meu marido Osório queríamos tanto uma parceria para um biribinha agora de manhã, com esse temporal...

— Olha, tem uma senhora sozinha com a filha lendo jornal no salão. Se a senhora quiser, eu bem posso perguntar...

— Me faça essa gentileza, meu filho, por favor. O Osório se aborrece muito com chuva. Depois, o senhor sabe, a artrite...

— Ma perché ti sei convinta del fatto che debba diventare per forza un medico? Ah già dimenticavo, sei tu che decidi tutto per i bambini! Luís Guilherme non ha mai detto di voler diventare un medico! – e così dicendo si è infilato tra le lenzuola, pensando alla precarietà degli eventi futuri e all’abisso oscuro in cui si sarebbe immerso, appena il calmante avesse fatto effetto. Clotilde stava ancora ripetendo le preghiere, quando il sonno è venuto improvvisamente a farle visita. Ha cominciato allora a mescolare il Padre-Nostro con L’Ave-Maria, quando era ancora impegnata a richiedere un futuro brillante e trionfale per Luís e un marito ricco e paziente per Mariana.

Il giorno seguente pioveva.

“Ma che seccatura!“, hanno pensato i vecchi all’unisono, guardando le gocce scivolare sulla vetrata del salone dell’hotel.

— Allora, facciamo una partita a scopa, Ósorio?

— Certo!

— Peccato che non abbiamo dei compagni quest’anno...

Clotilde si è diretta alla reception dicendo al ragazzo:

— Quest’anno è vuoto l’hotel..

— Non so come mai, signora mia. Sembra che quest’anno non ci siano più i soldi per viaggiare.

Dopo una pausa di silenzio, durante la quale sembrava che Clotilde stesse masticando una pastiglia inesistente, ha infine domandato:

— Signore, per caso, lei si ricorda di una coppia, tali Clarindo e Mirtes, che alloggiava qui lo scorso anno? Lui era alto, un tipo del Nord, lei è una signora distinta, brizzolata...

— No, non mi ricordo. Sa, signora, sono talmente tanti gli ospiti che vanno e vengono che...

— Naturalmente, si si. E’ che io e mio marito Ósorio avremmo bisogno di un'altra coppia per una partitina a scopa stamattina, sa, con questo tempaccio...

— Guardi, c’è una signora con la figlia che sta leggendo il giornale di là in salone. Se le va bene, posso provare a domandarle...

O rapaz voltou meio encabulado dizendo que a senhora tinha se desculpado, mas não apreciava o jogo. "Sempre as achei muito antipáticas. Tanto a mãe como a filha. Nada como a Mirtes e o Clarindo..."

— Mas..., os olhos do recepcionista se iluminaram, mas tem o Seu Adalberto... Ele não desceu até agora. Geralmente chega meio tarde pro café. Mas logo que ele aparecer por aqui, eu falo com ele.

D. Clotilde agradeceu, suspirou e presumiu que, apesar da boa vontade do rapaz da recepção, o tal Adalberto devia ser aquele homem compenetrado do refeitório. "Um cacete, com certeza."

O Osório cochilava em cima dos jornais, repoltreado na poltrona de vime, quando o Gonçalves entrou encharcado da cabeça aos pés. D. Clotilde, que se distraía com um tricozinho (ela sempre tecia uma suéter, um par de meias de lã para o filho de alguém) sorriu ao ver o chofer. "Tão atencioso.."

— D. Clotilde... Que chuvarada, hein? Puxa! Assim hoje não tem nada de praia, não é? Pois é. Pena. Mas... d. Clotilde, eu tava precisando era de um dinheirinho a mais...

— O quê?!

— Acabou, d. Clotilde, as coisas aqui são tão caras que só vendo... Só a pensão de d. Irene aumentou que foi um absurdo...

A velha senhora assentiu e abriu a carteira florida. O Osório despertou com os olhos piscos:

— Dando dinheiro de novo, Clotilde?

Ela enrubesceu. O Gonçalves enfiou as mãos nos bolsos. Mesmo assim, apesar da observação do marido, Clotilde estendeu duas notas novas e as entregou ao chofer, que praticamente saiu de costas do hotel, cumprimentando os patrões.

“Assim a Clotilde dilapida toda minha renda. Ela sempre foi mão-aberta, uma perdulária incorrigível. Assim não dá, não há como se manter um orçamento equilibrado...”

"O Osório é tão seguro... sempre foi econômico demais... Anota tudo, todas as contas da casa naquele livrão lá da sua escrivinha. Nunca atrasou imposto de renda. Que homem mais cacete! Também, me casasse eu com o Libório, estaríamos endividados até o pescoço. Seria a

— Mi faccia questo piacere figlio mio, per favore. Ósorio si annoia sempre quando piove. E poi, sa com'è, con i suoi dolori...

Il ragazzo ha fatto ritornato un po' rabbuiato dicendole che la signora si scusava, ma che non amava giocare a carte. “ Mi hanno sempre dato l'idea di essere molto antipatiche. Tanto la madre quanto la figlia. Niente a vedere con Mirtes e Clarindo...”

— Ma... gli occhi del ragazzo della reception si sono all'improvviso illuminati, c'è il signor Adalberto... Non è ancora sceso. Di solito scende a metà pomeriggio per il caffè. Ma appena lo vedo arrivare, glielo chiedo subito.

La signora Clotilde ha annuito, sospirando mentre rifletteva sul fatto che, nonostante l'impegno del ragazzo, doveva sicuramente trattarsi di quell'uomo sempre corrucciato del refettorio. “ Un impertinente, di sicuro. “

Ósorio stava sonnecchiando con il giornale in mano, radicato nella poltrona di vimini, quando Gonçalves ha fatto il suo ingresso nella stanza, tutto bagnato dalla testa ai piedi. La signora Clotilde, che si stava distraendo puntando a maglia, (lei doveva sempre tessere una maglia, un paio di calze per il figlio di qualcuno) ha sorriso nel vedere l'autista entrare. “ Sempre così cortese.. “

— Che pioggia Signora Clotilde, vero? Caspita! Oggi proprio non se ne parla di scendere in spiaggia, eh? Eh si. Peccato. Ma... Signora Clotilde, io avrei bisogno ancora di un po' di soldi...

— Che cosa?!

— Li ho finiti signora Clotilde, la vita qui costa molto... in più la signora Irene ha aumentato i prezzi in modo assurdo...

La vecchia signora ha assentito e ha aperto la cartellina a fantasia floreale. Ósorio ha strizzato gli occhi:

— Gli stai ancora dando dei soldi, Clotilde?

Lei è arrossita. Gonçalves si è infilato le mani in tasca. Nonostante l'osservazione mossagli dal marito, Clotilde ha allungato due banconote all'autista, che si è subito dileguato dall'hotel, non senza prima aver ringraziato la coppia. “

“E' così che Clotilde sperpera tutti i miei risparmi. E' sempre stata larga di manica, una spendacciona inguaribile. Non riesce proprio a contenersi...”

bancarrota total..."

— Por que você está sorrindo, Clotilde?

— Por nada. Me lembrei de uma anedota.

— Que anedota?

— Ora, Osório...

— Me conte, pois, a ver se acho graça também!

— Coisas de mulher...

— Ah! Pois agora você me faz segredos, Clotilde?

— Não, não, não quis dizer isso... Bem, foi uma história que a Lourdes me contou no ano passado...

— A mulher do deputado baiano?

— Não, não, a Lourdes Cerqueira, não a Lourdes Teixeira. A viúva. Bem, foi uma anedota que ela me contou a respeito do falecido marido...

— Com licença...

O casal ergueu os olhos e deparou com um senhor circunspecto em pé, manuseando um relógio de bolso

— O recepcionista acaba de me dizer que os senhores estariam dispostos a uma partida de bridge...

— Sim, sim, Clotilde se animou. Quer dizer, bem, eu não jogo bridge...

— De qualquer maneira, falta um parceiro — o senhor interrompeu.

— Podemos jogar um biribinha a três, o que o senhor acha? — Clotilde sugeriu.

— Excelente.

— Ah, joguem a dois porque hoje eu não estou nada disposto.

— O senhor concorda?

“Ósorio si sente sempre così sicuro... è sempre stato un grande risparmiatore... Prende nota di tutto, tiene tutti gli scontrini in quel libricino appoggiato sulla sua scrivania. Non ha mai ritardato nei pagamenti. Che uomo noioso! Invece se quella volta mi fossi sposata con Libório, saremmo sicuramente indebitati fino al collo a quest’ora. In bancarotta...”

— Perché stai sorridendo, Clotilde?

— Niente di che. Mi è venuto in mente un aneddoto.

— Di che aneddoto si tratta?

— Ma niente...

Ma raccontami, vediamo se posso trarne un po’ di diletto anch’io!

— Cose tra donne...

— Ah! Quindi mi tieni nascosti dei segreti, Clotilde?

— No, no, no non intendevo dire questo.. Beh, si tratta di una vicenda che mi aveva raccontato Lourdes lo scorso anno...

— La moglie del deputato baiano?

— No, no, la Lourdes Cerqueira, non la Lourdes Teixeira. La vedova. In pratica, riguarda un aneddoto sul suo defunto marito...

— Mi scusi...

Marito e moglie hanno alzato gli occhi e si sono ritrovati di fronte un signore che stava maneggiando il suo orologio da polso con aria circospetta.

— Il ragazzo della reception mi ha appena informato che sareste disponibili per una partita a bridge...

— Sì, sì, ha risposto Clotilde animatamente. Cioè, volevo dire, io non so giocare a bridge però...

— In ogni caso, vi manca un compagno – l’ha interrotta il signore.

— Potremmo fare una partita a scopa in tre, che ne pensa?

— Eccellente.

— Ah, joguem a dois porque hoje eu não estou nada disposto.

— O senhor concorda?

— Pois com muito prazer. Assim matamos esse dia chuvoso.

Deu elegantemente o braço a d. Clotilde, que não se levantou antes de cochichar ao marido: "Que humor, Osório!" e se dirigiram ao salão de jogos.

Depois do almoço felizmente estiou. Osório bocejou muito ao se levantar da sesta e perguntou à esposa, que polvilhava as faces de pó-de-arroz defronte do espelho da penteadeira:

— Que tal o companheiro de jogo?

— Ih... um cacete, Osório. Imagine que não deu uma palavra durante toda a partida.

— Mas jogo não é para se falar. Ou você queria entrar de amizades com ele?

Clotilde virou os olhinhos lentamente para o marido, pressentindo lisonja:

— Osório... Por acaso, estás com ciúmes de mim?

— Ora, Clotilde, não seja ridícula! Há muito tempo...—ele engasgou, resmungou algo ininteligível e emendou:

— Ciúme é coisa de criança! Vamos andando dar o nosso passeio na praia.

"Ciúmes... Osório sentiu ciúmes de mim esse tempo todo em que eu estava jogando com o dr. Adalberto... Que graça! Há anos que ele não se comportava assim comigo... Vou escrever à Verinha, que vai se rir como o quê! 'O papai...?' Bem, vou provocá-lo mais, afinal desde alguns anos que ele anda tão se-carrão comigo..."

"Ciúmes! Pois sim! Era só o que me faltava! Ciúmes de Clotilde! Ela já está velha, como eu estou velho, enferrujado, acabado. Não temos tempo a perder com essas gabolices de juventude! Ciúmes foi o que ela disse! E eu nunca fui ciumento! Nem mesmo quando começamos a namorar, noivamos e eu sa-bia que ela ainda flertava com aquele janota do Libório... Parla-patão! Só sabia fazer farol! Eu gostava da Clotilde. Achava-a meiga, perfeita para o casamento. Adorável mesmo, mas... pai xão não. Acho que nunca tive paixão na vida.omo A paixão afinal só jserve para trazer dores de cabeça. Como aquele coitado do maor Seabra, que se enforcou por causa de mulher..."

— Ah, potete pure giocare in due perché oggi non ne ho proprio voglia..

— A lei va bene?

— Sì, accetto con molto piacere. Così ammazziamo la noia in questa giornata uggiosa.

Il signore ha offerto elegantemente il braccio alla signora Clotilde, che, prima di alzarsi, ha rimbrottato al marito: “ Ma che brutta luna che hai oggi, Ósorio! “ e così si sono diretti verso la sala da gioco.

Fortunatamente, aveva smesso di piovere appena dopo pranzo. Ósorio, che non la smetteva più di sbadigliare dopo il suo riposino pomeridiano, ha chiesto alla moglie, che si stava incipriando la faccia davanti allo specchio:

— Com’era il tuo compagno di gioco allora?

— Ah... un tipo così noioso, Ósorio. Non ha spiacciato una parola durante tutta la partita.

— Ma non bisogna parlare mentre si gioca a carte. O forse volevi fare amicizia con lui?

Clotilde ha girato lentamente lo sguardo verso il marito, cercando di impostare un tono adulatorio:

— Ósorio... Non è che per caso sei geloso?

— Ma dai Clotilde, non essere ridicola! E’ molto tempo che... - la voce gli si è fermata nella gola, ha borbottato qualcosa di incomprensibile, per infine sbottare:

— La gelosia è una cosa da ragazzini! Andiamo a fare la solita passeggiata in spiaggia.

“Gelosia... Ósorio stava morendo di gelosia per tutto il tempo in cui stavo giocando con il dottor Adalberto ... che divertente! Erano anni che non vedevo questi atteggiamenti nei miei confronti... lo scriverò a Verinha, che riderà sicuro come una matta!’ Il papà...?’ Allora vorrà dire che lo provoherò ancora, sono anni ormai che è così scontroso con me...”

“Gelosia! Ebbene sì! Mi mancava solo questo! Provare della gelosia nei suoi confronti! E’ vecchia ormai, come lo sono io, acciaccato, finito. Non abbiamo tempo da perdere con queste cose da adolescenti! Neanche quando eravamo giovani e innamorati, ci eravamo già fidanzati, e io ero a conoscenza del fatto, che lei stava ancora flirtando con quell’idiota di Libório... ma era solo un ciarlone! Un esibizionista! A me Clotilde piaceva sul serio. La vedevo così dolce, la donna da sposare. Adorabile, ma... la passione no, non c’era. Penso di non aver mai provato una vera

Soprava uma aragem fresca no fim de tar definitivamente perdera as esperanças de encontrar Marlene e caminhava cabisbaixo, chutando latas de cerveja. Na noite anterior tomara um porre com o Adão no Dinamene. ja Chorara mágoas. Louvara a mulher. E acabaram cantando, o sorria para eles Adão batucando na mesa, ele numa caixa de fósforos. A lua ajudava: cheia, sorria para eles.

— E ela! — de repente o Gonçalves apontava.

— Que isso, rapaz... é uma conhecida minha... Gente fina... Aliás, se você quiser que eu te apresente... Numa boa.

Não, ele não quis. Fez um gesto como se batesse no ar e voltou para a pensão de d. Irene, em cujo colo recostou a cabeça filialmente quando a encontrou na soleira da porta.

"Vai dormir, meu filho, vai".

Um monte de cataventos bulhou com seus olhos. Havia uma algazarra inusitada na rua. E o sol, que mal afirmava sua presença por trás de nuvens cinzentas, ofuscava. Ressaca, disse para si. Sentou-se num banco e ficou olhando o mar sem vê-lo. De repente alguém se sentou ao seu lado: a principio, ele nem quis virar o rosto; manteve-o fixo no horiz Tinha um pressentimento agudo, cortante. A respiração, o cheiro da pessoa ao lado lhe pareceram familiar

— Olá, Gonçalves.

— Marlene!

Ela sorriu tímida.

— Sabe, eu me casei.

E um perfume forte de alfazema invadiu as narinas dilatado das de um Gonçalves pálido e boquiaberto.

passione in tutta la mia vita. La passione alla fine porta solo a farci perdere il razocinio. Come quel povero disgraziato del maggiore Seabra, che si era impiccato a causa di una donna... “

Con il calare della sera spirava sempre una brezza rinfrescante. Gonçalves aveva perso tutte le speranze di incontrare Marlene, camminava a testa bassa, prendendo a calci le lattine di birra. La notte precedente era andato fuori a ubriacarsi con Adão e Dinamene. Ha pianto lacrime amare. Ha lodato quella donna. Sono finiti a cantare tutti insieme, Adão aveva ballato sul tavolo, e lui su una cassa piena di fiammiferi. Anche la luna aveva dato il suo contributo quella sera: era piena, sembrava gli stesse sorridendo.

— E’ lei! – aveva detto Gonçalves puntando il dito.

— Cosa stai dicendo... la conosco quella là... E’ gente con cui bisogna stare attenti... Ma, se vuoi te la presento io... una giusta.

No, lui non voleva. Scuoteva la mano come per tagliare l’aria e si era diretto verso la pensione della signora Irene, nel cui grembo aveva appoggiato filialmente la testa, quando l’aveva vista sulla soglia della porta.

“Vai a dormire figlio mio, vai“.

Un mucchio di aquiloni stavano litigando nei suoi occhi. Si sentivano degli strani schiamazzi provenienti dalla strada. Il sole provava a penetrare fiaccamente tra le nuvole argento. E’ la risacca, ha pensato tra sè e sé. Si è seduto su una panchina a guardare il mare, ma senza riuscire veramente a vederlo. All’improvviso ha sentito qualcuno prendere posto di fianco a lui: all’inizio non voleva girarsi per vedere chi era; continuava a fissare l’orizzonte polveroso. Aveva un presentimento preciso, tagliente. Il respiro, il profumo di quello sconosciuto gli ricordavano qualcosa di molto familiare.

— Ciao Gonçalves.

— Marlene!

Lei gli ha sorriso timidamente.

— Sai, mi sono sposata.

Un profumo intenso di lavanda ha invaso le narici dilatate di Gonçalves, che la fissava

— Por isso que eu não te achava.

— É, por isso. E acariciando-lhe o rosto já suado:

— Desculpa, meu amor...

Uma forte rajada de vento aboliu então a imagem de Marlene da frente do Gonçalves. Os primeiros pingos de uma chuva vespertina começaram a cair. Transeuntes corriam desabalados. A algazarra mudou de tom: antes, o que transpirava alegria agora era desnorteio. Guarda-chuvas floresciam. O Gonçalves apanhou uns jornais arrastados pelo ventaval, cobriu a cabeça com eles e correu como um gafanhoto para debaixo da marquise mais próxima.

— Onde está o guarda-chuva, Clotilde?

Ela se limitou a encará-lo embaraçada.

— Acho que deixei no hotel, Osório...

— Mas você tem uma cabeça que vou te contar! Agora aqui no meio desse temporal não temos guarda-chuva!

E o Osório perdeu as estribeiras. Vociferou no meio do bulevar entre a gente que corria azafamada. Ficou vermelho, transpirou.

— O guarda-chuva! O guarda-chuva! Vá ao hotel me buscar esse guarda-chuva! Procure o Gonçalves, sei lá!

A chuva apertou, e d. Clotilde, pequenina sob os gritos do marido, disparou atrás do motorista, que poderia estar Deus lá sabe onde. O coração apertava: "Que malcriado, me gritar desse jeito! E tudo por causa de um guarda-chuva!" Ela aconchegou-se então sob uma marquise abarrotada de gente. A tempestade não dava trégua. "Onde encontrar o rapaz, meu Deus!" Uma kombi de sdbito estacionou em frente, e o motorista gritou oferecendo condução até o centro. Um grupo grande foi entrando. "Por que então não pego essa lotação e vou eu ao hotel apanhar o bendito guarda-chuva? Assim Osório se acalma."

pallido e con la bocca aperta.

— E' per questo che non ti ho mai incontrata in giro prima di stasera?

— Sì è per questo.

E dopo avergli accarezzato il volto sudato ha aggiunto:

— Scusami, amore mio...

Una forte folata di vento è arrivata a spazzare via l'immagine di Marlene dalla vista di Gonçalves. Cominciavano a cadere le prime gocce di una pioggerellina serale. I passanti stavano correndo disordinatamente. Anche la lavanda aveva cambiato il suo profumo: l'allegria diffusa prima, si era ora trasformata in disorientamento. Gli ombrelli si moltiplicavano. Gonçalves ha afferrato dei giornali trascinati dal vento per ripararsi dall'acqua, mentre correva goffamente verso la veranda più vicina.

— Dove hai messo l'ombrello, Clotilde?

— Lei si è limitata a fissarlo imbarazzata.

— Credo di essermelo dimenticato in hotel, Ósorio...

— Ma dove ce l'hai la testa, Clotilde! Adesso per colpa tua ci ritroviamo nel bel mezzo di un temporale senza l'ombrello!

Ósorio sembrava aver perso completamente le staffe. Aveva cominciato a urlare nel bel mezzo del viale tra le persone che correvano affannosamente. Era diventato bordeaux, stava sudando.

— L'ombrello! L'ombrello! Vai in albergo a prendermi l'ombrello! Prova a cercare Gonçalves, muoviti!

La pioggia aveva cominciato a scendere più fissa, e la signora Clotilde, che sembrava così minuscola sotto le grida del marito, si è lanciata alla ricerca dell'autista, che poteva essere ovunque in quel momento. Le si stringeva il cuore, "Come fa ad essere così cattivo e ad urlarmi addosso in quella maniera! E tutto questo solo per un ombrello!" Ha trovato riparo sotto una veranda affollata dalla gente, visto che il temporale non sembrava dare segni di tregua. "Chissà dove sarà il ragazzo, Dio mio!" Un autobus si ferma proprio lì di fronte, e il conducente ha gridato loro che li avrebbe

No quarto, como uma louca, buscava o apetrecho. Não estasi nos armários nem em canto algum. "Pronto. A Dolores esqueceu de meter o guarda-chuva na bagagem, e eu bem que alertei tanto. Já havíamos discutido sobre isso no ano passado... Que maçada!"

A chuva caindo impiedosa sobre Gua Osório onde estava. O vento, o frio sú rapari imobilizou mal to ab bialaram seu reumatismo, e ele al podia se locomover. Além disso, espumava de ódio: "Ah, Clotilde... você sempre foi uma tonta, uma cabeça-de-vento! Quarenta e oito anos, quarenta e oito anos agüentando as suas distrações, os seus esquecimentos! Isso é de amargar!"

Felizmente surgiu o Gonçalves. Do outro lado da rua ele reconhecera o patrão imóvel — a Única criatura parada — na calçada. Correu, tirou a camisa e com ela servindo de capote, trouxe Osório para debaixo da marquise.

— Cadê o automóvel? — ele grunhiu.

— Eu deixei na pensão de d. Irene.

— Então vá lá buscá-lo que eu fico aqui esperando. prantos.

D. Clotilde, por seu turno, sentou-se na cama e caiu em prantos.

"Eu não sei como fui agüentar esse ti tarro a minha vida não inteira! O Osório sempre me massacrou... a verdade é essa. E eu queria, queria, não queria, mas papai e mamãe ut faziam questão... achavam que era bom moço... que tinha uma carreira brilhante e pela frente... um futuro..."

O choro secou, mas tinha um nó na garganta.

"Não queria ter filhos. Dizia que não suportava crianças. Logo eu que adorava... Não queria. Verinha nasceu por um descuido. Ele ficou uma fera, como sempre ficava, como ficou agora. Me fez ligar as trompas numa época em que a Igreja condenava muito mais do que hoje em dia... E eu fiz o sacrificio."

portati in centro. Un grande gruppo stava salendo. “Potrei prendere questo autobus e andare a prendere l’ombrello in hotel, così forse Ósorio si sarebbe calmato.

Aveva cercato come una pazza in tutti gli angoli della camera, ma dell’ombrello neanche l’ombra. “Apposto. Dolores si è dimenticata di mettere l’ombrello in valigia, nonostante glielo avessi anche ricordato più volte. Avevamo già discusso per lo stesso motivo lo scorso anno ... Che sciocca!”

La pioggia, che cadeva scrosciando sopra Guaraparí, aveva immobilizzato Ósorio. Il vento freddo non faceva che peggiorare i suoi reumatismi, e non sarebbe riuscito a muoversi con facilità. Oltre a questo, poteva sentire l’odio ribollire dentro di lui: “ Ah, Clotilde ... sei sempre stata così sbadata, sempre con la testa sulle nuvole! Quarantotto anni, sopporto la sue distrazioni da quarantotto anni ormai! C’è da diventare matti! “

Fortunatamente proprio in quel momento è apparso Gonçalves. Ha riconosciuto il vecchio lì impalato dall’altro lato della strada – era rimasto l’unico fermo – sotto la pioggia. Si è levato la camicia ed è corso, riparandosi con quella, verso di lui, ha afferrato Ósorio e lo ha portato sotto la veranda.

— Non sei qui in macchina? Ha grugnito lui.

— L’ho lasciata alla pensione della signora Irene.

— Allora vai a prenderla, io ti aspetto qui.

La signora Clotilde intanto si era lasciata cadere nel letto irrompendo in un pianto disperato.

“Io non so come ho fatto a sopportare questo tiranno per una vita intera! Mi ha sempre trattata senza alcun rispetto... questa è la verità. E io non lo volevo, non lo volevo, ma mamma e papà mi hanno obbligata ... mi dicevano che era un bravo ragazzo ... che aveva una carriera brillante davanti a sé ... un grande futuro... ”

Le lacrime non scendevano più, ma le era restato il nodo in gola.

“Non voleva avere figli. Diceva di non sopportare i bambini. Proprio io che invece li adoravo lui non ne voleva sapere. Verinha è nata accidentalmente. Si era arrabbiato come una bestia, come sempre, come era successo anche poco prima. Mi ha obbligato a chiudere le tube di Falloppio, in un epoca in cui la chiesa condannava ancora molto questa pratica rispetto ai giorni nostri ... e io mi sono sottoposta anche a questo sacrificio.“

Gonçalves demorou uma vida — segundo sentiu Osório que resmungava o e-esse-pilantra-que-não-chega-nunca, imobilizado debaixo da marquise, assistindo à tempestade. O chofer estacionou em frente e acomodou o patrão dentro do carro. Quando abriu a porta do quarto do hotel, Clotilde ainda com as lágrimas mal secas, deparou com o marido vermelho de ódio e o Gonçalves atrás, "Ele vai me passar uma descompostura daquelas..." "Aposto que ela não achou o meu guarda-chuva..."

Foi nesse momento então de duelo de olhares, como numa rinha, que subitamente o chofer sentiu um objeto roçar-lhe as pernas: era o guarda-chuva que caía ao seu brusco movimento de fechar a porta.

— Olha aqui: achei! ele brandiu o objeto com alegria nos olhos. Porém, sem mesmo prestar atenção ao gesto apaziguador do motorista, o casal um em frente ao outro, hirtos, ele com os olhos fagulhantes de cólera, ela acabrunhada, assumindo a culpa.

— Veja só o que você fez da nossa viagem! Por causa da sua cabeça! Olhe só como é que eu estou! Paralisado!

D. Clotilde então puxou o guarda-chuva da mão do Gonçalves e açoitou o espaço entre os dois com ele:

— Eu estou é cheia de ti, Osório! Cheia! Ouviu?! Há anos que eu não agüento mais a sua ranzinze, a sua rabugice!

— Você não erga a voz para mim, ouviu Clotilde! — o velho conseguiu ficar mais rubro.

— Ergo sim! Ergo sim! Ergo como eu nunca ergui... por-que eu estou é cheia de ti, cheia... cheia...

Ela baixou o guarda-chuva e, num átimo, reviu o marido curvado sobre a escrivaninha fazendo contas, conferindo notas de compra, que tomava o cuidado de colar com durex num velho caderno de capa dura, com a inscrição etiquetada "Orçamento", a declaração do imposto de renda feita com esmero e antecedência, contas de luz, telefone, tudo arquivado em pastas próprias, pagas sem atraso, toda essa vidinha engomada que Clotilde finalmente se deu conta de abominar.

Gonçalves ci stava mettendo una vita – secondo l’opinione di Ósorio, che non la smetteva di imprecare contro quel fannullone che non si sbrigava mai, immobile sotto la pertica, mentre osservava la pioggia scendere impetuosa. L’autista si è fermato lì davanti e lo ha aiutati a salire. Quando si è aperta la porta della camera dell’hotel, Clotilde che aveva ancora le lacrime agli occhi, si è ritrovata davanti il marito che ribolliva d’odio, e Gonçalves, appena dietro di lui. “Adesso mi farà una sfuriata di quelle ... “ “ Lo sapevo che non avrebbe trovato il mio ombrello ... “

E’ stato proprio in quel momento, nel quale i loro occhi si stavano sfidando in una sorta di duello silenzioso, come in un ring, che l’autista ha sentito di colpo qualcosa sfiorargli le gambe: era l’ombrello che stava cadendo a terra, dopo che lui aveva sbattuto sgraziatamente la porta.

— Guardate qui: l’ho trovato! Ha preso in mano l’ombrello con l’allegria negli occhi. Gli altri due non avevano neanche notato il gesto pacificatore di Gonçalves, erano rimasti impietriti uno di fronte all’altro, lui con gli occhi che brillavano di collera, lei rabbuiata, pronta ad assumersi la colpa per l’ennesima volta.

— Guarda cosa sei stata capace di fare di questo viaggio! Per colpa della tua testa perennemente sulle nuvole! Guarda come mi sono ridotto! Sono praticamente paralizzato!

Dopo quelle parole, la signora Clotilde ha strappato l’ombrello dalle mani di Gonçalves e si è assicurata con quello uno spazio tra loro due:

— Io ne ho piene le scatole di te Ósorio! Sono stufa! Mi hai sentito?! E’ da tanto ormai che non riesco più a sopportare la tua cattiveria, il tuo modo di essere così burbero!

— Non alzare la voce con me, Clotilde! – il vecchio è diventato ancora più bordeaux.

— Urlo sì! Certo che urlo! Urlo come non ho mai urlato prima d’ora ... perché sono stufa di te, stufa ... stufa ...

La signora Clotilde ha abbassato di colpo l’ombrello e, in un attimo, ha rivisto il marito piegato sopra la scrivania a fare i conti, che metteva apposto le fatture, che incollava tutto con parsimonia in un vecchio quaderno dalla copertina rigida, con l’etichetta con su scritto il titolo “ Bilancio “, la dichiarazione dei redditi compilata con accuratezza e per tempo, le bollette della luce, del telefono, tutto messo in ordine nelle proprie cartelline, pagamenti senza un minimo ritardo, ha rivisto di colpo tutta questa

— E tu não podias muito bem também carregar o teu guarda-chuva? Por que eu, sempre eu? Sempre eu que tenho que cuidar das tuas coisas que tu nunca te lembras de nada?

— Eu? Clotilde? Eu?! — O velho começou a serenar, a cor natural voltava-lhe ao rosto, que adquiria uma expressão de sarcástico domínio, ao perceber a falta de controle da mulher.

— Tu... tu...— ela agora balbuciava e abandonava o guarda-chuva no chão, ajoelhando-se aos pés – do marido.

O Gonçalves continuava encostado no canto e assistia à cena entre embaraçado e compungido, até que resolveu esgueirar-se pela parede e escapular do quarto. Mas ficou no corredor, em caso de necessidade de seus serviços. Acendeu um cigarrinho e refletiu sobre a vida conjugal. A senhora ali, ajoelhada chorando causou-lhe pena. Por outro lado, admirou-se da atitude firme do chefe da casa. Tentou então lembrar de seu comportamento em situação semelhante. Viu-se então pequenino diante da mulher, submisso aos seus caprichos, minúsculo como um camundongo a esgueirar-se pelos cantos da casa até ir se vingar na rua, com outras Marlenes, a tirania da matriarca. Apagou o cigarro com força num cinzeiro e resolveu mudar de atitude; daí para diante assumiria sua posição devida.

No quarto o velho fez um esforço para abaixar-se e acariciar os cabelos brancos da mulher. Ordenou-lhe então que se levantasse. Fungando ela obedeceu e se sentou na beira da cama procurando o seu lencinho de cassa. Osório — como um autômato — aproximou-se da cama e a custo também se sentou. De súbito, por entre a névoa de seus olhos marejados, Clotilde descobriu os sapatos desamarrados do marido. Ajoelhou-se novamente e tratou de pô-los em ordem, enquanto o Gonçalves metia a cabeça para dentro do quarto à espera de uma ordem suplementar.

normalità, quella normalità verso cui Clotilde aveva finalmente deciso di dimostrare il suo odio.

— E tu non potevi ricordarti di portare via l'ombrello? Perché devo essere sempre io? Devo sempre occuparmi io delle tue cose e tu invece non devi mai pensare a niente?

— Ah io? Clotilde? Io?! Il vecchio si stava calmando, sul suo viso stava cominciando a scomparire il rossore, ma stava man mano comparando un'espressione di sarcastico comando nel percepire l'evidente incertezza nel tono di voce della moglie.

— Tu ... tu ... – aveva cominciato a balbettare ora lei, per poi lasciar cadere l'ombrello a terra, inginocchiandosi ai piedi del marito.

Gonçalves, nel frattempo, era rimasto in un angolo, assistendo alla scena con evidente imbarazzo e pentimento, fino a che non si è deciso a sgattaiolare via dalla camera, rimanendo attaccato alla parete. Ma è rimasto in corridoio, in caso avessero bisogno di qualcosa. Si è acceso un sigaro e ha cominciato a riflettere sulla vita coniugale. Provava una certa tenerezza per la signora che si era inginocchiata a piangere. Da una parte però ammirava il pugno di ferro del marito. Ha cercato di ricordarsi un suo comportamento simile. Si è rivisto tutto d'un tratto piccolo di fronte alla moglie, ai suoi capricci, minuscolo come una formica che cerca di svignarsela di casa per vendicarsi della tirannia della matriarca dandosi da fare con un'altra Marlene. Ha spento il sigaro con forza in un portacenere e ha deciso che da ora in poi il suo atteggiamento sarebbe cambiato; avrebbe finalmente ricoperto il ruolo dominante che gli spettava di diritto.

In camera il vecchio si stava sforzando per piegarsi ad accarezzare i capelli bianchi della moglie. Lei ha ordinato di alzarsi. Lei ha obbedito, tirando su con il naso, e si è seduta sul bordo del letto. Anche Ósorio – quasi come fosse un automa – si è avvicinato al letto e si è seduto sopra con fatica. All'improvviso, nonostante la vista ancora annebbiata dalle lacrime, Clotilde si è accorta che le scarpe del marito si erano slacciate. E' tornata ad inginocchiarsi nuovamente per sistemargliele, mentre in quel momento Gonçalves stava mettendo dentro la testa per controllare che la situazione si fosse ristabilita.

Guarapari, em 10 de julho de 19...

Querida filha:

Desta vez regressamos mais cedo do que o planejado. A cidade está vazia e não reencontramos os conhecidos do anno passado. Seu pae está visivelmente melhor, com os movimentos quasi perfeitos. De facto, essas areias monazíticas operam um verdadeiro milagre! De mais a mais, o seu humor tem estado esplêndido! Como esse ar puro lhe faz bem, puxa! Temos passado óptimos momentos e tomado bons banhos de mar. Claro está que nem tudo é perfeito: tivemos pequeno entrever com esse rapaz que nos serve. O chauffeur . Deu para beber... Afora isso, nada. Como disse, seu pae vae muito bem e se recupera às mil maravilhas. Às vezes, elle se lembra de seus afazeres no Rio (Que afazeres, meu Deus, tem um homem aposentado! Mas elle é assim, você bem sabe como...) e fica meio ranheta. Então eu ralho com elle, lembrando que afinal estamos em férias. São rugas, querida, apenas rugas. Logo passa.

Beijos em todos,

e um bem especial

da mãe que a adora,

Clotilde

Guarapari, 10 Luglio 19....

Figlia mia:

Questa volta torneremo a casa prima della data prestabilita. La città è vuota e non c'è nessun ospite dello scorso anno. Tuo papà è visibilmente migliorato, si muove quasi perfettamente. Queste sabbie scure sono veramente miracolose! Un po' alla volta anche il suo umore è migliorato! Quest'aria pura gli ha fatto molto bene! Abbiamo passato dei bellissimi momenti e abbiamo fatto molti bagni in mare. Ovviamente ci sono stati alcuni intoppi: abbiamo avuto dei disguidi con il ragazzo che ci accompagnava. L'autista. Ha il vizio di bere ... Ma a parte questo, nulla. Come ti ho già detto il papà sta bene e sta recuperando molto. A volte si mette a pensare ai suoi affari di Rio (Che affari avrà mai un uomo ormai in pensione! Ma sai anche tu com'è ...) e si mette a brontolare. Allora mi lamento anche io un po' con lui, ricordandogli che siamo in ferie in fin dei conti. Sciocchezze, figlia mia, solo sciocchezze, che passano subito.

Vi bacio tutti, vi voglio bene

Clotilde

3.7 GREGÓRIO, A PIANOLA E MAMÃE

Acordou cedo para limpar a gaiola. Fazia isso com uma disciplina hebdomadária. Todos os sábados costumava se levantar às oito e meia com o despertador arranhando seus nervos. Não estava mais acostumado. Por isso, fazia preguiça rolando entre espumas de lençóis e travesseiros, ouvindo os pássaros da manhã ou uma longínqua música de um rádio vizinho.

O café tomava com bolinhos, que a mãe fazia, bezuntados em açúcar e canela. Ela sim dormia até tarde. Sofria de insônia, não tolerava remédios para dormir, pois, dizia, aumentavam suas enxaquecas constantes. Assim fazia paciência ou perambulava pela casa cantalorando uma velha ária de ópera ou uma chanson de Maurice Chevalier. " Mamãe, só faltam as correntes para você virar o fantasma desta casa", ele dizia incomodado às vezes no sono com os passos de d. Matilde pelo corredor.

Depois da primeira refeição do dia, limpava a gaiola de Gregário, um galo-da-serra, presente do amigo Rodolfo. Pôs na vitrola o Che gelida manina com Tito Schipa e prosseguiu sua tarefa de retirar cuidadosamente o chão da gaiola, lavá-lo no tanque, renovar as sementes de girassol, o alpiste e a água. Alguns vizinhos - segundo rumores que corriam na rua - se juntavam para espiar com sarcasmo aquele homenzarrão de chambre de seda estampado de padrões chineses, ocupado em limpar o gaiolão do galo-da-serra, religiosamente todos os sábados de manhã. As empregadas não cessavam de palrar umas com as outras e não se furtavam ao comentário maldoso de que o solteirão da casa número 9 jamais iria se casar.

Lourenço, no entanto, estava pouco ligando para a opinião alheia. Metido no seu roupão de seda roçagante, que lhe dava um frescor na pele, só pensava na beleza de Gregário, na delicadeza de seu gesto ao bicar as sementes de girassol de sua palma rechonchuda; e ao fundo, Tito Shipa inconsolável nos braços da moribunda Mimi.

Por volta das dez e um quarto, d. Matilde acordou. Arrastava-se lentamente pelo corredor e foi com um fio de voz que cunprimentou o filho.

— Dormiu bem?

GREGÓRIO, LA PIANOLA E LA MAMMA

Si è svegliato presto per pulire la gabbia. Lo faceva sempre con una disciplina quasi maniacale. Tutti i sabati si alzava alle otto e mezza al suono fastidioso della sveglia. Non era più abituato a svegliarsi così presto, per questo rimaneva sempre un po' a crogiolarsi tra le lenzuola, ascoltando il verso dei passerotti, o la musica proveniente da una radio lì nelle vicinanze.

Il caffè lo beveva sempre con le tortine di zucchero e cannella, che preparava sua mamma. Lei dormiva fino a tardi, soffriva d'insonnia e non voleva prendere le medicine, dal momento sosteneva peggiorassero la sua emicrania cronica. Così era costretta a portare pazienza, oppure a vagare per la casa cantando una vecchia opera o una canzone di Maurice Chevalier. “Mamma, ti mancano solo le catene per diventare il fantasma di questa casa”, le diceva lui, disturbato nel sonno dai passi della signora Matilde nel corridoio.

Dopo aver consumato il primo pasto del giorno, cominciava a dedicarsi alla pulizia della gabbia di Gregório, un gallo domestico, regalo del suo amico Rodolfo. Ha fatto partire il giradischi al suono di *Che gelida manina* con Tito Schipa, per poi procedere con la consueta routine di estrarre, prestando sempre la massima attenzione, la base della gabbia, lavarla nella vasca, cambiare i semi di girasole, la scagliola, e infine versargli dell'acqua. Alcuni vicini, a detta delle chiacchiere che giravano in strada, si riunivano abitualmente per spiare con aria ironica quell'omone, che era religiosamente occupato tutti i sabati mattina a ripulire la gabbia del gallo domestico. Le colf continuavano a scambiarsi commenti sarcastici, sostenendo che sarebbe rimasto da solo per tutta la vita.

Dal canto suo, Lourenço, invece, pareva non preoccuparsi minimamente di quello che potevano pensare di lui. Indossato il suo fresco camicione di seta, si concentrava solamente sulla bellezza di Gregório, sul suo modo delicato di beccare i semi di girasole. Alla fine la cosa più importante per lui era ascoltare Tito Shipa, inconsolabile, tra le braccia della sua moribonda madre.

Alle dieci e mezza si è svegliata anche la signora Matilde. Stava peregrinando lentamente per il corridoio, quando si è accorta della presenza del figlio

— Dormiu bem?

— Ah! essas insônias me estragam a vida... Não me vem o sono... A noite custa a passar...

— A senhora pelo menos ganhou da senhora ontem à noi-te na paciência?

— Não diz bobagem. E sentou-se na poltrona de veludo verde puído, já que sabia que Lourenço era quem cuidaria de preparar-lhe o café.

— Diz à Geraldina para voltar a vir aos sábados, Lourenço. Isso é um absurdo. Nós pagando uma criada — caras do jeito que estão — para trabalhar só de segunda à sexta. É um absurdo.

Lourenço suspirava e ia até a cozinha. Geraldina o tinha conhecido com cinco anos. Estava velha e adoentada, por isso rogava-lhe que folgasse também aos sábados para então visitar a família em Niterói e com ela desfrutar de maior tempo. Como poderia negar, Virgem Santíssima, um pedido desses à Geraldina?

Enquanto produzia o café com leite de d. Matilde, assobi-ava a Che gelida manina. "Sabe que essa ópera sempre me faz chorar, Rodolfo?" Não, Rodolfo não acreditava, até mesmo pilheriava do seu sentimentalismo. Gostava de ópera, porém raramente se emocionava. Se emocionava era com o espetáculo, os cenários, o guardaroupa, as luzes, o coro, os acordes retumbantes da orquestra. "Um dia ainda vamos de camarote" — ele sonhava. "Vamos desprezar profundamente esta abjeta torrinha..."

Sob muita insistência Lourenço aceitou ir a um bar em Copacabana com Rodolfo depois de terem assiticlo à Traviata.

— Que beleza o Sempre Libera! Violeta se rejubila dos prazeres mundanos!

— Ela não se rejubila, ripostou Lourenço. Ela está dividida entre o amor de Alfredo e o *demi monde*

— Dormito bene?

— Ah quest'insonnia maledetta mi sta rovinando la vita ... Non riesco a dormire ... La notte sembra non passare mai ...

— Almeno hai provato a portare un po' più di pazienza rispetto alla notte scorsa?

— Non dire cavolate. Così dicendo, si è seduta sulla poltrona di velluto verde, ormai logoro, sapendo già che Lourenço si sarebbe occupato di portarle il caffè.

— Lourenço di a Geraldina che deve tornare a venire anche il sabato. E' assurdo. Siamo pagando una cifra mostruosa per la domestica – sono così care – e vengono a lavorare solo dal lunedì al venerdì. E' inconcepibile.

Lourenço si è diretto verso la cucina sospirando. Conosceva Geraldina da quando aveva cinque anni. Era vecchia e ammalata, per questo le concedeva i sabati per andare a trovare la sua famiglia a Niterói, per passare con loro un po' più di tempo. Come avrebbe potuto, Vergine Santissima, negare una cosa del genere a Geraldina?

Fischiettando la Che gelida manina, preparava il caffè con il latte della signora Matilde. “ Sai, quest'opera mi fa sempre piangere Rodolfo “ No, Rodolfo non credeva alle sue parole, anzi trovava il suo sentimentalismo quasi stucchevole. Amava molto l'opera, ma raramente si emozionava. Se accadeva era solo per lo spettacolo, le scene, gli abiti, le luci, il coro, gli accordi risonanti dell'orchestra. “ Un giorno saremo anche noi sul palchetto “ – sognava lui ad occhi aperti. “ E allora disprezzeremo questa abietta soffitta ...”

In seguito a molte preghiere, finalmente, Lourenço ha acconsentito ad andare in un bar a Copacabana con Rodolfo, dopo aver assistito allo spettacolo della Traviata.

— Che spettacolo il *Sempre Libera!* Violetta trae così diletto dai piaceri mondani!

— No, lei non se ne rallegra, ha ribattuto allora Lourenço. E' divisa tra l'amore per Alfredo e il *demi monde*.

— Però tu non essere indeciso se tornare nelle braccia della signora Matilde o venire al Salomé insieme a me! – così è tornato alla carica Rodolfo.

— Então não se divida entre voltar para os braços de D. Matilde e ir ao Salomé comigo! —
voltou à carga Rodolfo.

Realmente Lourenço apreciou o bar: sofá de veludo mauve com almofadas de pele falsa de tigre e espelhos, muitos espelhos. Não havia muita gente ainda. Puderam se sentar num canto, pois assim Lourenço o preferiu.

— Um coquetel de frutas, foi o seu pedido.

— Coquetel de frutas, Dio mio ! Peça um álcool para você se animar um pouquinho. Você anda tão acabrunhado ultimamente...

— Vá lá: um porto.

Rodolfo encomendou então um cálice de porto e uma vodca tônica ao garçom, um guapo mancebo moreno.

— Sabe, Rodolfo, eu nunca fui de freqüentar bares... ah, não sei, essa música moderna me deixa atordoado.

— Você se acostuma.

Pouco a pouco o bar começou a encher.

— Olha só: aquele rapaz ali não tira os olhos de você.

— Que isso! Você está exagerando... — e Lourenço tamborilou os dedos no cálice de Porto.

Surgiu uma mulher cheia de jóias 'e muito maquiada, que se entreteve em conversa com Rodolfo..

— Não me deixa sozinho! — suplicou Lourenço.

— Lourenço, eu estou conversando com uma amiga mi-nha, ora essa! Você conhece: Malu esse aqui é o Lourenço de quem já te falei tantas vezes. Lourenço essa aqui e a Malu...

In verità, Lourenço, stava cominciando ad apprezzare quel locale: il divano di morbido velluto con i cuscini di finta pelle di tigre, e gli specchi, tanti specchi. Non era ancora pieno. Hanno deciso di prendere posto in un angolo, perché Lourenço preferiva così.

— Un analcolico alla frutta, ha ordinato.

— Mio Dio Lourenço un analcolico alla frutta! Prendi qualcosa di alcolico, che magari ti rianimi un po'. Hai sempre un'aria così afflitta ultimamente ...

— E va bene allora ti accontenterò: un porto.

Rodolfo ha ordinato quindi un calice di porto e un vodka tonic al cameriere, un bel ragazzo moro.

— Sai, Rodolfo, non sono mai stato un tipo da bar ... non so, questa musica così alta mi stordisce.

— Questione di abitudine.

A poco a poco il bar ha cominciato a riempirsi.

— Guarda lì: quel ragazzo non ti ha mai tolto gli occhi di dosso.

— Ma cosa stai dicendo! Non essere esagerato! – ha ribattuto Lourenço, tamburellando le dita sul suo calice di Porto.

Una signora molto truccata e piena di gioielli si è avvicinata al loro tavolo, e ha cominciato a parlare con Rodolfo.

— Non mi lasciare qui da solo! - lo ha pregato Lourenço.

— Lourenço, sto parlando con una mia amica! Ah ma voi due non vi conoscete: Malu questo è Lourenço, il mio amico di cui ti ho già parlato tante volte. Lourenço lei è Malu ...

Piacere, piacere. Lourenço, nonostante il sentimento di gelosia iniziale, è finito per non prestare troppa attenzione a quello che stavano dicendo. Non si trattava di gelosia in verità, ma di una sensazione che non aveva mai provato prima, quella dell'abbandono. Nella sua gabbia, invece,

Prazer, prazer e Lourenço acabou nem prestando muita atenção na conversa dos dois, apesar do, digamos, ciúme inicial. Não se tratou de ciúme, afinal, mas de uma sensação nunca experimentada antes da desproteção dentro daquela e Gregário certamente não se sentiria nada à vontade. Às vezes alteavam, o bulício aumentava quase imperceptivelmente. De súbito, um sujeito magro de óculos, com topete veio abordá-lo. Lourenço sentiu um frisson percorrer-lhe a espinha. A voz custou a sair, mas enfim pôde balbuciar:

— Oi, tudo bem? Lourenço.

Se chamava Benício, morava na Tijuca e trabalhava num banco.

— Por que você não oferece um drinque a ele, Lourenço? — soprou-lhe Rodolfo num momento propício.

— Um drinque? E você acha que eu sou desses de pagar bebida a estranhos?

Ofereceu um uísque a Benício, conforme seu desejo, sem deixar, no entanto, de olhar de soslaio o belo garçon. "Ah, esse sim. Benício usa gumex no cabelo... Que coisa mais old-fashioned..." De toda maneira, se entenderam. Conversaram sobre generalidades, como a carestia da vida, novela, alguma política e algum futebol — assunto em que Lourenço não era lá muito versado. De repente, sente um tabefe na coxa:

— Vamos embora! — era Rodolfo.

— Já?!

— O bar já está fechando. Cês não perceberam?

Chegou exausto em casa, pois tinha tomado três portos, subiu a custo a escada, caiu de bruços na cama e escutou o arrastar dos chinelos de d. Matilde no corredor:

— Está se sentindo bem, meu santinho?

Lourenço se limitou a responder com um:

— Hm... hm — e adormeceu.

sicuramente Gregório non si era mai sentito così. Le voci crescevano, il brusio aumentava in un modo quasi impercettibile.

All'improvviso, un tipo magro con gli occhiali e con il toupet è venuto ad abbordarlo. Lourenço ha avvertito un brivido percorrer gli la spina dorsale. La voce faticava ad uscire, ma alla fine è riuscito a balbettare un timido:

— Ciao, come va? Mi chiamo Lourenço.

Si chiamava Benício, abitava a Tijuca e lavorava in una banca.

— Perché non gli offri qualcosa, Lourenço? –il suggerimento di Rodolfo è arrivato al momento propizio.

— Un drink? Ma ti sembra forse il tipo che offre da bere agli estranei?

Alla fine è finito per offrire un whisky a Benício, secondo i suoi desideri, senza smettere di guardare il bel tipo con la coda dell'occhio. “ Ah si, è vero. Benício usa la patina nei capelli. Lo trovo così demodé ...” In qualche maniere la situazione si era però distesa. Erano finiti a parlare del più e del meno, della crisi, di gossip, di un po' di politica e di calcio – argomento in cui Lourenço non era molto ferrato. Finche non gli è arrivato uno scappellotto sulla coscia.

— Allora andiamo! – ha detto Rodolfo.

— Già?! – Il bar sta chiudendo. Non te n'eri mica accorto?

Quella notte è arrivato a casa esausto. Aveva bevuto tre bicchieri di porto e ha salito a fatica le scale. Era appena caduto di peso sul letto, quando ha sentito il rumore delle ciabatte della signora Matilde per il corridoio:

— Tutto bene, tesoro mio?

Lourenço si è limitato a rispondere con un:

— Mm ... mm – finendo subito per addormentarsi.

Ha sognato farfalle, tante farfalle, di vari colori, colibrì, crisantemi e ninfee in un giardino che

Sonhou com borboletas, muitas borboletas, de cores variegadas, e beija-flores e crisântemos e nenúfares num jardim infinito. No entanto o "crrr" de Gregório veio arrancá-lo à força desse paraíso onírico. Espreguiçou-se, vestiu o quimono, calçou os chinelos e desceu molemente à sala.

— A que horas você chegou ontem à noite? — perguntou d. Matilde em vias de meter uma bolacha com geléia de morango na boca.

— Não me lembro, mamãe — Lourenço respondeu mexendo o café com leite.

— Como você não se-lembra? Não tem relógio?

— Me esqueci de olhar — e olhou Gregório que o espiava com um ar cúmplice.

— Me esqueci de olhar — e olhou Gregório que o espiava com um ar cúmplice.

Desse jeito você vai ficar com olheiras. Já notou como o Rodolfo tem olheiras? Aliás, não gosto nada nada dessa sua com-panhia.

— O Rodolfo? Ora, mamãe, mas você sempre gostou dele, sempre o elogiou, dizia que era um rapaz fino, educado, culto e coisa e tal...

— Isso lá ele é. Mas ouvi falar que é um pouco dado à bebida. "Crrr...", fazia Gregório na gaiola.

— Ora, mamãe... não vou dizer que ele não gosta lá do seu vinho do Porto de vez em quando... Depois da ópera...

D. Matilde se levantou devagar por causa de seu reumatismo e falou enquanto se arrastava até a poltrona de vime da va-randa onde estavam pousados os jornais do dia:

— Vinho do Porto? Eu só espero que ele não te leve ao vício, ao deboche, às noitadas continuas... Meu filho, é só co-meçar e pronto: não se pára mais. Veja só o seu tio Alfredo...

sembrava infinito. Ad un certo punto il “crrr” di Gregório è venuto a strappararlo con la forza da questo paradiso onirico. Si è stiracchiato, ha indossato il suo chimono, i suoi sandali, e ha sceso le scale ancora un po’ rintontito.

— A che ora sei tornato ieri sera? – gli ha domandato la signora Matilde, impegnata a mettersi un cucchiaino di gelatina di fragole in bocca.

— Non me lo ricordo, mamma – gli ha risposto Lourenço, mescolando il caffè con il latte.

— Come non ti ricordi? Non avevi l’orologio?

— Mi sono dimenticato di guardare – si è voltato allora verso Gregório, che lo stava fissando con aria complice.

— Se vai avanti così ti verranno le occhiaie. Non hai notato che Rodolfo le ha già? Non mi piace proprio per niente che tu lo frequenti.

— Ma chi Rodolfo? Se vogliamo dirla tutta, mamma, ti è sempre piaciuto, lo hai sempre elogiato, dicevi che era un ragazzo raffinato, educato, colto, e cose di questo genere ...

— Infatti è così. Ma ho sentito dire che ha un po’ il vizio del bere. “Crrr ...” il verso di Gregório nella gabbia.

— Ora, mamma ... non posso di certo dire che ogni tanto non ami concedersi un vino di Porto ... Dopo l’opera ...

Sentite queste parole, la signora Matilde, si è alzata e ha ricominciato a deambulare a causa dei suoi reumatismi. Mentre si stava trascinando verso la poltrona di vimini in veranda, dove erano appoggiati i giornali del giorno, si è rivolta al figlio in questo modo:

— Vino di Porto? Spero solamente che non ti porti verso il vizio del bere, verso la dissolutezza, le notti in bianco ... Figlio mio, basta così poco per cominciare: e per non riuscire più a smettere soprattutto. Pensa ad esempio a tuo zio Alfredo ...

Verso le cinque lo ha chiamato Benício. La madre stava ancora riposando, come da consuetudine, dopo aver pranzato. Lourenço tremò a sentire il suono della sua voce al di là del filo del

Por volta da cinco horas Benício chamou. A mãe dormitava depois do almoço. Mesmo assim, Lourenço tremeu ao ouvir sua voz do outro lado da linha.

— Hoje eu não posso. Não, não posso de maneira alguma. A gente tem um biriba em casa de amigos. Não, não posso faltar, já me comprometi. Não posso arranjar desculpa... são grandes amigos meus... Amanhã?

Refletiu um pouco e, por fim, consentiu:

— Está bem. Amanhã está bem (baixinho) a que horas? As seis? Está bem. Fica combinado assim.

Puxou o fio do telefone para a sala de visitas, sentou-se no sofá atrás do biombo e ligou rápido para Rodolfo:

— Imagine, Rodolfo! Eu, me encontrar às seis horas em frente ao Metro Boavista na Cinelândia com um pérapado desses! Não posso, Rodolfo, não posso! Um bancário! O que é que mamãe... Sei, Rodolfo, sei mas... Não, não é que seja de família tradicional nem rica, mas, afinal de contas, a minha educação...

Era um domingo cinzento. Um grupo de protestantes rodeavam um pastor no centro da praça. Casais de namorados suburbanos e casais com ou sem crianças passeavam. O cheiro de pipoca no ar e a visão do algodão-doce na máquina evocavam a Lourenço tardes longínquas de domingo no parque de diversões do bairro. Benício demorava. Lourenço se levantou, caminhou até a estátua de Carlos Gomes, a contornou e voltou ao banco, pensando que deveria mesmb era ter ficado sentado aparentando calma. Passados quinze minutos ele apareceu. Veio andando do Teatro Municipal. Lourenço achou-o mal vestido, diferente da noite em que o conhecera no bar. Calçava botas e tinha a calça e a camisa muito apertadas. O cabelo mal cortado e cheio de gumex.

Benício foi logo se sentando ao lado de Lourenço com um sorriso largo. Este não sabia como abordar um primeiro assunto.

— Vamos ao cinema? — ele propôs.

telefono.

— Oggi non posso. No, non posso proprio. Ho una partita di burraco casa di amici. No, non posso assolutamente mancare, ho già dato la mia disponibilità. Non posso trovare scuse ora... sono dei miei cari amici ... Domani?

Ha riflettuto un po' sulla proposta per poi acconsentire:

— Va bene allora. Domani sono libero (abbassando la voce) a che ora? Alle sei? Va bene. Rimaniamo d'accordo così.

Ha riposto il filo del telefono in salotto, ha preso posto sul divano dietro al paravento, e ha chiamato subito Rodolfo.

— Pensa, Rodolfo! Ho appuntamento alle sei davanti alla fermata della metro Boavista a Cinelândia con un personaggio del genere! Non posso, Rodolfo, non posso andare! Un bancario! Chissà cosa direbbe mamma ... non so, Rodolfo ... No, non provengo neppure io da una famiglia ricca, però in fin dei conti, mi è stata impartita un'educazione ...

Era una domenica grigia. Un gruppo di protestanti si era ritrovato intorno a un pastore nel bel mezzo della piazza. Coppie di innamorati di periferia, e coppie, con o senza figli al seguito, stavano passeggiando lì intorno. L'odore di pop-corn e di zucchero filato gli facevano venire in mente le serate senza fine di domenica al parco divertimenti del quartiere. Benício era in ritardo. Lourenço si è alzato, si è diretto verso la statua di Carlos Gomes, ci ha girato intorno, per poi ritornare alla panchina, pensando che, forse, sarebbe stato meglio rimanere seduti e ostentare così un po' di calma. E' arrivato dopo un quarto d'ora. Proveniva dalla direzione del Teatro Municipal. Era mal vestito, gli sembrava diverso dalla notte del loro primo incontro al bar. Portava un paio di stivali sopra un paio di pantaloni, e una camicia molto aperta. I capelli erano stati tagliati male ed erano pieni di patina.

Benício ha preso subito posto di fianco a Lourenço, mostrandogli un largo sorriso. Quest'ultimo non sapeva come iniziare una conversazione.

— Andiamo al cinema? — gli ha proposto.

Benício si è trovato in difficoltà davanti a quella proposta, e così gli ha suggerito un film

Benício topou e sugeriu que fossem ver um filme de terror no Odeon, mas Lourenço respondeu ter horror a filme de terror, acabaram no Metro Boavista para assistir à Filha de Ryan.

— Imagine crae ele dormiu no cinema, Rodolfo! E roncou! Em alto e bom som de boca aberta! Ah, não, Rodolfo! Não dá, não!

— É claro. Você vai levar o bofe pra ver um filme de três horas de duração!

— Ah, e depois é muito cafona, Rodolfo! Você precisava ver como estava vestido... de botinhas... E aquele cabelo com gomalina...

— Não seja exigente, Lourenço, voce não está mais em idade...

— E mora em Cascadura, Rodolfo! Cascadura!

— Você é do Grajaú. Não fica tão longe assim.

Benício voltou a ligar na semana seguinte. Lourenço ficou na dúvida, roeu as unhas, lembrou que tinha passado uma noite de cão, em claro e deu-lhe uma Última chance. Mas e se mamãe vier a conhecê-lo um dia? — ele pensava no táxi. Não, ela não vai suportá-lo. E se por acaso ela ainda desconfiar de qualquer coisa? de que nossa amizade vai além da amizade? Não, não, vou dar um bolo. Sumo, desapareço e ele não telefona nunca mais. Desceu, buscou um orelhão e ligou direto para Rodolfo.

— Virgem do Céu, você está inteiramente neurótico! Vocês nem começaram nada e você já está pensando no que d. Matilde vai dizer?! Ora, pelo amor de Deus, Lourenço...

Desta vez Benício não demorou muito. A Lourenço até que pareceu mais bem arrumadinho. E não tinha gomalina no cabelo. O cenário também era mais acolhedor: uma lanchonete em Copacabana. Benício pediu um chope e Lourenço um suco de abacaxi, e camarões empanados.

— Você me disse que trabalha num banco.

— É.

horror all'Odeon, ma Lourenço gli ha subito risposto che aveva troppa paura di quei film. Alla fine sono finiti nella Metro Boavista, avevano deciso di guardare la *Filha de Ryan*.

— Cioè tu pensa che si è pure addormentato al cinema, Rodolfo! E russava pure! Anche a voce alta e con la bocca aperta! Ah, no, Rodolfo! Non può andare così!

— Ma era ovvio che finisse così. Io non so come ti sia saltato in mente di portare quel poverello a vedere un film che durava per ben tre ore ...

— Ah, e dopo, si è presentato lì in modo molto cafone, Rodolfo! Dovevi vedere come si era conciato ... con degli stivali ... e quei capelli pieni zeppi di cera ...

— Ma non devi essere così esigente, Lourenço, non hai più l'età per esserlo ...

— E abita a Cascadura,¹⁶ Rodolfo! Cascadura!

— Tu sei di Grajaú. Non che sia molto distante.

Benício gli ha telefonato anche la settimana seguente. Lourenço era in dubbio, si stava mangiucchiando tutte le unghie, si ricordava della nottata d'inferno appena trascorsa, ma ha deciso comunque di dargli un'ultima chance. Ma e se mamma avesse dovuto conoscerlo un giorno? – ha cominciato a pensare in taxi. No, lei non lo avrebbe mai accettato. E se per caso cominciasse a sospettare qualcosa? Che il nostro rapporto di amicizia sia andato oltre? No, no, sto commettendo un grosso errore. Devo sparire, svanire, così non mi chiamerà più.

Appena sceso è andato subito alla ricerca di una cabina telefonica per chiamare Rodolfo.

— Santa Madonna, sei proprio nevrotico! Non hai ancora cominciato nulla e stai già pensando a quello che potrebbe dire tua madre?! Ora, per l'amor del cielo, Lourenço ...

Questa volta Benício non era molto in ritardo. Gli sembrava anche più elegante. E soprattutto non aveva più la cera nei capelli. Anche lo sfondo era decisamente più accogliente: un bar a Copacabana. Benício ha ordinato una birra e Lourenço un succo di ananas e dei gamberoni impanati.

— Mi avevi accennato che lavoravi in una banca.

— Sì.

¹⁶ CASCADURA, quartiere della zona Nord di Rio de Janeiro.

— É caixa, é?

— Não. Sou segurança.

Lourenço sofreu todos os sintomas de um choque brusco: palidez, calafrio e tremor nas pernas. A diferença de classes era coisa que o escandalizava brutalmente. Não sabia mais o que conversar com um segurança de banco. Perguntou se não tinha medo de assaltos, se sabia atirar, se já tinha acontecido alguma tentativa de roubo na agência onde trabalhava etc. De repente disparou uma metralhadora de perguntas que Benício mal conseguia responder.

— E você? faz o que? ele respondeu quando encontrou uma brecha.

— Sou aposentado. Lecionava História, e lançou o olhar no vago como se se recordasse dos tempos da Universidade.

Passado o momento nostálgico, em que reviveu urna aparente tranqüilidade, esquecendo-se das paixões por um aluno, por um colega e por um inspetor, paixões não correspondidas e satisfeitas tão-somente no plano onírico, Lourenço voltou ao dilema presente sobre seguir ou não adiante o relacionamento com Benício.

— Tá longe...

— Estava me lembrando dos tempos da faculdade.

Lourenço sugeriu então um passeio pela Avenida Atlântica. A tarde caía, e ele, que jamais tinha tido sequer um caso, se inquietava sobre como poderia começar, como poderia passar do simples companherismo a uma relação mais intensa. "Mas será que é isso que eu quero realmente? Com Benício? Um segurança de banco? O que que eu vou conversar com ele nos dias subseqüentes? " A questão o atormentava de tal maneira que se despediu de Benício na altura da Princesa Isabel, forjando uma desculpa qualquer, e regressou para a casa no Grajaú

— Você não precisa se casar com o Benício, pelo amor de Deus, Lourenço! Dá uma trepadinha com ele e pronto! Você não tem tesão por ele?

— Não sei, Rodolfo, não sei... Juro que não sei... Depois, aquelas roupas, aquele dente de ouro...

— Alla cassa?

— No, come guardia di sicurezza.

Lourenço ha accusato tutti i sintomi di uno shock improvviso: pallidezza, brividi e tremori alle gambe.

La differenza di classe era una cosa che lo aveva sempre fortemente scandalizzato. Non sapeva proprio di cosa avrebbe potuto parlare con una guardia della banca. Gli ha domandato se aveva paura degli assalti, se sapeva sparare, se era già capitato un qualche tentativo di furto nella sede dove lavorava etc. Aveva cominciato a sparare domande come fosse una mitragliatrice, e Benício faticava a stargli dietro.

— E tu? Cosa fai? — ha chiesto lui, appena è riuscito a trovare uno spiraglio.

— Sono in pensione. Insegnavo storia. Nel pronunciare queste parole è rimasto con lo sguardo fisso nel vuoto, come se nella sua testa stesse ripercorrendo i tempi dell'Università.

Passato il momento di nostalgia, durante il quale gli è parso di rivivere un periodo di apparente tranquillità (tralasciando l'infatuazione per un alunno, per un suo collega e un ispettore); passioni non corrisposte e che avevano trovato la loro soddisfazione solo nel piano onirico, Lourenço è ritornato presto al suo dubbio se proseguire o no la sua relazione con Benício.

— Ci sei?

— Stavo ripensando ai tempi dell'università.

Lourenço gli ha suggerito allora di fare una passeggiata lungo l'Avenida Atlântica. Stava calando la sera, e lui, che non si era mai trovato in una situazione simile, si stava agitando per come questa sarebbe potuta trasformarsi presto da una semplice amicizia in una relazione più intensa. “Ma è veramente questo che voglio? Con Benício? Un addetto alla sicurezza della banca? Di cosa potrei parlare con lui nei giorni che verranno? La cosa lo stava cominciando a tormentare così tanto da decidere di congedarsi da Benício all'altezza della Princesa Isabel, trovando una scusa qualsiasi, potebdo così far ritorno a casa nel Grajaú.

— Non te lo devi mica sposare, per l'amor di Dio, Lourenço! Devi solo averci un'avventura!

— Tesão não tem nada a ver com roupa nem com dente de ouro. Tens ou não tens tesão?
Hein?

— Não! Não! Não! — e Lourenço desligou abruptamente, jogando-se de maneira um tanto quanto dramática sobre o aparelho.

Naquela noite sonhou que dava aulas de piano para seu ex-aluno do Pedro II, o mesmo pelo qual fora apaixonado anos atrás. Ensaivavam a sonata Waldstein de Beethoven quando o rapaz se levantou de repente: não era mais o pupilo, mas Benício vestido só de calção de banho. Ele pulou para o meio da sala e começou a fazer posições de halterofilista enquanto a pianola executava La Cumparcita. Lourenço sussurrou-lhe: - Cuidado! Cuidado! Mamãe pode aparecer de repente! Ela tem insônia!

À medida que a música aumentava, Benício executava passos de uma dança sensual como um dançarino de cabaré. Lourenço suplicava-lhe mas em vão: Benício parecia cada vez mais empolgado com seu número. Lourenço juntou as mãos, ajoelhou-se, sentindo o suor escorrer-lhe da testa e das têmporas até que uma porta abriu com estrondo:

— Lourenço! Já deu meio-dia e você precisa limpar a gaiola do Gregório! — a mãe esbravejou.

Lourenço sentou-se na cama suado e com o coração aos pulos ofegante.

— O que é que você tem meu filho?

— Pesadelo, tive um pesadelo.

— Ah, meu filhinho querido, com que você sonhou?

— Que você estava se afogando.

— Non provi della tensione sessuale nei suoi confronti?

— Non so, Rodolfo, non so dirtelo ... Ti giuro che non lo so ... E poi, com'era conciato, quel dente d'oro ...

— L'attrazione non ha niente a che vedere con i vestiti o con il dente d'oro. Provi o no dell'attrazione?

— No! No! No! — e Lourenço ha buttato giù il telefono senza tanti complimenti, gettandovisi poi sopra in maniera melodrammatica.

Quella notte ha sognato di dare lezioni di piano ai suoi ex alunni del Pedro II, anche al ragazzo del quale si era invaghito anni fa. Stava insegnando loro la sonata Waldstein di Beethoven, quando all'improvviso il ragazzo si è alzato in piedi: non era più il suo pupillo, bensì era Benício, coperto solo da un costume. Si è buttato nel mezzo della sala, dove ha cominciato ad assumere delle posizioni da sollevamento pesi, mentre la pianola stava eseguendo La Cumparcita. Lourenço allora gli ha sussurrato:

— Stai attento! Attento! Mia madre potrebbe arrivare da un momento all'altro! Soffre d'insonnia!

A mano a mano che la musica aumentava, Benício cominciava ad eseguire dei passi di danza molto sensuali, come fosse il ballerino di un cabaret. Lourenço continuava a supplicarlo invano, perché Benício sembrava sempre più preso dal suo numero. Lourenço ha unito le mani, si è inginocchiato, sentiva il sudore scendergli dalla testa e dalle tempie, fino a che non ha sentito la porta aprirsi con forza:

— Lourenço! E' già mezzogiorno e non sei ancora andato a pulire la gabbia di Gregório! — gli ha sbraitato contro la madre.

Allora Lourenço si è seduto sul letto, stava ancora sudando e aveva il cuore che batteva fortissimo.

— Cos'hai, figlio mio?

— Como aquela vez em Paquetá? Ai, quase que eu me afoguei mesmo naquele dia... Mas você ainda se lembra? Era tão pequenininho...

"Crrr...", fez Gregório da varanda lá embaixo. Lourenço lavou o rosto às pressas, meteu o roupão de seda e desceu para cuidar do galo-da-serra, antes mesmo de tomar a indefectível xícara de café-com-leite, pois logo iriam almoçar.

Durante o almoço, quando o telefone tocou, Lourenço sentiu um calafrio. Era a Geraldina dizendo que chegaria mais tarde na segunda.

— Mas essa rapariga é de uma desfaçatez sem tamanho! Só não a ponho no olho da rua porque está anos aqui e porque te criou. Senão...

Lourenço mastigou as almônegas com molho de tomate com alívio. Tomou um gole d' água e suspirou.

— Você está pálido, Lourenço, precisa pegar sol. Por que não vai dar uma volta depois do almoço?

— Penso que sim.

Quando voltou a tarde caía. Tinha andando até se esgotar. Resolveu ligar para Rodolfo de um telefone público, mas desistiu, afinal um sonho erótico não era motivo para incomodar um amigo. O que ele poderia fazer contra um sonho erótico?

Por entre a penumbra das seis horas, o ruído do telefone vibrou. Lourenço tremeu, hesitou porém acabou atendendo.

— Vamos sair hoje? — a voz de Benício soou do outro lado da linha.

Ele então repetiu pois Lourenço pareceu não ter escutado.

— Hoje eu não posso. Temos visitas.

— Un incubo, è stato solo un incubo.

— Ah figlio mio! Cos'è che hai sognato?

— Che stavi affogando.

— Come quella volta a Paquetá? Ho rischiato veramente di affogare quel giorno ... Ma come fai a ricordartelo? Eri così piccolo ...

“Crrr”, ha fatto Gregório dalla veranda lì in basso. Lourenço si è lavato la faccia, ha indossato il suo vestito di seta ed è sceso a sistemare la gabbia del suo gallo, non senza prima aver preso l'immancabile tazza di caffè latte, senza dolcetti, poiché dopo poco avrebbero pranzato.

Quando ha sentito il telefono squillare, durante il pranzo, Lourenço ha avvertito un brivido. Era Geraldina che li avvertiva che sarebbe arrivata con un po' di ritardo il lunedì.

— Ma è veramente una scansafatiche! Non la lascio a piedi solo perché è qui da tanti anni e perché ti ha cresciuto. Sennò ...

Lourenço masticava le polpette al sugo di pomodoro con sollievo. Ha bevuto un sorso d'acqua ed ha esalato un sospiro.

— Sei pallido. Devi prendere un po' di sole, Lourenço. Perché non vai a farti un giro dopo pranzo?

— Hai ragione. Penso che andrò.

Era già sera quando ha fatto ritorno a casa . Aveva camminato così tanto da riuscire a sfogare la sua inquietudine. Sembrava essersi deciso a chiamare Rodolfo in una cabina, ma alla fine ha cambiato idea. Un sogno erotico non gli sembrava un motivo abbastanza valido per scomodare un amico. Come avrebbe potuto combattere contro un sogno erotico?

Nella penombra delle sei di sera è vibrato lo squillo del telefono. Lourenço tremava, ha esitato un attimo, ma alla fine ha risposto.

— Usciamo insieme oggi? — la voce di Benício è risuonata dall'altro lato della cornetta. Ha ripetuto un'altra volta la domanda, poiché sembrava che Lourenço non avesse sentito.

— Tu sempre tem visita. Ou é visita ou é jogo de carta.

— Não, não é sempre. Acontece... — ele respondeu tímido como um adolescente. — Amanhã. Que tal amanhã?

— Amanhã eu é que não posso. Tou de serviço de noite. Quarta-feira? As dez? No mesmo banco ali na Cinelândia?

— Na Cinelândia não... Por favor... É que a Cinelândia à noite parece que é perigosa...

— Que nada.

— Então, olha... — e Lourenço pôs a mão no fone para abafar a voz:

— Quem sabe naquela lanchonete na Constante Ramos?

— Aquela de Copacabana? Pô... numa lanchonete... Num vai tar fechada?

"Onde e que será que ele quer que o leve? No Bec Fin?"

— Tá falado. Na lanchonete às dez.

Tão logo desligou, Lourenço foi para o piano. A noite caía, ele olhava Gregório quieto na gaiola e um luar que se desmanchava na varanda cheia de dalias e gerânios. A melodia languesciente de Chopin enchia seu coração de um doce sentimento de espera.

Benício apareceu às dez e quinze de uniforme.

— Vim direto do Banco.

Tomaram chope na lanchonete iluminada e mais tarde num bar na Avenida Atlântica. Lourenço olhava fundo nos olhos de Benício e nem prestava atenção no movimento da rua.

Vamos prum motel? — Benício propôs enfim com várias bolachas de chope empilhadas entre os dois.

— O quê?! Um motel? Você está louco

— Oggi non posso. Abbiamo visite.

— Devi sempre vedere qualcuno. O hai appuntamenti o devi giocare a carte.

— No, non sempre. Qualche volta ... - ha risposto lui timidamente, come se fosse un adolescente. – Domani? Che ne dici di domani?

— Domani sono io ad essere impegnato. Sono in servizio di notte. Mercoledì? Alle dieci? Alla stessa panchina di Cinelândia?

— Nooo non a Cinelândia... Te ne prego ... Mi da l'idea di essere pericolosa di sera ...

— Niente allora ...

— Allora, ascoltami ... - Lourenço ha appoggiato la mano sulla cornetta per non farsi sentire:

— Ti ricordi di quel bar sulla Constante Ramos?

— Quella di Copacabana? Boh ... in quel bar... Non sarà già chiuso a quell'ora?

“Ma dove caspita vuoi che ti porti? Al Bec Fin?”

— Va bene. In quel bar alle dieci.

Appena messo giù il telefono, Lourenço si è subito diretto verso il piano. Mentre la notte stava scendendo piano, lui osservava Gregorio tranquillo nella sua gabbia, e il chiaro di luna che si rifletteva nella veranda tra le dalie e i gerani. La melodia languida di Chopin riempiva il suo cuore con un dolce sentimento di attesa.

Benício è apparso alle dieci e mezza ancora in uniforme.

— Sono venuto direttamente da lavoro.

Hanno bevuto una birra nel bar illuminato, e più tardi in un bar sull'Avenida Atlântica. Lourenço guardava Benício dritto negli occhi, e sembrava non prestare alcuna attenzione ai passanti.

— Andiamo in un motel? – ha proposto infine Benício, tra loro i vari boccali di birra che li dividevano.

—Tu nunca foi num motel?

— Já, já. Claro que já. Mas é que eu não gosto de motéis.

— Então aonde? Na tua casa?

— Ai não! Virgem Santíssima! Minha mãe... minha mãe é uma senhora e não entende dessas coisas... Vamos, vamos...

— Vou te levar prum hotel maneiro. Num tem não desses motéis aí da Barra cheios de frescura. Um motel jóia.

— E onde é que fica?

— Na Lapa.

— Meu Deus.

— Rodolfo?

— Diga, Lourenço.

— Você nem imagina onde é que eu fui parar ontem à noite.

— Numa boate da Galeria Alasca

— Deus me livre! Boate nunca pus os pés na minha vida nem nunca os porei! Num motel na Lapa.

— Dá esse frisson por causa de boate e vai parar um motel na Lapa.

Lourenço então contou tudinho para Rodolfo: do cheiro de mofo da pintura da parede descascando, a luz negra e... o corpo de Benício.

— Então? Gostou ou não gostou?

— Un che? Un motel? Sei pazzo?

— Non ci sei mai stato?

— Sì, sì. Chiaro che ci sono già stato. Ma non amo molto i motel.

— E quindi dove? A casa tua?

— Assolutamente no! Santa Vergine! Mia madre ... mia madre non capirebbe ... Andiamo, andiamo ...

— Ti porto in un motel più carino allora. Non ce ne sono così lì nella Barra. Un motel gioiello.

— E dove si trova?

— A Lapa.

— Dio Santo.

— Rodolfo?

— Sì dimmi, Lourenço

— Non ti immaginerai mai dove sono finito ieri sera.

— In una bisca a Galeria Alasca?

— Che Dio mi salvi! Non ho mai messo piede in una bisca in tutta la mia vita! In un motel a Lapa.

— Ti scandalizzi tanto per una bisca e sei andato a finire in un motel a Lapa.

Lourenço allora gli ha raccontato tutto: dell'odore de muffa della pittura che stava cascando a pezzi, la luce scura e ... il corpo di Benício.

— Allora? Ti è piaciuto o no?

— Ah, Rodolfo! – a queste parole si è lasciato cadere sulla sedia di vimini al lato del telefono.

— Ah, Rodolfo! — e deixou-se cair na cadeira de palhinha ao lado do telefone. — Também nunca mais!

Mas Benício não ligava. Duas semanas sem ouvir sua voz ao telefone. Lourenço caminhava inquieto pela sala, metido no seu chambre habitual, traspirando muito por causa do calor de novembro. O crrr de Gregário o irritava a tal ponto que um dia deu um safanão em sua gaiola, o que fez o pássaro ainda mais agitado e histérico.

— O que é que há com você, Lourenço? Tem andado agitado... Quase não conversa comigo, não pára quieto em lugar nenhum..., dizia d. Matilde interrompendo seu bordado. Afinal o que é que há com você?

— Nada, nada, mamãe. É o calor que me deixa assim irritado.

Num domingo cinzento Rodolfo veio fazer uma visitinha. D. Matilde ofereceu um bolo de chocolate que tinha feito na véspera e depois café. Lourenço pôs uma mazurca de Chopin na pianola como fundo musical para a conversa.

— Vocês não vão à ópera? — D. Matilde quis saber, te-mendo ficar sozinha.

— Hoje não tem. Estão levando um balé muito do furreco por lá — Rodolfo respondeu fazendo biquinho para tentar tomar o café pelando.

— Lourenço está distraído... — Rodolfo observou depois de uma pausa, que não durou mais do que dois segundos.

— Ele anda assim ultimamente. Com a cabeça no mundo da lua.

— Estava pensando em viajar.

— Acho que você devia era procurar uma ocupação —opinou d. Matilde. — Homem aposentado se chateia, fica em casa não fazendo nada...

O telefone então tocou. Lourenço saltou da poltrona de vime e correu para atender.

— Tou aqui no boteco da praça. Tou te esperando.

— Mai così tanto! Mai in tutta la mia vita!

Ma Benício non gli aveva ancora telefonato. Già due settimane senza sentire la sua voce al telefono. Lourenço camminava inquieto per il salotto nel suo solito vestito, che lo manteneva fresco in quel calore infernale di novembre. Il crrr di Gregório lo irritava così tanto, che un giorno, preso dall'exasperazione, ha sbattuto la mano sulla gabbia, cosa che ha contribuito a renderlo ancora più agitato e isterico.

— Cosa ti succede Lourenço? Sei sempre così agitato ... Quasi non mi parli più, non sei mai tranquillo ... la signora Matilde ha spezzato così il silenzio, smettendo di cucire per un attimo. Cos'è che ti turba?

— Niente, mamma, niente. E' questo caldo che mi infastidisce così.

In una domenica nuvolosa è venuto a fargli visita Rodolfo. La signora Matilde gli ha offerto un dolce al cioccolato che aveva fatto la mattina presto, dopo il caffè. Lourenço ha messo su una mazurca di Chopin nello stereo, come sottofondo musicale alla conversazione.

— Non andate a vedere l'opera? – voleva sapere la signora Matilde, temendo di dover restare a casa da sola.

— Oggi non c'è. Danno un balletto di qualità alquanto discutibile stasera – le ha risposto Rodolfo, facendo la boccuccia per tentare di bere il caffè ancora bollente.

— Lourenço è sempre distratto ... ha osservato Rodolfo dopo una pausa, che non era durata più di due secondi.

— E' sempre così ultimamente. Ha la testa tra le nuvole.

— Sarà impegnato nei suoi viaggi mentali.

— Penso che dovrebbe trovarsi qualcosa da fare ha sentenziato la signora Matilde. – Un uomo in pensione si annoia, sta sempre in casa senza fare niente ...

In quel momento è squillato il telefono. Lourenço è saltato dalla poltrona di vimini, precipitandosi a rispondere

— Não posso! Não posso, Benício! — sussurrou Lourenço com o dedinho pressionando o ouvido esquerdo por causa da música da pianola, que agora tocava uma rumba.

— Estou com visitas aqui.

— Tu sempre tá com visita.

Benício fez uma ligeira pausa e prosseguiu:

— Dá uma desculpa. Diz que tem um amigo te esperando...

— Não posso! Não posso! Olha, liga outro dia.

— Eu fico te esperando por aqui. Uma hora tu aparece.

Aquela certeza deixou Lourenço em pânico. Chegou a suar na testa e nas costas.

— Você está com uma cara de fazer medo — Rodolfo disse. — Que tal dar uma volta?

— Não, não, quero ficar aqui mesmo. Estou com uma leseira hoje no corpo... Mamãe, quer me servir um Porto?

D. Matilde foi à cristaleira e apanhou uma garrafa de vidro bico-de-jaca com três copinhos.

— Isso me revigora — disse Lourenço.

Quando a pianola executava a rumba, Gregório se mostra-va alegre e fazia um cr... cr... cr... conhecido com mais empolgação. A noite caía, as cigarras zuniam e d. Matilde tratou de acender os abajures da sala. Depois Rodolfo acabou ensaiando uma dança com a velha senhora, que ria muito. Só Lourenço parecia ter caído num estranho estado entre a melancolia e a ansiedade.

— Sono qui al bar della piazza. Ti sto aspettando.

— Non posso! Non posso, Benício! – ha sussurrato Lourenço, tenendo il dito fermo sull'auricolare sinistro, a causa della musica proveniente dalla pianola, che stava ora suonando una rumba.

— Ho gente a casa.

— Hai sempre gente a casa.

Benício è rimasto per alcuni secondi in silenzio e ha aggiunto:

— Dì la verità. Dì che stai aspettando qualcuno ...

— Non posso! Non posso! Ascoltami, chiamami un altro giorno.

— Resto qua ad aspettarti. Ti do un' ora di tempo.

Quell'irremovibilità ha lasciato Lourenço nel panico più completo. Ha cominciato a sudare in testa e sulla schiena.

— Hai una faccia da spavento – gli ha detto Rodolfo — Devi andar via?

— No, no, voglio restare qui. Non mi sento granché bene oggi ... Mamma, mi porteresti del Porto?

La signora Matilde si è diretta verso la credenza, da dove ha preso una caraffa di vetro con tre bicchieri.

— Mi rinvigilirà un po'— ha dichiarato Lourenço.

Mentre la pianola suonava una rumba, Gregório sembrava allegro e emetteva il suo solito cr ... cr ... cr ... solo con più entusiasmo. La notte scendeva, si sentivano le cicale gracidare, allora la signora Matilde si è avviata ad accendere le abat-jour in sala. Rodolfo si è alzato per far ballare la signora, che non la smetteva più di ridere. Solo Lourenço sembrava essere caduto in uno strano stato che oscillava tra la malinconia e l'ansia.

Rodolfo se despediu às nove horas. Trabalhava no dia seguinte, precisava se recolher cedo. Lourenço ia soprar-lhe ao ouvido: "Não me deixe sozinho esta noite", mas d. Matilde acompanhou o amigo até o portão. Ali Lourenço estacou e ficou con-templando a praça e um único bar iluminado.

Vamos senão você vai pegar sereno, ipeu filho.

O céu tinha desanuviado e uma lua cheia surgiu.

— Vamos, vamos pra dentro, mamãe.

Lourenço pôs então uma valsinha de Strauss na pianola, se serviu mais de uma vez de Porto e refestelou-se na poltrona de vime.

— Vai beber mais, meu filho? Hoje é domingo.

— Eu não trabalho mais, mamãe. E não estou com sono.

— Com a pianola tocando, Gregório não dorme. Olha só como ele está cantarolando essa valsa de Strauss.

D. Matilde se recolheu, e Lourenço lançou uns olhos úmi-dos para a janela que dava para a praça. De repente escutou um assobio. Desligou a pianola, apagou as luzes e abriu ligeiramente a persiana. A rua estava deserta. Ele já devia ter ido embora, afinal eram nove e meia. Outro assobio. Agudo, cortante.

"Ai, meu Deus! Não posso! Não posso!"

Voltou à janela, espiou por entre uma fresta da persiana e eis que divisou um vulto. Um vulto fugidio rondando a casa. Lourenço deslizou para o chão e ficou ali encolhido até que os assobios cessassem de todo. Ergueu-se, acendeu as luzes, repôs a valsinha na pianola e, ao se servir de mais um porto, escutou passos no corredor.

— Não é que estou com insônia de novo? — D. Matilde reclamou se sentando no sofá.

Lourenço estendeu o copo:

Rodolfo è andato via alle nove. Doveva lavorare il giorno dopo e aveva bisogno di andare a dormire presto. Lourenço gli ha sussurrato all'orecchio: “ Non mi lasciare da solo questa notte “, ma la signora Matilde lo stava già accompagnando alla porta. Lourenço si è fermato lì a contemplare la piazza e l'unico bar ancora illuminato.

— Torniamo dentro sennò rischi di prendere freddo, figlio mio.

Il cielo si era schiarito e ora si riusciva anche vedere la luna piena.

— Andiamo, andiamo dentro, mamma. Lourenço ha fatto partire un valzer di Strauss nella pianola, si è servito ancora una volta un po' di Porto e si è disteso sulla poltrona di vimini.

— Hai intenzione di bere ancora, figlio mio? Guarda che oggi è domenica.

— Non lavoro più, mamma. E non ho sonno.

— Quando la pianola suona, Gregório non riesce mai a dormire. Guardalo come canticchia questo valzer di Strauss.

La signora Matilde si è avviata a coricarsi, e Lourenço ha lanciato un'occhiata piena di lacrime verso la spiaggia. All'improvviso ha sentito un fischio. Ha spento la pianola, ha acceso la luce e ha tirato un po' su la persiana. La strada era deserta. Se ne sarà già andato, infine erano le nove e mezza. Un altro fischio, acuto, stridulo.

“Ah, Mio Dio! Non posso! Non posso!

E' tornato alla finestra, ha spiato tra le fessure della persiana ed è lì che ha intravisto un volto. Un volto schivo che girava intorno alla casa. Lourenço è scivolato sul pavimento ed è restato lì rannicchiato fino a che non ha più sentito i fischi. Si è rialzato, ha acceso le luci, ha riattaccato il valzer nella pianola e, mentre si stava versando ancora del Porto nel bicchiere, è riuscito a distinguere dei passi nel corridoio.

— Ho il sospetto che mi sia ritornata l'insonnia! – si è lamentata la signora Matilde, sedendosi sul divano.

Lourenço le ha allungato un bicchiere

— Um brinde.

— A que, meu filho?

— A Gregório, a você e eu.

— Brindiamo.

—A cosa, figlio mio?

— A Gregório e a noi due!

3.8 OS IRMÃOS NEIVA

Vinham descendo a rua das Laranjeiras quando Paulo lembrou que precisavam se apressar pois a sessão começava às seis e seu relógio de pulso apontava cinco e quinze. Saulo contrapôs que dispunham ainda de tempo. O irmão mais moço acelerou o passo rumo à Praça José de Alencar. Saulo, mais gordo, tentou acompanhá-lo num esforço a contragosto.

Dentro da sala de projeção, com as luzes ainda acesas, do Cinema São Luís, Saulo mastigava ruidosamente pipocas. Paulo o censurou, e ele moderou seus movimentos bocais. O cinema estava quase vazio naquele sábado à tarde. O filme era O doutor Jivago e já se encontrava em cartaz há três meses.

— Muito longo — foi o comentário de Saulo.

— A fotografia é linda.

— Fotografia. Mas cinema não é só fotografia.

— A Julie Christie...

— Vamos tomar um chope. Depois de três horas de filme...

Sentaram-se num bar no Largo do Machado. Às nove e pouco a rua estava cheia de gente. Saulo cumpriu a promessa do chope e Paulo pediu um sorvete.

— Vamos jantar depois? — Saulo propôs.

— Não estou podendo esbanjar dinheiro.

— Ah... A vida é uma só. E depois tenho umas economias...

— E você vai gastar todas as suas economias em restaurantes? Já pensou na sua velhice? Outro chope, Saulo?

I FRATELLI NEIVA

Stavano ancora scendendo per via delle Laranjeiras,¹⁷ quando Paulo ha realizzato che dovevano sbrigarsi, visto che lo spettacolo iniziava alle sei e il suo orologio segnava già le cinque e un quarto. Saulo ha ribattuto che c'era ancora tempo. Quando sono giunti in Piazza José de Alençar, il fratello più giovane ha accelerato il passo. Allora anche Saulo, il più in carne tra i due, ha tentato di aumentare il passo contro voglia.

Nella sala di proiezione del Cinéma São Luís, le luci erano ancora accese e Saulo stava divorando rumorosamente i suoi pop-corn. Solo quando Paulo lo ha ripreso, ha cercato di limitare il rumore. Il cinema era quasi vuoto quel sabato sera. Stavano guardando il *Dottor Zivago*, già uscito nelle sale da tre mesi.

— Troppo lungo — ha commentato Saulo.

— La fotografia merita.

— Fotografia. Ma il cinema non è fotografia.

— La Julie Christie...

— Andiamo a bere una birra. Dopo tre ore di film direi che è proprio quello che ci vuole...

Hanno preso posto in un bar al Largo do Machado. Erano appena passate le nove e la strada era affollata di gente. Saulo ha ordinato, come aveva già anticipato, una birra e Paulo un sorbetto.

— Mangiamo qualcosa fuori dopo? - gli ha proposto Saulo. —

Non posso permettermi di sperperare soldi in giro in questo modo.

— Ah... La vita è solo una. E poi i soldi non mi mancano...

— E tu hai intenzione di buttare tutti i tuoi risparmi andando per ristoranti? Non pensi a quando sarai vecchio? Un'altra birra, Saulo?

¹⁷ LARANJEIRAS, quartiere nobile posizionato nella zona Sud di Rio de Janeiro.

Paulo era advogado e tinha escritório na Lapa. Saulo engenheiro e trabalhava na Secretaria de Habitação no centro da cidade. Ambos solteirões tinham nascido ali mesmo nas Laranjeiras, num antigo sobrado que pertencera à família. Com a morte da mãe, d. Adélia Ramos dos Santos, Paulo insistiu em vender a casa, segundo ele caindo aos pedaços. Encontrou a residência do irmão mais velho, que nutria uma afeição umbilical pelo velho sobrado da General Glicério.

— A fonte do jardim, Paulo. Como posso viver sem olhar da varanda, todos os domingos, lendo jornal, a fonte do jardim?

— Qualquer pessoa pode viver sem fontes no jardim, Saulo. Agora, como é que vamos manter a casa?

Saulo desconversava, arranjava pretextos, lembrava de terrenos em Caxambu e em Teresópolis, comprados pela família e nunca explorados.

— Você vai jantar fora mesmo?

— Vou.

— Faça um macarrão pra você com molho de tomate. E ainda tem o frango assado do almoço.

— Pelo amor de Deus, Paulo! Deixa de pobreza! Comer resto de almoço no sábado à noite! Vou jantar num restaurante.

— E restaurante você vai?

— Não sei ainda. Tou em dúvida entre o Bec Fin ou o Castelo da Lagoa.

— Você está louco?!

— O dinheiro é meu, Paulo. Ganho com o suor do meu rosto.

Tomou mais um chope. Paulo raspou o fundo da taça e se despediram, sem dividirem a conta.

Paulo era un avvocato e lavorava allo Studio da Habitação in centro. Tutti e due celibi, erano nati lì a Laranjeiras, in un antico podere che apparteneva da sempre alla famiglia. Da quando era morta la madre, la signora Adélia Ramos dos Santos, Paulo continuava a dire che era arrivato il momento di vendere la casa, considerando che stava ormai cadendo in pezzi. Ma il fratello più vecchio non era assolutamente d'accordo, provava un attaccamento morboso verso la vecchia villa del Generale Glicério.

— La fontana in giardino, Paulo. Come potrei vivere senza più poter contemplare la fontana in giardino dalla veranda, mentre leggo il mio giornale tutte le domeniche?

— Chiunque può vivere senza avere una fontana in giardino, Saulo. Come possiamo mantenere quella casa ora?

Saulo provava a deviare il discorso, trovava pretesti, parlava dei possedimenti a Caxambu e Teresópolis, comprati dalla famiglia, ma mai esplorati.

— Vai a mangiare fuori lo stesso?

— Sì, vado.

— Se vuoi ti preparo i maccheroni al sugo di pomodoro. Ed è anche avanzato del pollo arrosto dal pranzo.

— Per l'amor di Dio, Paulo! Ma che povertà! Mangiare gli avanzi del pranzo il sabato sera! Io vado a mangiare al ristorante.

— E in che ristorante vai?

— Non ho ancora deciso. Sono indeciso tra il Bec Fin o il Castelo de Lagõa.

— Ma sei impazzito?

— I soldi sono i miei, Paulo. Guadagnati con il mio sudore.

Detto ciò, ha ordinato un'altra birra. Paulo ha ripulito il boccale fino in fondo per poi andarsene, senza

— Não volta muito tarde. Não se esqueça que você me perdeu a chave.

— Pode deixar. Chego cedo. Às sete, tá bom? Vou pra boate depois.

— Boate... Imagino só o tipo de boate que você vai.

Com efeito, Paulo desceu estremunhado para atender a campainha por volta das sete da manhã. Encontrou seu primogênito Cambaleante na soleira da porta, com os olhos vermelhos e fixos num mundo distante e urna bisnaga debaixo do braço. Ele sempre passava na padaria depois de sua cavalgada boêmia para comprar pão quentinho para o café-da-manhã de Paulo. Este grunhiu, ao vê-lo, abriu bem a porta e se afastou para que aquele monstro marinho pudesse penetrar na casa. Nessas manhãs de regresso triunfal, Saulo — por razões facilmente compreensíveis — costumava dormir no escritório adjacente à sala de visitas, não sem antes, como num ritual, depor a bisnaga embrulhada sobre o mármore da pia na cozinha.

— Cuspa! — Paulo ordenou.

Saulo lançou um três de paus e um ás de ouro sobre a mesa de feltro verde. Marga Frazão, falsa loura, de cabelo armado, muito maquiada, espremia os olhinhos, fazendo surgir ruguinhas na pele. Eliseu Neves passou a mão na calva e mordeu os bigodes, fixando o olhar no leque de cartas.

As horas corriam longas. De vez em quando um carro pas-sava ou um ônibus ruidoso na rua do Cosme Velho. O relógio de pêndulo bateu as horas.

— Ah! Não é possível, Saulo! Você não presta atenção em nada! Por isso que estamos perdendo! — Paulo histérico.

— Calma, calma, vamos trocar de parceria. — Elizinho con-temporizou acariciando com a mão peluda o braço de Paulo.

Marga Frazão pediu licença e se levantou para ir ao toalete. Saulo acendeu um cigarro e estendeu o isqueiro para o Elizinho.

— Ai essa fumaça que empesta a casa toda! Você não disse que tinha parado, Eliseu?

— Só nos fins de semana. É a convivialidade, meu caro. Quando se está assim, com amigos...

preoccuparsi di dividere il conto.

— Cerca di non tornare troppo tardi. Non dimenticarti che hai perso le mie chiavi.

— Stai tranquillo. Torno presto. Alle sette, va bene? Vado in un locale dopo.

— Locale... Posso ben immaginare il tipo di locali che frequenti tu.

Paulo si è svegliato di soprassalto, come da copione, al suono campanello delle sette di mattina. Si è imbattuto in suo fratello maggiore sull'uscio della porta, barcollante, con gli occhi rossi, che sembravano essere dispersi in un mondo distante, e con una busta sotto il braccio. Dopo aver concluso le sue avventure notturne, aveva l'abitudine di passare sempre per il panificio a prendere del pane appena sfornato per la colazione di Paulo. Quest'ultimo ha grugnito alla sua vista, gli ha aperto la porta, e si è spostato per far entrare quella specie di mostro marino in casa. In quelle mattine, Saulo - per ragioni facilmente comprensibili - usava dormire nello studio adiacente al salotto, senza mai dimenticarsi di appoggiare la busta di pane sopra il marmo della tinozza in cucina.

— Sputa fuori! ha ordinato Paulo.

Saulo ha lanciato sopra al tavolo in feltro verde tre paus e un as di oro. Marga Frazão, tinta bionda, piena di capelli, molto truccata, strizzava gli occhi mostrando le rughe. Eliseu Neves si è passato la mano sulla pelata e si è morso i baffi, con lo sguardo fisso sul ventaglio di carta.

Le ore scorrevano lente. Ogni tanto passava una macchina o un autobus particolarmente rumoroso nella via Cosme Velho. L'orologio a pendolo scandiva le ore.

— Ah! Non è possibile! Non sei abbastanza attento! Per questo stiamo perdendo! — Paulo era isterico.

— Stai calmo! Calma! Proviamo a scambiare le coppie. — disse Elizinho, accarezzandogli il braccio con la mano pelosa.

Marga Frazão ha chiesto scusa e si è alzata per andare al bagno. Saulo si è acceso un sigaro e ha allungato l'accendino a Elizinho.

— Ancora con questo fumo che impesta tutta la casa! Non avevi detto di aver smesso, Eliseu?

essa brisa fresca, aquela lua cheia...

Saulo se levantou e foi se servir de uísque.

— E a casa, afinal? Vocês não iam reformá-la?

— Devíamos era vender — Paulo respondeu entredentes embaralhando nervosamente.

Vender nem pensar — Saulo interviu da semi-escuridão onde se encontrava, próximo à cômoda-bar, junto à escadaria.

— Esta casa é um receptáculo de memórias.

— Um espetáculo?

— Elizinho, que era meio surdo, perguntou.

— Ela não ia gostar nem um pouco — Saulo continuou acendendo a luz de um abajur, que iluminou o quadro de d. Adélia.

— Ela está morta, Saulo — o irmão retrucou sempre embaralhando.

— Você não acredita em espíritos, Paulo? — Elizinho perguntou segurando delicadamente a guimba entre os dedos finos.

— Espíritos? Eu já vi vários — interveio Marga Frazão com os lábios mais vermelhos e a pele mais branca. — Tem mesmo um que me visita sempre: o Alexei.

— Quem? — Paulo perguntou.

Marga se sentou de maneira teatral e fixou Paulo bem fundo nos olhos.

Alexei Alexandrovitch Yussupov. Um nobre russo que foi morto durante a Revolução Russa. Ele era muito fiel ao czar.

— Fumo solo nei fine settimana. E' la compagnia, mio caro. Quando si è in compagnia degli amici... l'aria fresca, la luna piena...

Saulo si è alzato per versarsi un whisky.

— E per la casa? Avete deciso di ristrutturarla?

— Sarebbe giusto venderla — ha risposto Paulo a denti stretti, imbrogliando nervosamente.

—Neanche a pensarci - la voce di Saulo è arrivata dalla semioscurità in cui era immerso, vicino al comò, di fianco alle scale.

— Questa casa è un ricettacolo di ricordi.

— Uno spettacolo? ha domandato Elizinho, che era mezzo sordo.

— Lei non sarebbe per nulla d'accordo — ha continuato Saulo, accendendo la luce dell'abat-jour, illuminando così il quadro della signora Adélia.

— Lei è morta, Saulo — ha ribattuto il fratello, che stava ancora imbrogliando.

— Tu non credi negli spiriti, Paulo? — ha domandato Elizinho, posizionando delicatamente la pipa tra le dita affusolate.

— Spiriti? Mi è già capitato di vederne — è intervenuta allora Marga Frazão, che aveva ora le labbra più rosse e la pelle più bianca. — C'è n'è uno che viene sempre a farmi visita: Alexei

— Chi? ha domandato Paulo.

Marga si è seduta in maniera alquanto teatrale e ha fissato Paulo ben dritto negli occhi.

— Alexei Alexandrovitch Yussupov. Un nobile russo, caduto durante la Rivoluzione Russa. Era un fedele dello zar.

— Yussupov. Ma non si tratta forse dell'assassinio di Rasputin? — ha chiesto Saulo con aria di sfida mentre lasciava cadere del ghiaccio nel bicchiere.

— Yussupov. Mas esse não foi o assassino do Rasputin? Saulo desafiou, mexendo o gelo no copo.

— Primo dele.

— Mas, ô Marga, se o Príncipe Yussupov matou o Rasputin, certamente. o irmão dele não ia ser chegado ao czar...

— Mistérios da História — ela suspirou —, mas ele me contou que...

— Vamos deixar a História da Rússia de lado e recomeçar o jogo — Paulo comandou atirando as cartas na mesa. — Voltando à vaca fria, mamãe não ia gostar nada de ver esta casa caindo aos pedaços e os filhos comendo o pão que o diabo amassou pra sustentar este palácio em ruínas.

— Ela vai é puxar o seu pé de noite se a gente vender a casa — Saulo asseverou com o cigarro no canto da boca e os olhos fixos no leque de cartas.

— Vai assombrar as suas noites, Paulo... — falou a Marga em tom profético.

— Pois sim. Vamos, cuspa, Saulo!

As rachaduras nas paredes por causa da umidade crescente começaram a abalar a solidez da casa. Goteiras obrigavam os irmãos Neiva a espalhar baldes pelos cômodos. Paulo era obrigado a mover sua cama de ferro a diferentes cantos do quarto em razão das gotas de chuva. Saulo, mesmo quando não voltava "fatigado" de suas perambulações noturnas, tinha sono pesado e pouco se incomodava com as goteiras.

— Não é possível, Saulo! A gente tem que se desfazer dessa casa ou ela se desfaz de nós! — Paulo disse durante o almoço de domingo na Churrascaria Majórica.

— Mas quando eu olho a cômoda de jacarandá, o globo de cristal, os quadros, os objetos todos de prata que mamãe gostava tanto me vêm lágrimas aos olhos...

— Suo nipote.

— Ma, Marga, se il principe Yussopov avesse ucciso Rasputin, sicuramente suo fratello non sarebbe diventato zar...

— Misteri della storia – ha sospirato lei - ma lui mi aveva raccontato che...

— Accantoniamo la storia della Russia per un attimo e ricominciamo a giocare dai — ha ordinato Paulo, mettendo le carte sul tavolo. — Tornando al discorso di prima, mia madre non avrebbe mai voluto vedere la casa andare in pezzi e i suoi figli sperperare i soldi, che erano stati appositamente messi da parte per ristrutturarla.

— Si ribalterebbe nella tomba se vendessimo la casa — ha sentenziato Paulo con il sigaro in bocca e gli occhi fermi sul ventaglio di carta.

— Verrai disturbato nel sonno, Paulo... — ha asserito Marga in tono profetico.

— E' così. Andiamo avanti con il gioco, Saulo!

Le crepe nella parete, causate dalla crescente umidità, hanno cominciato a minacciare la solidità della casa. Le gocce che cadevano dal soffitto obbligavano i fratelli Neiva a sparpagliare secchi per tutta la casa. Paulo era costretto a spostare il suo letto in ferro nei differenti angoli della camera, a seconda di dove erano posizionate le perdite d'acqua. Saulo, anche quando non rientrava a casa "stanco" dopo le sue peregrinazioni notturne, aveva il sonno leggero, e soffriva molto a causa del rumore dell'acqua.

— Non è più possibile, Saulo! O ci sbarazziamo di questa casa o sarà lei a sbarazzarsi di noi! — è sbottato Paulo, durante il pranzo della domenica alla Churrascaria Majorica.

— Ma quando mi soffermo a guardare il mobile di iacaranda, il mappamondo di cristallo, tutti gli oggettini in argento che piacevano tanto alla mamma, mi vengono subito le lacrime agli occhi ...

— Non hai mai pensato di sposarti? — ha cialrato Marga, mentre sorseggiava il suo Martini dolce, impreziosito dalle buccia di arancia.

— Vocês nunca pensaram em se casar? — cacarejou Marga bebericando o seu martíni doce com casquinhas de laranja.

— Nunca — Saulo respondeu um tanto enfaticamente. — Sempre preferi ter amantes — ele arrematou fazendo Marga ruborizar.

— Tive um grande amor na minha vida — Paulo confessou suspiroso.

— Ah... aquela... — Saulo soltou enfiando nacos gordurosos de carne boca adentro.

— Aquela, não!

— Como é que era o nome dela? — a Marga quis saber apertando os olhos muito maquiados e fazendo ressurgir seus indisfarçáveis pés-de-galinha.

— Gislene.

— Gislene. Vê se isso é lá nome de gente — Saulo desprezou dando um gole de chope.

— Era uma moça simples, sabe? Morava em Barra Mansa. Mas uma flor de pessoa.

O bulício do restaurante obrigava Paulo a falar quase com o rosto junto ao de Marga. A última frase do irmão Saulo não escutou; tinha os pensamentos distantes. Pensava na moça que conhecera na boate na noite anterior. Era go-go-girl e disse se chamar Suzette. Que rabo, que peitos! ele chegou até a murmurar enlevado. "E que olhos... tão verdes... Parece o anjo da fonte. Da minha fonte do jardim."

— Chegamos a ficar noivos.

— Noivos? Pois eu também tive um noivo: o Oscar... Faleceu, coitado, num desastre horrível de automóvel indo para Juiz de Fora.

— A Gislene também. Tinha sopro no coração.

Aqui Saulo pareceu cair da sua nuvem com dançarina e fonte.

— Morreu?! Que absurdo, Paulo! Ela se casou com o Agostinho Lyra e te deu foi um belo dum chute!

— No, mai — ha risposto Saulo con tono un po' enfatico. — Ho sempre preferito dedicarmi a storie passeggere — ha continuato, facendo così arrossire Marga.

— Io ho avuto un solo grande amore in tutta la mia vita — ha confessato Paulo malinconico.

— Ah si ... quella ... è intervenuto Saulo, intento ad infilarsi pezzettini di carne in bocca.

— Non provarci neanche a riferirti a lei in questo modo!

— Come si chiamava? — voleva sapere Marga, spalancando curiosa gli occhi truccati ed evidenziando così le immancabili zampe di gallina.

— Gislene.

— Gislene. Dimmi te che razza di nome — ha affermato Paulo con un tono disgustato, mentre beveva un sorso di birra.

— Era una ragazza semplice, sapete? Abitava a Barra Mansa. Una brava persona.

Il brusio del ristorante stava costringendo Paulo a parlare con la faccia attaccata a quella di Marga. Non aveva nemmeno ascoltato l'ultima cosa che aveva detto suo fratello: stava viaggiando con i pensieri. Stava ripensando alla ragazza che aveva conosciuto la notte prima alla bisca. Era una *go-go-go girl* e gli aveva detto di chiamarsi Suzette. Che sedere, e che tette! Stava pensando tra sé e sé fino a mormorare a voce abbastanza alta. “ E che occhi ... così verdi ... Sembrava l'angelo della fontana. Della fontana del nostro giardino.“

— Ci eravamo fidanzati.

— Fidanzati? Anch'io avevo un fidanzato: Oscar ... E' morto, poveraccio, in un orribile incidente di automobile, avvenuto a Juiz de Fora.

— Anche Gislene. Aveva un soffio al cuore. In quel momento Saulo è improvvisamente caduto dalle nuvole.

— E' morta?! Che assurdità, Paulo! Si è sposata con Agostinho Lyra e ti sei preso un bel calcio nel sedere!

Paulo ruborizou de vergonha e de raiva. Seus olhos brilharam.

— Ela se casou sim com aquele canalha e depois morreu! Com um ano de casada morreu porque não agüentou aquele escroque! Unha amantes. Como alguém que eu conheço. Só que nunca devia ter se casado — Paulo então dirigiu o olhar para a Marga:

— Estava atolado em dívidas.

— Que horror! — ela fez girando o anel no dedo.

— Saulo... você não devia falar assim com o seu irmão... — a Marga disse afagando a mão do outro, no momento em que Paulo fora ao toalete.

— Ele se ilude, ele se ilude com essa tal de Gislene.

Quando saíram da churrascaria, uma aragem fresca soprava da praia. Saulo deixou escapar um arrote, foi repreendido pelo irmão, e se despediram da parceira do biriba de sábado à noite.

— Você está vendo isso aqui? — Paulo bradou entrando com um papel na mão enquanto Saulo estava escarrapachado na poltrona de couro ainda de paletó e gravata.

— Há?

— É uma intimação! Uma intimação da prefeitura! Eles declaram que a casa está condenada e se nós não fizermos uma reforma geral, ela vai ter que ser posta abaixo!

— Mas como é que eles sabem que a casa está precisando de uma reforminha?

— Os vizinhos, Saulo, os vizinhos que vigiam tudo! E você não pode esquecer que há interesses imobiliários na demolição da casa!

— Sacripantas! — murmurou entredentes, virou o rosto para o lado e acrescentou:

— Pois não vão derrubar a minha casinha.

— Sua casinha?! Sua casinha é um casarão em ruínas! Um dia desses vamos morrer soterrados

Paulo ribolliva per la vergogna e per la rabbia. I suoi occhi brillavano.

— Sì, si è sposata con quella canaglia, ma poi è morta! Dopo un anno di matrimonio è morta, perché non poteva più sopportare quell'imbroglione! Aveva delle amanti. Come qualcuno di mia conoscenza. Solo che non si è mai sposato – nel frattempo Paulo si era voltato a guardare Marga:

— Era pieno di debiti.

— Che orrore! — ha esclamato lei girandosi l'anello nel dito.

— Saulo ... non devi rivolgerti così a tuo fratello ... - gli ha detto Marga prendendogli la mano, quando Paulo si era assentato per andare in bagno.

— Si illude, si fa solo delle illusioni su quella Gislene.

Quando sono usciti dalla churrascheria, una brezza fresca soffiava sulla spiaggia. Saulo si è lasciato sfuggire un rutto, ed è stato subito ripreso dal fratello, poco dopo si sono congedati dalla coppia di biriba del sabato sera.

Hai visto cos'è arrivato? — ha gridato Paulo, mentre entrava in casa con un foglio in mano, trovando Paulo spaparanzato nella poltrona di cuoio, ancora col soprabito e la cravatta.

— Cosa?

— E' un'intimazione! Un'intimazione della prefettura! Qui dichiarano che la casa verrà ipotecata se non verrà ristrutturata, verranno a demolirla!

— Ma come fanno a sapere che deve essere rimessa a posto?

— I vicini, Saulo, i vicini che sono sempre lì pronti a ficcare il naso! E non parliamo poi degli ovvi interessi immobiliari che stanno sotto la demolizione della casa!

— Maledetti! — ha mormorato tra i denti, si è voltato e ha asserito:

— Non ce la faranno a portarmi via la mia casetta.

por um monte de pedras e de madeira!

Saulo de repente se ergueu e proferiu:

— Já sei: vamos fazer a tal da reforma!

Paulo quase teve um chique. Perguntou ao irmão com que dinheiro iam fazer a reforma. — A gente vende os terrenos de Teresópolis e de Caxambu. A gente não vai construir lá mesmo... A gente afinal sempre fica em hotel... Paulo não sabia se avançava para cima do irmão ou se rolava pelo tapete puxando os cabelos e uivando. Optou por uma reação menos radical: se sentou na banquetta em frente à poltrona e caiu em prantos. Um pranto convulso de menino desam-parado. Saulo tentou abraçá-lo, mas ele rejeitou o afago e quando se acalmou disse decidido:

— Eu compro a minha parte na casa.

— O quê? e você vai então morar longe de mim, Paulinho? e os nossos biribas de sábado à noite? Como é que ficam?

— Eu não fico mais nesta casa. É claro que a gente não vai deixar e se ver. E depois, os biribas... bem podem ser num lugar seguro.

Um mês bastou para o negócio ser arranjado, conforme o desejo de Paulo e contra o gosto de Saulo. Foram vendidos os terrenos de Teresópolis e de Caxambu concordando finalmente os irmãos em dividirem o total das vendas. Saulo pôs o dinheiro ganho com os lotes para render, enquanto prometia a si e a Paulo iniciar com toda a presteza possível, as reformas no velho sobrado.

Paulo, por sua vez, comprou um belo apartamento na Tijuca, decorou-o com um mobiliário moderno

— La tua casetta?! La tua casetta sta andando a catafascio! Un giorno di questi finiremo per essere sotterrati da un mucchio di pietre e di legno!

Saulo si è alzato di scatto e ha affermato:

— Lo so: ristruttureremo la casa!

Paulo si è sentito mancare. Ha domandato al fratello con quali soldi pensava di mettere apposto la casa.

— Venderemo i terreni delle città di Teresópolis¹⁸ e di Caxambu.¹⁹ Non si potrebbe costruirci nulla comunque ... La gente alla fine decide sempre di pernottare in hotel ...

Paulo era indeciso se prendere il fratello per il collo o se mettersi a rotolare nel tappeto, strappandosi i capelli e ululando. Alla fine ha optato per una soluzione un po' meno radicale: si è seduto sulla panchina di fronte alla poltrona e si è lasciato andare ai singhiozzi. Il pianto convulso di un bambino abbandonato. Saulo ha provato ad abbracciarlo, ma lui lo ha respinto, e non appena è riuscito a calmarsi ha affermato deciso:

— Io compro la parte della casa che mi spetta.

— Cosa? Ma non vorrai mica andare ad abitare lontano da me, Paulinho? e le nostre partitelle del sabato sera? Come faremo?

— Io non voglio più rimanere in questa casa. Chiaro che ci vedremo comunque. E poi, le partite di burraco ... sarà pur meglio giocarle in un luogo sicuro.

E' stato necessario un mese per mettere appunto l'accordo, secondo i voleri di Paulo, ma contro i desideri di Saulo. Le proprietà di Teresópolis e di Caxambu sono state vendute, e finalmente i due fratelli si erano accordati per dividersi il totale della rendita. Saulo ha investito i soldi ottenuti nella ristrutturazione della casa, visto che aveva promesso a sé stesso e a Paulo che i lavori sarebbero cominciati il prima possibile.

Paulo, a sua volta, ha acquistato un bell'appartamento a Tijuca, e lo ha arredato con dei mobili moderni

¹⁸ TERESOPOLIS, comune del Brasile nello Stato di Rio de Janeiro, parte della mesoregione Metropolitana di Rio de Janeiro e dellamicroregione di Serrana.

¹⁹ CAXAMBU, comune del Brasile nello Stato del Minas Gerais, parte della mesoregione del Sul e Sudoeste de Minas e dellamicroregione di São Lourenço.

para "espanar a poeira do casarão de Laranjeiras", não se esquecendo de povoar a sala com retratos de d. Adélia e de Gislene. Vez por outra recebia os amigos para o tradicional chá-biriba, ao qual Saulo estava invariavelmente presente. Só que dispensava o chá, preferindo o seu não menos tradicional uísque.

E com o uísque ia pelas noites, amando agora fielmente a sua Elenita (era o verdadeiro nome de Suzette), freqüentando bares e boates até o amanhecer. A reforma do sobrado ia adiando. Afinal, a casa não parecia tão velha assim como o Paulo dizia e até guardava um charme com seu aspecto ancestral

Sem Paulo, sua vida soltou as rédeas. Saía todas as noites. Acabou descobrindo um cassino clandestino na Urca (logo na Urca...), que passou a freqüentar na companhia de Elenita.

Com o jogo o dinheiro dos terrenos foi-se e sem o dinheiro foram-se a reforma da casa e Elenita, que acabou revelando que tinha outro. Saulo mergulhou de cabeça na bebida até que adoeceu. Paulo insistiu que se mudasse para a Tijuca, mas o irmão renitente continuava a invocar a sua bela visão da fonte no jardim. A fonte que se parecia com Elenita-Suzette. Mentalmente, da janela de seu quarto no segundo andar, ele a acariciava e a beijava.

Enquanto isso, a prefeitura não desistia de ameaçar a demolição da casa, o que agravava ainda mais o estado de Saulo.

— Não posso mais, Paulo. Não posso abandonar a minha fonte e o meu jardim.

— Pois venha para cá, já!

Poucos dias antes do prazo estipulado pela prefeitura, Saulo veio a falecer. Foi encontrado no jardim abraçado à estátua de ferro azinhavrado.

O cortejo foi simples, constituído de Paulo, que não derramou uma lágrima, da Marga e do Elizinho. Paulo não chorou no enterro, mas não se conteve quando viu pela primeira vez a fonte do sobrado no jardim da casa do Elizinho em Caxambu. Chegou mesmo a abraçar-se a ela, enxarcando os pés no laguinho que a circundava.

— Cuidado com os meus peixinhos dourados! — suplicou o Elizinho.

— Quando eu vejo as roupas, mesmo mal cuidadas, quando cheiro o perfume preferido dele, não consigo conter as lágrimas... — Paulo confessava à Marga e ao Elizinho.

per “distaccarsi dall’antichità di villa Laranjeiras “, non senza riempire la sala con le fotografie della madre e di Gislene. Continuava ad invitare gli amici al tradizionale appuntamento di te e burraco, al quale Saulo non mancava mai di venire. Con la sola differenza che lui disprezzava il te, preferendogli il non meno tradizionale whisky.

Vagava nelle notti bevendo whisky, fedele ora alla sua Elenita (il vero nome di Suzette), frequentando i bar e le discoteche fino alla mattina. I lavori alla villa procedevano. Alla fine la casa non era neanche così vecchia come sosteneva Paulo, anzi, incuteva sempre un certo fascino ancestrale.

Senza Paulo la sua vita non aveva più restrizioni. Usciva tutte le sere. Aveva anche scoperto un casinò clandestino a Urca (proprio a Urca ...), che ha cominciato a frequentare in compagnia di Elenita.

E’ finito presto per sperperare i soldi delle rendite nel gioco d’azzardo, e senza più questi è andata in fumo la ristrutturazione della casa insieme a Elenita, che si è poi scoperto avesse un amante. Saulo non ne voleva sapere di smettere di bere, finché non si è ammalato. Paulo continuava ad insistere perché si trasferisse a Tijuca, ma il fratello non la smetteva di invocare la visione della fontana in giardino. La fonte che assomigliava a Elenita- Suzette. Nella sua testa, dalla finestra di camera sua al secondo piano, la accarezzava e la baciava ancora.

Nel frattempo, la prefettura continuava con le minacce di demolizione della casa, cosa che contribuiva non poco ad aggravare lo stato di salute precario di Saulo.

— Non posso, Paulo. Non posso abbandonare la mia fontana e il mio giardino.

— Vieni qui da me!

A pochi giorni dalla scadenza stipulata dalla prefettura, Saulo morì. Lo hanno ritrovato in giardino, abbracciato alla statua di ferro verderamato.

Il corteo è stato molto semplice, composto da Paulo, che non ha versato nemmeno una lacrima, Marga e Elizinho. Paulo non ha pianto il giorno della sepoltura, ma non è riuscito a contenere la commozione quando si è trovato di fronte, per la prima volta, la fontana del giardino a casa di Elizinho, a Caxambu. E’ corso ad abbracciarla, finendo con i piedi nel laghetto da cui era circondata.

— Sinto falta da minha bisnaga quentinha nos domingos de manhã.

E a natureza estóica de Paulo cedeu à melancolia. Não ti-rou o luto por muitos anos. Aos retratos da mãe e da ex-noiva na cômoda da sala juntou um — o último, tirado em Paquetá — de Saulo.

— Você não pode viver assim... — aconselhara a Marga.

— Vamos ao cinema — dizia o Elizinho.

Se se morre de tristeza, como se diz, ela não matou Paulo. Viveu ainda uns bons anos até que um enfarte fatal veio surpreendê-lo num lugar inesperado: na casa do Elizinho, no jardim, ao pé da fonte do sobrado.

— Fai attenzione ai miei pesciolini dorati! — lo ha supplicato Elizinho.

— Quando vedo i suoi vestiti trascurati, quando sento il suo profumo preferito, non riesco a trattenere le lacrime ... — ha confessato Paulo a Marga e a Elizinho. — Sento la mancanza del suo pane appena sfornato della domenica mattina.

E anche l'indole stoica di Paulo è finita per arrendersi alla malinconia. Non è riuscito a superare il lutto per molti mesi. Vicino alle foto della madre e dell'ex fidanzata, sopra il comò della sala, ne ha aggiunto un'altra – l'ultima foto di Saulo, fatta a Paquetá.

— Non puoi continuare così ... — cercava di fargli capire Marga.

— Andiamo al cinema — proponeva Elizinho.

Se si può morire di tristezza, come dicono, non fu questa ad uccidere Paulo. E' vissuto ancora per anni, finché non è stato stroncato da un infarto, proprio lì: a casa di Elizinho, in giardino, ai piedi della fontana della villa.

3.9 O SEGREDO

Sentado no sofá de listras vermelhas, Engelberto observava os gestos e as expressões das tias sem escutar de que assunto falavam. De qualquer maneira, era a palração habitual, e ele como que se encolhia na cadeira, o calor e a comida a amolecer-lhe o corpo inteiro e a pesar-lhe as pálpebras. Sentia aos poucos suas costas deslizarem no encosto, o entorpecimento dos músculos e as primeiras imagens do sonho seguirem como se um filme começasse a ser projetado. Os sons ganhavam também uma altura e um eco irreais.

“Engelberto! Por que você não vai para a cama, meu filho!”

“Você está caindo de sono!”

“Olha, vai lá e deita no quarto do seu avô!”

O calor sufocava. O suor escorria pela testa e pelas costas de Engelberto. Afinal, ele acedeu e meio sonâmbulo foi cair na cama do quarto do avô. Acordou com a noite fechada. Apesar de comumente se esquecer dos sonhos, este aquela tarde se apresentava vivo, com a nitidez apavorante de uma cena trágica, que ele julgara adormecida sob uma grande lage de pedra. Por isso, a custo se ergueu e fechou a tela da janela. Olhou o rio escorrendo oleoso ao fundo e o bosque de pinheiros a se destacar do céu escuro, à medida que seus olhos se habituavam à escuridão. A casa em silêncio. Lá fora apenas os ruídos de grilos, de sapos e de algum pássaro noturno. Tinha que escapar do sonho que o perseguia. Tocou o comutador, mas a luz não se acendeu. Então apalpou a beira da cama, as paredes e caminhou inseguro até a porta. No fundo do corredor havia, no entanto, uma fimbria de luz. Escutou sussurros. Caminhou lentamente pelo corredor, e as imagens foram se delineando aos poucos, dando forma ao quadro familiar: os tios jogavam cartas à luz do lampião.

“O dorminhoco“, foi o primeiro som que ouviu, um som roufeno, provavelmente do tio, tabagista inveterado.

Jogou-se numa poltrona e ficou, ainda meio amolecido pelo sono, a assistir ao jogo.

IL SEGRETO

Seduto sul divano a righe rosse, Engelberto osservava i gesti e le espressioni delle zie, senza prestare veramente attenzione ai loro discorsi. Era arrivato l'immane momento dedicato alle chiacchiere, quando lui si accoccolava sulla sedia e cominciava a sentire il calore e la pancia piena indolenzirgli il corpo, e le palpebre che cominciavano a pesare. Le spalle scivolavano a poco a poco sullo schienale, i muscoli si intorpidivano, poteva vedere le prime immagini del sogno susseguirsi, come se un film stesse per essere proiettato. I suoni assumevano un volume e un eco quasi irreali.

“Engelberto! Perché non vai a dormire, figlio mio?”

“Stai crollando dal sonno!”

“Vai a distenderti nella camera del nonno!”

C'era un caldo soffocante. Il sudore gli scorreva dalla testa e dalle spalle. Alla fine ha ceduto e si è buttato sul letto del nonno ancora in dormiveglia. Si è risvegliato in piena notte. Di solito si dimenticava sempre i sogni che faceva, ma quello di quella notte era ancora vivido nella sua mente, segnato dalla spaventosa nitidezza di una scena tragica, che sperava invano potesse rimanere ben nascosta sotto una grande lastra di pietra. Si è alzato a fatica ed è andato a chiudere le tende. Si è soffermato a guardare il fiume che scorreva oleoso sullo sfondo, e il bosco di pini che si stagliava contro il cielo scuro. In casa regnava il silenzio. Si poteva sentire il gracidio dei grilli là fuori, i rospi e qualche passero notturno. Doveva fuggire dal sogno che lo perseguitava. Ha toccato l'interruttore, ma la luce non si accendeva. Così ha provato a tastare il ciglio del letto, le pareti, ed ha proceduto insicuro fino ad arrivare alla porta. In fondo al corridoio si intravedeva un po' di luce. Ha sentito dei sussurri. E' andato avanti lentamente, le figure a poco a poco si stavano delineando, fino a prendere la forma del solito quadretto familiare: gli zii che giocavano a carte, illuminati dalla luce artificiale della lampada.

“Ecco il dormiglione”, è stata la prima cosa che ha sentito, una voce roca, doveva sicuramente trattarsi dello zio, fumatore incallito. Si è buttato su una poltrona per assistere, ancora assonnato, al gioco.

O almoço tinha sido, como de hábito, pesado. Tia Eufrásia chorava enquanto comia depois de tanta pimenta sapecada na rabada com agrião e angú. Tia Eudóxia molhava os lábios e o buço no suco de caju e tia Eulália exibia os dentes com fios de manga, as sumarentas mangas de sobremesa.

Engelberto só sabia, encolhido no seu canto, que a voz viria. A voz sussurrante e aveludada: "Você não pode contar o que viu." Começou então a suar frio na cadeira. Tio Bosco apareceu com sua papelada imensa alumado pela luz do lampião, que carregava. Era bem moreno, gordo, os olhos traíam uma luminosidade líquida de quem se fartou de cachaça a tarde inteira. Passou como se o ignorasse, aquela figura obesa carregada pelas sombras que povoavam a casa. As tias continuavam entretidas com as cartas. Tia Eudóxia nesse momento, com seus óculos de meia-lua, baralhava. Engelberto levantou-se meio cambaleante. A memória o assaltava subitamente nessa casa posta subitamente às escuras. Nada podia ser mais propício aos fan-tasmas do passado. Ele se dirigiu então para fora. Apalpou as mãos na borda do poço e só viu um buraco escuro. Pouco a pouco, porém, foi pressentindo a presença da água no fundo. Era noite de lua nova. Molhou o rosto. Deixou que uns filetes escorressem pela testa, pelas faces. A cabeça pesava e chegou mesmo a sentir certa vertigem. Os olhos ardiam como se não tivesse dormido noites seguidas. O que era aquela voz que sempre se insinuava quando sentia medo? Vinha de longe e tinha a impressão de que o perseguiria a noite inteira. Talvez tivesse sido o almoço farto e condimentado e a sesta que o deixaram assim meio que aturdido e estranho no mundo.

Rãs coaxavam ao longe.

Finalmente uma aragem vinda lá pelos lados do rio veio refrescar-lhe o corpo. Recostou-se ainda na borda do poço olhando a casa iluminada se destacando da escuridão em volta. Aquela noite (ou sua semi-alucinação) conferia ao sobrado uma dimensão quase irreal de um palácio como se em seu interior fosse ocorrer um grande baile. Chegou a ouvir os acordes da valsa, o fru-fru das saias, o arrastar de pés, os coches chegando, os sorrisos, os cumprimentos.

De repente fugiu. Fugiu para o interior da mata onde ninguém o poderia ver. Dentro da escuridão mais noturna viu vagalumes. Sentou-se na relva, agarrou as pernas com os braços e divisou o sobrado lá longe, um ponto de luz quase se dissolvendo na escuridão.

Il il pranzo era stato pesante come da copione. A zia Eufrásia venivano sempre le lacrime agli occhi dopo aver trovato così tanto pepe nel piatto di coda di pesce con crescione e polenta. Zia Eudóxia si bagnava le labbra e la peluria con il succo di acajú, mentre zia Eulália esibiva i fili di mango incastrati nei denti, quegli stessi mango succosi, appoggiati lì, sopra la tavola.

Engelberto, accoccolato nel suo angolo, era perfettamente cosciente del fatto che la voce prima o poi lo avrebbe trovato. La voce che veniva sempre a sussurrargli in tono vellutato: “ Non devi raccontare a nessuno quello che hai visto.” Ha cominciato a sudare freddo. Nel frattempo, è arrivato zio Bosco con le sue tante scartoffie, illuminato dalla luce della lampada che stava portando. Era moro, in carne, gli occhi gli brillavano di una luminosità acquosa, quella di chi aveva bevuto cachaça per una notte intera. E’ passato senza guardarlo, quella grossa figura trascinata dalle ombre che popolavano la casa. Le zie erano impegnate a giocare a carte. Zia Eudóxia stava cercando di imbrogliare, da sotto i suoi occhiali a mezza luna. I ricordi venivano ad assalirlo di colpo in quella casa immersa nell’oscurità. Nessun altro luogo avrebbe potuto dare più soddisfazione ai fantasmi del passato. Così ha deciso di dirigersi verso il cortile. Ha afferrato il bordo del pozzo con le mani, ma ci riusciva a scorgere solo un buco nero. A poco a poco, però, ha cominciato a percepire la presenza dell’acqua lì sotto. C’era la luna piena quella notte. Si è bagnato il viso. Ha lasciato che le gocce d’acqua gli scorressero lungo la nuca e la faccia. Sentiva la testa pesante e ha cominciato ad avvertire le vertigini. Gli bruciavano gli occhi come se non avesse dormito per notti intere. Cos’era quella voce che si insinuava nella sua testa, quando aveva paura? Arrivava da lontano e sapeva che lo avrebbe perseguitato per tutta la notte. Forse erano stati il pranzo abbondante e il pisolino di prima che avevano contribuito ad estraniarlo dalla realtà e a lasciarlo così stordito.

Rane che gracidavano in lontananza.

Finalmente è arrivata una brezza dal fiume a rinfrescarlo. Si è avvicinato al bordo del pozzo a guardare la casa illuminata nell’oscurità. Immersa nella notte (o forse era tutta una sua allucinazione), la casa assumeva una dimensione quasi irreali, quasi come fosse un palazzo, come se al suo interno si stesse svolgendo un ballo. Riusciva quasi a sentire le note del valzer, lo svolazzare delle gonne, il movimento dei piedi, le carrozze, i sorrisi, i saluti.

Di colpo ha cominciato a correre. Verso l’interno della radura, dove non avrebbe potuto vederlo nessuno. Dentro l’oscurità più densa si potevano scorgere delle lucciole. Si è seduto sull’erba,

Ao fundo o movimento do rio. Haveria cobras por ali? Haveria peixes dormindo no fundo do rio? Grilos cricrilavam e sapos-martelo coaxavam. Um raio então cortou o céu seguido de um trovão. Engelberto sentiu então os primeiros pingos da tempestade. Levantou-se devagar, espalmou as mãos para o céu como se recebesse a chuva como uma dádiva, ergueu o rosto e divisou as nuvens formando uma massa compacta. A tempestade caiu intensa. Engelberto deixou-se ficar sob as águas abundantes, escutando os trovões. Para ele a tormenta lavaria para sempre a imagem que o perseguia há anos.

Quando a roupa colou-lhe completamente ao corpo e os cabelos grudaram-lhe na testa, disparou em corrida desabalada até a casa. De súbito, tropeçou bruscamente num pedregulho oculto por arbustos e enfiou o rosto na relva molhada. A chuva caía com força e ruído, e os relâmpagos continuavam iluminando de quando em vez o céu. Engelberto se ergueu e retomou, com a mesma velocidade de antes, o seu caminho em direção à casa.

— Meu filho! Você está ensopado! - clamou tia Eufrásia.

— Vem cá que eu vou te enxugar! - disse tia Eulália já com uma toalha felpuda nas mãos.

— É preciso passar álcool nos pés! — aconselhou tia Eudóxia também segurando um frasco de vidro.

Engelberto encolheu-se na cama debaixo de cobertores, pois a chuva trouxe a friagem. Tão logo findasse, viria uma temperatura amena que permitiria dormir apenas com lençol e colcha. Mas a luz no corredor o incomodava. Tremia de frio debaixo dos lençóis, suspeitava que tivesse febre e talvez por isso não conseguisse reunir forças para ir até o corredor e apagar a luz. Sequer tinha ânimo para gritar e chamar as tias. Acima da cabeceira da cama, pressentia o retrato a óleo do avô, seus bastos bigodes brancos, seu pincenê e sua expressão sisuda.

Passada mais ou menos uma meia-hora, tia Eulália veio com uma xícara de café fumegante que o agasalhou inteiro por dentro.

si è abbracciato le gambe con le braccia. Poteva intravedere la casa lì in fondo, un punto di luce che sembrava fosse sul punto di dissolversi nel buio.

Sullo sfondo scorreva il fiume. Ci saranno forse dei serpenti qui? Ci saranno dei pesci che dormono sul fondo del fiume? Si poteva sentire il verso dei grilli, il gracidio dei rospi. Un fulmine ha squarciato il cielo, seguito subito da un tuono. Engelberto ha sentito allora le prime gocce che preannunciavano il temporale. Si è alzato lentamente, ha puntato le mani verso il cielo, quasi come se ricevesse quella pioggia come un dono; ha alzato la testa e ha intravisto le nuvole che formavano una massa compatta sopra di lui. La pioggia scendeva con intensità. Engelberto è rimasto immobile sotto la tempesta, ascoltando i tuoni. Nella sua testa, il temporale avrebbe lavato via definitivamente le immagini che continuavano a perseguitarlo ormai da anni.

Solo quando i vestiti si erano ormai incollati al corpo ed i capelli avevano cominciato a gocciolare, ha cominciato a correre affannosamente verso casa. E' inciampato in un masso, che era rimasto nascosto sotto gli arbusti, ed è finito con la faccia in mezzo al fango. La pioggia cadeva forte e rumorosa, e i lampi si stagliavano contro il cielo. Engelberto si è alzato e ha ripreso, con la stessa velocità di prima, il cammino verso casa.

— Figlio mio! Sei completamente zuppo! – ha esclamato zia Eufrásia.

— Vieni qui che ti asciugo! – ha esclamato zia Eulália, già con una coperta felpata in mano.

— Sarebbe meglio passargli dell'alcool sui piedi! – è arrivato il consiglio di zia Eudóxia, mentre chiudeva un barattolo di vetro.

Engelberto si è rannicchiato nel letto, sotto le coperte, per ripararsi dal freddo che aveva portato la pioggia. Passato il temporale, la temperatura era così mite da permettergli di dormire solo con il lenzuolo e la coperta. Ma c'era la luce nel corridoio che gli dava fastidio. Tremava di freddo sotto le lenzuola, sospettava di avere la febbre, e forse era per questo motivo che non riusciva a trovare le forze per alzarsi a spegnere la luce. Tuttavia era ancora abbastanza in forze per gridare e chiamare le zie. Poteva sentire, sopra la testiera del letto, la presenza del ritratto a olio del nonno, i suoi baffi canuti, il suo pince-nez e la sua espressione grave.

Dopo appena mezz'oretta, è entrata zia Eulália con una tazza di caffè fumante in mano, che

Ela afagou-lhe os cabelos, agora secos, e sorriu-lhe. Era uma mulher rechonchuda, grisalha e com uma verruga na asa direita do nariz. À exceção de Eudóxia, nenhuma das tias tinha se casado. Desconheciam homem. Engelberto ficou olhando a tia que ia se afastando meio encurvada com a xícara de café na mão pelo corredor iluminado. Lorena, a empregada do sítio, tinha engravidado. Disseram que o filho do vizinho tinha feito mal a ela. Depois a despediram, ela com o filho na barriga. O garotão aparecia de vez em quando cavalgando pelo sítio de seus tios ou pelo seu terreno, junto ao muro coberto de hera. Era um garoto alto, moreno, bonito e Engelberto

— Não! — ele quase soltou um gemido depois que aquele pensamento relampejou em sua mente e rolou para o chão com os lençóis e cobertores enrolados na cintura e os pés ainda sobre a cama. Procurou então o comutador para alumiar o quarto. Sentia-se imerso no fundo de um poço escuro depois que tia Eulália, a pedido seu apagara a luz do corredor. Transpirava. A mão tremia, derrubou um púcaro de porcelana e alcançou enfim o comutador do abajur. A luz espalhada pelo quarto foi como o libertasse de um jugo eterno, um cárcere situado nas entranhas da terra.

E o vizinho cavalgava ao longo do muro de hera. Roberto o nome dele. Tinha um sobrenome estrangeiro complicado, ele não se lembrava bem como era. Tinha também olhos azuis e um dia o cavalo empinou quando deparou com ele, Engelberto, em meio a uma clareira no bosque de pinheiros. Não sabia o que estava fazendo ali. Se perdera talvez depois de uma longa cavalgada numa manhã de sol. O cavalo empinando e relinchando e os olhos azuis de Roberto, a expressão assustada, suas botas calçadas nos estribos.

“O que que você tá fazendo aí?” — foi só o que ele disse e partiu lançando poeira, a galope.

A luz do quarto parecia revelar tudo; parecia revelar seus pensamentos e lembranças mais recônditas. Engelberto então se encolheu a um canto, junto ao armário e teve a impressão de que suas três tias e seu tio Bosco iriam entrar quarto adentro e assestar-lhe chibatadas. Não, ele nunca ia dizer, nunca ia pronunciar palavra sobre Roberto nem sobre a imagem vista na infância que sempre vinha acompanhada daquela voz falsamente meiga: "Você não vai contar nada, Engelberto..."

Lo ha rinvigorito nel profondo. Gli ha scompigliato teneramente i capelli, ora asciutti, per poi sorridergli. Era una signora in carne, con i capelli grigi, e con una verruca nella narice destra. A eccezione di Eudóxia, nessun'altra tra le zie si era sposata. Non avevano mai prestato troppa attenzione agli uomini. Engelberto è rimasto un pò a fissare la zia, che si stava allontanando mezza incurvata con la tazza da caffè in mano per il corridoio illuminato. Lorena, la domestica, era rimasta incinta. Si diceva che il figlio del vicino avesse abusato di lei. L'avevano mandata via insieme al figlio che portava in pancia. Ogni tanto si poteva vedere il ragazzo, quando andava a galoppo nelle sue proprietà o in quelle degli zii, vicino al muro ricoperto d'edera. Era un ragazzo alto, moro, bello e Engelberto si domandava se avrebbe potuto fare del male anche a lui.

— No! — si è quasi lasciato scappare un gemito quando quel pensiero gli è passato per la testa. E' rotolato giù dal letto con le lenzuola e le coperte appese alla cintura, e i piedi sopra al letto. Ha cercato a tastoni l'interruttore per illuminare la stanza. Si sentiva perso nel fondo di un pozzo oscuro, anche se zia Eulália aveva assecondato la sua richiesta di accendere la luce nel corridoio. Stava sudando. Gli tremava così tanto la mano da rovesciare completamente un vaso di porcellana nel tentativo di afferrare il filo dell'abat-jour. Finalmente la luce era riuscito a liberarlo da un gioco eterno, da un carcere situato nelle viscere della terra.

E il vicino di casa stava cavalcando lungo il muro ricoperto di edera. Si chiamava Roberto. Aveva un cognome straniero e complicato, ma non si ricordava bene quale fosse. Aveva gli occhi azzurri. Un giorno, quando si è imbattuto in Engelberto in mezzo a una radura nel bosco di pini, il suo cavallo ha deciso di impennarsi. Non aveva idea di come avesse fatto a finire lì. Forse si era perso dopo una lunga cavalcata in una mattina soleggiata. Il cavallo si è impennato nitrendo, gli occhi azzurri di Roberto, la sua espressione impietrita, i suoi stivali appoggiati sulle staffe.

“Cosa ci fai qui?” – gli aveva detto solo queste parole per poi ripartire a galoppo.

La luce della camera aveva riportato tutto in superficie; sembrava riuscisse a mettere a nudo i suoi pensieri e i ricordi più nascosti. Allora Engelberto si è messo in un angolo, vicino all'armadio e ha avuto come il presentimento che le tre zie, insieme a zio Bosco, sarebbero entrati per frustarlo. No, lui non avrebbe mai proferito parola sull'accaduto, non avrebbe mai detto nulla ne su Roberto, ne sulla scena a cui aveva assistito da piccolo, sempre accompagnata dalla solita voce melliflua: “Non dirai nulla, Engelberto ...”

Acabou adormecendo ali mesmo no canto junto ao armário e só despertou com a voz de Olegária, a nova empregada, uma senhora ("porque essas meninas de hoje são de morte" — dissera tia Eufrásia), que segurava uma bandeja com café com leite e bolos.

— Acho que o menino tá doente, D. Eudóxia. Encontrei ele dormindo no pé da cama — ele escutou Olegária dizer a sua tia.

Engelberto se arrastou para a cama onde jazia a bandeja, sentou-se e permaneceu olhando seu café da manhã sem tocá-lo. A manhã era clara e cheia de cantos de pássaros. Engelberto tentava em vão recuperar seu sonho daquela noite. Tinha a impressão de ter sido desagradável, imagens fugiam evitando um quadro preciso. Foi quando ouviu vozes no corredor. Imediatamente pôs-se em pânico. O coração batia, e ele começou a transpirar. Eram vozes conhecidas que ameaçavam chegar até o quarto do avô, onde ele estava.

Esgueirou-se então até o fundo do corredor e se fechou no banheiro. Mas não poderia evitar a presença durante o dia inteiro daquelas vozes. Olhou pela janela o jardim lá embaixo e as buganvílias que se despejavam do teto da varanda. As vozes então se tornaram mais próximas; perguntavam por ele. Não, ele tinha que se esconder ou fugir do sítio, voltar de ônibus sozinho para o Rio sem dizer nada aos tios. Entretanto, sabia que seria impossível evitar aquelas presenças.

A medida que rodava a macaneta devagar, as vozes iam sumindo do outro lado da porta. Voltou então para o quarto.

— Você nem tocou no café!

— Olegária disse ao voltar para apanhar a bandeja. Vou tomar lá embaixo com eles.

— Seu Márcio mais seu Virgílio tão aí.

— Eu sei: eu ouvi a voz deles.

Mudou a roupa e desceu. Os tios tomavam café na varanda. Marcia veio abraçá-lo. Engelberto não respondeu com a mesma efusão.

Si è addormentato lì accucciato nell'angolo vicino all'armadio, per risvegliarsi soltanto al suono della voce di Olegária, la nuova domestica, una signora (“ Perché le ragazze di oggi non sono per niente affidabili “ – aveva decretato zia Eufrásia), che teneva in mano un vassoio con caffè–latte e dei dolcetti.

— Penso che il ragazzo non si senta bene, signora Eudóxia. L'ho trovato che dormiva ai piedi del letto – ha origliato Olegária rivolgere queste parole a sua zia.

Engelberto si è trascinato sul letto, dove era appoggiato il vassoio, si è seduto, ed è rimasto lì a fissare il suo caffè mattutino, senza toccarlo. La mattina era chiara e si potevano sentire i passeri cinguettare. Engelberto stava tentando di recuperare, con scarsi risultati, le immagini del sogno tormentato di quella notte, ma le scene continuavano a sfuggirgli dalle mani, senza assumere una sequenza precisa.

Ha sentito delle voci provenienti dal corridoio. E' entrato subito nel panico più totale. Il cuore gli batteva forte, e ha cominciato a sudare. Erano delle voci famigliari, che sembrava si stessero avvicinando sempre di più alla camera del nonno.

Ha cercato di svignarsela verso il fondo del corridoio, chiudendosi in bagno. Di certo non avrebbe potuto evitarle per tutto il giorno. Si è fermato a contemplare dalla finestra il giardino più in basso e le bouganvilles, che si arrampicavano dal tetto della veranda. Le voci erano sempre più vicine; stavano chiedendo di lui. Poteva restare lì nascosto, oppure avrebbe dovuto andarsene, tornare da solo in autobus verso il fiume senza dire niente ai suoi zii. Era conscio che sarebbe stato impossibile sfuggirgli.

Proprio nel momento in cui stava provando a girare la maniglia, ha sentito le voci allontanarsi dall'altro lato della porta. Si è diretto quindi verso la camera.

— Non hai nemmeno toccato il caffè! – ha detto Olegária, quando è ritornata a prendere il vassoio.

— Lo berrò di là in sala con loro.

— Il signor Márcio e il signor Virgílio sono arrivati.

— Lo so: ho sentito le loro voci.

Si è cambiato e ha sceso le scale. Gli zii stavano bevendo il caffè in veranda. Márcio è corso ad abbracciarlo, ma Engelberto non ha contraccambiato con lo stesso trasporto. Ha salutato le

Cumprimentou as tias, tio Bosco elio. Todos falavam muito. As tias Eufrasia e Eulalia pareciam excitadas com a visita inesperada.

"Como entao posso ser igual a eles?" — Engelberto pensava rodando a xícara de café em cima do pires, cabisbaixo sem conseguir assistir a cena entre os tios, o cunhado e o primo.

— Tudo bem? Ce chegou ha muito tempo? - Márcio perguntou depois que os outros se levantaram da mesa e ficaram a sós.

— Tudo bem. Tem só uma semana.

— Ce já viu os cavalos?

— Cê sabe que eu nao gosto de andar a cavalo.

— Vai aprender comigo.

Ele teve então vontade de se abrigar no bosque dos pinheiros do outro lado do rio onde poderia encontrar Roberto cavalgando e contar-lhe finalmente tudo. Mas Roberto nao viria. Alguma coisa dentro dole dizia que o vizinho não apareceria, e ele ficaria sozinho no bosque o dia inteiro esperando a noite cair.

— A gente vai ficar urn mês ele informou sem que Engelberto tivesse devolvido a pergunta educada de praxe.

— Urn mês!!! ele deixou escapar como um eco.

— É. Por quê? Voce não gosta da gente?

Engelberto ficou entao vermelho, gaguejou um é-claro-que-eu gosto, cruzou os dedos nas mds suadas e evitou a olhar do cunhado. Foi quando Vírgilio veio se aproximando deles com o casaco nas costas.

— Fomos dar urn passeio la pelos lados do sítio do Corducci. Ele aumentou a casa, não foi? Fez urn anexo bonito, com paredes de pedra.

Vírgilio gesticulava muito quando falava. Talvez mais do que o vizinho italiano. Acendeu urn cigarro com piteira. Tinha os olhos esbugalhados e um tanto vermelhos. Engelberto ansiava por saber se eles tinham encontrado o filho da casa. Mas Virgílio começou a discorrer sobre a história da compra do terreno pelas três irmãs e a posterior construção da casa que o assunto dos Corducci se esvaiu no ar. Onde Roberto estaria naquele momento? E Lorena? Tinha tido a filho dele no

zie, zio Bosco e Virgilio. Parlavano tutti molto. Le zie Eufrásia e Eulália sembravano molto eccitate dalla visita inattesa.

“Come posso essere un loro parente?” – ha pensato Engelberto a testa bassa, mentre mescolava la tazza di caffè sopra il pirex, non riusciva ad essere spettatore di quel teatrino composto dagli zii, il cognato e il cugino.

— Tutto bene? Sei qui da molto? – ha domandato Márcio, dopo che gli altri si erano alzati da tavola ed erano rimasti soli.

— Tutto bene sì. Solo da una settimana.

— Sei già andato a vedere i cavalli?

— Non è un segreto che io non ami molto andare a cavallo.

— Ti insegno io.

In quel momento è stato pervaso dall'improvviso desiderio di andare a nascondersi nel bosco di pini, dove avrebbe incontrato Roberto, e avrebbe potuto confidargli tutto. No, non sarebbe venuto. Qualcosa dentro di lui gli suggeriva che il vicino non avrebbe fatto la sua apparizione, e lui sarebbe rimasto tutto il giorno da solo, ad aspettare il calare della notte.

— Rimarremo qui per un mese— ha informato Engelberto, visto che quest'ultimo non si era minimamente preoccupato di chiederglielo, come invece richiederebbe l'educazione.

— Un mese!!! — si è lasciato scappare Engelberto.

— Perché? Non ti va un po' di compagnia?

Engelberto è arrossito, ha balbettato un “chiaro che mi fa piacere”, ha incrociato le dita sudate ed ha evitato lo sguardo del cognato. Virgilio si è avvicinato a loro con la giacca sulle spalle.

— Andiamo a fare una passeggiata verso le proprietà di Corducci. Ha ampliato la casa, vero? Ha costruito un bel caseggiato, con le pareti in pietra.

Virgilio gesticolava molto quando parlava. Forse ancora più del loro vicino di casa italiano. Si è acceso un sigaro. Aveva gli occhi spalancati e un po' rossi. Engelberto voleva sapere se per caso avessero già incontrato il figlio. Ma Virgilio ha cominciato subito un monologo su come i tre fratelli avessero acquistato il terreno, e su come ci avevano poi costruito una casa, e così è svanito anche il discorso delle proprietà di Corducci. Chissà dove si trovava Roberto in quel momento? E

interior do Estado ou teria feito aborto?

Deixou-se ficar entre os dois por mais tempo do que desejava. Não que desgostasse do primo Vírgilio e do cunhado, mas havia alguma coisa indefinível que o desagradava na companhia de ambos. Certo, Vírgilio era afetado, Marcio pretensioso, deslumbrado com a alta sociedade, porém não eram essas características por demais aparentes que o incomodavam.

Embora só tivessem falado de projetos em comum, pois eram sócios em um escritório de arquitetura, de nomes e de sobrenomes, de festas e de recepções, nem tivessem perguntado nada a seu respeito, a tarde caiu rápida, logo escureceu e tia Eulália os chamou para dentro.

O rumor constante do relógio-cuco da sala ocupava os instantes de silêncio. Jogavam cartas, único passatempo nas casas de campo na serra. Engelberto lia no sofá.

— Você não acha que já está na hora de ler coisas mais da sua idade, Engelberto? — Márcio disse da mesa de jogo exalando uma baforada de cigarro.

— Deixa o rapaz — Tia Eulália disse.

— Eu gosto desse. É a segunda vez que eu tou lendo.

— Tem que ler... tem que ler...

— Joga e deixa o menino em paz, Márcio! tia Eufrasia corrigiu-o outra vez.

— O Quarto de Giovanni do James Baldwin...

— Joga, Márcio, anda! Virgílio desta vez interveio.

Engelberto nunca tinha ouvido falar no livro de Baldwin e remergulhou no seu Alexandre Dumas. Quando seus olhos começaram a se enevoar e sua boca a bocejar, se levantou, se despediu dos jogadores e caminhou até o quarto. O corredor parecia, no entanto, mais longo na semi-obscuridade e ele ficou zozinho. Caiu na cama, mas ao invés de adormecer logo, custou a pegar no sono. Um garoto andava a cavalo por entre os arbustos e pinheiros da sua quase vigília. Escutava as patas do cavalo baterem o chão e o ruído forte do vento. Não sabia se já era sonho ou a lembrança de uma imagem vista algum dia.

Lorena? Chissà se aveva già partorito o se invece aveva abortito?

Aveva già trascorso troppo tempo insieme a quei due per i suoi gusti. Non aveva nulla contro il cugino Virgilio o il cognato, ma c'era un qualcosa che non gli faceva amare la loro compagnia. Certo, Virgilio era lezioso, Márcio pretenzioso, abbagliato dall'alta società, ma non erano questi i motivi che lo portavano a stargli lontano.

Nonostante avessero passato tutto il tempo a parlare dei loro progetti, (erano entrambi soci di uno studio di architettura), di nomi e cognomi, di feste e ricevimenti, e non avessero mostrato un minimo interesse per la sua vita, la notte era scesa presto. Era già buio, quando zia Eulália li ha chiamati dentro.

Il rumore continuo dell'orologio a cucù della sala occupava i momenti di silenzio. Stavano giocando a carte, unico passatempo nelle case di montagna, mentre Engelberto era impegnato a leggere sul divano.

— Non pensi sia arrivato il momento di cominciare a leggere dei libri più adatti alla tua età, Engelberto?— la voce di Márcio è arrivata dalla tavola da gioco.

— Lascia in pace il ragazzo — ha detto zia Eulália.

— Mi piace. Lo sto rileggendo per la seconda volta.

— Bisogna leggere ... bisogna leggere ...

— Pensa a giocare e lascia stare il ragazzo, Márcio! lo ha riprese zia Eufúrsia una seconda volta.

— *La camera di Giovanni* di James Baldwin...

— Gioca, Márcio, gioca! — questa volta è stato Virgilio a parlare.

Engelberto non aveva mai sentito parlare del libro di Baldwin, ed è ritornato a concentrarsi sul suo Alexandre Dumas. Quando ha cominciato a sbadigliare, si è alzato, ha salutato i giocatori e si è diretto verso la camera. Procedeva mezzo intontito per il corridoio, che gli sembrava più lungo nella semi-oscurità. Si è lasciato cadere nel letto, ma faticava a prendere sonno quella sera. Un ragazzo stava cavalcando tra gli arbusti e gli alberi di pino. Sentiva gli zoccoli del cavallo sul pavimento e il rumore del vento. Non sapeva se stesse sognando o se fosse il ricordo di una scena vista un giorno.

Revirou-se na cama, sentiu calor e resolveu abrir as janelas. Lá fora a lua sabre o céu límpido. Seria rumor das patas de cavalo o que escutava ao longe? Sentiu desejo depois de pular a janela e correr atrás daquele barulho distante na mata escura. Não, não: e cravou as palmas das mãos no parapeito até sentir dor. Não podia se afastar dali, não podia se lançar dentro da imensidade da noite. Era preciso antes beber das fontes.

Eles estavam ali. Eles que o acorrentaram numa gruta de desespero. Será que eles iam repetir o ato que ele, Engelberto, surpreendera anos atrás? Mas e a irmã? Pobre da minha irmã, que ignora tudo, a ovelha das ovelhas. Como é que ela iria reagir se eu, por exemplo, eu que vi, que sei de tudo contasse? E como o castigo (ou a salvação) incidiria sobre mim? Sob a forma de um raio, de uma peste ou de uma cavalgada rumo as estrelas? É isso: a minha salvação. Só posso me considerar salvo depois que denunciar o crime asqueroso, revoltante, depois que berrar para a casa inteira, para as portas, janelas, quadros, relógios e corredores calados a existência e a persistência da afronta hedionda. Preciso consumir a minha missão hoje, a meia-noite, quando todos na casa estarão recolhidos e eles vão perpetuar o ritual macabro e depois de tartamudear essas palavras olhando a lua, Engelberto acendeu o castiçal e seguiu com ele pela casa as escuras, como um santo inquisidor até a quarto de Virgílio e de Márcio.

Berrou. Absolutamente berrou e o castiçal caiu no chão. Todos foram despertados e acorreram para tentar acalmar o menino que expelia brados histéricos, revirava os olhos e apontava para as duas camas de solteiro onde cunhado e prima antes dormiam e agora também tentavam tranquilizá-lo. No entanto Engelberto não via mais nada: no tumulto das visões que o afligiam só cavalo e cavaleiro galopavam na estrada e uma estranha escultura se imobilizava naquele mesmo quarto, como anos atrás: Virgílio e Márcio enlaçados num beijo.

Si è rigirato nel letto, faceva troppo caldo, quindi si è alzato per aprire le finestre. Lì fuori la luna si stagliava contro il cielo limpido. Era forse il rumore degli zoccoli di un cavallo quello che sentiva in lontananza? Ha sentito l'impulso di saltare fuori dalla finestra e correre incontro a quel rumore distante nel bosco scuro. No, no: ha conficcato i palmi delle mani sul parapetto fino a farsi male. Non poteva allontanarsi da lì, non avrebbe potuto lanciarsi dentro l'immensità della notte.

Erano lì. Erano proprio loro ad averlo incatenato in una prigione di disperazione. Si sarebbe forse ripetuto l'atto a cui Engelberto aveva assistito anni prima? E la sorella? Quella povera donna di mia sorella, all'oscuro di tutto, creatura innocente! Come reagirebbe lei se decidessi di raccontarle? E chissà quale penitenza (o forse salvezza) incomberebbe su di me? Arriverebbe sotto forma di fulmine, della peste o di una cavalcata verso le stelle? E' così: la mia salvezza. Mi potrò considerare salvo solo dopo aver denunciato quel crimine abominevole, rivoltante, dopo che avrò urlato a tutta la casa, alle porte, alle finestre, ai quadri, agli orologi e ai corridoi silenziosi l'esistenza e la perpetrazione di quell'oltraggio orrendo. Devo farlo oggi, a mezzanotte, quando saranno tutti andati a dormire e loro due eseguiranno il macabro rituale. Dopo aver balbettato queste parole guardando la luna, Engelberto ha acceso il candelabro e si è fatto strada con questo in mano per la casa immersa nel buio, come un santo inquisitore, fino alla camera di Virgílio e Márcio, dove ha lanciato un urlo.

Ha urlato forte e il candelabro gli è caduto sul pavimento. Tutti si sono precipitati a calmare il ragazzo, che non la smetteva di emettere grida isteriche, storciva gli occhi e indicava verso la camera, dove fino a prima dormivano il cognato con il cugino, e che ora erano lì a tentare di tranquillizzarlo. Engelberto non riusciva più a vedere nulla: nel tumulto delle visioni che lo perseguitavano si distinguevano solo il cavallo e il cavaliere che galoppavano per la strada, e una strana scultura, lì immobile in quella stanza, come anni prima: Virgílio e Márcio avvinghiati in un bacio.

3.10 A VEZ DA PROFESSORA

Afagou o piano com a flanela, como se quisesse limpá-lo. Recolheu as flares da mesinha redonda, arranjou-as no vaso e apanhou o livro de Pearl Buck, esquecido no sofa pela filha. Retirou o serviço antigo de porcelana presente de casamento — do armário do corredor e o dispôs sobre a bandeja de prata no mármore da cozinha. Examinou o relógio de pêndulo e percebeu que faltava ainda meia-hora para as visitas chegarem. O dia estava nublado e quente. Abriu a janela, que dava para a rua do Catete, e viu um conglomerado de carros e ônibus parados num engarrafamento. Buzinas começaram a eclodir. Pensou então que, caso persistissem, o ruído iria atrapalhar a reunião. Lá embaixo uma mulher de rolinhos conversava a altos brados com um homem careca e barrigudo. Moema debruçou-se no parapeito e suspirou; as horas se arrastavam no domingo a tarde. Os filhos dormiam depois de um almoço farto, com galinha ao molho pardo, polenta e cerveja. Coçou o tornozelo direito com o pé esquerdo, voltou a calçar o sapato aberto no calcanhar e foi a cozinha para dar uma espiada no bolo de aipim no forno." Ligou o rádio, mudou de uma estação, onde transmitiam uma partida de futebol ("Ai, esses locutores me enervam!"), para a rádio MEC, que emitia uma mazurca de Chopin.

Seus pensamentos planavam alto quando a campainha tocou. O primeiro a chegar foi o Bento Esteves, funcionário da Biblioteca Nacional, e vizinho de porta. Moema disse-lhe o senhor-esta-em-casa e sentou-se defronte dele na poltrona de crepe rosa, cruzando as pernas, exibindo o dedão a mostra no sapato creme:

— Como vai dona Zininha?

— Mal, continua com aquela artrite que não deixa ela sossegada lamentou-se e acendeu um cigarro, expelindo a fumaça profusa em direção ao teto.

— Somos duas: eu e as minhas enxaquecas. O senhor me desculpe mas eu tenho que dar uma olhadela no bolo no forno, fiz um bolo de aipim que...

— Ih, eu adoro bolo de aipim...

IL TURNO DELLA PROFESSORESSA

Ha accarezzato il piano con un panno, quasi volesse pulirlo. Ha afferrato i fiori appoggiati sulla tavola rotonda per metterli in un vaso, e ha spostato il libro di Pearl Buck, che sua figlia aveva dimenticato sul divano. Ha tirato fuori l'antico servizio in porcellana, regalo di matrimonio, dall'armadio in corridoio, e lo ha trasferito sul vassoio d'argento, appoggiato sul bancone di marmo in cucina. Si è girata verso l'orologio a pendolo, e si è resa conto solo allora che mancava appena mezz'ora all'arrivo degli ospiti. La giornata era afosa e nuvolosa. Quando aperto la finestra che dava sulla via Catete,²⁰ ha scorso un conglomerato di macchine e di autobus intrappolati in un ingorgo. Clacson che suonavano. Se tutta questa confusione non si fosse placata, avrebbe certamente recato disturbo alla riunione. Lì sotto una signora con i bigodini stava parlando concitatamente con un uomo calvo e con la pancia. Moema ha sospirato: il tempo sembrava non passare mai nei pomeriggi domenicali. I ragazzi erano andati a dormire in seguito a un pranzo abbondante a base di gallina al sugo grigio, polenta e birra. Si è grattata la caviglia destra con il piede sinistro, si è risistemata la scarpa, e si è diretta in cucina per controllare il dolce di manioca in forno. Ha acceso la radio, ma ha subito cambiato stazione visto che stavano trasmettendo una partita di calcio ("Ah, questi telecronisti mi danno i nervi!"), fermandosi su radio Mec, dove stava passando una mazurca di Chopin.

Stava già volando con la fantasia, quando è suonato il campanello. Il primo ad arrivare è stato Bento Estêves , funzionario della Biblioteca Nazionale, e suo vicino di casa. Moema lo ha invitato ad entrare, si è seduta di fronte a lui sulla poltrona di velluto rosa incrociando le gambe, mettendo così in mostra le dita sui sandali color crema:

— Come sta signora la signora Zininha?

— Purtroppo male, quell'artrite che non le da un attimo di tregua - si è lamentato questi mentre si accendeva un sigaretta, spirando il fumo verso il tetto.

— Siamo in due: io e le mie emicranie. Mi scusi un secondo, corro a dare un occhiata al dolce di manioca in forno, ho fatto un dolce di quelli ...

²⁰ CATETE, quartiere della Zona Sud della città di Rio de Janeiro in Brasile.

Moema já estava a meio caminho da cozinha quando ouviu a campainha soar outra vez. Era o Álvaro Fragelli, advogado e pianista diletante, que trazia uma rosa dentro de um cilindro de papel plastificado.

— D. Moema, como tem passado a senhora?

— Ah, esse rapaz é um encanto! - a anfitriã exclamou segurando a flor e sapecando dois beijinhos nas faces de Álvaro. Este foi-se sentar na mesma poltrona de crepe cor-de-rosa em frente ao doutor Bento, enquanto Moema corria apressada para a cozinha:

— Então... ele titubeou com um sorriso cerimonioso, os olhos naturalmente um tanto caídos, buscando assunto com seu interlocutor antes da primeira pergunta que seria fatalmente convencional:

— O que o senhor tem feito de bom?

— De bom, meu filho, nada... Esperando a aposentadoria que não está longe... Estou no meu último ano de trabalho — explicou franzindo o cenho.

— Álvaro, meu filho, você quer ter a bondade de me atender a porta que eu estou tirando a bolo do forno?

— Olá, como vai? Mas como está elegante... veja só ... — Álvaro assim saudou Lucy Praxedes. Beirando os seus seus cinquenta anos, óculos de grosso aro de tartaruga, o cabelo armado graças a secador e escova e um anel com uma turmalina falsa.

— O que é que eu posso lhes oferecer? Tenho um Porto excelente que compro sempre do meu fornecedor. Agora, tenho refresco de cajú também para quem não toma bebidas alcoólicas.

Enquanto Moema servia as bebidas e salgadinhos, apareceu na sala Bete, a filha da dona da casa: magriça, espreitada, os cabelos escuros curtos e os olhos castanhos muito brilhantes. Cumprimentou Lucy, Álvaro e o doutor Bento.

Quando a campainha soou mais uma vez, Lucy, na qualidade de moradora antiga do prédio e conhecida de Moema há muito tempo, adiantou-se e foi atender a porta.

Entrou então uma menina dos seus quatorze anos, empertigada, os cabelos muito curtos e

— Ah io adoro il dolce di mandioca ...

Moema era già a metà strada, quando è suonato di nuovo il campanello. Questa volta era Álvaro Fragelli, avvocato e appassionato di piano, che portava una rosa dentro un cilindro di carta plastificato.

— Come sta signora Moema?

— Ah, questo ragazzo è incredibile! – ha esclamato la padrona di casa, prendendo in mano il fiore, e stampando in faccia due baci ad Álvaro. Quest'ultimo ha preso posto sulla poltrona di velluto rosa di fronte al dottor Bento, mentre Moema correva a controllare la torta:

— Allora ... — ha tentennato lui con un sorriso cerimonioso stampato in faccia, gli occhi un po' tristi, cercando il modo di sviare il discorso prima che gli venisse posta l'immane domanda:

— Cos'ha fatto di bello lei allora?

— Di bello, figlio mio, proprio nulla ... sto aspettando di andare in pensione ... sono all'ultimo anno di lavoro – ha spiegato Álvaro con un'espressione corruciata.

— Álvaro, mio caro, potresti essere così gentile da andare ad aprire la porta, mentre io tiro fuori il dolce dal forno?

— Ciao, come stai? Ma come sei elegante ... fammi un po' vedere ...

Così Álvaro ha ricevuto Lucy Praxedes. Incorniciava i suoi cinquant'anni con degli occhiali dalla grossa montatura di tartaruga, dei capelli messi in piega con il phon e poi spazzolati, e un anello con una pietra finta.

— Cosa posso offrirvi? C'è un Porto di qualità eccellente che compro già da anni dal mio fornitore. Oppure c'è del succo di acajú per chi preferisce bere analcolico.

Mentre Moema stava servendo le bevande e i salatini; Bete, la figlia della padrona di casa, ha fatto il suo ingresso in salotto: magrolina, dinoccolata, capelli scuri e brillanti, occhi castani. Ha salutato Lucy, Álvaro e il dottor Bento.

Quando il campanello è suonato ancora una volta, Lucy, essendo stata un'inquilina del palazzo

ruivos, os olhos pretos e vivos. Sem esperar que d. Moema a fizesse entrar, adiantou-se e foi cumprimentar os convidados, que interromperam seus goles de Porto e de suco de cajú para intrigados com seu jeito besta.

— Não sei se vocês já se conhecem... Lucy... — disse d. Moema.

— Claro, já, já nos vimos muitas vezes nos concertos da Escola de Música e na Sala...

— Não me lembro — a menina respondeu.

— Bem... — fez d. Moema toda sem graça - essa é a Bernadete, minha aluna mais recente. Já foi aluna da Carmem Dulce, mas por uma certa incompati..., quer dizer, por uma certa diferença de temperamentos agora está tomando lições comigo... Bernadete essa é uma grande amiga minha d. Lucy Praxedes... grande declamadora... Alias, vai recitar poemas pra gente hoje...

A recém-chegada fez um esforço extremo para sorrir para Lucy, dirigindo rapidamente o rosto (nunca o olhar) para o Bento Estêves, a quem cumprimentou com não menos distancia. Álvaro levantou-se polidamente mas seu sorriso logo se desfez diante da atitude sobranceira de Bernadete.

— Senta aqui, minha filha, vem, senta aqui — ofereceu d. Moema abraçando de leve a menina e tentando conduzi-la para uma cadeira de palhinha. Ao mesmo tempo, se lembrou da frase de Carmen Dulce: " Parece que estuda obrigada pela familiar Não leva jeito, mas você tem mais paciência que eu."

Bernadete, porém, resistiu ao convite de sua mestra e permaneceu hirta em pé, segurando um maço de partituras a altura dos quadris.

— Não vai se sentar, minha filha? Desse jeito vai ficar cansada...

Nisso entrou Alair, filho de d. Moema, que distraiu a atenção dos outros da menina teimosa.

— Aí pessoal? Tudo bem? Cês me desculpem mas não vou ficar pro... cumé mesmo que se chama isso? Pro recital de vocês...

— Sarau — Álvaro ousou corrigir o rapaz.

— È que eu vou assistir o jogo na casa dum pessoal aí em Botagogo. Tchauzão!

conoscendo Moema da molto tempo, si è avviata ad accogliere il nuovo ospite. Ha fatto il suo ingresso una ragazza che avrà avuto sì e no quattordici anni: impettita, capelli corti e rossi, occhi vivi e scuri. E' entrata senza neanche aspettare che la signora Moema le dicesse di accomodarsi, ha salutato gli altri invitati, che per un attimo hanno smesso di sorseggiare il Porto o il succo per soffermarsi a guardarla, intrigati dalla sua presenza carismatica.

— Non so se vi conosciate già ... Lucy ... - ha ipotizzato la signora Moema.

— Sì, chiaro, ci siamo viste molte volte ai concerti della Scuola di Musica e alla Sala ...

— Non me ne ricordo – ha ribattuto la ragazza.

— Beh... — ha detto la signora Moema senza tanti convenevoli – lei è Bernadete, la mia nuova alunna. E' già stata allieva di Carmen Dulce, ma a causa di una certa incompatibilità ... volevo dire, a causa di divergenze caratteriali, ora sta prendendo lezioni da me ... Bernadete ti presento la signora Lucy Praxedes, una mia cara amica ... una grande declamatrice ... Oggi avrete sicuramente il piacere di sentirla declamare qualcosa.

La nuova arrivata ha fatto un sorriso visibilmente forzato a Lucy, per poi voltarsi subito verso Bento Estêves, a cui ha riservato un saluto altrettanto freddo. Álvaro si è alzato educatamente, ma il suo sorriso si è subito affievolito davanti all'espressione altezzosa di Bernadete.

— Siediti qui, figlia mia, siediti qui su – l'ha invitata la signora Moema, appoggiandole delicatamente le mani sulle spalle, tentando di condurla verso una seggiola di paglia. Proprio in quel momento le è venuta in mente la frase di Carmen Dulce: “ Sembra che studi solo perché obbligata dalla famiglia. Non dimostra alcun trasporto, ma tu hai senz'altro più pazienza di me. “

Bernadete, però, è rimasta immobile, stava sistemando un mucchio di spartiti all'altezza dei quadri.

— Non ti vuoi sedere, cara? Così finirai per stancarti ...

In quel momento ha fatto la sua comparsa Alair, figlio della signora Moema, che ha distolto per un attimo l'attenzione dalla strana ragazza.

— Ehilà! Tutto bene? Scusatemi se non riesco a presenziare al ... come lo chiamate? Ah si
alla

E Alair ainda brandiu a mão fechada acima da cabeça apontando o escudo do Flamengo na camisa vermelha e preta.

D. Moema não deixou de fazer a recomendação materna de não voltar tarde e a pergunta de praxe sobre se tinha levado a chave de casa.

— Bom, só estamos esperando a Carmen Dulce.

— Quem? — o Estêves perguntou distraidamente fazendo biquinho para beber o seu licor de cacau.

— Carmen Dulce Ramos. Grande pianista — informou mais do que prestamente o Álvaro.

— E grande professora também acrescentou Lucy Praxedes com sua voz altissonante e gestos enfáticos.

— Quanto a isso não resta a menor dúvida disse um tanto melancólica d. Moema pena que nunca tenha conseguido dar um recital.

— Como nunca conseguiu dar um recital? — espantou-se o dr. Bento.

— A Carmen sempre foi uma perfeccionista ao extremo - explicou Bete —; estudou na França com os melhores professores no Conservatório de Paris e, quando voltou pro Brasil, conseguiu uma apresentação no Conservatório Nacional. Na última hora desistiu. Achou que não estava preparada o suficiente.

— Não foi bem assim, Elisabeth — d. Moema corrigiu.

— Como não foi assim, mamãe? Depois ela ainda arranjou concerto até na Sala Cecília Meireles e foi a mesma coisa: no último momento deixava todo o público esperando. Tinha medo de enfrentar a platéia.

vostra cerimonia ...

— Serata — ha osato correggerlo Álvaro.

— E' che devo andare a veder una partita a casa di gente nel quartiere di Botagogo. Ciao a tutti!

Alair si stava posizionando lo scudo di Flamenso sulla camicia rossa e nera.

La signora Moema non si è trattenuta dal raccomandargli di non tornare troppo tardi, domandandogli , come sempre, se si fosse ricordato di prendere le chiavi.

— Bene, manca solo la Carmen Dulce.

— Chi? — ha domandato distrattamente Estêves, mentre metteva il broncio per bere il suo liquore al cacao.

— Carmen Dulce Ramos. Grande pianista — è intervenuto subito Álvaro.

— E anche una stimatissima insegnante — ha aggiunto Lucy Praxede con voce altisonante e gesti enfatici.

— Su questo non c'è il minimo dubbio — ha affermato un po' melanconicamente la signora Moema – peccato che non sia mai riuscita a esibirsi in un recital.

— Come sarebbe a dire? — ha domandato il signor Bento con tono sorpreso.

— Carmen è sempre stata una perfezionista maniacale — ha spiegato allora Bete — ; ha studiato in Francia dai migliori professori del Conservatorio di Parigi e, quando ha fatto ritorno in Brasile, ha ottenuto uno spettacolo al Conservatorio Nazionale. Ma all'ultimo minuto si è rifiutata. Riteneva di non essere abbastanza preparata.

— Non è andata proprio così, Elisabeth — è intervenuta la signora Moema.

— Come non è andata così, mamma? E' successa la stessa cosa anche in seguito, quando avrebbe dovuto prendere parte ad un altro concerto alla Sala Cecília Meireles: all'ultimo secondo ha deciso di non presentarsi davanti al pubblico. Aveva paura di affrontare la platea.

— Ela queria a perfeição total — d. Moema arrematou.

— Mais um licorzinho, Lucy? Bento? Alvarinho? Minha filha, se sente! Você está me dando uma aflição louca!

Depois quase dessas palavras de ordem, Bernadete se sentou não sem demonstrar certo desagrado por se encontrar ali, naquele sarauzinho do Catete.

— Bom, minha gente, enquanto esperamos (a Carmen Dulce não é lá muito pontual), o Alvarinho podia tocar uma coisinha pra gente, não é Alvarinho?

— Ora, D. Moema... não sei se seria capaz... - ele responde quase ruborizando.

— Por favor...

Enquanto Álvaro tocava Au Clair de Lune de Beethoven, Moema pensava no Gouveia, o marido falecido há cinco anos. Homem dedicado, trabalhador, chegava todas as noites com alguma lembrança para ela da cidade: balas, bombons, flores... Tão abnegado chefe de família... sensível... pedia-lhe sempre que tocasse Chopin. Chopin e Lizst. Não conhecia muitos compositores, nunca fora homem de muita ilustração, só gostava de Chopin e de Lizst. A vida inteira dedicada ao Ministério da Fazenda... quem diria... que aquele salafrário fosse arranjar uma amante! Feio daquele jeito! Ela achava que só ela mesmo poderia querê-lo: careca, baixotinho, de bigode fininho, remediado... Qual nada! um belo dia ela descobriu tudo: não com a secretária que nem isso ele tinha, mas com uma caixeirinha de loja! Que absurdo! Que grande decepção! Sofreu muito. Depois tudo se arranjou, o Gouveia lhe pediu perdão de joelhos, os olhos marejados de lágrimas, ele disse que tinha despachado a zinha e resolveram por a pá de cal em cima de tudo. Só agora ainda tinha dúvidas sobre se seu enfarte fora meramente obra do acaso ou provocado pelo amor remanescente pela caixeirinha.

— Ora, ora, que beleza! seu Bento aplaudiu seguido dos outros.

Álvaro agradeceu com uma timidez mal contida.

— Mas que coisa! e a Carmen Dulce que não chega!

— Esperemos um pouco, d. Moema, que ainda são cinco horas ponderou Álvaro mal feito da emoção da sonata.

— Lei esige la perfezione totale — ha ribattuto la signora Moema.

— Ancora un po' di liquore? Lucy? Bento? Alvarinho? Figlia mia siediti! Così mi fai restare in agitazione!

Dopo queste parole, che suonavano quasi come un ordine, Bernadete si è seduta, non senza mostrare un certo disappunto nel trovarsi in quel salotto, obbligata a prendere parte a quello spettacolo di Catete.

— Bene, ragazzi, mentre aspettiamo (la Carmen Dulce non è molto puntuale), Alvarinho potrebbe suonare qualcosina per noi, non è vero caro?

— Signora Moema ... non so se sono all'altezza ... - ha risposto lui quasi arrossendo.

— Le chiedo per piacere ...

Mentre Álvaro suonava le note di *Au Clair de Lune* di Beethoven, Moema stava ripensando a Gouveia, il marito defunto già da cinque anni. Un uomo serio, lavoratore, ritornava a casa tutte le sere con un pensierino per lei dalle città in cui era stato: oggettini, dolcetti, fiori ... Così devoto alla famiglia ... sensibile ... le domandava sempre di suonargli Chopin e Lizst. Non conosceva molti compositori, non era mai stato un uomo dalla grande erudizione, amava ascoltare solo Chopin e Lizst. Una vita intera dedicata al Ministero dell'agricoltura ... chi l'avrebbe mai detto ... che quel vigliacco si fosse trovato un amante! Brutto com'era! Lei pensava che un tipo così avrebbe potuto desiderarlo solamente lei: calvo, bassetto, con i baffi sottili... Assurdo! Un bel giorno lei, però, lei ha scoperto tutto: no non con la segreteria, perché non aveva neppure quella, ma bensì con una cassiera! Da non crederci! Che delusione! Ha sofferto molto. Alla fine erano riusciti a sistemare le cose, Gouveia le aveva domandato perdono in ginocchio, gli occhi pieni di lacrime, le aveva giurato di aver chiuso con la cassiera e così avevano provato ricucire il rapporto in nome della famiglia. Ancora ora si domandava se il suo infarto fosse stato una mera casualità, o se invece fosse stato provocato dal sentimento latente per quella cassiera.

— Che bellezza, che bellezza! — ha applaudito Bento, seguito dagli altri

— Suona ancora qualcosa! — e la Carmen Dulce non da segno di arrivare!

A anfitriã pediu à filha que passasse uma rodada de salgadinhos às visitas, serviu todos de licores e refrescos e convocou Lucy para declamar uma poesia.

Ela, depois de se fazer um pouco de rogada, levantou-se e anunciou a plateia:

— "In Extremis" de Olavo Bilac.

Aplausos.

— "Nunca morrer assim! Nunca morrer num dia

Assim! de um sol assim!

Tu, desgrenhada e fria..."

Depois de Lucy Praxedes, que não deixou de receber vivos louvores, foi a vez da própria d. Moema, que executou um *Prelúdio* de Debussy.

— Eu não tenho talento nenhum. Não canto nem no banheiro disse Bete, quando foi solicitada pelos presentes - sou macaca de auditório.

— Como eu, minha filha, coma eu!

— Qual o quê, doutor Bento! O senhor uma vez declamou uma das minhas poesias prediletas: o *Plenilúnio* de Raimundo Correia — lembrou a Lucy Praxedes.

— Estou muito preocupada com a Carmem Dulce.

— Ela sempre chega atrasada, mamãe.

— Bem, então, podíamos pedir a nossa amiga Bernadete que nos toque alguma coisinha Álvaro sugeriu não sem certo receio da resposta da menina ruiva.

Esta, sem dizer nem que sim nem que não, levantou-se com a fisionomia dura e sem olhar seu auditório, sentou-se ao piano. Dedilhou primeiro, ajeitou-se no banco e começou.

— Sublime! Não. É verdadeiramente sublime! Eu nunca ouvi ninguém tocar Schumann assim!

— Aspettiamo ancora un po', signora Moema, sono ancora le cinque — ha suggerito Álvaro, che non siera ancora ripreso dall'emozione di prima.

La padrona di casa ha domandato allora alla figlia di servire un altro giro di salatini agli ospiti, poi ha tirato fuori tutti i liquori e le bevande che aveva preparato, e ha chiesto a Lucy di declamare una poesia.

Questa, dopo essersi fatta pregare un pò, si è alzata ed ha annunciato alla platea:

— “In extremis“ di Olavo Bilac.

Sono seguiti applausi scroscianti.

— “ Non si può morire adesso!” “ Non si può morire in una giornata

Così! con questo sole!

Tu, spettinata e fredda ...”

Dopo il turno di Lucy Praxedes, che di certo non ha mancato di ricevere applausi e elogi, è stato il turno della signora Moema, che ha eseguito un *Préludio* di Debussy.

— Io non ho alcun talento. Non so cantare, né suonare — ha confidato Bete, quando è stata invitata ad esibirsi dai presenti - non amo il pubblico.

— Sei uguale a me, figlia mia, identica a me!

— Allora, dottor Bento! Mi ricordo che una volta aveva declamato una delle mie poesie preferite: il *Plénilunio* di Ramondo Correia – ha rimembrato Lucy Praxedes.

— Sono molto in ansia per la Carmen Dulce.

— E' sempre in ritardo, mamma.

— Beh, allora, potremmo chiedere alla nostra Bernadete se le va di suonarci qualcosa – ha suggerito Álvaro, senza ricevere alcuna risposta dall'irruenta ragazza.

sussurrou Carmem Dulce para si mesma do outro lado da porta, no hall — Que sonoridade! que interpretação... perfeita, eu at diria... Meu Deus!

E a professora, num misto de admiração, perplexidade e medo, se sentiu como se estivesse aprisionada naquele saguão, como se o elevador não funcionasse e a porta de emergência estivesse trancada e não pudesse tocar a campainha do apartamento para pedir socorro, pois o perigo maior vinha dali de dentro. O rosto esquentou, o ventre enregelou, as pernas tremiam. Encostou-se à parede, cobriu a boca com a mão, firmou a bolsa contra o peito e olhou-se no espelho: estava velha e feia. A maquiagem, o colar de perolas, o vestido novo, o cabelo, nada disso falseava o seu verdadeiro aspecto: um traste. E suas mãos? O que tinham acontecido com suas mãos? Tremiam também e por certo haveriam de tremer muito mais se ousasse enfrentar o piano da casa de sua amiga Moema. As Cenas da Floresta de Schumann continuavam lá dentro sutis, cintilando como vagalumes num bosque.

— Mas, meu Deus! Sera que a Carmen Dulce entao nao vem mais? eu vou servir o bolo.

A professora então acercou seu dedo da campainha mas sua mão voltou a tremer. Deu alguns passos para trás e estacou com um medo panico de que algum convidado, apressado em sair, abrisse subitamente a porta. Sem esperar o elevador, desceu as escadas e desapareceu tão rápida como lentamente viera.

Quest'ultima si è alzata senza preoccuparsi di rispondere e, noncurante degli ospiti tutti intorno, si è seduta al piano. Ha appena pizzicato un tasto, si è preparata, e ha cominciato.

— Sublime. E' veramente sublime! Non avevo mai sentito nessuno suonare così Schumann!
— ha sussurrato Carmen Dolce dentro di sé, dall'altro lato della porta, nella hall — Che sonorità! Che interpretazione ... perfetta, direi perfino ... Ah, Mio Dio!

E la professoressa, in un misto di ammirazione, perplessità e dolore, si sentiva come imprigionata in quel vestibolo, come se l'ascensore non funzionasse e la porta di emergenza se la fosse data a gambe, e lei non potesse suonare il campanello dell'appartamento per domandare soccorso, dal momento che il vero pericolo si trovava proprio lì dentro. Sentiva le vampate in viso e il gelo nel ventre, le tremavano le gambe. Si è accostata alla parete, si è coperta la bocca con la mano, si è stretta forte la borsa al petto e si è guardata allo specchio: era vecchia e brutta. Il trucco, la collana di perle, il vestito nuovo, i capelli curati, niente di tutto questo avrebbe potuto nascondere il suo vero aspetto: un mascalzone. E le sue mani? Cos'era successo alle sue mani? Le tremavano, e avrebbero sicuramente iniziato a tremare di più appena si fosse avvicinata al piano della sua amica Moema. *As Cenas das Florestas* di Schumann suonava lì dentro, scintillante come i lampi in un bosco.

— Ma, Santo Cielo! Sto cominciando a pensare che non arrivi più! Comincerò a servire il dolce intanto.

In quel momento la professoressa stava avvicinando il dito al campanello, ma la sua mano aveva ricominciato a tremare. Ha fatto alcuni passi indietro per poi immobilizzarsi, in panico, pensando che qualche invitato avrebbe potuto aprire di colpo la porta per uscire. Senza neanche aspettare l'ascensore, ha sceso le scale per sparire con la stessa rapidità con cui era arrivata.

3.11 O ANTIQUÁRIO

1

Sem podridão nenhuma, jazerá um afogado
nos canais de Amsterdam.

Não há nada que se possa cantar em sua memória:
qualquer suspiro seria uma nuvem, sobre essa nitidez.

Cecília Meireles

1

Sei que ela está lá em cima no quarto. Lendo talvez. Talvez um livro talvez .velhas cartas, que ela. guarda dentro de uma caixa de papelão âmbar com tampa preta. O outono ameaça começar, os dias estão mais curtos e enquanto acendo o fogão ouço o rumor de folhas secas na calçada. Prematuras. No começo do ano as árvores sofreram um falso alarme,as primeiras folhas verdes brotaram para logo se recolherem com a súbita nevasca de fins de abril. Que inverno estranho também! A neve só caiu no último dia do ano, leve, amável, selando um ciclo, polvilhando de flocos a cidade inteira, e eu que me encontrava justamente naquele instante no meu café preferido no centro, tomando chocolate, tive aquela sensação tão rara que nos suspende acima do tempo, nos deslocando para um espaço inteiramente neutro. Talvez seja assim a eternidade.

L'ANTIQUARIO

1

Sem podridão nenhuma, jazerá um afogado

nos canais de Amsterdam.

Não há nada que se possa cantar em sua memória

qualquer suspiro seria uma nuvem, sobre essa nitidez.

Cecília Meireles

1

So che è di sopra in camera. Forse sta leggendo. Forse un libro, forse delle vecchie lettere che conserva dentro a una scatola di carta color ambra con il coperchio nero. L'autunno sembra essere arrivato, le giornate si sono già accorciate, e quando accendo il fuoco posso sentire il rumore delle foglie secche sul selciato. Sono cadute troppo presto. All'inizio dell'anno gli alberi avevano risentito di quello che era stato solo un falso allarme, le prime foglie verdi erano germogliate troppo presto ed erano finite per ritirarsi subito, in seguito a un'inattesa burrasca di Aprile. Che inverno strano quello! La neve si era decisa a cadere solo l'ultimo giorno dell'anno, leggera, piacevole, scendeva come a scandire un ciclo, popolando la città intera di fiocchi. Io, quel giorno, mi trovavo nella mia caffetteria

Lila não acredita. Diz que são coisas assim da minha cabeça. Mas às vezes tenho sonhos inacreditáveis. Uma noite sonhei que viajava por entre jardins de palácios mouriscos, com cogumelos gigantes e girassóis ofuscantes. Eu era levada por um feixe de luz rumo a... Não. Lila diz que eu dirigi meu sonho, como acontece quando estamos semidespertos. Lila diz que se Deus existe, ele deve ser terrivelmente mau. E assim ela continua a cuidar dos seus gatos e a viajar sozinha de bicicleta.

Faço chá. Um azulado cai sobre meu jardim. O renque de pinheiros cresceu um pouco acima do muro e me faz pensar em Henk, meu vizinho, que ainda não voltou de suas habituais férias na Espanha. Emília não gosta dele. Não sei por quê. Eu o acho simpático. Tem traços orientais que denunciam seu passado nos mares do Sul. Outro dia — achei tão engraçado — a mulher dele me pediu que lhe ensinasse a receita de quindim e quando escrevi doze ovos, ela arregalou seus grandes olhos azuis exclamando: "Que absurdo! Vamos cortar isso pela metade: seis bastam!" E parece que os quindins ficaram molengas, fofos demais, sem consistência, um desastre. Pelo menos segundo Rique. A água dá indícios de fervura.' Bolhinhas começam a se formar no fundo da panela. Emília acho que desce as escadas. Será que ela vem tomar chá comigo? Tão bom se nos sentássemos agora naquele canto da sala em frente ao fogão e sem precisar falar, assistíssemos ao lento cair da noite, escutando o fada-lhar das folhas na calçada: Prematuras. Não, não é ela. Talvez tampouco fossem folhas caindo o que ouvi há pouco. Emília não desce como as folhas não tombam. Estou ficando surda.

A água ferve e me lembro do meu professor de Biologia e da minha empregada Marialinda: ela dizia que a água precisava ferver bem e meu professor que bastavam surgir as primeiras bolhinhas como sinal da temperatura a cem graus.

Acho que Rique voltou tarde ontem. Como tive insônia, creio ter escutado a porta da frente bater.

Despejo a água quente sobre as folhas dentro da xícara, e o vapor me traz o aroma da infusão. Gosto de Rique. Ele, antes que eu pegasse na asa de porcelana da xícara diria, cuidado, está quente. Ele tem dessas atenções comigo. Conosco. Emília também gosta dele. É discreto. Tem a rara preocupação de não incomodar de não se fazer perceber e ao mesmo tempo ser gentil no que estiver ao seu alcance.

preferita in centro, stavo bevendo una cioccolata calda, quando ho provato quella sensazione, così rara, quella che ti fa sentire sospeso oltre la dimensione del tempo, catapultandoti in uno spazio neutro. Forse è proprio quella l'eternità.

Lila non ci crede. Sostiene che queste cose avvengano solo nella mia testa. A volte faccio sogni assurdi. Una notte ho sognato di addentrarmi in giardini moreschi, dove c'erano cocomeri giganteschi e girasoli offuscanti. E io venivo guidata da un raggio di luce verso la ... No. Lila sosteneva che ero stata io stessa ad influenzare quel sogno, come quando ci ritroviamo ad immaginare ad occhi semiaperti. Lila una volta mi ha detto che se Dio esistesse sul serio, sarebbe veramente malvagio. E così lei continua a prendersi cura dei suoi gatti e a girare da sola in bicicletta.

Preparo un te. Una pietruzza cade in giardino. Il filare di pini, che è cresciuto a poco a poco in cima al muro, mi fa pensare a Henk, il mio vicino, che non ha ancora fatto ritorno dalle sue ferie abituali in Spagna. A Emília non piace. Non capisco come mai. Io lo trovo simpatico. Ha dei tratti orientali che denunciano il suo passato nei mari del Sud. Un giorno – trovo questo aneddoto così grazioso – sua moglie è venuta a domandarmi la ricetta per preparare il quindim, e, quando ho scritto che servivano dodici uova, lei ha strabuzzato i suoi grandi occhi azzurri esclamando: “ Che assurdità! Vanno dimezzati: bastano sei!” Sembra che i quindins fossero molli, belli più che mai, ma senza alcuna consistenza, un disastro. Per lo meno, questo era quello che aveva detto Rique.

L'acqua cominciava a bollire. Le bollicine avevano cominciato a formarsi sul fondo del pentolino. Mi pare di sentire Emília scendere le scale. Vorrà del te anche lei? Sarebbe così bello se ora ci sedessimo in quell'angolo del salotto di fronte ai fornelli, e, senza neanche il bisogno di parlare, gurdassimo la notte calare, ascoltando le foglie cadere per terra. Premature. No, non è lei. Forse, era solo il rumore delle foglie che cadevano quello di prima. Emília non accennava a scendere, come le foglie che ancora non si vogliono staccare. Sto diventando sorda. L'acqua sta bollendo, mi vengono in mente il mio professore di Biologia e la domestica Marialinda: lei diceva che bisognava lasciare bollire l'acqua per un po', il mio professore, invece, sosteneva che era sufficiente aspettare le prime bollicine, segnale che la temperatura aveva raggiunto i cento gradi.

Suppongo che Rique sia arrivato tardi ieri sera. Non riesco a prendere sonno ed ero quasi sicura di aver sentito la porta di sotto sbattere.

Por exemplo, às vezes nos traz flores. Flores que compra na esquina para uma ocasião especial ou simplesmente, porque começou a primavera e se lembrou de nós, duas soleironas abandonadas no mundo. É carinhoso com os gatos e quando viajamos — coisa rara — não deixa de molhar as plantas. Trata-se de um hóspede caro a nós duas.

Ao me aconchegar junto ao fogão contemplo a chama azulada que expande pouco a pouco seu calor por toda a sala. Agora ela desce. Lentamente. Ou será Cordélia? Ou Rasputin? Não: é Emília. Vem para a sala, para a minha companhia. Também quer chá e como sempre reclaria do tempo, do frio antecipado. Ela se refestela no sofá de couro verde, eu não me incomodo em me erguer e em lhe servir aquilo que nossa empregada portuguesa chamaria de uma "chávena" de chá.

2

Inge saiu para comprar comida para os gatos. Me sinto tão só nesta casa de três andares principalmente nesta época em que começa o frio. Escurece cedo. Estava entretida escrevendo uma carta para minha irmã Eunice, quando de repente um nó me apertou o peito. Engasguei. Acontece assim porque fico sozinha. Sozinha com os gatos. Eles me assutam às vezes com seus movimentos súbitos, sobretudo ao passarem por essas portinholas basculantes ao pé das portas. Inge diz que assim eles têm liberdade dentro da casa. Dorotéia, Rasputin, Cordélia e Corisco se chamam. Dorotéia e Cordélia são irmãs da mesma ninhada e tão parecidas que nunca sei quando é uma que me saltaem cima da escrivaninha quando é outra que se move em minha cama como uma bola de lã. As fêmeas reclamam. Miam e nunca sei como reagir: hesito se lhes dou comida ou leite ou acaricio-lhes o pelo, principalmente sob o pescoço, ao que elas fecham os olhos e tomam-despudadamente felizes.

Sempre tive mais afinidade com cachorro. Tínhamos dois na fazenda lá em Minas. São mais carinhosos e mais... claros, diretos. O gato é uma sombra arisca de mistério. Contudo me acostumei

Verso l'acqua calda sopra le foglie dentro la tazza, e subito il vapore diffonde l'aroma dell'infuso. Mi piace Rique. Se fosse qui, mi direbbe di stare attenta a non scottarmi prendendo in mano il manico della tazza bollente. Si preoccupa sempre per me. Per noi. Anche ad Emília piace. E' un tipo discreto. Ha quella rara caratteristica di non voler essere mai di troppo, di non creare disturbo, ma allo stesso tempo è sempre molto gentile. A volte ci porta dei fiori. Fiori che compra all'angolo per un'occasione speciale, o semplicemente perché è iniziata la primavera e si ricorda di noi, due zitelle abbandonate dal mondo. E' sempre affettuoso con i gatti e, quando noi andiamo da qualche parte – evento raro – non si dimentica mai di dare acqua alle piante. E' sempre un ospite gradito.

Chinandomi sui fornelli, mi soffermo a guardare la fiamma azzurra, che espande a poco a poco il suo calore per tutto il salotto. Adesso scende. Senza fretta. E' forse Cordélia? O Rasputin? No: è Emília. Sta venendo in salotto, mi sta cercando. Anche lei desidera del te e, come sempre, comincia a lamentarsi del tempo, del freddo che è arrivato sempre troppo presto. Si accomoda sul divano di cuoio verde, ma io non riesco a radunare le forze di alzarmi per portarle la tazza di te.

2

Inge è uscita a comprare il cibo per i gatti. Mi sento così sola in questa casa a tre piani, specialmente ora che inizia a fare freddo. Diventa subito buio. Ero tutta concentrata a scrivere una lettera per mia sorella Eunice, quando, di colpo, ho avvertito un nodo in gola, Mi sentivo soffocare. Mi succede spesso quando sono da sola. Da sola con i gatti. A volte mi spaventano con i loro movimenti scattosi, specialmente quando passano dalle gabbiole delle porte. Inge dice che è giusto che abbiano la loro libertà in casa. Si chiamano Dorotéia, Rasputin, Cordélia e Corisco. Dorotéia e Cordélia sono fratelli di sangue e si somigliano così tanto che non riesco a distinguere quando si tratta di uno o dell'altro, che saltano sopra la scrivania, o che giocano per la stanza con una pallina di lana. Le bestiole miagolano. Non so cosa fare: non so se dargli da mangiare o accarezzargli il pelo, soprattutto sul collo, così li puoi vedere socchiudere gli occhi e fare le fusa spudoratamente felici.

Ho sempre avuto più affinità con i cani. Ne avevamo due nella fattoria a Minas. Sono più coccoloni e più ... limpidi, diretti. Il gatto è un'ombra carica di mistero. Nonostante questa mia

E' com eles depois que vim morar com Inge há coisa de... Já nem sei mais, puxa! Como passam rápidos os anos! Mal me lembro do dia em que cheguei neste país. Mas foi depois do desastre que vim para cá. Disso não posso me esquecer.

Ruído la embaixo. Será que Rique acordou? Ele costuma chegar tão tarde que não raro só desperta á tardinha. E hoje é sábado. Deve ser ele. Está mexendo em louça na cozinha, provavelmente para fazer café. Eu bem podia descer e ajudar, mas agora me sinto cansada, sem forças para me Jpoyer, daqui. Engraçado... há pouco alguma coisa me apertava o peito, quase me sufocava, porém a certeza de que há alguém dentro da casa como que me distendeu os músculos e me sinto mole,,...quase esgotada, sem ter feito nada hoje, a não ser ensaiado uma carta para minha irmã.

Pronto. Cordélia ou Dorotéia entra quarto adentro na maior das intimidades. Nem Inge se comporta dessa maneira. Me deito na cama e faço festinha no pêlo da gata. Enquanto ela ronro-na, me permito picar pela curiosidade e pensar no que Rique faz até tarde na rua. Ele parece tão tranqüilo, ao menos é tão cala-do, nunca nos revela nada de suas escapadas noturnas... Não, ele não é tranqüilo: tem os olhos inquietos. ("Você já notou, Inge?" — comentei outro dia à mesa. Inge, com a boca cheia de sanduíche de salmão, fez que sim com a cabeça e emitiu um som afirmativo) Não sei... mas sempre volta de madrugada. E está sempre sozinho.

3

Ela faz menção de se afastar. Olha os lados, como se buscasse algo no jardim, apóia as mãos nos braços do sofá e boceja. Lanço a mão no ar como se quisesse emendar um fio partido no espaço quando, na verdade, quisera domá-la e retê-la nem que fosse por mais três minutos. Mas ela está cheia da minha presença talvez, cheia do meu excesso de carinho, do meu desvelo precipitado e procura - eu vejo - desembaraçar-se desses fios invisíveis que atiro ao seu redor, como uma rede de caçadores.

preferenza, mi sono abituata alla loro presenza, dopo che sono venuta ad abitare con Inge già da ... Ho perso il conto ormai! Come passa veloce il tempo! Mi ricordo a malapena del giorno in cui sono arrivata in questo paese. E' stato dopo quella tragedia. Di quella però non posso di certo dimenticarmi.

Sento dei rumori lì sotto. Forse si è svegliato Rique? Rientra a casa così tardi la sera, che non c'è da stupirsi che si svegli quando è già buio. E oggi è sabato. Sarà lui. Starà facendo confusione in cucina, probabilmente vuole preparare un po' di caffè. Potrei scendere a dargli una mano, ma mi sento così stanca, senza forze per alzarmi. Che strano ... sentivo come un nodo in gola che non accennava ad andarsene, mi soffocava quasi, ma ora che percepisco la presenza di qualcuno in casa, sento i muscoli distendersi, mi rilasso, quasi mi svuoto. Non ho fatto nulla oggi, a parte aver scritto una lettera per mia sorella.

Ecco. Cordélia o Dorotéia entra quatto quatto nella mia stanza. Nemmeno Inge si comporta così. Mi alzo dal letto per andare ad accarezzare la gatta. Mentre fa le fusa, comincio a chiedermi cosa farà sempre Rique fuori fino a così tardi. Ha l'aria di essere un tipo così tranquillo, o almeno così silenzioso, non accenna mai alle sue uscite notturne ... No, lui non è veramente tranquillo: ha l'inquietudine negli occhi. (“ Lo hai notato anche tu, Inge? “ – le ho domandato l'altro giorno a tavola. Inge, con la bocca piena di panino al salmone, mi ha fatto cenno di sì con la testa, ed ha emesso un suono affermativo) Non so ... torna a casa sempre la mattina. Ed è sempre solo.

3

Ha fatto per allontanarsi. Si è guardata intorno, come se stesse cercando qualche cosa in giardino, ha appoggiato le mani sui poggioli del divano, ed ha sospirato. Lancio in aria la mano come se volessi afferrare un filo sospeso nella stanza, quando, in verità, avrei voluto solo intrappolarla e trattenerla lì. Forse sta soffrendo la mia presenza, è stufo delle mie troppe attenzioni, della mia premura invadente, e cerca di liberarsi di questi fili invisibili che giro intorno a lei, come un cacciatore con la sua rete. Provo l'ultimo colpo che ho in canna, quello del gioco, ma Emília mi risponde mormorando qualcosa di incomprensibile, ma che mi sembra essere affermativo, dicendomi che questo fine settimana sarebbe

Tento ainda como último recurso o assunto do jogo, porém Emília apenas responde com um murmúrio quase inaudível, mas que percebo ser afirmativo, dizendo-me que vai nesse fim de tarde ao cassino com seus amigos jogar. E eu fico novamente abandonada, na companhia dos gatos, dos livros e das plantas, assistindo ao cair lento da noite que ameaça ser mais fria do que ultimamente. Ela responde que logo Rique deverá acordar e vir para a sala contar de suas andanças pela noite de ontem, ele um andarilho noturno impulsionado por seus anseios, que procura acalmar ou saciar nos fulgores dos bares.

Uma vez fui assim, falena. Me deixava conduzir por amigos até me esgotar por inteira e então me levarem para casa, já farta dos vagares e dos licores, dos andares e das bebidas, dos risos, dos discos e dos olhares mortiços e dos beijos com gosto de óleo. Foi há muito tempo e eu já mal me lembro. Foi em São Paulo, eu era menina e queria fazer teatro. Depois estudei jornalismo e saía com atores. AI me casei. Mas Emília conhece toda essa história.

4

Quando cheguei num dia claro de maio, procurei um hotel barato ou uma pensão. Foi difícil, não tinha indicação alguma, a não ser o telefone de uma ex-vizinha de nossa casa de veraneio, que mora, no entanto, numa aldeia um tanto distante. Encontrei um quarto próximo à estação antiga. À noite desci para jantar e aí me dei conta de que me encontrava em plena zona de prostituição. Por ali também havia as famosas vitrines exibindo mulheres sob uma luz vermelha. Tudo bem. Jantei num restaurante turco. A comida era boa, parecida com a grega, que uma vez comi em São Paulo, e a música ao fundo me embalava. Fui dormir cedo, esgotado da viagem.

Foi só uma semana depois, numa festa de brasileiros, com exposição de quadros, feijoada, capirinha e samba, que as conheci: as meninas — como as chamamos até hoje. Foram tão simpáticas e acolhedoras comigo como se já me conhecessem há anos. Também tive a impressão de que éramos amigos desde muito. Inge me apertou a mão com força e me fixou seus resplandecentes olhos verdes

andata al casinò con i suoi amici. E io resterò da sola di nuovo, in compagnia dei gatti, dei libri e delle piante, guardando la notte sopraggiungere lentamente, che minaccia di essere più fredda che negli ultimi tempi. Lei risponde che Rique si sarebbe svegliato a breve, e che sarebbe sceso a raccontarci le avventure della scorsa notte. Lui, un messaggero notturno spinto dai suoi desideri, che cerca di calmare o di saziare nelle fulgori dei bar.

Un tempo anche io ero così, una falena. Mi facevo trasportare in giro dai miei amici per sfogare tutto quello che avevo dentro, per farmi poi riportare a casa, ben stordita dai vagabondaggi e dai liquori, dalle passeggiate e dal bere, dalle risate, dalle canzoni, dagli sguardi spenti e dai baci al gusto di olio. E' passato molto tempo che quasi faccio fatica a ricordarmi. Mi trovavo a San Paolo, ero solo una ragazza e sognavo di fare teatro. Alla fine ho studiato giornalismo, e mi sono limitata ad uscirmi con gli attori. Mi sono sposata. Ma Emília la conosce già questa storia.

4

Quando sono arrivato qui, in un giorno luminoso di maggio, ero alla ricerca di un hotel economico o di una pensione. E' stato difficile, non avevo alcun appoggio, se non il numero di telefono di una nostra ex vicina della casa estiva, che ora abita in un paesino non molto distante da qui. Sono riuscito a trovare una camera vicina all'antica stazione. Quando è arrivata l'ora di uscire a cena, mi sono reso conto che mi trovavo in un quartiere di prostitute. Lì intorno c'erano le famose vetrine che mettevano in mostra le donne sotto una luce rossa. Non importa. Sono andato a mangiare in un ristorante turco. Il cibo era buono, assomigliava quello greco, che avevo assaggiato una volta a San Paolo. La musica di fondo, però, mi stordiva. Mi sono diretto presto a dormire, sfinito dal viaggio. Solamente una settimana dopo, ad una festa di brasiliani (un'esposizione di quadri con annesso feijoada, caipirinha e samba) ho conosciuto le ragazze – come le chiamiamo ancora oggi. Sono state così simpatiche e gentili con me, quasi come se mi conoscessero da anni. Anche io avevo avuto come l'impressione di

Emilia sorriu de lado com seu jeitão meio caipira, de mineirona, mas foi quem sugeriu à outra que me tomassem como hóspede. Eu pagaria um tanto e poderia morar com elas. A casa realmente é espaçosa, de três andares. Há uma bela parede de azulejos art-nouveau fronteira à porta, que dá uma sensação agradável todas as vezes que entro.

O curso é razoável, mas pelo menos a sede do instituto fica numa rua aprazível, com canal. Uns dez minutos a pé até chegar à ponte e mais uns cinco até a entrada. Há muitos estudantes latino-americanos, mas acho que a maioria é africana. Indonésios mesmo creio que há dois. É claro que logo travei amizade com os "cucas" e me juntei ao grupo. O pior é que não gosto de falar espanhol — ou melhor, tento falar —, invento palavras e conjugações de verbos a maior parte do tempo. Outro dia a equato-riana franziu o cenho quando disse "pierto" em vez de "cerca" e daí por diante.

A primeira noite que vi Amsterdam senti um frêmito pelo corpo inteiro e a impressão de que aquela cidade tinha se grudado na minha vida para sempre. Tão logo saí da estação e mergulhei na Damrak, parecia que era conduzido por mãos invisíveis que me empurrariam rumo a um mundo fascinante e delirantemente perigoso. As luzes das lojas, dos bares, dos restaurantes, dos fliperamas me embriagavam, me endoideciam e, ao mesmo tempo, tendo como fundo aquelas torres rococós como biscoitos de diversas formas, emolduradas algumas de pequenos pontos luminosos, como árvores de Natal faziam um contraste como que harmonizando finalmente o puro ao escabroso, o sentimento ao instinto. E eu caminhava bêbado, sem ter bebido nada, guiado pela pulsação própria da cidade até alcançar o Dam e o Palácio, quase um templo apertado entre casinhas de boneca.

Enfim a cidade me agarrou com seus tentáculos, me prendeu em sua teia de canais circulares e me entorpeceu como um ópio novo, trazido no bojo de um navio de um porto de Java, das Índias Holandesas Orientais. Eu disse: fui agarrado e conduzido ao fundo de seus abismos e sei que daí não vou sair ileso — nem tão cedo.

di essere loro amico da molto. Inge mi ha stretto la mano con forza e mi ha fissato con i suoi splendenti occhi verdi. Emília mi ha sorriso di sbieco, con il suo modo un po' contadinotto, da ragazzotta, ma è stata proprio lei a suggerire all'altra di ospitarmi. Avrei solo dovuto mettere una parte dei soldi. La casa era veramente grande, a tre piani, e ogni volta che rientro a casa mi sento bene, quando mi ritrovo davanti quella bella parete di azulejos art- nouveau.

Il corso di studi non è male, per lo meno la sede dell'istituto si trova in una via graziosa, sul canale. Circa dieci minuti a piedi per arrivare al ponte, e poi altri cinque minuti fino all'entrata. Ci sono molti studenti latino – americani, ma penso che per la maggior parte siano africani. Di Indonesiani se ne possano contare due. Come era prevedibile ho subito stretto amicizia con i ragazzi latino-americani. L'unica cosa è che non amo molto parlare spagnolo - o meglio, provo a parlarlo - , vale a dire che mi limito ad inventare le parole e le coniugazioni dei verbi per la maggior parte del tempo. Un giorno la ragazza ecuadoriana ha chiaramente alzato il sopracciglio quando ho detto “*pierto*” al posto di “*cerca*” e così via.

La prima notte che ho visto Amsterdam, ho sentito un fremito pervadermi tutto il corpo, e ho avuto come l'impressione che quella città si fosse radicata nella mia vita per sempre. Appena uscito dalla stazione ho cominciato a vagabondare per la Damrak. Mi sembrava di essere preso per mano da mani invisibili, che mi conducevano verso un mondo affascinante sì, ma pericolosamente delirante. L'illuminazione dei negozi, dei bar, dei ristoranti, dei flipper quasi mi inebriavano, mi stordivano. Allo stesso tempo, le torri roccocò, che si stagliavano sullo sfondo, sembravano biscotti di diverse forme, alcune intarsiate con piccoli puntini luminosi, avevano la forma di alberi di Natale che mescolavano il puro all'occulto, il sentimento con l'istinto. E io ciondolavo ubriaco, senza aver bevuto nulla, guidato solo dalla pulsazione insita nella città, fino a raggiungere il Dam, e il Palazzo, che sembrava quasi un tempio aperto tra le casette delle bambole.

Alla fine la città mi ha avvolto nei suoi tentacoli, mi ha catturato nella sua tela di canali circolari e mi intorpidito come fosse un nuovo tipo di oppio. Ero come trasportato nel magazzino di una nave del porto di Java, nelle Indie Olandesi Orientali. Posso solo affermare che: sono stato catturato e trascinato nel fondo dei suoi abissi, e che sono cosciente del fatto che non ne uscirò illeso – e neanche alle svelte.

Meu destino entre o Vermelho e o Negro: o número simplesmente me vem à cabeça, como que soprado por uma voz sibilante. Pronto: ganhei de novo, o crupiê anuncia o 96, eu jogava no pleno. Em vez de trocar as fichas espero que ele gire a roleta e cante uma vez mais sua arenga familiar, *les jeux sont faits*, a voz me sopra novamente sessenta e seis ao ouvido, atiro fichas sobre o pano verde riscado de branco, jogo pleno, *cheval*, *contre carré*. Apoio as mãos contra o bordo de madeira envernizada, segurando uma ficha amarela que mantive não sei por que, talvez por falta de tempo, e faço ares de distraída olhando ora a roleta que gira apagando números ora rostos louros e aflitos à minha frente. Há uma indonésia que fuma desbragadamente e bebe menta. 66. Pronto: mais uma vitória. O crupiê deposita uma pilha de fichas vermelhas e azuis diante de mim e sorri desconfiado. Reparo que alguns jogadores me observam, afinal é a sexta vez consecutiva que ganho.

Mudo então de mesa: nessa o crupiê é mais bonito. Tem um jeito de gigolô comprometido. Um risinho sacana. *Les jeux sont faits, messieurs et dames*: aposto no dezesseis. Ixe! só agora me dei conta de que só tenho jogado em números com final seis. Vá lá. Rique está entretido com os caça-níqueis. Ele adora aquilo e raramente arrisca na roleta. Elas me sujam as mãos, aquelas máquinas. Não as máquinas, mas os níqueis que você é obrigado a manusear o tempo inteiro. Ganhei. O crupiê sorri sacanamente e me fere com o olhar, passando minha imensa fortuna em fichas. Uma senhora envolta em uma estola de peles me perscruta de maneira inquisidora. Ganhei, ora! Tenho vontade de lhe responder, mas meu conhecimento dessa língua é muito precário. Se pelo menos Inge estivesse aqui... Às vezes ela já me acompanhou. Mas não gosta, fica no bar tomando café, pois sequer bebe uísque. Coitada. Vem para me fazer companhia, mas ultimamente conheci um pessoal jogador andando de bicicleta no bosque. Puxaram conversa no sinal e acabei comentando a respeito do cassino. Acontece que adoram uma jogatina. São dois casais. Hoje não vieram, mas amanhã, domingo à tarde, liem capaz...

Il mio destino oscilla tra il Rosso e il Nero: mi ritorna sempre in mente quel numero, come fosse una voce sibilante a suggerirmelo. Finito: ho vinto di nuovo, il croupier chiama il 96, e io stavo puntando tutto. Invece di cambiare le carte, spero che la roulette giri di nuovo, e che possa sentire ancora volta l'ormai familiare, *les jeux sont faits*. La voce mi sussurra ancora il numero 66, metto le carte sul tavolo verde con le righe bianche, punto tutto, cheval contro carré. Appoggio le mani sul bordo di legno verniciato, tenendo in mano una fiche gialla, che non si sa per quale motivo ho tenuto in mano finora, forse per mancanza di tempo. Ho un'aria distratta mentre guardo, ora la roulette che gira, ora i volti biondi e afflitti di fronte a me. C'è un Indonesiana che fuma come una ciminiera, e che beve menta. 66. Finito: ho vinto ancora. Il croupier appoggia una fila di fiche rosse e azzurre di fronte a me, sorridendo diffidente. Noto che alcuni giocatori cominciano a fissarmi, alla fine è già la mia sesta vittoria.

Così decido di cambiare tavolo: il croupier è anche più bello qui. Ha il fare da gigoló. La risata da mascalzone. *Les jeux sont faits, messieurs et dames*: proprio sul sedici. Cavolo! Solo ora mi rendo conto di aver giocato solo numeri con il sei finale. Guardo più in là. Rique è impegnato a giocare alle macchinette. Adora giocarci, e raramente rischia di giocare al tavolo. Mi sporcano le mani quelle macchine. No, non sono le macchine, bensì quelle monetine che sei obbligato a tenere in mano per tutto il tempo. Ho vinto. Il croupier mi sorride con sospetto e mi colpisce con il suo sguardo, trasformando la mia immensa fortuna in fiche. Una signora avvolta in una stola di pelle mi scruta con aria inquisitoria. Ho vinto! Vorrei risponderle così, ma la mia conoscenza della lingua è ancora molto precaria. Se almeno Inge fosse qui ... A volte è capitato che mi accompagnasse. Ma a lei non piace il casinò, resta al bar a bere caffè, oppure sorseggia del whisky. Poverina. Viene solo per farmi compagnia, ma ultimamente ho fatto la conoscenza di un giocatore, mentre andavo in bicicletta nel bosco. Avevamo cominciato a commentare i segnali stradali, per poi finire a parlare di casinò. In pratica adorano il gioco. Sono due coppie. Oggi non sono venuti, ma domani, sarà molto probabile che vengano visto che è domenica sera ...

— Ai, você chega e eu perco! Sai! Vai embora! — digo a Rique que, coitado, veio todo contente por ter ganhado o jack-pot. Somos dois sortudos no jogo. E no amor?

Ele me obedece. Próxima rodada, o crupiê-gigolô anuncia rien ne va plus, mas eu já atirei fichas sobre o vinte e seis, seguindo sempre os conselhos da voz sibilante. A roleta gira, gira estonteante, hesita em parar, a bolinha também hesita em cair na cavidade próxima ao meu número, me aflijo, torço, me enervo, pronto: ganhei. Vinte e seis e o crupiê me olha rindo, como se me pedisse para convidá-lo para jantar lá em cima, no restau-rante sob o imenso lustre de cristal e ao som do piano que toca velhas valsas.

Rica, Rique, rica. Tomamos um táxi e Rique sugere irmos jantar no Tequila. "Ah, não! restaurante mexicano, não. Tou enjoada de tacos. A Lila sempre faz tacos quando vai lá em casa..." Rique então me explica que não é mexicano, mas francês e diz que tem um excelente magret de canard. Por mim, como um bom bife com batatas fritas, já que aqui não tem tutu de feijão com torresmo. No entanto, noto que Rique gosta mesmo é do garçom, aquele ali de covinha e olhos verdes. A arara na porta nos saúda com estardalhaço, Jean-Michel, o patrão, nos atende e nos senta num canto perto do aquário. Passados alguns goles de vinho, Rique, sem que eu tenha tempo de satisfazer minha curiosidade quanto a suas andanças noturnas em Amsterdam, me faz a mesma pergunta desagradável, que oscila nos lábios de todo mundo que freqüenta nossa casa: se afinal existe algo entre Inge e eu.

6

Não; nada. Não existe nada, diz Lila me cravando seus olhos verdes e vivos. Como ela pode ser tão materialista? Só porque perdeu o marido tão cedo... Lila passou a tarde comigo, esse domingo cinza e frio. As folhas realmente começam a amarelar ao longo do canal. Tomamos café e depois saímos para dar uma volta. Encontramos, por acaso, Tera e Saskia que passeavam com o cachorro. Quando cheguei elas mal se conheciam e estão juntas até hoje. Há mais tempo do que eu e Emília. Perguntam se não queremos tomar um brunch no Schlemmer. "Está tarde", diz Lila, sem entretanto

— Ecco, arrivi tu e perdo! Va via!- dico a Rique che, poveretto, è arrivato lì tutto contento per aver guadagnato il *jack-pot*. Siamo tutti e due fortunati nel gioco. E in amore?

Mi obbedisce. Un altro giro, il croupier-gigolò declama il suo *rien ne va plus*, ma io avevo già puntato sul ventisei, seguendo sempre il consiglio della voce sibilante. La roulette gira, roteante, tentenna nel fermarsi, anche la pallina sta esitando dal cadere nella cavità vicina al mio numero, mi agito, comincio a muovermi, mi sale il nervoso, finito: ho vinto. Ventisei e il croupier mi guarda ridendo, quasi reclamasse un invito a pranzo lì sopra, al ristorante sopra l'immensa lastra di cristallo, circondati dal rumore del piano che suona valzer antichi.

Ricca, Rique, sono ricca. Prendiamo un taxi e Rique mi propone di andare a mangiare al Tequila. “No! Non ho voglia di andare al ristorante messicano. Sono stufa di mangiare tacos. Me li prepara sempre Lila quando vado a casa sua ...” Allora Rique mi spiega che quello non è un ristorante messicano, ma francese, e aggiunge che lì preparano un ottimo *magret de canard*. Vorrà dire che io ordinerò una buona bistecca con patate fritte, dal momento che non servono i fagioli con il bacon. Noto che anche a Rique piace il ragazzo, quello con le fossette e gli occhi verdi. La tipa alla porta ci saluta con aria di ostentazione, Jean-Michel, il padrone, ci accoglie e ci fa accomodare in un tavolo nell'angolo, vicino all'acquario.

Dopo aver sorseggiato un po' di vino, Rique, senza che io abbia neanche avuto il tempo di soddisfare la mia curiosità riguardo la sua vita notturna ad Amsterdam, mi precede con la solita sgradevole domanda, che passa per la testa a tutti quelli che frequentano la nostra casa: se c'è qualcosa tra me e Inge.

6

No; nulla. Non c'è niente, mi risponde Lila guardandomi con i suoi occhi verdi e vivi. Come può essere così materialista? Solo perché ha perso il marito così giovane ... ho trascorso con Lila quella serata di domenica, così fredda e grigia. Le foglie stanno cominciando ad ingiallirsi lungo il canale. Beviamo un caffè per poi tornare a casa. Ci imbattiamo, per caso, in Tera e Saskia che stavano

conseguir esconder sua vontade de ir.

O champanhe me estonteia, então deixo a coupe pela metade. Tomo o consommé e disfarço com os ovos Benedict. Não tenho fome a essa hora. Talvez mais tarde e aí cozinho alguma coisa para Milinha, que deve estar faminta depois de uma noitada com Rique no cassino. O que eu não consigo entender é como ele ainda foi a Amsterdam em seguida. Há trens noturnos, mas... é muita vontade... eu diria mesmo é muita ansiedade. Só espero que ele não se meta naqueles bares da Warmoestraat... Sim, porque há de tudo, há o lado melhor, mais garotinho de família, ali pelos lados da Rembrantsplein, por exemplo.

Conversamos sobre o Brasil. "Agora pelo menos é civil o governo", diz Tera. "É, mas não mudou nada, passou de um para o outro, quer dizer, o presidente é o ex-líder do partido dos militares, entende?", tento explicar. Não quero tocar mais em política. Isso tudo já me deu muitos problemas.

Volto para casa e um enorme silêncio pareceu cair sobre a Terra. Emília deve ter dormido demais depois do lanche. Cordélia me olha do alto da escada. Em vez de sibilar carinhosamente ou esfregar o indicador com o polegar chamando-a, eu a fito também. Ela me entende. Afinal, somos há tanto tempo companheiras... como mãe e filha. Onde estará Dorotéia? Ela me responde que lá em cima, dormindo ao pé de Emília. E Rasputin? No jardim brincando com Faísca.

Estás velha, me diz o espelho e eu percorro com o indicador os sulcos que vão das asas do nariz até quase o queixo. A mãe de Rique fez plástica — ele me contou. Com anestesia local. Tem gente que não sabe envelhecer. "Você não tem rugas", Rique deixa escapar gentilmente. "Tenho sim", eu respondo apalpando o pescoço. Um dia, de repente percebi que meus cabelos tinham enbranquecido, a pele se tornado mais flácida e amarrotado como um tecido gasto, como um vestido depois da festa. Depois da festa. Agora estou aqui, sozinha com meus gatos em frente ao espelho esperando que Emilia desperte. Parece que ela chegou ontem. Aceitou vir morar comigo. Eu nem acreditava que ela pudesse aceitar. Me encheu de alegria sua resposta. Depois do desastre. Ela chegou meio-morta. Quase mesmo não escapa. Quem a vê assim não diz: a plástica foi perfeita. Com anestesia, claro. Ela chegou inconsciente no hospital. Meio-morta digo por causa do pai. Emilia chegou aqui em casa dilacerada. Ela não se conformava com a imagem do pai morto ao seu lado dentro do carro. E ela guiava. Demorei muito tempo para reerguê-la. Mas debaixo dos meus cuidados ela reviveu. A planta seca medrou. Foi exatamente isso: ela era como uma árvore abatida pela catástrofe de um raio. Emilia me contou bem

passeggiando con il cane. Quando ero arrivata qui si conoscevano a malapena, e ora sono insieme. Da più tempo rispetto a me e Emília. Ci domandano se vogliamo unirci ad un brunch con loro allo *Schlemmer*.

“Si è già fatto tardi“, rispose Lila, senza preoccuparsi troppo di nascondere la voglia di tornare a casa.

Lo champagne mi fa girare la testa, così decido di lasciarne metà nel calice. Prendo il *consommé* e mi sazio con le uova Benedict. Non ho mai fame a quest’ora. Forse più tardi, così cucinerò qualcosa anche per Milinha, che arriverà a casa sicuramente affamata, dopo una nottata passata al casinò con Rique. Quello che non capisco è come sia possibile che lui debba ancora tornare da Amsterdam. Ci sono dei treni notturni, ma ... ci vuole molta forza di volontà ... e che ansia. Spero solo che non finisca in uno di quei bar a Warmoesstraat...²¹ Sì, perché lì si può trovare veramente di tutto, e poi c’è la parte migliore, quella dei figlio di papà, nei dintorni di Rembrantsplain, ad esempio.

Parliamo del Brasile. “Per lo meno ora è salito in carica un governo civile“, afferma Tera. “Sì, ma non è cambiato nulla. Si passa sempre da un governo all’altro, intendo dire, ora il presidente è l’ex-leader del partito militare, capisci?“ provo a spiegare. Ma non voglio più toccare l’argomento politica. Mi ha già creato abbastanza problemi in passato.

Torno a casa, dove regnava un silenzio assoluto, che sembrava essere caduto sulla Terra. Emília avrà sonnecchiato un po’ troppo dopo il pranzo. Cordélia mi fissa dall’alto della scala. Invece di sibilarne dolcemente o di schioccare l’indice con il pollice chiamandola, la fisso. Lei capisce. Alla fine ci conosciamo da tanto tempo ... siamo come madre e figlia. Dove sarà Dorotéia invece? Mi risponde che è di sopra, che dorme ai piedi di Emília. E Rasputin? E’ in giardino che gioca con Fáisca.

Lo specchio mi mostra che sono diventata vecchia, esploro con il dito tutti i solchi che partono dai lati delle narici fino a quasi al mento. La mamma di Rique si è sottoposta a un intervento di chirurgia plastica – mi ha raccontato lui. Aveva fatto l’anestesia locale. C’è chi non accetta di invecchiare. “Tu non hai rughe“, si lascia scappare Rique educatamente. “Sì che le ho“, rispondo io stringendomi nelle spalle. Un giorno mi sono resa conto che anche i miei capelli si erano ingrigiti, la pelle era più flaccida e raggrinzita, un tessuto sgualcito, come un vestito dopo la festa. E ora sono qui,

²¹ WARMOESSTRAAT, una delle vie più antiche della città di Amsterdam.

mais tarde que tudo não passou de um imenso barulho de um corpo pesado contra outro e o estilhaçar de vidros. Depois do black-out o hospital. Rostos encapuzados de branco e o tilintar de talheres. Talheres não: dos instrumentos de cirurgia. A dor. Ela gritou. "Depressa a anestesia, a injeção, aqui... aqui" Ela então adormeceu para acordar enfaixada dentro do quarto. "É chato dizer mas... seu pai..." Ela não falou nada sobre o acidente durante anos. Calada por muitos dias. Mas sob os meus braços.

7

Acabei travando amizade no curso com um chileno, muito branco e de olhos melancólicos, com um ar um tanto enjoado, à primeira impressão, que se chama Eduardo. É de Santiago mesmo, demonstra pouco interesse pelas aulas, às quais não parece prestar atenção, passando o tempo a ler livros de poesia. Mas possui uma pitada de humor ácido, o que nos aproximou de certa maneira. Faz um tipo aristocrático e alugou uma casa em Wassenaar — uma localidade próxima, onde se encontram embaixadas e residências luxuosas. "Um bom endereço", como ele mesmo fez questão de frisar —, obrigando-o a comprar um carro de segunda-mão para poder se deslocar diariamente no trajeto que leva em média meia-hora.

Não demorei muito para descobrir que Eduardo fazia parte da "legião universal". Um sábado combinamos jantar juntos e escolhi, de propósito, um restaurante novo que tinha sido aberto nas redondezas da zona gay da cidade. Tomamos um aperitivo num bar próximo e logo notei como, depois de alguns goles de uísque, ele começava a ficar amaneirado e a olhar por cima de meu ombro para um grupo de garotos bonitos, em pé atrás de mim, que eu espiava através de um espelho. Eduardo, por sua vez, não percebia meu posto de observação.

Durante o jantar ele me falou muito sobre sua "novia", me mostrando até uma aliança. Dado um momento, me senti qua-se na obrigação de contar alguma coisa sobre minha vida sentimental. Um

di fronte allo specchio in compagnia dei miei gatti, aspettando che Emília si svegli. Mi sembra ieri quando è arrivata qui. Quando ha accettato di venire ad abitare con me. Io non avevo neanche mai pensato che potesse accettare. Mi aveva riempito di allegria la sua risposta affermativa. Dopo quella tragedia. E'arrivata qui più morta che viva. Quasi non si nota. A vederla non lo diresti mai: l'intervento plastico era riuscito alla perfezione. Con l'anestesia, chiaro. Aveva già perso i sensi quando era arrivata in ospedale. Era ancora scioccata per quello che era accaduto al padre. Quando è entrata qui, Emília era completamente dilaniata. Non riusciva a togliersi dalla testa l'immagine del padre morto in macchina, di fianco a lei. Era lei che guidava. Ci ho messo molto a risollevarla. Ma con le mie attenzioni era tornata a vivere un po' alla volta. La pianta secca era rinvigorita. Sì, lei era esattamente così: come un albero abbattuto da un fulmine. Emília molto tempo dopo, mi ha spiegato che tutto si era concluso in un gran boato, come un corpo contro un altro, e poi lo scoppiare dei vetri. Dopo solo il black-out dell'ospedale. Volti incappucciati di bianco, e il tintinnare dei coltelli. Non erano coltelli: erano strumenti chirurgici. Il dolore. Lei gridava. “ Veloci con l'anestesia, la puntura qui ... qui “. Da lì più niente, era caduta nel sonno, per risvegliarsi poi tutta fasciata dentro una camera. “Mi dispiace doverglielo dire in questo modo ... ma suo padre ...“ Non ha più parlato dell'incidente per anni. E' restata in silenzio per molti giorni. Ma tra le mie braccia.

7

Ho finito per fare amicizia con un ragazzo cileno del corso, dalla carnagione pallida, gli occhi melanconici e un'aria un po' annoiata, a prima impressione. Si chiama Eduardo. E' di Santiago e dimostra poco interesse per i corsi, infatti legge libri di poesia durante le lezioni. E' provvisto di una vena di humour sarcastico, che ci accomuna. Ha origini aristocratiche, per questo ha affittato una casa a Wassenaar – una località nelle vicinanze, dove risiedono le ambasciate e le residenze più lussuose. “Un bel posto“ come ha sottolineato lui stesso -, per la distanza è stato obbligato a comprare una macchina di seconda mano, per risparmiare tempo nel tragitto di tutti i giorni, visto che ci si impiegava almeno una mezz'oretta.

silêncio caiu entre nós, servi-lhe de mais vinho e disse que estava livre há muito tempo e não pretendia tampouco me ligar a alguém. Poderia bem utilizar o mesmo método "travesti", mas não tive vontade de representar a esse ponto. Convidei-o então a tomar o último drinque (último costuma ser força de expressão, entenda-se) num bar "qualquer". Como uma aranha eu tramava a teia em que Eduardito deveria fatalmente emaranhar-se. O bar "qualquer" era meu conhecido de muito. Quando, durante a semana, me vinha aquela vontade irreprimível de sair, aquela coceira incurável, mas ao mesmo tempo não podia dormir muito tarde, em vez de apanhar o trem para Amsterdam, ia ali na esquina, naquele beco infalível, onde três bares vizinhos recebiam a gente alegre.

— Vamos até aquele ali? Parece animado.

— Eduardo hesitou:

— *No, no, creo que no baga nadie.é Por que no volvimos al otro donde estribamos antes?*

Insisti que devíamos variar de ambiente. Disse ainda que costumava andar por aquelas ruelas à noite ("Aqui não tem o perigo que tem as nossas cidades, não é?") e notava que aquele bar estava sempre cheio de gente. Eduardo cedeu à armadilha.

No entanto, só depois de tomado o primeiro drinque inteiro, comentou sobre o tipo de frequência do lugar.

— *Pero solo hay hombres...*

Perguntei então se ele nunca tinha ido a um gay bar. Deixava aos poucos que a máscara deslizesse do meu rosto para não assustá-lo de modo que acabasse por se entrincheirar na sua timidez habitual ou, por outro lado, reagisse de forma intempestiva, como uma prima donna, desaparecendo de repente.

Non ci ho messo molto a scoprire che Eduardo faceva parte della “legião universal“. Un sabato eravamo d’accordo per andare a mangiare insieme e ne ho approfittato per scegliere un ristorante nuovo che avevano aperto nel quartiere gay della città. Ci fermiamo a prendere un aperitivo in un bar lì vicino, e non ho certamente potuto fare a meno di notare, che dopo pochi sorsi di whisky, i suoi modi stavano già diventando più affettati, e che aveva cominciato a fissare un punto dietro la mia spalla, dove era appostato un gruppo di bei ragazzi, che io stavo spiando attraverso lo specchio. Eduardo non si era accorto della mia prospettiva.

Durante il pranzo mi ha parlato molto della sua “fidanzata“, mostrandomi anche una foto. Date le circostanze, mi sono sentito quasi in obbligo di raccontargli qualcosa della mia vita sentimentale. Finché è calato il silenzio, gli ho versato ancora del vino, e a quel punto mi ha confessato che era libero da molto tempo e che non aveva alcuna intenzione di legarsi. Potrei usare il termine “Travestito“, ma non vorrei spingermi fino a quel punto. L’ho invitato a bere un’ultima cosa (ultimo è diventato solo un modo di dire ormai) in un bar “qualunque“. Come un ragno stavo tessendo la tela in cui Eduardino sarebbe fatalmente rimasto intrappolato. Il bar “qualunque“ lo conoscevo molto bene. Quando, durante la settimana, mi assaliva quell’irrefrenabile voglia di uscire, quella malattia incurabile, e sapevo di non poter dormire fino a tardi il giorno dopo, al posto di prendere il treno ed andare ad Amsterdam, andavo all’angolo, in quella tana, dove i tre bar adiacenti erano lì pronti ad accogliere la gente già alticcia.

— Andiamo in quello là? Ha l’aria di essere animato.

— Eduardo ha esitato:

— *No, no, credo che non ci sia nessuno lì. Perché non torniamo al bar di prima?*

Gli ho detto che preferivo cambiare ambiente. Gli ho confessato allora che frequentavo spesso quelle strade di notte (“Qui non è pericoloso come nelle nostre città“), e avevo notato che quel bar era sempre pieno di gente. Eduardo ha ceduto.

Solo dopo il primo drink, ha fatto qualche commento sul tipo di persone che frequentavano il locale.

— *Ci sono solo uomini qui però ...*

Allora gli ho domandato se era mai stato in un locale gay. Lasciavo cadere la maschera dal

— *Ah, ustedes los brasileños suelen ser tan liberales...* — ele tentava rir, sem conseguir esconder seu embaraço.

Convidei-o para mais um uísque e pronto: Mefistófeles ganhara a partida, o menino também rompia a máscara e acabava por me contar que o nome de sua "novia" era, na verdade, Isidro.

8

Ela está lá embaixo, eu sei, mas não tenho nenhuma vontade de descer. Será que isso acontece também com as pessoas casadas, nenhuma vontade de ver o outro? Prefiro ficar aqui em cima, sozinha, olhando retratos antigos que guardo junto com cartas velhas numa caixa de papelão brique.

Às vezes sinto que ela me espia. É estranho, sinto que ronda a casa pressentindo minha presença pelos cômodos, observando meus movimentos, meus gestos, meus pequenos hábitos. Se me desloco daqui para o banheiro ou para o quarto da televisão, sempre sinto um par de olhos a me vigiar, mesmo que Inge não esteja em casa. Foi ela, entretanto, que construiu esse fantasma onipresente que age como se fosse o seu mensageiro fiel. Sei que se trata de produto da minha imaginação, mas foi ela quem engendrou essa sombra a me seguir os passos pela casa.

Contraditoriamente ela surge nos momentos em que me alhei dessa presença invisível, em que estou distraída com meus livros ou minhas cartas, meu passado pálido e sem emoções, ela surge e levo um susto: "Milinha Ai, desculpe: você se assutou comigo, não é?" Ela me cerca por todos os cantos, como nessas brincadeiras de pique uma criança não deixa a outra atravessar o caminho. Ela me sufoca e me protege. Não sei se conseguiria mais viver sozinha. Ela afinal me acolheu com um carinho de irmã num momento em que eu estava desnorteada. Depois do acidente, eu só clamava dentro de mim por um abrigo seguro... Aceitei sua hospedagem como um viajante que perdeu seu caminho

mio volto un passo alla volta per non farlo spaventare, e rischiare così di farlo ricadere nella sua timidezza, e anche perché temevo potesse reagire da prima donna, sparendo improvvisamente.

— *Questi brasiliani sono sempre così liberali ...* - provava a sorridere, senza riuscire a nascondere il suo evidente imbarazzo.

Gli ho chiesto se voleva prendere un altro whisky ed ecco qui: Mefistofele vince la partita, il ragazzo stava cominciando a far cadere la sua maschera ed è finito per confessarmi che la sua “ragazza” in verità si chiamava Isidro.

8

So che è lì di sotto, lo so, ma non ho voglia di scendere. Succede anche alle persone sposate, no? Di non aver voglia di passare del tempo insieme? Preferisco restarmene quassù, da sola, guardando vecchie foto insieme alle vecchie lettere nella scatola di carta.

A volte ho come la sensazione che lei mi stia spiando. E' strano, la sento girare per casa, come se si mettesse alla ricerca della mia presenza tra i mobili, osservando i miei movimenti, i miei gesti, le mie solite abitudini. Se mi sposto per andare in bagno o per andare nella stanza dove c'è la televisione, percepisco di avere sempre i suoi occhi addosso, anche quando non è in casa. Inge ha forgiato una sorta di suo fantasma onnipresente e che agisce in suo nome. So che tutto questo è frutto della mia immaginazione, ma è stata lei a dar vita a quest'ombra, seguendomi sempre passo per passo in casa.

In realtà si palesa proprio nel momento in cui pensavo di essere riuscita a liberarmene, quando mi ritrovo completamente immersa nei miei libri o nelle lettere, nel mio passato scialbo e privo di emozioni, lei compare facendomi sussultare: “ Milinha! Ah, scusa: ti ho fatta spaventare, vero? “ Viene alla mia ricerca in tutti gli angoli, come quando, giocando a nascondino, un bambino non da neanche il tempo all'altro di nascondersi. Mi soffoca e mi protegge. Non so se sarei più in grado di vivere da sola. Alla fine lei mi ha accolto come una sorella nel momento in cui avevo più bisogno. Dopo l'incidente non desideravo altro se non approdare in un porto sicuro ... Ho accettato di vivere qui come fossi un

Entretanto, à medida que minha cabeça foi-se erguendo de sua mão e que fui me recuperando, comecei a ter medo dela. Afinal, como seria viver com um mulher como Inge? Teci suposições sobre seu provável comportamento. Não: no fundo — eu dizia para mim mesma em minhas noites de insônia — ela me tem como uma filha. Sou mais moça uns vinte anos do que Inge. Mas e aquelas amigas todas em sua festa de aniversário? Rique e eu ríamos juntos e baixinho comentávamos sobre cada uma que entrava. Fizemos aposta de quem seria mais máscula. Até que entrou Tera de botas, colete e chapéu. Quando ela acendeu o cachimbo Rique e eu tivemos de fugir para a cozinha para não contermos o riso, que coçava nossos lábios e gargantas. Que fauna! Só havia mulheres. Tinham vindo de surpresa e trouxeram um bolo. Uma de olhos verdes e franja não parava de me olhar e quando se despediram, todas "alegrinhas" de champanha, tive a nítida impressão (e aí não gostei) de que pelo excesso de intimidade com que se despediam, apesar do efeito do álcool, aquele apertar de minhas bochechas, os beijinhos, os abraços, me tratavam como se fosse caso de Inge. Rique concordou. Fiquei furiosa. Será que então Inge inventou-lhes uma história diferente, uma versão da minha vinda para aquela casa que eu ignorava e logo diferente da que me apresentava? Não é possível: o que eu tenho a fazer é arrumar minhas malas já. Inge veio ao meu encontro no dia seguinte e ao ver minha bagagem pronta, tomou-se de súbita indignação do tipo você está redondamente enganada, segurou a alça da mala, enquanto eu tentava arrastá-la para o corredor, suplicante, eu decidida, uma cena.

Por fim, me convenceu a ficar. Não era nada disso que eu estava pensando — argumentava a princípio desesperada e depois maternal como de hábito. Cedi.

— Coitada, ela gosta de você — Rique opinou depois que 'lhe contei tudo.

Gosta; é gosta, mas continuo a ter medo sobretudo dessa presença cuja aparição é sempre iminente e que me assombra como um espectro prestes a desvendar seu verdadeiro aspecto.

viandante che aveva smarrito la via. Più tornavo in me e più cominciavo ad aver paura di lei. In sostanza, com'è vivere con una donna come Inge? Non riesco a trattenermi dal fare supposizioni su una sua possibile attitudine. No: in fondo – raccontavo a me stessa in quelle notti insonni – mi tratta come una figlia. Sono vent'anni più giovane di lei. Ma e tutte quelle amiche alla festa del suo compleanno? Rique e io ce la ridevamo sotto i baffi, mentre commentavamo ognuna che entrava.

Ma e tutte quelle amiche alla festa del suo compleanno? Rique e io ce la ridevamo sotto i baffi, mentre commentavamo ognuna che entrava. Avevamo scommesso su quale fosse il più maschiaccio. Fino a che non ha fatto il suo ingresso Tera con stivali, gilè e cappello. Quando si è anche accese la pipa, io e Rique siamo dovuti correre in cucina perché non riuscivamo più a trattenere le risate, che si erano fermate sulla bocca e nella gola. Che strano! Erano tutte donne. Le avevano fatto una sorpresa e le avevano portato anche una torta. Una di loro, con gli occhi verdi e la frangia, non la smetteva di guardarmi e quando si sono salutate, tutte “rallegrate“ dall'effetto dello champagne, non ho potuto fare a meno di notare l'evidente trasporto con cui si salutavano, e non era solo per l'effetto dell'alcool, ma il modo in cui stringevano le mie guance, i baci, gli abbracci, mi trattavano quasi come se fossi io Inge. Anche Rique era d'accordo con me. Ero furiosa. Sospettavo che Inge avesse raccontato qualcosa di diverso, una versione differente sul perché fossi arrivata in quella casa e sul mio modo di essere. No non potevo crederci: dovevo fare le valigie e andarmene. Inge mi è venuta a cercare il giorno dopo e alla vista dei miei bagagli, si è sentita profondamente offesa e ha cominciato a farfugliare frasi del tipo che mi ero totalmente sbagliata, ha sollevato la valigia, mentre io cercavo di trascinarla in corridoio: lei supplichevole, io decisa, che scena.

Alla fine mi ha convinta a restare. Non era come pensavo - all'inizio si difendeva dalle mie accuse in modo disperato, per poi passare ad assumere un tono materno, come sempre. Ho ceduto.

— Cara, tu le piaci – ha sentenziato Rique, dopo che gli avevo raccontato tutto.

Le piaci; E' buona, lo so che è buona con me, ma continuo ad aver timore di questa presenza, la cui apparizione sembra essere sempre essere imminente, e che mi oscura come fosse uno spettro in procinto di svelare il suo vero aspetto.

Ela estava no topo da escada quando a vi pela primeira vez. Gorda, as pernas finas meio arqueadas e vestidas em meias verdes. Os cabelos ruivos se incendiavam contra aquela espécie de vigia que era a janela redonda. Trajava uma bata indiana, tinha o rosto redondo, os olhos miúdos um pouco puxados pela operação plástica e uma gargalhada ao mesmo tempo rouca e estridente. Parecia Madame Mim. Pelo menos foi essa figura que me ocorreu naquela tarde chuvosa, eu pronto a galgar as escadas e ela ali no alto a me saudar de maneira efusiva, como se me conhecesse de longa data. Se apresentou: se chama Cléa, é peruana, e faz um curso de psicologia jungiana. As meninas, quer dizer, Inge e Emília não gostam dela. Já tinham me falado de Cléa. Parece que ela aprontou algumas com as duas. Primeiro quis-lhes "empurrar" urna empregada diarista indonésia para que as "meninas", como residentes, lhe dessem uma carteira de permanência. Elas aceitaram de boa vontade, e a empregada, uma vez de posse do documento, nunca mais apareceu. Depois houve qualquer coisa que envolveu dinheiro e não quis descer a detalhes. O fato é que senti logo que Cléa forçava entrada na minha vida, com seu riso histriônico, com sua representação espalhafatosa. Seu jeito parecia recusar o trabalho dos anos, como se desenhasse o círculo encantado da infância seguidas vezes, todos os dias, de modo que não desaparecesse. Sua gargalhada ecoava sempre reverberante pelos corredores do Instituto de Ciências Sociais já bem cedo de manhã, quando me agarrava o braço para que fosse primeiro, antes de entrar na sala de aula tomar um café com ela na cantina.

Na hora do almoço era fatal: mesmo que não tivéssemos aula juntos, pois o Instituto exige que se façam certas matérias comuns em todos os cursos, Cléa vinha me buscar na porta da minha sala para comermos um sanduíche, ou que fosse, na esquina ou mais adiante no centro ou naquela rua de que eu gostava tanto (como se chama mesmo?), cheia de bares, cafés e antiquários.

Até que enfim arrumei um apartamento. Não, as meninas são legais, ótimas mas nada como o canto da gente. Descobri o anúncio com Cléa numa dessas cafeterias aonde vamos nos restaurar todos os dias úteis (nos inúteis faço eu mesmo um sanduíche lá pelo meio-dia, uma hora, depois do que saio para

Era in cima alla scala quando l'ho vista per la prima volta. Robusta, le gambe fine un po' storte, ristrette nelle calze verdi. I capelli rossi sembravano prendere fuoco contro quella specie di oblò, che non era altro che una finestra rotonda. Portava una veste indiana, aveva il viso rotondo, gli occhi a mandorla, un po' tirati dalla chirurgia plastica, e una voce che era allo stesso tempo rauca e stridente. Sembrava Madame Mim. O almeno è stata la prima persona a venirmi in mente in quella sera piovosa. Io lì pronto a salire le scale e a salutarla con trasporto, come se ci conoscessimo già da molto tempo. Si è presentata: si chiamava Cléa, è peruviana, e frequenta un corso di psicologia jungiana. Alle ragazze, intendo dire, Inge e Emília, non piace. Me ne avevano già parlato. Sembra che avesse avuto in ballo qualcosa con loro due. Prima ha "insistito" a nome di una giornalista indonesiana perché le "ragazze", come residenti, le fornissero un permesso di soggiorno, loro avevano accettato di buon grado, ma l'impiegata, una volta redatto il documento, era sparita dalla circolazione. Poi c'è stato qualche problema relativo a del denaro, ma non sono volute entrare in dettagli. Ho sentito subito che ormai Cléa aveva fatto ingresso con forza nella mia vita, con il suo sorriso istrionico, il suo modo di fare chiassoso. Il suo atteggiamento sembrava essere frutto di un lavoro che perdurava da molti anni, come se stesse rifacendo lo schizzo del cerchio della sua infanzia più volte, tutti i giorni, in modo da farlo prima o poi scomparire. La sua voce riecheggiava sempre presuntuosa tra i corridoi dell'Istituto di Scienze Sociali già di prima mattina, quando mi prendeva per il braccio per trascinarci a prendere un caffè con lei in mensa, prima di entrare in aula.

L'ora di pranzo era quella fatale: anche se non seguivamo corsi insieme, l'Istituto esigeva che certe materie fossero comuni a tutti i corsi; così ritrovavo Cléa alla porta della mia aula a chiedermi se mi andava di mangiare un sandwich, o altro, con lei, all'angolo, in centro, o in quella strada che mi piaceva tanto (com'è che si chiamava?), piena di bar, caffè e negozi di antiquariato.

Alla fine ho trovato un appartamento. Certo, le ragazze sono fantastiche, piacevoli, ma niente poteva competere con quello che c'era lì fuori. Avevo trovato l'annuncio insieme a Cléa, in una di quelle caffetterie nelle quali ci recavamo tutti i giorni utili (gli altri giorni invece preparavo io un

fazer compras invariavelmente todos os sábados para ver essa gente linda e loura desfilar pela Nordeinde com seus impermeáveis impecáveis da Burberry e suas echarpes da Maison de Bonneterie, vou ao açougue e à mercearia e lá me abasteco de carne, salada e algum farináceo para o jantar). O apartamento é um duplex no topo de um antiquário. Inge conhece os donos, que têm um gato chamado Fernando. Eles vão todos os verões à Espanha, onde têm uma casa em Marbella. Acharam o gato vagabundo pela calçada, em frente a um bar onde tomavam o desayuno, e o trouxeram para as terras frias e ventosas da Holanda. Fernando é filvo e tem o pêlo macio e os olhos amarelos. Eles — duas bichas velhas: um é dez anos mais velho que o outro — são muito gentis e me ofereceram para prevenir os amigos de que podem deixar recado na loja, com um deles ou "com Fernando" — disseram entre risos.

10

A tarde cai lentamente, o chá mantém seu calor pousado sobre o fogão de calefação e eu olhando os telhados das casas vizinhas, lustrosos pela chuva fininha, deixo cair o livro que ti-nha nas mãos. Rique trouxe seu amigo sul-americano para nos fazer uma visita. Ouço entre os silêncios que naturalmente se fazem, o chacoalhar do fogo azulado da calefação. Fico contente de que eles estejam felizes. Não; acho que não. Um suspiro fun-do me surpreende e revela minha insatisfação. Essa maneira de parecer gelada me aflige. A certeza de que Emília nunca será totalmente minha. E eu que já confessei tantas vezes ao espelho e ao travesseiro que esse estado de coisas assim bastava. Por que me enganava? Entorpecida que estava com a simples dádiva de sua convivência?

A noite cai, ergo o braço para acender o abajur mas recuo e deixo que a escuridão continue a me envolver. Os meninos conversam lá embaixo na sala. Me pergunto se Rique e esse sul-americano terão alguma coisa a mais entre eles. Nunca distingo muito bem a linha demarcadora da amizade e da intimidade nesses tipos de relacionamento. A verdade é que riem muito. Se divertem ao menos.

sandwich da mangiare a mezzogiorno, dopo essere uscito per fare la spesa come tutti i sabati, quando vedevo tutta quella gente elegante e bionda sfilare per la Nordeinde, con i loro impeccabili impermeabili Burberry e le loro scarpe di Maison de Bonneterie). L'appartamento è un bilocale situato in cima ad un negozio di antiquariato. Inge conosce i padroni, che hanno un gatto di nome Fernando. Vanno in Spagna tutte le estati, dove hanno la casa a Marbella. Avevano trovato il gatto abbandonato per la strada, di fronte a un bar dove facevano sempre colazione, e avevano deciso di portarlo con loro nelle fredde e ventose terre olandesi. Fernando è fulvo, ha il pelo molto morbido e gli occhi gialli. Loro - due vecchie bestioline - uno più vecchio di dieci anni dell'altro - sono sempre molto gentili, e mi avevano offerto l'appartamento per tutelarsi dagli amici che avrebbero potuto danneggiare il negozio, con uno di loro o "con Fernando" si erano lasciati scappare tra le risatine.

10

La sera scendeva lentamente. Il te, era appoggiato sopra il fornello di calafataggio, e io, mentre stavo contemplando i tetti delle case vicine, lucidati dalla pioggerellina, ho lasciato che il libro mi cadesse dalle mani. Rique ha invitato il suo amico sud-americano a casa. Riesco a sentire, durante i momenti di silenzio della conversazione, il crepitio del fuoco azzurrino di calafataggio. Sono contenta che siano felici. No; non è vero. Un sospiro profondo mi sorprende e svela tutta la mia insoddisfazione. Questa finta maschera di freddezza mi sta distruggendo. L'eterna certezza che Emília non sarà mai totalmente mia. E io l'ho già confessato molte volte sia allo specchio, che al cuscino, che questa situazione non mi avrebbe mai soddisfatta fino in fondo. Perché mi stavo prendendo in giro? Mi stavo accontentando del semplice regalo della sua convivenza?

Stava diventando buio, faccio per allungare il braccio per accendere l'abat-jour, ma infine desisto, e lascio che l'oscurità mi continui ad avvolgere.

E eu me pergunto se essa alegria toda na realidade não me incomoda. Talvez eles se completem de uma maneira. Talvez o sentimento de um flua mais intensamente, mas não consiga atingir seu alvo. Dificilmente a intensidade dos sentimentos funcionam no mesmo grau — acho eu.

Agora o quarto está tão escuro que se não acender o abajur, Emília pode chegar e estranhar minha atitude. "O que que cê tá fazendo aí, metida nessa escuridão?" e acenderia depressa a luz de cima, o que me ofuscaria e me traria a horrível sensação do despertar brusco, depois de uma noite confortável de sonhos.

Ameaço puxar o comutador, porém mais uma vez refreio meu gesto. Busco meu reflexo no espelho. Um espelho oval no fundo do quarto, o da penteadeira. Ali flutuam meus cabelos brancos e um rosto indistinto. Acendo um cigarro e contemplo o ponto vermelho da brasa.

Temo pelos meninos. Seus risos já não erguem mais as escadas para perturbar meus ouvidos. Devem conversar algum assunto sério. Temo por essa doença que ronda as ruas. Os jornais não cessam de noticiar. Parece que a epidemia vai se espalhar ainda mais e se transformar em calamidade. O tempora o mores. Os fanáticos dizem que é castigo divino, realização de profecias do Apocalipse. Eu não acredito em nada disso. Não compreendo por que a duas pessoas é interdito completar seu amor da maneira que desejam.

— O que que cê tá fazendo aí metida no escuro? — Emília entra, mas se limita a acender a luz do outro abajur, o da cúpula de vitral que fica sobre a estante.

— Pensando.

— Pensando na morte da bezerra? E como é que era o nome dela?

— Emília

Sento i ragazzi conversare di là in salotto. Mi chiedo se ci sia qualcosa di più di una semplice amicizia tra di loro. Non riesco a distinguere con facilità quando l'amicizia finisce per sconfinare in qualcosa di più. Ridono molto. Per lo meno si divertono. E io mi domando, se forse questa allegria non mi dia fastidio in fondo. Forse in un certo senso si completano. Forse il sentimento scorre intensamente, ma - non riesce a centrare il bersaglio. Difficilmente i rispettivi sentimenti raggiungono la stessa intensità io la penso così.

La stanza è diventata così buia che se non dovessi accendere la lampada, Emilia sospetterebbe sicuramente del mio strano comportamento. Esordirebbe con un “ Ma cosa fai al buio? “, accendendo subito la luce, dalla quale rimarrei abbagliata, e sentirei come la sensazione di essermi svegliata bruscamente, dopo aver passato una notte protetta dai sogni.

Riprovo ad accendere la luce, ma qualcosa mi blocca anche stavolta. Mi guardo allo specchio. Uno specchio ovale in fondo alla stanza, quello della specchiera. Vedo riflessi i miei capelli bianchi ed un volto indefinito. Mi accendo una sigaretta e mi soffermo ad osservare il puntino rosso della cenere.

Ho paura per i ragazzi. Le loro risate non risuonano più sulle scale. Staranno parlando di qualcosa di serio. Ho timore per la malattia che sta dilagando per le strade. I giornali non smettono di parlarne. Sembra che l'epidemia si espanderà ancora trasformandosi in un vero e proprio stato di calamità. Che tempi! Che costumi!. I più fanatici sostengono che si tratti di un castigo divino, la realizzazione dell'Apocalisse. Io non ci credo. Non riesco a capire perché due persone non possano soddisfare il proprio amore come credono.

— Cosa stai facendo lì al buio? — Emilia entra nella stanza, ma si limita ad accendere la luce dell'altra abat-jour, quella a vetrata di cupola che si trova sopra la libreria.

— Sto riflettendo.

— Sulla morte di bezerra? O come si chiamava?

— Emilia.

— Emilia... lei sorride e prende in mano il libro che stavo leggendo prima di perdermi nei miei pensieri senza senso, nei miei vaneggi.

— Emilia..., ela sorri e apanha o livro que eu estava lendo antes de cair nesses pensamentos sem rumo, nesses devaneios irresponsáveis.

— O Anjo Bêbado. Cê tá lendo isso de novo?

11

Subo as escadas com cuidado (ainda bem que elas estão abafadas com o tapete) para não acordar Inge. Trouxe-lhe trufas de chocolate de surpresa. Ela gosta tanto. As vozes passarinhas dos meninos na sala me acompanham e vão diminuindo à medida que me aproximo da porta do quarto de Inge, que é apenas um retângulo negro. Será que ela não está? Inge raramente sai hoje em dia. Seu trabalho é em casa em frente à máquina de escrever, com seus textos e seus dicionários. Eu é que tenho de enfrentar as manhãs escuras e frias e pedalar a bicicleta até o escritório. Bem, o silêncio me sopra ao ouvido que ela não está. Talvez tenha reparado em alguma coisa que faltava e foi à rua. Não, ali está ela, a brasa do cigarro denuncia sua presença, agora distingo sua silueta na cama e seus cabelos brancos se despren-dem do escuro como uma fotografia prestes a surgir na bacia de revelação.

Acendo o abajur de vitral.

— O que que cê tá fazendo ai metida no escuro?

Inge aspira mais uma vez o cigarro antes de me responder. Apanho então o livro que ela deixou escorrer das mãos provavelmente na tentativa de dormir. Paulo Mendes Campos. Aquele mesmo velho volume de contos que chama a atenção de qua-se todo brasileiro que vem à nossa casa, não sei por que. Me lembro que o juiz Fonseca Passos da Corte Internacional olhou para a estante e disse: *O Anjo Bebado*.

— *O Anjo Bêbado*. Hai iniziato a leggere questo ora?

11

Scendo le scale facendo attenzione (anche se i miei passi vengono comunque attutiti dal tappeto) a non svegliare Inge. Le ho fatto una sorpresa, le ho portato i tartufi di cioccolato che le piacciono tanto. Le voci squillanti dei ragazzi nella sala mi accompagnano, e vanno calando a mano a mano che mi avvicino alla porta della camera di Inge, che sembra essere un rettangolo scuro. Forse non c'è? Esce raramente. Lavora a casa, davanti alla macchina da scrivere, con i suoi testi e i suoi dizionari. Sono io che devo andare incontro alla mattinata gelida e pedalare in bicicletta fino allo studio. Il silenzio mi suggerisce che non è in casa. Forse si è accorta che mancava qualcosa ed è uscita a comprarlo. Ah no, è lì, la cenere della sigaretta denuncia la sua presenza, ora riesco a distinguere la sua figura nel letto, i suoi capelli bianchi si distaccano dall'oscurità come una fotografia pronta ad essere riflessa nella fonte della rivelazione.

Accendo la lampada di vetro.

— Ma cosa stai facendo al buio?

Inge aspira ancora una volta il fumo della sigaretta prima di rispondermi. Prendo allora il libro che probabilmente le è sfuggito dalla mani con il sopravvento del sonno. Paulo Mendes Campos. Quel vecchio libro di racconti che, non so per quale strano motivo, incuriosisce tutti i brasiliani che mettono piede in questa casa. Mi ricordo che il giudice Fonseca Passos della Corte Internazionale aveva guardato verso la libreria esclamando : *O Anjo Bêbado*. Avevano avuto la stessa reazione quel pittore, che vive con un musicista olandese, e anche quella scultrice bassetta: *O Anjo Bêbado*.

Prendo posto di fianco ad Inge. I suoi immensi occhi azzurri rimangono fissi. Sembra triste la mia vecchietta. O forse sarebbe più giusto dire melanconica. Sembra stia guardando nello specchio, ma in realtà il suo sguardo è diretto più in là, ben oltre lo specchio, verso uno spazio impercettibile. Le rughe le solcano il viso. Una volta mi ha detto che provava uno strano piacere nell'invecchiare. In questa maniera: serenamente. Come un vecchio albero. In un certo senso provo invidia per il suo senso

Bêbado. Idêntica reação teve aque-le pintor que vive com um músico holandês e aquela escultora baixotinha: *O Anjo Bêbado*.

Sento-me ao lado de Inge. Ela não move seus imensos olhos azuis. Parece triste a minha velhinha. Ao menos melancólica. Olha o espelho, mas parece dirigir sua atenção para mais longe, além do espelho, num espaço imperceptível. As rugas cavam-lhe o rosto. Uma vez ela me disse que acha bonito envelhecer. Dessa maneira: serena. Como uma velha árvore. Inge tem uma tranqüilidade que, de certo modo, invejo. Não acredito que seja só idade. Parece que ela sempre foi assim. Com esses gestos len-tos de gato. Como esses gatos todos que perambulam pela casa: Rasputin, Cordélia, Dorotéia e Faisca. Tomo sua mão e ela sofre um leve tremor. Como se não esperasse. Ah, Inge esses anos todos juntas e... será que nossa amizade ainda permanece um mistério mesmo para nós mesmas? Será que nem uma nem outra conseguiu romper o flanco das cerimôrfias estabelecidas? Além do reconhecimento natural que lhe devia depois do acidente, me pergunto então o que me levou a ir ficando nesta casa quando nenhum vínculo maior poderia me atar a ela depois da recuperação do tremendo choque.

Sei, no entanto, que sou incapaz de completar o desejo de Inge. Não posso amá-la totalmente. Mas se tocar sua mão a faz estremecer, que gesto posso manifestar para transparecer a ternura que aflora em momentos absurdos como este, sentadas na beira da cama, sob uma luz que nos aquece do gelado outono que sopra lá fora, arrancando prematuramente as folhas amarelas?

Finalmente estendo-lhe o saquinho com trufas. Só então ela me olha como se me visse pela primeira vez, e seu rosto se ilumina de uma expressão de menina, enquanto mete a mão no embrulho e cata o doce de chocolate que mastiga com um prazer como que aliviado.

di pace. Non credo che sia solo questione di età. Penso che sia sempre stata così. Che abbia sempre avuto quei modi di fare pacati, quasi felini. Come quelli di tutti questi gatti che girano per casa: Rasputin, Cordélia, Dorotéia e Faisca. Prendo la sua mano e percepisco un fremito. Non se lo aspettava. Ah, Inge, tutti questi anni passati insieme e ... non è forse la nostra amicizia un mistero anche per noi? Mi chiedo se il problema è che nessuna delle due sia riuscita a spezzare veramente lo scoglio delle cerimonie prestabilite? Nonostante il profondo riconoscimento che nutro nei suoi confronti per l'aiuto datomi dopo l'incidente, non riesco ancora a capire che cos'è che ancora mi trattiene in quella casa, visto che non vedevo altro vincolo che mi legasse a lei.

So di non poter soddisfare il suo desiderio. Non posso amarla fino in fondo. Ma se solo toccarle la mano la fa tremare, in che modo potrei allora manifestarle il mio affetto, che emerge in momenti come questi, sedute sul ciglio del letto, sotto una luce che ci riscalda dal freddo autunno che imperversa lì fuori, che fa cadere le foglie gialle prima del tempo.

Le porgo il sacchetto di tartufi. Allora mi guarda come se mi vedesse per la prima volta, e il suo viso si distende in un'espressione di ragazza, mentre appoggia la mano sul pacchetto per prendere il dolce di cioccolata che comincia a masticare con aria sollevata.

Estou há uma semana e meia instalado na Nordeinde. Senti que Inge e Emilia fizeram um esforço para parecerem alegres no dia da despedida, mas sei que lamentaram minha mudança. Inge me abraçou forte e me olhou fundo nos olhos ali no jardimzinho, perto do portão. Ernília ria dizendo "vai logo, que encheção de lingüiça, pô", como ela sempre faz quando quer esconder as emoções. Ela a latina, enquanto Inge por pouco não se desfez em lágrimas no último momento.

Agora tenho o meu cantinho. Comprei umas almofadas, que ajeitei em cima da cama, uma estante para livros e discos e uns pôsteres. Da janela assisto às pessoas passeando lá embaixo na rua movimentada, apesar das rajadas de vento que anunciam o inverno. As mulheres tão elegantes vestem echarpes de seda estampada. Os homens lindos. Como aquele ali, de jogging e sobretudo surrado, fumando sentado sobre esses cilindros que impedem o estacionamento, com a perna dobrada.

(Acho que hoje vou a Amsterdam. Apesar de ser quinta-feira e amanhã ter aula cedo)

Tem os cabelos cacheados e claros. A barba por fazer.

Esqueço-me olhando pro bofe. Até que ele percebe minha presença na janela. Vergonha. Me afasto, entro para dentro de casa, flico parado no meio da sala sem reação. Estranho, às vezes, sou tão desinibido em certas situações... Volto à janela, e ele ainda está lá. Sorriu pra mim e entrou na rua em frente. Não resisto. Apanho rápido um casaco e despenco escadas abaixo. Tomo a mesma rua, aquela da loja de presentes high-tech e de tapetes persas na esquina. Cadê ele? Ele, o meu admirador com barba de dois dias e jogging. Lá está: ele caminha a passos largos, mas sem esforço, a cabeça erguida, os cachos balanando e tocando os ombros. Será que ele também é...? Louco que eu sou.

Ele entra num bar. Leio o letreiro verde e vermelho: Ganja. Está cheio a essa hora da tarde. Pelo cheiro de fumaça já sei que tipo de lugar se trata. Sento no balcão e peço uma cerveja. Ele está lá no fundo,

Mi sono trasferito a Nordeinde già da una settimana. Inge e Emília si sono sforzate di mostrarsi allegre il giorno della mia partenza, ma so benissimo che soffrivano per il mio trasferimento. Inge mi ha abbracciato forte e mi ha guardato dritto negli occhi fuori in giardino, vicino al portone. Emília ha cominciato a ridere e mi ha detto “dai vai, che la facciamo finita“, fa sempre così quando non vuole far trapelare l’emozione. Lei di marmo, mentre Inge, alla fine, per poco non si è sciolta in lacrime.

Ora ho il mio posticino. Ho comprato dei cuscini, che ho già gettato sopra il letto, una libreria, dei dischi e dei poster. Guardo dalla finestra le persone che passeggiano per la strada affollata, nonostante le folate di vento che annunciano l’arrivo dell’inverno. Le donne, elegantemente vestite, indossano sciarpe di seta stampata. Uomini distinti. Come quel signore laggiù, in tuta e con il bastone, che fuma seduto sopra quei cilindri che bloccano il traffico, con la gamba piegata.

(Penso che oggi andrò a Amsterdam, anche se è giovedì e domani devo andare a lezione presto)

Ha i capelli ricci e chiari. La barba appena tagliata.

Rimango a fissarlo. Finché non percepisce la mia presenza alla finestra. Che vergogna. Mi allontanano, resto immobile nel bel mezzo del salotto. Che strano ... di solito sono così disinibito in certe situazioni ... ritorno alla finestra e vedo che è ancora lì. Mi sorride, per poi entrare nella strada di fronte. Non resisto. Mi metto un cappotto e scendo le scale velocemente. Imbocco la stessa strada, quella dove si trova il negozio *high-tech* e quello di tappeti persiani lì all’angolo. Dov’era? Lui, il mio ammiratore con la barba di due giorni, e con la tuta. Lo vedo: cammina a lunghi passi, ma senza sforzo apparente, la testa alta, i riccioli che danzano sulle spalle. Sarà anche lui ...? Pazzo che non sono altro.

Lo vedo entrare in un bar. Leggo l’insegna verde e rossa: Ganja. A quest’ora di sera è pieno. Capisco subito dall’odore di fumo di che tipo di locale si tratta, ma mi siedo al bancone e ordino una birra. Lui è lì in fondo, il mio ammiratore, che chiacchiera con degli amici. Uno di loro è biondo e si sta preparando una canna sopra il bancone. Il “padrone“ è un vecchio hippie, forse con un apprendistato

meu admirador do hidrante, conversando com uns amigos. Um deles é louro e prepara um baseado em cima do balcão. O "patrão" é um hippie velho, talvez com um estágio no Hell's Angels. A "patroa" pinta as unhas dos pés perto do telefone e da máquina de fliperama.

Ele me olha através da massa de fumaça do lugar. Aqui dentro parece noite e não devmi ser ainda cinco horas da tarde. Será que ofereço uma cerveja pra ele? Mas e s ele, for bofe?, Vou contar essa história pro Eduardo', que certamente vai responder: *Hay que tener cuidado corn los tios machos, suelen ser muy violentos... Además hay los chulos que son peores...*

Peço um baseado. Tem muito tempo que não fumo, só fumava quando alguém me oferecia um, já pronto no Brasil, mas aqui o negócio é tão fácil, tão simples como uma cerveja que ... Pronto, fumo. E fraco, não sinto nada. O cara de vez em quando deita os olhos em mim. Peço mais uma cerveja e quase ergo o copo para lhe oferecer uma.

"Eu não bebo" ele teria dito Realmente não está tomando cerveja, só fumando. E como fuma. Agora sinto que a realidade começa a se transformar, a ganhar outro plano, outra dimensão. Relaxo. Ele me hipnotiza com seu olhar de animal selvagem e seus cabelos cacheados e longos. Estou preso nas malhas da suar, sedução.

O banco flutua, as pessoas flutuam, dançam, balançam suavemente como se estivéssemos num barbarco em pleno mar. De repente uma menina surge não sei de onde e começa a conversar com ele. Parecem amigos de muito tempo. Vou me em-bora. Garotos bonitos jogam flipper. Descubro um grafito no muro em frente: PATO. Comento com um holandês voador, pa-rado na porta, que aquela palavra queria dizer duck em português e ele, pondo espanto nos seus olhos azuis me diz:

— *This is a nickname for Patrick, a Jamaican friend of mine.*

fatto a Hell's Angels. La "padrona" si sta dipingendo le unghie dei piedi vicino al telefono e alla macchina del flipper.

Lo vedo guardarmi attraverso la nuvola di fumo. Sembra notte qua dentro e invece sono appena le cinque di sera. E se gli offrissi una birra? Ma e se fosse etero? Quando racconterò questa storia a Eduardo, mi dirà sicuramente: *Devi sempre stare attento con i maschioni, possono essere anche molto violenti a ... I bellocci poi sono i peggiori ...* Chiedo del fumo. Non lo faccio da molto tempo, in Brasile fumavo solo quando me ne offrivano uno già pronto, ma qui si trova con così tanta facilità, quasi come ordinare una birra ... Ok, fumo. E' leggero. Non sento niente. Ogni tanto il tipo mi fissa. Ordino un'altra birra e alzo il bicchiere ad indicargli la mia volontà di offrirgliene una.

"Non bevo" mi risponde. In realtà non sta bevendo, fuma e basta. E come fuma. Sento la realtà diventare sempre più indefinita, sto entrando in un altro piano, un'altra dimensione. Mi sto rilassando. Mi sta ipnotizzando con i suoi occhi da animale selvatico e con i suoi capelli lunghi e ricci. Sono rimasto intrappolato nella rete della sua seduzione.

Il bancone comincia a fluttuare, le persone si muovono, ballano, dondolano dolcemente come se ci trovassimo dentro un bar su una barca in mezzo al mare. All'improvviso gli si avvicina una ragazza mai vista prima e comincia a parlargli. Sembrano due amici di vecchia data. Me ne vado. Dei bei ragazzi stanno giocando a flipper. Noto un graffito sul muro di fronte: *papera*. Commento con un olandese, fermo sulla porta, che quella parola in portoghese significa *papera* e lui, con evidente meraviglia nei suoi occhi azzurri mi risponde:

— *E' il nome in codice per Patrick, un mio amico della Jamaica.*

A Condessa portuguesa é uma mulher absolutamente insuportável: o pior é que o Professor me fez de sua secretária particular. Idéia abominável essa que só podia ter partido daquela pessoinha peçonhenta: Cléia é claro. Foi ela quem recomendou meus "serviços" ao Professor como se já não bastasse o trabalho todo que tenho com as traduções. O Professor veio então me pedir que auxiliasse sua mulher em "pequenas tarefas, compromissos, correspondência etc", já que ela tem dificuldade em se comunicar nesse país de língua tão "bárbara". A princípio recusei, lembrando-lhe minha restrita função de tradutora. Ele, com toda aquela sua bonomia paternal e irresistível, me ofereceu uma gratificação, que, apesar de ficar aquém do trabalho que me tem custado e que eu até então desconhecia, aceitei em virtude das qualidades mencionadas do Professor. Acrescente-se ao seu poder persuasivo, o agravante de que trabalho para sua editora há anos. Além de depender da casa o meu sustento, devo dizer (neste caderno de anotações posso me conceder o luxo de privar-me de qualquer dose de modéstia) que formei na Holanda um nome como tradutora de literatura latino-americana. Não pude assim recusar. Entretanto, meu trabalho de secretária particular de sua Alteza tem-se reduzido ao mero papel de confidente.

Como ela se impõe! Como faz ares de grande dama, a pobre Condessa falida! Imagine que outro dia, em uma dessas tardes execráveis, em que tive de pôr-me ao seu dispor, veio me confessar o fracasso de seu casamento; que não ama seu marido; que não sente qualquer atração sexual mais por ele; que, aliás, nunca sentiu; que ele é broxa.

Para mim é extremamente pesaroso escutar essas confissões, sobretudo levando-se em conta minha amizade pelo Professor.

— O que tu farias (já no primeiro dia ela começou por me tutear), o que tu farias em meu lugar, ó Inge?

La contessa portoghese è una signora insopportabile: la cosa peggiore è che il Professore ha scelto di nominare proprio me come sua segretaria personale. Un' idea così idiota sarebbe potuta venire in mente solo a quell'inutile ragazza: ovviamente sto parlando di Cléa. E' stata lei a raccomandarmi al Professore, come se non avessi già abbastanza lavoro con le traduzioni. Mi ha domandato se fossi stata così gentile da aiutare sua moglie nelle "piccole faccende, impegni, corrispondenze ecc", dal momento che trovava difficoltà a comunicare in questo paese dalla lingua così "barbara". All'inizio ho rifiutato, ricordandogli il mio compito di traduttrice. Allora lui, con la sua aria bonaria e paterna, mi ha prontamente offerto un compenso, che, nonostante risultasse troppo inferiore rispetto all'impegno che avrebbe comportato, motivo per cui finora avevo rifiutato, ho accettato in virtù delle vantaggiose motivazioni menzionate dal Professore. Oltre al suo potere persuasivo, l'aggravante era che lavoravo per la sua casa editrice già da anni. Al di là del fatto che i soldi mi arrivassero da casa, devo dire (in questo quadernetto posso concedermi il lusso di un po' di superbia) che in Olanda mi sono fatta strada come traduttrice latino-americana. Non avrei potuto rifiutare. Nella realtà poi, il mio ruolo di segretaria personale di sua Altezza è stato ridotto a quello di confidente.

Che modi irruenti! Si atteggia a grande dama, la povera Contessa fallita. Pensate che durante una di quelle sere sacrificali, nelle quali dovevo soggiacere ai suoi voleri, mi ha confessato la verità sul suo matrimonio; non ama suo marito; non sente più la benché minima attrazione fisica nei suoi confronti; ma forse è più appropriato dire che non l'aveva mai sentita; visto che lui è un professore. Mi pesa molto ascoltare i suoi monologhi, visto il rapporto di amicizia che mi lega con il Professore.

— Cos'è che faresti (già dal primo giorno mi aveva preso sotto la sua ala protettiva), cosa faresti tu al posto mio, Inge?

— L'ho già fatto - le ho risposto con un atteggiamento di superiore tranquillità. Le ho confessato allora quanto sono stata sposata: due settimane e non di più. E' stata colta da un sussulto, per poi ripetere quello che avevo appena detto, a voce alta. Sì, è vero, mi erano bastate due settimane

— Eu fiz — respondi com certa calma superior. Contei-lhe então do tempo em que permaneci casada: duas semanas e não mais. Ela se espantou e repetiu o período em voz alta. Duas semanas suficientes para me dar conta de que ele me causava aversão. Mas não fui tão direta com ela. Amenizei a frase. Disse algo como incompatibilidade de temperamentos. Não conseguia mais vê-lo. O casamento não foi consumado, pedi anulação. Tampouco dei a ela o sabor desse pormenor. Não quero que essa víbora venha a repetir com suas amiguinhas de salões de chá que eu sou a amante virgem de Emília. Sim, porque não ignoro que todos na editora — e na comunidade brasileira nesta cidade — comentam que sou amante de Emília só porque moramos juntas há cinco anos. Cinco anos, na realidade, com dias de desejo torturante alternados com dias de felicidade intensa: corno manhãs de ressaca seguidas de noites de festa. Sim porque Emília significa para mim...

— Ó Inge! Não estás a ouvir-me?

— Desculpe... eu estava pensando que talvez você poderia dar o jantar na quinta, já que na quarta...

— Já tratamos do jantar há uma data de horas! Onde é que tu estás com a cabeça? Bem, estava a dizer que preciso de um amante. De um homem de verdade. O que achas, Inge?

Soprei o cigarro como se meditasse profundamente, pensando que a Senhora Condessa resume tão simplesmente o aglomerado de valores que abomino que, fosse eu uma anarquista (daquelas boas do final do século), não hesitaria em lançar-lhe uma bomba no meio das fuças ou ocultá-la no seu Volvo prateado, como o mais diabólico dos atentados.

per rendermi conto del sentimento di repulsione che mi provocava. Ma non sono stata così diretta con lei. Ho cercato di ammorbidire la frase. Le ho detto che eravamo caratterialmente incompatibili. Non riuscivo a ritrovarmelo intorno. Il matrimonio non è neanche stato consumato, ho subito chiesto l'annullamento. Non sono voluta entrare nei dettagli. Non voglio che questa vipera vada a spettegolare alle sue amiche del tè, che io in realtà sono l'amante vergine di Emília. Sì, perché sono bene a conoscenza del fatto che tutti in redazione - e anche nella comunità brasiliana della città - vanno dicendo che io sia l'amante di Emília, solo perché viviamo insieme da cinque anni. Cinque anni, in realtà, cinque anni alternati da giorni di desiderio quasi torturante, e da giorni caratterizzati da un'intensa felicità: come le mattine di malessere, seguite poi da altre notti di festa. Sì perché Emilia conta molto per me ...

— Inge! Non mi stai ascoltando, vero?

— Mi scusi ... stavo pensando che potreste dare il pranzo giovedì, visto che di mercoledì ...

— Ne abbiamo già parlato del pranzo! Dove sei con la testa? Beh, stavo dicendo che devo trovare un amante. Un vero uomo. Cosa ne pensi, Inge?

Ho soffiato fuori il fumo per dimostrarle che stavo meditando una risposta, quando in realtà stavo pensando che la Signora Contessa riassume in se tutti quei valori che io detesto profondamente, e che se fossi un anarchica (come quelle di fine secolo), non esiterei a lanciarle una bomba nel muso oppure ad occultarla nel suo Volvo argentato, come nel più diabolico degli attentati.

Ainda não sei se ele vem hoje. Não costuma se atrasar, mas já estou esperando há mais de uma hora. Telefonou me dizendo que vinha às seis. E são quase sete e meia. Inge perambula pela casa, como se vigiasse meu comportamento. Ela negaria veementemente, porém sei o quanto se inquieta quando sabe que vou sair com o Welkmann. Tenho certeza de que escuta minhas conversas no telefone. Diria que não, mas conheço Inge. Agora ela passeia de cá para lá, de cima para baixo, de baixo para cima, pretendendo procurar os gatos. Para que ela os quer perto dela? Gato aparece e reaparece quando bem entende. Quando tem numa estradzinha entre duas aldeias, como ele mesmo gaguejou-me do telefone público.

Conheci-o há dois anos. É padre. Vem com muita freqüência aqui, conversamos, ofereço chá ou café, o que faz com que ele invariavelmente repita num português cheio de sotaque: "Café do Brasil, quero sim". "Você não é obrigado a tomar café sempre que vem aqui, Bart." "Mas eu quero café do Brasil." E suas bochechas se inflamam quando ri balançando o corpanzil. Foi Inge quem lhe ensinou essas poucas palavras. Às vezes ele pronuncia "*quero*" e eu não resisto e o corrijo. Depois do café se ele resolve esticar sua visita até meia-noite — o que é raro pois geralmente sai às onze para chegar em casa antes das doze e ir para a cama cedo. A cidadezinha em que mora dista daqui uns pou-cos quilômetros (trago-lhe logo uma xícara de chá, pois conheço suas costumeiras insônias caso tome café em demasia).

— O que é, Inge?

— O que que você está fazendo Milinha?

— Tou tentando decifrar no jornal o cardápio do restaurante aonde nós vamos comer essa noite.

Ancora non sono sicura se lui verrà oggi. Non è solito essere in ritardo, ma lo sto già aspettando da più di un'ora. Mi ha telefonato dicendomi che sarebbe arrivato per le sei. Erano già quasi le sette e mezza. Inge gira per casa, come a vigilare il mio comportamento. Nonostante negherebbe con veemenza, so benissimo quanto si preoccupa quando devo uscire con Walkman. Sono anche sicura che ascolti le mie telefonate. Negherebbe, ma la conosco bene. La vedo camminare qui e là, fare le scale e poi tornare giù, facendo finta di cercare i gatti. Perché li vuole sempre così vicini a sé? I gatti compaiono e scompaiono in base ai loro bisogni. Quando uno di loro ha fame, basta un suo miagolio per farci mollare quello che stavamo facendo e correre subito a riempirgli la ciotola. Inge, inoltre, è solita chiamarli per venire a mangiare, come se avessero degli orari prestabiliti per il desinare. No, lei sta peregrinando senza sosta per un motivo ben preciso: vuole vigilare su di me. Sapere se sono in ansia per il suo ritardo; se alla fine avremmo mangiato fuori come avevamo programmato, o se finirà invece per darmi buca. E' successo solo una volta, e a dirla tutta non era neanche colpa sua. Si era ritrovato con la macchina nel bel mezzo di una grandinata, in una stradina tra due paesini, come mi aveva spiegato dal telefono pubblico.

Lo conosco da due anni. E' già padre. Viene qui spesso, gli offro del té o del caffè, e lui mi risponde sempre nel suo portoghese dall'accento strano: "Caffè del Brasile, lo prendo volentieri sì". Non sei sempre obbligato a scegliere il caffè ogni qualvolta vieni qui, Bart. "Ma io voglio il caffè del Brasile". Le sue guance si infiammano quando ride, mentre si scuote tutto. E' stata Inge ad insegnargli quelle poche parole. Alle volte gli scappa di dire "*quero*", così non resisto e lo correggo. Dopo il caffè, a volte, decide di prolungare la sua visita fino a mezzanotte – (cosa abbastanza rara, dal momento che solitamente si congeda alle undici, in modo da arrivare a casa prima di mezzanotte e poter andare a dormire presto) La cittadina in cui abita è un po' distante da qui (gli servo una tazza di te, visto che soffre di insonnia se beve troppo caffè)

— Cosa c'è Inge?

— Cosa stai facendo Milinha?

— Sto cercando nel giornale il menù del ristorante dove andremo a mangiare stanotte.

— Cê pode vir me ajudar um instante?

Ajudar o quê? Inge tem mania de inventar umas ocupações quaisquer só para que eu fique perto dela, dentro do círculo onde está se movendo no exato momento, como se sentisse ciúme da minha espera. Ciúme de um terceiro que ainda nem chegou. E sabe por que ela me chama desta vez? Para segurar a pá de lixo enquanto ela varre um tanto da ração que escapuliu do pote, enquanto Cordélia tem o focinho ali enfiado comendo por comer, por desfastio, pois tenho certeza de que o fez há uma meia-hora. Por isso está gorda como ela só. Por causa de Inge que insiste em estabelecer horários de almoço e jantar para os gatos. Quiçá até de lanche e desjejum.

Em seguida, Inge resolve desempenhar o seu melhor papel: o da vítima abandonada por todos. Diz que, como não tem o que jantar, vai fazer uma omelete, mas que não consegue encontrar o vidro com as herbes de Province e que não pode comer omelete sem elas, que a empregada escondeu, que eu escondi e aí começo a investigar por todos os armários, pela dispensa, por todos os lugares onde não poderia estar o maldito vidro quando a campainha toca e eis que o tempero aparece em cima da bandejinha, juntos com seus pares de onde nunca saiu.

— Está aqui, Inge, espera aí que eu tenho de abrir a porta — digo deixando-a ruborizada e com um riso nervoso.

Bart está mais corado do que nunca sob a luz da entrada. Sorri atrás de um buquê de flores do campo. Ele nunca deixa de trazer flores ou vinho. Hoje, como vamos sair, trouxe flores que abandonarei num vaso. Entre, Bart, entre, digo no meu holandês arrevesado, desembaraçando-o do sobretudo. (Nessas terras longínquas do Norte, há que se ter sempre um cabide no vestíbulo. Rique me disse que nunca se lembra de comprar um e quando recebe visitas, deixa as pasmas à procura desse acessório fundamental da casa, que para ele até agora era absolutamente dispensável). Bart entra com aquele seu jeito meio encurvado e precavido, como se nunca tivesse entrado antes nesta casa, como se fosse encontrar um inimigo mortal dentro da sala. Não por Inge, que o trata sempre bem. É o seu jeito mesmo, meio de caipirão.

Nem sei, para dizer a verdade, se gosto dele. Gostar, quero dizer, dessa maneira antiga,

— Potresti venire un attimo a darmi una mano?

Aiutarla a fare cosa esattamente? Inge ha la mania di inventarsi occupazioni inutili solo per tenermi vicina a lei, nel suo raggio di spostamento, come se avvertisse la mia preoccupazione dovuta all'attesa. Paura di un tipo che ancora non era arrivato. E sapete perché mi sta chiamando lì? Per tenere in mano la paletta della spazzatura, mentre lei pulisce un po' con la scopa la razione che le era uscita dalla ciotola, con Cordélia che nel frattempo infila lì il musetto solo per noia, visto che, senza alcun dubbio, aveva mangiato appena mezz'ora prima. Per questo è così grossa. Perché Inge insiste nel voler programmare i loro orari di pranzo e di cena. Forse anche quelli della merenda e della colazione.

Subito dopo, come d'abitudine, Inge comincia a recitare il suo ruolo migliore: quello di vittima abbandonata da tutti. Dice che, siccome non ha niente da mangiare in casa, ha deciso di prepararsi un omelette, ma che non riesce a trovare il barattolo con le erbe di Provincia, e che quindi non può proprio prepararla senza quelle, che sicuramente lo avrà nascosto la domestica, oppure che l'ho nascosto io. Allora comincio a cercarlo in tutti gli armadi, nella dispensa, in tutti gli angoli in cui poteva essere stato messo quel maledetto barattolo, quando all'improvviso suona il campanello, e allora proprio in quel momento lo vedo lì sopra il vassoio, insieme agli altri, non si era mai mosso da lì.

— L'ho trovato, Inge, aspetta qui che intanto vado ad aprire la porta - le dico lasciandola in evidente imbarazzo e in una risatina nervosa.

Bart sembra più rosso che mai sotto la luce dell'entrata. Mi sorride nascosto dietro a un mazzo di fiori di campo. Non viene mai senza portare dei fiori o del vino con sé. Oggi, siccome dobbiamo uscire a cena, mi ha portato dei fiori che devo mettere subito in un vaso. Entra pure, Bart, entra, gli dico nel mio olandese sgangherato, salvandolo così da ogni imbarazzo. (In queste remote terre del Nord, bisognerebbe sempre avere un attaccapanni nell'atrio. Rique una volta mi aveva detto, che non si ricorda mai di comprarsene uno e che quando riceve visite, li lascia tutti sempre lì a bocca aperta, mentre vanno alla ricerca di questo accessorio fondamentale della casa, che per lui fino ad ora non è ancora risultato così indispensabile). Bart entra, con quella sua postura sempre mezza incurvata e con il suo modo di fare insicuro, come se non fosse mai entrato in quella casa, come se stesse per andare incontro a un nemico mortale nascosto salotto. Non era a causa di Inge, che a dirla tutta lo tratta sempre bene. E' proprio il suo modo di fare, un po' da sempliciotto.

passional, sei lá. Gosto sim como companhia. É isso: ele me agrada. Ou melhor, sua companhia não me desagradava, e eu sinto falta de um homem ao meu lado. De um homem que me abra as portas e que me pague jantares e entradas no Cassino. Sim porque eu perverti o padeco o máximo possível. Convenço-o de vez em quando a ir ao Cassino, minha paixão. Hoje mesmo acho que farei isso depois do jantar, já que escolhi um restaurante na praia bem perto do Kurhuis, a "casa de cura" ou o hotel onde antigamente se vinha fazer tratamento de doenças pulmonares, e que hoje funciona também como casa de jogo.

É Inge quem cuida de arranjar as flores num vaso de cristal tcheco. Como disse, ela o trata com muita afabilidade. Talvez até exagerada, não sei se por culpa de seu ciúme ou se por uma falsidade cruel para comigo. Não, não quero especular acerca dos sentimentos de Inge por mim, de suas fantasias particulares. É minha amiga e pronto. Me ajudou. Devo-lhe, não sei, tanta coisa afinal...

Hoje como lulas à provençal naquele restaurante de nome complicado bem em frente ao pontinho. Bart, frugal como é, pediu um linguado. Bebemos um vinho adocicado alemão. O lugar está até cheio para um dia de semana. Rique ia gostar daquele garçom louro que serve a mesa ao lado. Conheço o gosto dele. Às vezes. Mas me preocupo. Espero que se cuide naquela cidade perdida que é Amsterdam. Bart sorri e me olha fundo nos olhos, como se me perguntasse: "Por que você não presta atenção em mim e fica longe daqui?" Nossa conversa deve soar engraçadíssima para quem nos ouve. Não falo inglês, meu holandês é péssimo e Bart se dirige a mim nessa língua enrolada, como se eu o entendesse perfeitamente. Apenas balbucio as res-postas, rio sem graça quando não compreendo a metade da fra-se ou simplesmente respondo ja ou nej, sem ter entendido patavina. Ele eclode numa gargalhada. "O que é que eu disse, hein? Repita, vamos!" Toma minha mão com carinho e sorri complacente, naturalmente pensando: "Como pode? Uma mulher que vive há tanto tempo na Holanda falar tão mal o holandês..." Como leio melhor pensamentos do que manejo sua língua, contesto mais do que depressa: "É que tenho sangue de índia da mesma tribo que em Pernambuco não conseguia aprender o holandês e que por isso vocês não conseguiram colonizar."

Non ho ancora capito se mi piace veramente. Intendo quel piacere autentico, quello che trovi nei libri. Mi piace la sua compagnia è vero. Forse è proprio questo il punto: sto bene con lui. O meglio, mi fa piacere trascorrere del tempo insieme, visto che sento la mancanza di qualcuno al mio fianco. Di un uomo che mi apre le porte, che mi offre le cene, e le entrate al Casinò. Sì perché io cerco di corrompere il pretonzolo più che posso. Sono riuscita a convincerlo ad andare al Casinò ogni tanto, la mia passione. Penso di andarci anche stasera dopo cena, ho scelto un ristorante in spiaggia vicino a Kurhuis, la “casa di cura“ o hotel, dove un tempo venivano curate le malattie ai polmoni, e che oggi è diventato una sala gioco.

Inge si preoccupa di sistemare i fiori in un vaso di cristallo ceco. Come ho già detto, lo tratta in modo molto gentile. Forse a volte esagera, non so se questo sia dovuto alla sua gelosia, o ad una sottile falsità nei miei confronti. No, non voglio fare supposizioni sui sentimenti che Inge prova per me, sulle sue fantasie strane. E’ una mia amica punto. Mi ha aiutata. Le devo molto ...

Oggi calamari cucinati alla provenzale in quel ristorante dal nome complicato, proprio di fronte al porticciolo. Bart è molto frugale e ordina una sogliola. Beviamo un vino dolce tedesco. Il posto è pieno per essere un giorno infrasettimanale. A Rique piacerebbe sicuro quel ragazzo biondo che sta servendo al tavolo di fianco. Conosco i suoi gusti. A volte. Ma mi preoccupa sempre per lui. Spero che sappia prendersi cura di sé stesso in quella città del vizio. Bart mi sorride e mi guarda fisso negli occhi, come se volesse domandarmi: Perché non mi dai attenzione e sei così distante? Il nostro dialogo risulterebbe sicuramente molto divertente per chi ci ascolta. Non parlo inglese, il mio olandese é pessimo, e Bart si rivolge a me in questa lingua così complicata, come se io la capissi alla perfezione. Balbetto a malapena delle risposte, rido, senza riuscire a trattenermi, quando non capisco metà della frase, o semplicemente mi limito a rispondere sì o no, quando, in realtà, non ho capito nulla. Lui non la smette di ridere e mi dice “Cosa ti ho appena detto? Dai vediamo, prova a ripetere!“ Prende la mia mano con tenerezza e sorride pensando tra sé e sé: “Com’è possibile che una signora che vive qui da così tanto tempo parli così male l’olandese ...” Sono più brava a leggere i suoi pensieri che a parlare olandese, e aggiungo subito. “ Il fatto è che nelle mie vene scorre lo stesso sangue indiano della tribù che in Pernambuco non ha mai imparato l’olandese, e che per questo non siete riusciti a colonizzare. “

Passo agora todos os fins de semana em Amsterdam. Cléa costuma dizer que é a minha cidade natal. Vou de trem. Leva só cinqüenta minutos. É como do Centro do Rio até a Tijuca sem direito a engarrafamento. Só que que os trens são confortáveis e amarelos. Vou deslizando macio até Leiden onde faço a baldeação para Amsterdam, a cidade dos mil tentáculos. Fico sempre num hotelzinho central perto do bochicho. Ali pelos lados de Leidseplein. Mais exatamente na Kerkstraat. Os donos são ami-gos de Emil e Freek, os dois "pais" de Fernando, e me recebem com uma atenção toda especial. Guardam para mim um quartinho na água-furtada com banheiro, um dos poucos do hotel. A primeira vez fiquei no subsolo. O banheiro era no fundo do corredor. Era horrível levantar e ter que sair do quarto de cueca só pra ir mijar. Aconteceu que na segunda noite, quer dizer, no sábado, a porta simplesmente bateu quando voltava do banheiro e me trancou por fora. Ali estava eu, de cueca no meio do corredor sem poder entrar no meu quarto. Bem, subi até a recepção do jeito que me encontrava, não sem temer a súbita aparição de alguns hóspedes na escada, voltando de uma noitada mais tardia que a minha. Qual seria a reação deles — e a minha — quando cruzássemos de um andar para o outro? O porteiro da noite, um indonésio, sonolento, não teve nenhuma reação de surpresa: se limitou, sem emitir som algum, a apanhar o farto molho de chaves e me abrir a porta.

Numa dessas noites selvagens, conheci Jap.

A princípio calculei que fosse uma interjeição, mas não: era nome mesmo. Jap. Talvez apelido. Não sei. Não perguntei, nem quis perguntar, talvez porque aquela hora nao me interessasse. Encontrei-o num bar de fim de noite. bêbados mais persistentes. Ou mais ansiosos. Depois de percor-rer vários nas imediações, acabei atirado ali. Costumo primeiro tomar um ou dois drinques fortes — uísque ou bourbon, que ultimamente comecei a apreciar — em um dos bares mais comportadinhos da Reguliertdwaarstraat, que o Eduardito cha-ma de cafés de moças de família. Depois vou jantar. Saio do restaurante, e caminho um pouco respirando fundo o ar pútrido dos canais e em seguida mergulho na vida: recomeço a via sacra pelos bares: April ,Traffic , Open. Em seguida já bem zonzo sigo para uma

Ora trascorro tutti i fine settimana ad Amsterdam. Cléa dice sempre che è diventata la mia città natale. Ci vado in treno. Ci metto solo cinquanta minuti. E' come andare da Rio a Tijuca, senza considerare il traffico. Solo che qui i treni sono comodi e gialli. Vado fino a Leiden, dove devo fare il cambio per Amsterdam, la città dai mille tentacoli. Alloggio sempre in un albergo centrale, dove c'è sempre tanta gente. Lì, nei dintorni di Leidseplein. Più precisamente a Kerkstraat. I padroni sono amici di Emil e Freek, i due "padri" di Fernando, i quali hanno sempre un occhio di riguardo nei miei confronti. Mi riservano sempre una camera mansardata con bagno, una delle poche dell'hotel. La prima volta ho dovuto dormire sottoterra. Il bagno si trovava in fondo al corridoio. Era veramente scomodo dover uscire dalla camera solo per dover pisciare. La seconda notte, ossia il sabato, la porta si era chiusa mentre stavo uscendo dalla camera per andare in bagno. Mi trovavo lì, in mutande, nel bel mezzo del corridoio, senza poter più rientrare in camera. Sono subito corso alla reception, non senza temere di incontrare qualche ospite dell'albergo sulle scale, di ritorno da una nottata che doveva essere durata di più della mia. Quale sarebbe stata la loro reazione - e la mia - qualora ci fossimo incrociati uno di fronte all'altro? Il portiere notturno, un indonesiano assonnato, non ha avuto nessuna reazione sorpresa: si è semplicemente limitato, senza emettere alcun suono, a prendere il mazzo di chiavi e ad aprirmi la porta.

E' stato in una di quelle notti selvagge che ho conosciuto Jap.

All'inizio ho pensato si trattasse di un'interiezione, ma non lo era: si chiamava proprio così. Jap. Forse era un soprannome. Non so. Non ho mai domandato, non volevo, forse perché a quell'ora di notte non mi interessava neanche. L'ho incontrato in un bar notturno. Di quelli in cui si ritrovano i bevitori più incalliti. O i più ansiosi. Dopo aver girato nei dintorni, sono finito per approdare lì. All'inizio ordino sempre uno o due drink molto forti - del whisky o del bourbon, che solo ultimamente ho cominciato ad apprezzare - in uno dei bar più élitari di Reguliertdwaarastraat, quelli che Eduardito chiama i caffè delle ragazze di buona famiglia. Dopo vado a mangiare. Uscendo dal ristorante, cammino un po' respirando a fondo l'aria putrida dei canali, per dopo tuffarmi nella vita: così

boate: D.O.K. Depois outra e mais outra até me enfiar na Warmoestraat, uma rua perto do Palácio Real, ao lado do Hotel Krasnapolsky, onde outra noite um policial foi morto e onde ficarem os bares e boates de sadomasoquistas, ou leather-bars. Entro então no meu buraco preferido: o Cock-Ring. Eduardito odeia: diz que parece cantina de obra porque a porta imita um tapume ("Não me tapeie tapume", como li uma vez num grafito em Brasília). Huele a suor, a hierba y a alcohol, ele me diz colado ao ouvido. Pois gosto desse perfume. E daquelas siluetas sempre anônimas dançando sob uma luz cor de lâmina. Eduardito, quando está suficientemente bêbado a ponto de ser convencido a me acompanhar, fica no fundo, em pé, recostado àquelas mesas onde os doidões fumam maconha. Ele nunca. Sempre se põe à parte, na sua altivez de aristocrata chileno. Eu danço. Sozinho. Senão às vezes me aparece um tórax suado, uns braços fortes e um rosto oculto pelas sombras. Uma fisionomia nunca bem distinta. Quando não aparece, desço até os Infer-nos. Quer dizer, o subterrâneo da boate. Lá tem pequenos cubículos margeando um corredor tortuoso. Quem ousa entra e sente os toques. De um corpo qualquer. De uma fisionomia nunca revelada. De um corpo no mínimo rijo, sem flacidez. Ali encontrei alguns. E me satisfiz. Em seguida volto e reencontro Eduardito sonolento, com uma garrafinha de Heineken em frente, quase caído por cima da mesa. Subo-o até o andar de cima, onde uma televisão pairante sobre o bar mostra filmes pornô. Eduardito desperta e se delicia. Eu, aliviado, tomo uma cerveja. Após deixar Eduardito no hotel (ele nunca fica no mesmo hotel que eu, acha-o uma espelunca, preferindo um outro mais caro, o Singel), volto à Warmoestraat. Nunca tenho sono cedo. Não entro no Ring, mas no bar ao lado, o Eagle. Ali, num lugar apertado em um balcão comprido, onde se acotovelam os últimos vagabundos da noite, debaixo de uma atmosfera pesada, esfumaçada e escura, encontrei Jap. Eu o vi recostado bem no fundo, no último banco, louro, meio gordo, mas depois percebi que era sua constituição mesmo. Ele fumava um baseado. Ofereceu-me um tapa, que aceitei. E foi logo, tão logo começamos a entabular assunto que me pareceu fácil demais, chegando até a pensar que ele fosse michê. Não sei, talvez por causa da maco-nha, que abole a noção de tempo, talvez por isso nosso contato tivesse parecido muito rápido. Saímos.

Perambulamos pelas ruas, ruelas, canais. Conversando o tempo inteiro. Sem parar. Como se fôssemos amigos de anos. Eu e Jap. Não pude deixar de me lembrar daquele poema que o Eduardito leu uma vez pra mim, de um escritor inglês: Let us go, you and I... Só que amanhecia, em vez de anoitecer, como no poema. Aos poucos o sol se fazia presente. Tomamos a direção da Leidseplein, que àquela hora

ricomincio il mio itinerario per i bar: April, Traffic, Open. Quando sono già bello ubriaco, mi dirigo verso una bisca: D.O.K. E dopo via in un'altra, e un'altra ancora fino a che non arrivo a Warmoestraat, una strada vicina al Palazzo Reale, di fianco all'hotel Krasnapolsky, dove la scorsa notte è stato ucciso un poliziotto, e dove si trovano i bar e le bische a luci rosse, i cosiddetti leather-bars. Mi infilo quindi nel mio antro preferito: il Cock-Ring. Eduardito lo detesta: dice che sembra una mensa di lavoratori, perché la porta assomiglia più a una staccionata ("Non mi faccio ingannare dalla staccionata" come in un graffito di Brasilia). C'è puzza di sudore, di erba e di alcool, mi dice lui attaccato all'orecchio. A me invece piace questo profumo. Anche quelle sagome anonime che danzano sotto la luce argentata. Eduardito, quando è già sufficientemente ubriaco per acconsentire di accompagnarmi, rimane lì in fondo, in piedi, appoggiato a uno di quei tavoli dove i tizi fumano erba. Lui non lo fa mai. Sta lì in disparte, chiuso nella sua alterità da aristocratico cileno. Io invece ballo. Da solo. A volte arrivano un torace sudato, delle braccia forti, e un volto semi-nascosto dall'oscurità. Una fisionomia non definita. Ma se questo non accade, scendo giù negli inferi. Intendo i piani sotterranei della bisca. Lì si trovano dei piccoli cunicoli, ai margini di un corridoio tortuoso. Chi ha coraggio entra e si fa palpeggiare. Da un corpo qualsiasi. Da una fisionomia mai rivelata. Da un corpo sempre rigido. Lì ho incontrato qualcuno. E sono uscito soddisfatto. Quando sono tornato, ho trovato Eduardito mezzo assonnato, di fronte a una caraffa di Heineken, che sembrava fosse sul punto di cadere dal tavolo. Salgo fino all'ultimo piano, dove una televisione appesa sopra al bar mostra dei film porno. Eduardito si sveglia e rimane estasiato. Io, sollevato, mi prendo una birra. Dopo aver lasciato Eduardito in hotel (non pernotta mai nel mio, lo ritiene una bettola, preferendone uno più costoso, il Singel), faccio ritorno a Warmoestraat. Non riesco mai ad andare a dormire presto. Non entro nel Ring, ma nel bar a fianco, l'Eagle. Lì, in un balcone stretto, dove si rifugiano gli ultimi vagabondi della notte, sotto quell'atmosfera pesante, sfumata e scura, ho incontrato Jap. L'ho visto appoggiato lì in fondo, all'ultimo bancone, biondo, un po' in carne, anche se più avanti ho capito, che quella era proprio la sua costituzione. Stava fumando una canna. Mi ha offerto un tiro, e io ho accettato. E subito dopo abbiamo cominciato a intavolare un discorso che mi sembrava così superficiale, che inizialmente ho subito pensato che fosse un prostituto. Non so, forse per la canapa indiana, che tende a sfumare la nozione di tempo, forse è per questo che il nostro contatto mi è parso così immediato. Usciamo.

Peregriniamo per le strade, stradine, canali. Parliamo tutto il tempo. Senza fermarci. Come se

deserta, pareceu nos pertencer. Os bares fechados, lixo pelas ruas como resto de festa, um tilintar de bonde ao longe, o relógio, a velha ópera como um edifício abandonado, um porteiro da noite que deixa o hotel, toma sua bicicleta e desaparece numa curva; marquises de cinema, o City, anúncios apagados, pombos e uma luz dourada sobre o canal onde um bote desliza como que à deriva. Dentro do silêncio nossos passos avançam rumo ao Volkenpark. Jap não diz nada, e eu o acompanho. Atravessamos o pórtico, o ar do parque refresca nossos pulmões de toda fumaça absorvida na noite. Ele me conduz, eu o sigo em silêncio. Raios de sol trespassam frinchas entre moitas e árvores. Carriinhamos pela aléia principal.

— Você está com sono? — ele diz.

— Não.

Agora começo a ter medo. Não sei aonde ele me leva. Do-bramos uma curva onde há um salgueiro. Não ouço mais os passos de suas botas. Jap então pergunta de que parte do Brasil eu venho. De uma cidade chamada Niterói. Onde fica? Do ou-tro lado da baía do Rio de Janeiro. Ah, então seria como New Jersey? Mais ou menos, respondo chateado. Resolvo me vingar, ele tinha me dito ter nascido em algum lugar perto de Amsterdam. Nos sentamos na grama úmida. Vinha de Appeldorn. Seria como Nova Iguaçu, tenho vontade de responder, mas não surtiria o efeito esperado e me limito a comentar: C'est la banlieue. Jap faz um amuo. Ele está recostado sobre o cotovelo. Você gostaria de fazer amor aqui? Jap me pergunta e eu digo não. Por que não? Os brasileiros não gostam de fazer amor nas selvas? Não — eu insisto e ele então se deita no meu colo. Está tão bom assim, não é? Jap comenta, talvez como desculpa talvez por sinceridade. A manhã se faz cada vez mais presente, sinto um arrepio pois só agora meus músculos começam a se desaquecer da caminhada, e passo a compartilhar o sentimento desse louro sentado no meu colo, passo a sentir por Jap uma proximidade que provavelmente nem desejasse.

fossimo amici già da anni. Io e Jap. Non potevo dimenticarmi di quella poesia, che una volta Eduardito aveva letto, di uno scrittore inglese: *Let us go, you and I* ... Solamente che il sole stava nascendo e non tramontando, non come nella poesia. Il sole sorgeva lentamente. Prendiamo la direzione di Leidseplein, che a quell'ora è deserta, sembrava fosse completamente nostra. I bar chiusi, spazzatura per la strada come fossero i rimasugli di una festa, il tintinnare dei tram in lontananza, l'orologio, la vecchia opera ridotta ad un edificio abbandonato, un portiere notturno che lascia l'hotel, prende la sua bicicletta e sparisce nella curva, le vetrate del cinema, il City, annunci appesi, i piccioni e una luce dorata sopra il canale, dove una barca scivola lenta alla deriva. Immersi nel silenzio, i nostri passi avanzano verso il Volkenpark. Jap non dice nulla, e io faccio lo stesso. Attraversiamo il portico, l'aria del parco ci rinfresca i polmoni da tutto il fumo che avevamo assorbito durante la notte. Lui mi guida, io mi limito a seguirlo in silenzio. I raggi di sole passano dalle fessure tra gli alberi e i cespugli. Proseguiamo per il viale principale.

— Hai sonno? — mi chiede.

— No.

Comincio ad avere paura. Non so minimamente dove mi stia portando. Prendiamo una curva dove si intravede un salice. Non sento più il rumore dei suoi stivali. Allora Jap mi domanda in che regione del Brasile sono nato. Vengo da Niterói. Dove si trova? Dall'altra parte della baia di Rio de Janeiro. Ah, sarebbe a dire una specie di New Jersey? Più o meno, rispondo scocciato. Voglio vendicarmi, mi aveva detto che era originario di un paese vicino ad Amsterdam. Ci sediamo sul terriccio umido. Veniva da Appeldorn. Come dire una Nova Iguaçu, vorrei rispondere, ma ero già conscio del fatto che non avrebbe sortito l'effetto sperato, mi limito a dire: *C'est la banlieue*. Jap si incupisce. Rimane appoggiato sul suo gomito. Ti piacerebbe fare l'amore qui? Mi domanda allora Jap, e io rispondo di no. Perché no? I brasiliani non amano farlo nei boschi? No - insisto io e lui trova presto rifugio nel mio grembo. Si sta così bene qui, non trovi? Aggiunge, forse un po' per scusarsi, e un po' per essere sincero. La mattina cominciava sempre di più a far sentire la sua presenza, vengo pervaso da un fremito, visto che solo ora i miei muscoli avevano cominciato a distendersi dalla camminata di prima. E' stato proprio così che ho cominciato a condividere lo stesso sentimento di questo biondo disteso sul mio grembo, ho cominciato in quello stesso momento a sentirmi legato a Jap, quasi contro la mia volontà. E' così strano, noi due lì, dentro ad un parco inabitato, ascoltando il mormorio del giorno

É estranho, nós dois ali, sozinhos, dentro de um parque inabitado, escutando os murmúrios do dia que se aproxima, dois estranhos que acabam de se conhecer e que, em vez de buscarem abrigo num hotel e ali afogarem suas ânsias, se põem a passear como se não quisessem encontrar o termo dessa jornada, até se esgotarem e desabarem sobre o chão, como dois cavalos cansados, que de repente se descobrem tão juntos e tão sós — ao mesmo tempo.

16

Acabam de fechar a porta. Sinto-me agora encerrada em uma masmorra. Eles se vão chilreantes como dois pardais, 'se despedindo sem mesmo me perguntar se quero acompanhá-los e desaparecem. Eu fico sentada no meu velho sofá de couro, o livro me escorre das mãos e acendo um cigarro. Nem sei no que penso, se é que penso em alguma coisa. Talvez chegue a me esforçar e esboçar essa idéia: "Tudo bem, ela está feliz". Logo retomo meu livro, mas é inútil prosseguir. Volto sempre ao ponto de partida: tudo bem, ela está feliz. Me levanto, percorro o silêncio da casa, de vez em quando me sobressalto com uma silueta de gato que foge, vou até a cozinha, faço café, examino plantas e livros e tomo um volume de Elisabeth Bishop: *Going to the interior*, ela diz. Ao interior. E meu interior só ecoa: ela é feliz. Não. Ela só é feliz comigo — replico. Ela está feliz agora com o padrego, mas ela só se sente realmente feliz aqui nesta casa, em minha companhia e a dos gatos, para onde veio buscar refúgio. Não, eu não sei de nada: delírio.

Ligo a televisão, a televisão não diz nada, só emite um ruído oco, repetido.

Cordélia salta para o sofá e se aconchega junto a mim. Ela percebeu minha inquietação. Tento retomar Elisabeth Bishop. Não foi ela quem morou anos em Petrópolis? *Going to the interior*. Acaricio Cordélia, que mia satisfeita. Logo aparecerão os outros: Rasputin e Corisco. Sei que vêm. Eles têm ciúmes de mim. Não de Emília. Ela parece que não gosta de gatos. Diz que prefere cachorros. Faz para me provocar. Tenho certeza de que não somente tolera meus gatos. Gosta deles, mas não tem a mesma afeição que eu. Talvez Emília tenha a alma um tanto canina: *I would say that on the whole/ A dog is a*

che si avvicina, due estranei che finiscono per conoscersi e che, invece di trovare rifugio in un hotel dove sfogare le proprie frustrazioni, cominciano a passeggiare, come se non volessero arrivare alla fine di questa giornata, fino a svuotarsi e crollare sul pavimento, come due cavalli stanchi, che scoprono di colpo essere così simili e così soli - allo stesso tempo.

16

Hanno appena chiuso la porta. Ho come la sensazione di essere intrappolata in una prigione. Se ne sono andati cinguettanti come due passeri, mi hanno salutato, senza neanche domandarmi se avevo voglia di uscire con loro, per poi sparire subito. Sono rimasta seduta sul mio vecchio divano di cuoio, così lascio andare il libro dalle mani, e mi accendo una sigaretta. Non so neanche dire a cosa sto pensando, non so nemmeno se sto pensando a qualcosa. Provo ad abbozzare nella mia testa l'idea che "Va tutto bene, lei è felice". Riprendo il libro in mano, ma è inutile anche solo provare a proseguire. Ritorno sempre sullo stesso punto: va tutto bene, lei è felice. Mi alzo, percorro il silenzio della casa, ogni tanto la sagoma di un gatto che fugge mi fa sussultare, vado in cucina, preparo il caffè, mi soffermo a guardare piante e libri, finché prendo in mano un romanzo di Elisabeth Bishop: *Going to the interior*, dice lei. Verso l'interno. Nella mia parte interiore riecheggia solo questa voce: lei è felice. No. Lei è felice solo quando è con me - replico. Ora si sente tranquilla con il pretonzolo, ma riesce a sentirsi veramente felice solo in questa casa, in mia compagnia, e in quella dei gatti, dove è venuta per cercare rifugio. No, io non so proprio nulla: delirio.

Accendo la televisione, la televisione non dice nulla, si limita ad emettere un rumore vuoto e ripetitivo.

Cordélia salta sul divano e si accoccola di fianco a me. Deve aver percepito la mia inquietudine. Provo a riprendere in mano Elisabeth Bishop. Non era lei ad aver abitato per anni a Petrópolis? *Going to the interior*. Accarezzo Cordélia, la quale miagola subito soddisfatta. Presto arriveranno anche gli altri: Rasputin e Corisco. So che verranno. Sono possessivi nei miei confronti.

simple soul —como diz T. S. Eliot. Uma alma simples, porém fiel. Ou uma alma simples logo fiel. A mim ela se ata. Como se atou desde a primeira vez que entrou aqui, desamparada, e eu a acolhi em, meus braços. Em meus braços de felina. Mornos. Mornos e felpudos. Dizem que os gatos não são fiéis, no entanto as pessoas não compreendem o seu tipo de fidelidade. O cão é baboso, o gato é leal no alto de sua dignidade. e desaparece. Procura as sombras. Sombras de um sonho que ninguém vê. Eu procuro as minhas sombras. Levanto-me e vou até aquele canto da sala onde estão os retratos de meus pais.

Ele ósseo, o olhar triste e distante. Ela rechonchuda, o esboço de um sorriso de menina. Toco o vidro dos retratos. Lembro-me dele: brincava com a gente, com minha irmã e eu. Nos arrastava pelo chão em cima de um cobertor. Num dia de chuva. Ou foram vários dias em que a brincadeira se repetiu? Não sei. Minha irmã, entretanto, guarda uma imagem dura dele. Diz que nos dava palmadas. Não me lembro. Logo eu que sou a mais velha, que em geral apanha mais não tenho lembrança de cena semelhante com meu pai. Revejo seu terno escuro, suas galochas e os caramelos que ele trazia invariavelmente quando chegava do trabalho. De minha mãe me vêm as mãos vermelhas, as bochechas rosadas, o cheiro de temperos na cozinha, as tortas de queijo e brincadeiras no colo dela. Tinha gênio, porém. Quando se zangava ninguém podia com ela. Todos se escondiam. Minha irmã e eu debaixo da mesa ou da cama, meu pai dentro da sua placidez de monge, com os jornais atirados no colo. Depois ela caía em prantos, e meu pai vinha consolá-la. Tinha vergonha dos seus acessos de raiva — no fundo. Minha irmã e eu nos chegávamos ainda temerosas. Mas logo puxávamos a sua saia como que para nos desculparmos.

Terminei o terceiro cigarro. Não vou conseguir dormir depois do café e de tanta fumaça. Os gatos sumiram. Apago as luzes e subo as escadas. Escuto o plá-plác dos meus chinelos. Será que eu devia ter aparecido de chinelos na frente dele? Dele quem? Pergunta minha imagem ao espelho. Do padreco — respondo, Ora essa, do padreco, de quem mais? Estou pouco ligando. Pouco ligando. Afinal estou em minha casa, e ela é feliz. Não: ela está feliz. Agora. Com o padreco.

Non lo sono altrettanto con Emília. Sembra non amare molto i gatti. Dice di preferire i cani. Lo fa come provocazione nei miei confronti. Sono sicura che non è solo tolleranza la sua. Ama i miei gatti, solo che non si è affezionata nello stesso modo in cui mi sono affezionata io. Forse Emília ha un anima un po' canina: *I would say that on the whole | A dog is a simple soul* – come dice T.S. Eliot. Un anima semplice, però fedele. O un anima semplice, più che fedele. Si è molto legata a me. Si era instaurato un legame già dalla prima volta che era entrata qui, smarrita com'era, io l'ho accolta tra le mie braccia. Nelle mie braccia feline. Tiepide. Tiepide e felpate. Dicono che i gatti non siano fedeli, ma in verità sono le persone a non comprendere il loro modo di essere fedeli. Il cane è sciocco, il gatto è leale dall'alto della sua dignità. Il gatto si avvicina, si rannicchia sul collo, come ha fatto ora Cordélia, e poi di colpo si sposta e sparisce. Alla ricerca delle ombre. Ombre di un sogno che nessuno ha visto. Io vado alla ricerca dei miei fantasmi. Mi alzo e mi dirigo verso l'angolo del salotto dove ci sono le foto dei miei genitori.

Lui ossuto, lo sguardo triste e distante. Lei tondetta, il sorriso da bambina appena accennato. Tocco il vetro delle cornici. Comincio a pensare a loro: giocavano con noi, con me e mia sorella. Ci trascinarono per il pavimento, mettendoci sopra una coperta. In un giorno di pioggia. O erano di più i giorni in cui ci avevamo giocato? Non so. Mia sorella, invece, conserva un'immagine severa di nostro padre. Dice sempre che ci sculacciava. Io non me lo ricordo. Anche se sono la più vecchia, e dovrei essere quella che ne ha prese di più, non ho ricordi di una scena di questo tipo con mio padre. Rivedo il suo affetto cupo, le sue calosce, e i ghiaccioli, che ci portava sempre quando tornava dal lavoro. Di mia madre, invece, ricordo le mani rosse, le guance rosate, l'odore di condimento sempre presente in cucina, le torte di formaggio e i giochi fatti in braccio a lei. Era particolare. Quando si irritava per qualcosa nessuno poteva avvicinarsi. Ci nascondevamo tutti. Io e mia sorella sotto al tavolo o al letto, mentre mio padre si ritirava nella sua tranquillità monacale, con i giornali appoggiati sul suo grembo. Dopo un po' lei crollava immancabilmente in un pianto, e allora mio papà correva a consolarla. In fondo si è sempre vergognata dei suoi sfoghi di rabbia. Mia sorella ed io ci avvicinavamo, ancora un po' impaurite. Ma subito dopo afferravamo la sua gonna come a domandarle scusa.

Ho finito la terza sigaretta. Non riuscirò mai a prendere sonno dopo tanto caffè e tante sigarette. I gatti sono spariti. Chiudo la luce e salgo le scale. Ascolto il rumore delle mie ciabatte. Avrei forse dovuto presentarmi in ciabatte davanti a lui? A lui chi? Domanda la mia immagine riflessa nello specchio. Davanti al pretonzolo - rispondo io. Ma sì, al cospetto del pretonzolo, e di chi sennò? Non

Dormi com ele esta noite. Não é a primeira vez, embora Inge possa ter pensado nisso pois creio que ainda estava desperta quando chegamos. Vi luz barrando a frincha entre o chão e a porta de seu quarto e escutei um rascar de xícara e pires lá dentro. (Inge, nas noites em que sofre de insônia, costuma ficar tomando ainda mais café) Além disso, o vinho nos fez pouco cuidadosos e um tanto bulhentos. Bart esbarrou na cômoda do hall e fez vibrar o gongo de um relógio. antigo. O acidente provocou-nos riso. Um riso abafado, é verdade, mas o suficiente para despertar atenção. A própria porta de entrada já havia nos traído rangendo os gonzos enferrujados, chamando por óleo. Nos escondemos na cozinha antes de propor-nos a aventura de escalar os degraus, onde havia um tapete que nos ameaçava com escorregões. Um gato também poderia atravessar nossa passagem levantando um grito de susto meu ou de Bart. Nós refugiamos, como dizia, na cozinha e ali permanemos olhando um para o outro com a expressão de dois meninos travessos. Tomamos goles e goles de água mineral SPA. Ele me ofereceu a mão para subirmos as escadas. Nenhum gato atravessou-nos o caminho, nenhuma dobra de tecido nos falseou os pés. Foi aí que vi a tarja de luz sob a porta e o tilintar de parcelaria dentro do quarto de Inge. Passamos silenciosos quase nas pontas dos pés, atravessando a escuridão, rumo ao meu quarto. Ali nos fechamos, e eu não sabia se devia acender a luz do abajur. Bart me abraçou antes que eu fizesse qualquer tentativa nesse sentido. Senti então sua enorme mão de pá agarrar-me o seio, um beijo e eu estava já sob ele na cama quando subitamente bateram à porta. Era Inge:

"Emilia! Milinha! Tem alguém tentando arrombar a porta lá embaixo!"

Impossível, Inge, eu pensei me desvencilhando do "navio holandês" e correndo para apanhar o penhoar. Impossível assaltos assim aqui na Holanda. Roubam casas quando você está fora, uma vez entraram na casa daquele chato do Henk, bem-feito, não que eu não digo bem-feito para ninguém, meu Deus, mas entraram e levaram muita, coisa, mas o que ele mais reclamava eram os óculos de aro de ouro que o o avô lhe legara.

devo pensarci. Non devo pensarci. Alla fine sono a casa mia, qui lei è sempre felice. No, non è vero: in questo momento lei è felice. Ora. Con il pretonzolo.

17

Ho dormito con lui questa notte. Non era la prima volta, anche se Inge potrebbe averlo pensato, poiché presumo fosse ancora sveglia quando siamo arrivati. Ho visto la luce nella fessura tra il pavimento e la porta di camera sua, e ho sentito il rumore della tazza appoggiata sul piattino. (Inge, nelle sue notti insonni, è solita bere sempre del caffè.) Senza dubbio il vino ha contribuito a renderci troppo poco attenti e a fare un po' troppo chiasso. Bart è finito contro il comò dell'entrata, facendo vibrare il gong di un vecchio orologio. Non siamo riusciti a trattenere le risate. Risate soffocate, è vero, ma sufficienti per attirare l'attenzione. La porta d'entrata ci aveva già tradito stridendo i suoi cardini arrugginiti, che invocavano olio. Ci siamo nascosti in cucina prima di decidere se avventurarci per le scale, dove un tappeto minacciava di farci fare degli scivoloni. Un gatto avrebbe potuto tagliarci la strada, causando sicuramente un grido di sorpresa mio o di Bart. Come ho già detto, abbiamo cercato rifugio in cucina e siamo rimasti lì a guardarci con la stessa espressione di due mocciosi ribelli. Continuavamo a bere acqua minerale. A un certo punto mi ha offerto la mano per salire le scale. Fortunatamente nessun gatto ha incrociato il nostro cammino e non siamo inciampati in nessuna piega del tappeto. E' stato proprio in quel momento che ho visto la luce della camera di Inge da sotto la porta, e ho sentito il tintinnare della porcellana. Siamo passati silenziosamente, quasi camminando in punta di piedi abbiamo attraversato l'oscurità, verso la mia camera. Quando ci siamo chiusi dentro, mi stavo domandando se fosse il caso di accendere l'abat-jour. Bart mi ha abbracciato prima che io potessi fare qualunque tentativo in questo senso. La sua mano enorme mi aveva afferrato il seno, un bacio e mi ero già ritrovata sopra il letto, quando di colpo hanno battuto alla porta. Era Inge:

“Emília! Milinha!C'è qualcuno che sta tentando di forzare la serratura lì sotto!”

Impossibile Inge, ho pensato mentre mi divincolavo dalla “nave olandese“ e sono corsa subito a prendere la vestaglia. E' impossibile che vengano a rubare qui in Olanda. Rubano solo quando si è fuori casa, una volta, solo una volta sono entrati in casa di quello stolto di Henk, ben gli sta, no che

Encontrei Inge bem na soleira da porta. Saí logo para que ela não visse Bart deitado na cama e descemos juntas correndo as escadas. Pus o ouvido na porta de entrada. Nada. Nem um ruído. Olhei pela janela da sala, tão baixa que uma criança pularia para dentro se quebrasse o vidro. Vagalumes, só' vagalumes no jafdim. 'Ali, ali", Inge soprava aflita. Corri para os fundos, espiei também pela janela, abri a porta mas só deparei com a noite imensa e estrelada.

— Não tem ninguém, Inge. Você sonhou.

— Jurava que tinha escutado alguém mexendo no trinco da porta. Não sei, tem tido muitos assaltos neste bairro ultimamente. Esses imigrantes, esses surinameses, esses indonésios...

— Vai dormir. Boa noite.

Voltei ao quarto, mas ela ficou embaixo. Antes de dobrar a curva que faz a escada, ainda a vi, aquela figura meio que fantasmagórica, de camisola e peignoir brancos parada no hall. Bart estava desperto; me esperando. íamos recomeçar tudo quando novamente batidas na porta nos interromperam.

"Emília! Emilia! Eu estou passando mal!"

Um tanto cética me ergui, repus o penhoar e a reencontrei sobre a soleira. Me veio então a vontade de escancarar a porta e mostrar-lhe Bart nu estirado sobre a minha cama. Mas não: aco-lhi-a cm meus braços e a conduzi ao seu quarto, onde a aconcheguei sob os lençóis.

"Meu remédio. Estou sentindo aquela falta de ar".

Cheia de paciência busquei no armário debaixo da penteadeira um frasco amarelo.

cosa orribile che ho detto, Mio Dio, comunque ci erano riusciti e avevano rubato molte cose, ma la cosa che più aveva reclamato erano stati gli occhiali con la montatura d'oro, che suo nonno gli aveva lasciato.

Ho trovato Inge sulla soglia della porta. L'ho subito rischiusa in modo che non potesse vedere Bart disteso sul letto, e abbiamo sceso le scale correndo. Ho appoggiato l'orecchio sulla porta in entrata. Niente. Nemmeno un rumore. Ho spiato allora dalla finestra del salotto, che è così bassa che un bambino potrebbe entrarci dentro senza difficoltà, se riuscisse a rompere il vetro. Lucciole, ci sono solo lucciole in giardino. "Lì, di là" ha sospirato Inge afflitta. Sono corsa lì in fondo, mi sono messa a spiare anche da quella finestra, finché non mi sono decisa ad aprire la porta, ma davanti a me ho trovato solo la notte immensa e stellata.

— Non c'è nessuno, Inge. Te lo sei sognata.

— Ti giuro che avevo sentito qualcuno che stava tentando di forzare la serratura. Non so, ci sono stati così tanti assalti in questo quartiere ultimamente. Tutti questi immigrati, questi surinamesi, questi indonesiani

— Vai a dormire ora. Buonanotte.

Stavo ritornando in camera, ma ho visto che lei non si accennava a muoversi. Prima di fare la curva delle scale, l'ho scorsa lì, quella figura mezza fantasmagorica, con la vestaglia bianca, ferma e immobile in entrata. Bart era sveglio, mi stava aspettando. Stavamo per riprendere da dove eravamo rimasti, quando ho sentito nuovamente bussare alla porta.

"Emília! Emília! Non mi sento bene!"

Nonostante il mio scetticismo, mi sono alzata comunque, mi sono rimessa la vestaglia e me la sono ritrovata lì, ferma sull'uscio della porta. Per un attimo sono stata colta dall'impulso di spalancare la porta per farle vedere Bart con i suoi occhi, disteso sopra il mio letto. Ma non l'ho fatto: l'ho accolta tra le mie braccia e l'ho riportata in camera sua, dove l'ho sistemata sopra le lenzuola.

"La mia medicina. Sento come se mi mancasse l'aria."

Cercando di mantenere la calma, mi sono messa a cercare una boccetta gialla nell'armadio

Desci à cozinha, não sem certo receio de que ela fosse bisbilhotar meu quarto e trouxe-lhe um copo e uma jarra d'água, caso ela sentisse sede mais tarde. Dei-lhe uma pílula, apaguei as luzes e saí. Inge resfolegava, não sei se de verdade ou se de fingimento. Bart dormia. Enfiei-me debaixo dos lençóis, que ele prendia com seu peso de velho galeão batavo. Não consegui mais dormir. Ouvi a manhã chegar, com seus frisos de luz. Quando ele despertou bem cedo, esfregou o rosto, acariciou-me o braço e despediu-se com um gesto rápido à altura da porta.

18

Tornamos capucino Cléa e eu num café da esquina. Às vezes vamos mais longe, para a Dcnneweg ou a Nordeinde, mas esse é o nosso preferido. A dona atrás do balcão dá ordens aos filhos, que servem. São quatro garotos bonitos.

Tenho vontade de contar a Cléa sobre Jap, mas me calo. É verdade que ela fala sem parar, com a ajuda de suas conhecidas caretas e risadas de bruxa de peça infantil. Ela finalmente fez o meu mapa astral. Descubro então que meu signo ascendente é Escorpião. "É Virgem que te bota um pouco no chão, meu amor" — Cléa me explica — "porque Escorpião, que é signo de água, deixa você despirocado. E o lado sexual é fortíssimo." Digo que já ouvi que a zona exógena de Escorpião é o sexo. "É, é, é" — ela faz e aponta, com as unhas mal cortadas, a casa astral onde está o meu ascendente. "É fácil: o planeta é o ator e a casa astral é o cenário, sacou?" Em seguida fala do seu signo em relação ao de seu marido. Porque Cléa é casada com um holandês.

"Conheci o Wim em Nova York, quando eu trabalhava no consulado. Eu saía toda noite depois que me separei do "falecido." (É como ela se refere ao primeiro marido, o tal que ela pegou em casa pagando um nichê, "com o meu dinheiro, meu amor...") Ia muito a um "Rolling-Skate" perto do Central Park. Até que uma vez fui a uma festa e vi o Wim. Lembro-me muito bem dessa cena: eu saindo de casa — aquelas brown-brick houses, sacumé? —, e o dia quase amanhecendo, e o Wim debruçado na janela. Aí eu disse pra mim mesma: 'Ainda vou trepar com esse cara!' Não é que trepei mesmo?"

sotto la specchiera. Sono scesa in cucina, non senza smettere di desiderare, che nel frattempo lei andasse a curiosare in camera mia. Le ho portato un bicchiere d'acqua nel caso le venisse sete più tardi. Le ho porso una pillola, ho spento la luce e sono uscita. Inge stava sospirando, non so se stesse fingendo. Bart dormiva. Mi sono infilata tra le lenzuola, che lui aveva già prontamente monopolizzato con il suo peso di vecchio galeone. Non riuscivo più a prendere sonno. Ho aspettato che arrivasse mattina con i suoi spiragli di luce. Era ancora presto quando Bart si è svegliato, si è strofinato il volto, mi ha accarezzato il braccio e mi ha salutato con un gesto rapido all'altezza dell'uscio.

18

Io e Cléa siamo andati a bere un cappuccino al bar all'angolo. A volte capita che ci spostiamo più lontano, verso Denneweg o a Nordeinde, ma questo posto rimane sempre il nostro preferito. La padrona che sta dietro il bancone da gli ordini ai figli, quattro bei ragazzi, che vengono a servirci.

Vorrei raccontare a Cléa di Jap, ma mi zittisco. Lei continua a parlare come una macchinetta, contornando il tutto con le sue immancabili smorfie e le sue risatine infantili da strega. Finalmente ha preparato la mia mappa astrale. Scopro di essere ascendente Scorpione. "E' Vergine che ti trascina un po' giù, mio caro" - Mi spiega Cléa - "Perché lo Scorpione è un segno d'acqua, che ti spoglia completamente. E il lato sessuale è fortissimo. "Le dico che ho già sentito dire che la zona esogena dello Scorpione è il sesso." Esatto, esatto, esatto" - mi interrompe lei puntandomi il dito, con le sue unghie tagliate male. La casa astrale del mio ascendente: "E' facile: il pianeta è l'attore, e la casa astrale è lo scenario, capito? "Poi comincia un discorso sul suo segno zodiacale legandolo a quello del marito. E' sposata con un olandese.

"Ho conosciuto Wim a New York, quando lavoravo al consolato. Uscivo tutte le sere, appena dopo essermi separata dal "defunto" (si riferisce in questo modo al primo marito, che ha beccato in flagrante mentre pagava un gigolò, "con i miei soldi, il mio amore ...) Andavo spesso a un "Rolling-Skat "vicino a Central Park. Finché una sera mi sono ritrovata a una festa, ed è che lì ho incontrato Wim. Mi ricordo molto bene di questa scena: io che esco di casa - una *brown-brick houses*, capito? - ,

Me sobe pela garganta o desejo de revelar a aventura com Jap. Mas Cléa muda de assunto logo para tecer ilações entre Astrologia e Cabala. Vamos então a uma livraria mística, que ela insiste em me mostrar. "A livraria é do diabo mesmo", me disse Emília, apesar de um pouco ciumenta por eu sair para almoçar com a Cléa. Fica na Lange Voorhout. Clea parece conhecer bem o dono, que lhe mostra as novidades: Astrologia Sexual , Astrologia Cabalística, Geografia Astrológica.

Com uma pilha de livros nas mãos, que eu naturalmente ajudo a transportar, Cléa me fala da Cabala: que se trata de uma releitura da Bíblia, pois uma antiga confraria de judeus se dispôs a decifrar em cada letra um número, que, por sua vez, remetia a outra letra, formando palavras distintas, logo trazendo uma nova significação às Escrituras. Assim, a Mensagem era outra. Secreta e proibida pela Sinagoga e pela Igreja Romana. Até que um dia um grupo de místicos (se é que eu me lembro muito bem, uma russa e um inglês) resolveu divulgá-la ao mundo, com o objeto de humanizar a humanidade, cega pelo dinheiro e pelo progresso científico-tecnológico.

"Viu no que foi dar tudo a nosso Racionalismo cartesiano? Nisso tudo que cê tá vendo aí: os mísseis atômicos todinhos virados pra nós. Do lado de cá e do lado de lá. Uma loucura, Rique! Uma loucura! E a chuva ácida, ce já ouviu falar na acid raie, hein? Outro dia o Wim falou..."

Cléa não costumava ater-se por demasiado tempo em um só assunto. Em todo caso, aquilo de Cabala não deixou de me interessar. Sempre tive curiosidade pelas origens do Universo, as causas e os fins desse nosso estar-no-mundo. Não sei se a Cabala pode me dar uma resposta. Eduardito diz que quer buscar Deus pela filosofia. Lê Espinoza no momento.

"Cabalista. Espinoza, grande cabalista. Cabalistíssimo!" Cléa judícia. Eduardito, quando lhe repito as palavras de Cléa nos intervalos das aulas sorri e me ensina que o velho Benedito Spinoza renegara aos vinte e cinco anos toda a tradição judaica, inclusive a Cabala. Visitamos outro dia a casa dele aqui, na Haia.

era quasi mattina, e c'era Wim appoggiato alla finestra. Ho subito pensato: "Voglio flirtare con questo tipo!"

Mi sale in gola il desiderio di rivelarle la mia avventura con Jap. Ma Cléa cambia subito argomento, cominciando a tessere delle illazioni tra l'Astrologia e la Cabala. Ci dirigiamo quindi verso una libreria mistica, che dice di voler mostrarmi a tutti i costi. "Quella libreria è del diavolo in persona", mi aveva detto Emília, ma forse era solo un po' gelosa perché dovevo uscire con Cléa. Si trova nella Lange Voorhout. Cléa sembra conoscere bene il padrone, che le mostra tutte le novità: Astrologia Sessuale, Astrologia Cabalistica, Geografia Astrologica.

Con una pila di libri in mano, che le do una mano a portare, Cléa mi racconta della Cabala: si tratta di una rilettura della bibbia, in pratica una piccola confraternita di giudei si era applicata per decifrare in ogni lettera un numero, il quale, a sua volta, richiamava un'altra lettera, formando parole distinte, e portando così un nuovo significato alle Scritture Sacre. In questo modo il Messaggio che ne fuoriusciva risultava diverso. Tenuto segreto e proibito dalla Sinagoga e dalla Chiesa. Fino a che un giorno, un gruppo di mistici (se non sbaglio una russa e un inglese) ha deciso di divulgarla al mondo, con l'obiettivo di umanizzare l'umanità, che era sempre così accecata dall'idea del denaro e dal progresso scientifico-tecnologico.

"E' stata tutta colpa dal Razionalismo cartesiano" Tutto quello che vedi: i missili atomici, tutti puntati su di noi. Da una parte e dall'altra. Robe da matti, Rique! Una pazzia! E le piogge acide, ne hai già sentito parlare, no? L'altro giorno Wim mi ha detto ... "

Cléa non era solita a parlare di un argomento per troppo tempo. Si da il caso però, che quello della Cabala mi interessava. Mi sono sempre posto tante domande riguardo l'origine dell'Universo, il motivo e il fine per cui siamo qui. Non so se la Cabala riuscirebbe a darmi una risposta. Eduardito dice che vuole cercare Dio nella filosofia. Ora sta leggendo Spinoza.

"Cabalista. Spinoza, grande cabalista. Cabalista al massimo!" Sentenzia Cléa. Quando ho ripetuto le parole di Cléa a Eduardito, durante l'intervallo tra i corsi, mi ha sorriso e mi ha spiegato, che il vecchio Benedito Spinoza, arrivato ai venticinque anni, aveva rinnegato tutta la tradizione giudaica, inclusa la Cabala. L'altro giorno siamo andati a visitare casa sua qui, ad Aia.

Mas eu quero contar a Cléa sobre Jap, e ela não deixa. Na cafeteria dos meninos bonitos e sua mãe — cuja pele bronzeada deve ser grata ao sol da Espanha —, na cafeteria Cléa persiste em suas caretas e gatimanhas querendo me provar que os faraós do Egito eram realmente deuses reencarnados.

Então caminho para sua casa, depois das aulas, só com os meus pensamentos. Meus pensamentos e uma espécie de aborrecimento inexplicável. Caminho por essas ruas com edifícios de tijolinhos, os telhados constantemente úmidos de chuva, o céu nublado, as bicicletas passando pelo fietspad. Naturalmente penso em Jap. A última vez que ele me telefonou disse que queria se encontrar comigo no mesmo bar em Amsterdam. Dei uma desculpa. Nem sei por que. Ou talvez saiba por quê. Vou falar com o Eduardito esta noite. Pode ser que ele faça um comentário interessante, já que é mais culto que eu. Não sei, mas depois que o Jap me levou àquela casa... àquela casa de garotos onde ele trabalha de garçom, eu fiquei meio assim... pelo fato de ele trabalhar lá.

Quando cheguei, numa tarde de sábado — um sábado cinzento, com chuva fininha ele ainda não tinha chegado. Eram umas quatro horas. Me sentei no balcão e pedi uma cerveja. Havia um inglês com cara de rato que atendia. Ele então me perguntou com uma voz anasalada que tipo de garoto eu que-ria. Respondi que estava esperando o Jap.

— Mas você não quer nem mesmo experimentar algum?

— Eu não preciso, respondi.

De repente apareceu um sujeito gordo, com os cabelos claros encaracolados e o aspecto sujo. Sentou-se ao meu lado e ficou me olhando com olhos gulosos. *He's a client*, esclareceu o rato. O gordo pediu então um Campari e foi então que, com horror, eu percebi que ele tinha sido um desses bebês vítimas da talidornida: tinha o braço esquerdo muito curto e os dedos germinando desse tronco sem mão.

"But I have friends, you know? I have many friends", ele contava ao Rato, que se limita a sorrir, um sorriso leve de escárnio, e a fumar seu cigarro.

Vorrei così tanto raccontare di Jap a Cléa, ma non mi da proprio modo di parlare. Nella caffetteria di quei bei ragazzi e della madre - la cui pelle abbronzata deve essere dovuta al sole spagnolo -, Cléa continua con le sue smorfie e le sue moine, provando a dimostrarmi in tutti i modi che i faraoni d'Egitto erano veramente degli dei reincarnati.

Mi ritrovo a camminare verso casa sua, dopo lezione, solo con i miei pensieri. I miei pensieri accompagnati da un senso di noia inspiegabile. Cammino tra queste strade contorniate da edifici in mattoni, dove si poteva facilmente notare l'umidità dei tetti causata dalla troppa pioggia. Sotto il cielo nuvoloso, tra le biciclette che passano per lo fietspad, mi viene da pensare a Jap. L'ultima volta che mi ha telefonato, mi aveva chiesto se potevamo trovarci nello stesso bar ad Amsterdam. Avevo trovato una scusa. Non so il motivo. O forse lo so. Questa sera parlerò ad Eduardito. Potrebbe essermi d'aiuto, essendo più colto di me. Non so, ma dopo che Jap mi aveva portato in quella casa ... quella casa chiusa dove lavora, sono rimasto un po' così ... proprio per il fatto che lavori lì.

Quando mi sono recato al suo posto di lavoro, in una sera di sabato – un sabato grigio, scandito dalla pioggerellina fina -, lui non era ancora arrivato. Ho preso posto sul balcone, e ho ordinato una birra. C'era un inglese con una faccia da topo che stava aspettando il suo ordine. La sua voce nasale è risuonata, quando mi ha chiesto che tipo di ragazzo volessi. Gli ho risposto che ero lì ad aspettare Jap.

— Ma non vuoi neanche provare?

— Non ne ho bisogno, ho asserito allora seccato.

All'improvviso è comparso un tipo tondetto, con i capelli chiari e ricci, che mi dava tutta l'impressione di essere sporco. Si è seduto di fianco a me e ha cominciato a guardarmi con quegli occhi avidi. *He's a client*, mi ha spiegato il Topo. Il grassone ha ordinato allora un Campari, ed è stato in quel momento, che ho capito che doveva trattarsi di uno delle baby vittime della talidomide: il braccio sinistro era molto corto e le dita germogliavano da questa specie di tronco senza mano.

“*But I have friends, you know? I have many friends*“, stava raccontando al Topo, che si è limitato a sorridere, un sorriso di scherno, e a fumare la sua sigaretta.

Em seguida, surgiu bem ao meu lado, um sujeito miúdo com olhinhos cintilantes, com os quais curiosamente me aflagava. Por sorte Jap chegou logo, evidenciando minha condição de amigo do barman e não de simples empregado da casa. Nesse dia, não nos encontramos mais como tínhamos combinado. Bati um papo rápido com ele, já que a casa enchia-se de fregueses, marquei às dez e meia no Argos, mas não fui. Dei bolo. Saí dali e fiquei vagabundeando pelos canais, olhando a noite que caía, singular e pesada. As luzes que a enfeitavam. O rumor dos botes. Um grito ao longe. Telefonei de uma cabine para Eduardito, mas ele não estava. Deixei recado na *answer-machine*. E voltei a caminhar. Meio triste sem saber por que. Afinal eu gosto do Jap. Acho-o bonito, simpático. Não, não foi por causa do lugar que eu não tenho mais idade para preconceitos desse tipo. Ele só trabalha ali e pronto. Não é michê. Pelo menos eu espero que não. Ele me disse que não conseguiu arranjar outra coisa desde que chegou de Alkmaar. Quer estudar Botânica. Um dia quer ir ao Brasil e ver a Amazônia. Jurei para ele que à Amazônia eu não vou. Se ele quiser, posso levá-lo a Ipanema, a Copacabana, à Bahia, tudo. Mas à Amazônia não. Deus-me-livre: mato e mosquito! Ele riu e quando quer me amolar começa com o só-vou-ao-Brasil-se-você-for-à-Amazônia-comigo. Consigo sorrir ao lembrar essas cenas breves. Atravesso a ponte dos três canais, ali perto de Rembrantsplein, a minha preferida, me debruço na balaustrada e deixo a chuva fininha molhar meu rosto.

Espero o dia amanhecer. Meus sentimentos transpassam o quarto na semi-obscuridade e vão tocar as roupas espalhadas na poltrona, em seguida se erguem como fumaça e apalpam a vidraça fria da névoa da manhã. Eles escapam porque meu peito não consegue suportar o seu peso. É como um abcesso que calcinasse minha carne. Ah, essa terrível consciência de que ela está ali ao lado, deitada com um homem me deixa aplastada na cama, sem vontade de sair, como se os lençóis pudessem me proteger da realidade avassaladora que se impõe a cada minuto pela claridade da janela. Emilia no quarto ao lado com o padeco. Essa frase persiste, e o coração lateja. Acendo o abajur e um cigarro. Por um momento

In seguito, è comparso di fianco a me, un soggetto minuto con gli occhi scintillanti, nei quali ho trovato una sorta di strana consolazione. Per fortuna Jap è arrivato presto, sottolineando così la mia condizione di amico del barman, e non di un semplice cameriere. Quel giorno, non ci siamo più rivisti come da accordi presi. Ho fatto giusto due chiacchiere con lui, visto che la casa si stava già riempiendo andato. Non mi sono presentato. Sono uscito da lì e ho cominciato a peregrinare tra i canali, guardando la notte scendere, singolare e pesante. Le luci la adornavano. Il rumore delle barche. Un grido in lontananza. Ho provato a chiamare Eduardito da una cabina telefonica, ma non ho ricevuto risposta. Allora gli ho lasciato un messaggio nella *answer-machine*. E ho ricominciato a camminare. Un po' triste, senza neanche saperne il vero motivo. Alla fine mi piace Jap. E' bello e simpatico. No, non è di certo per il posto in cui lavora, non ho più l'età per vivere di questi preconcetti. E' un lavoro come un altro. Non è un gigolò. O almeno lo spero. Mi aveva confidato di non essere riuscito a trovare di meglio da quando era arrivato da Alkmaar. Vuole studiare Botanica. Vorrebbe andare in Brasile e vedere l'Amazzonia. Gli ho già giurato che io in Amazzonia non ci vado. Se vuole lo posso portare a Ipanema, a Copacabana, a Bahia, dappertutto. Ma in Amazzonia non se ne parla. Che Dio mi salvi: foreste e zanzare! Lui ride, e, cercando di addolcirmi, comincia con la sua cantilena vengo-in-Brasile-solo-se-vieni-in-Amazzonia-con-me. Mi spunta un sorriso pensando a queste scenette. Attraverso il ponte dei tre canali, lì vicino a Rembrantsplein, il mio preferito, mi sporgo dalla balaustra e lascio che la pioggia mi bagni il volto.

Sto aspettando che il sole sorga. I miei sentimenti attraversano la stanza, avvolta nella semioscurità, vanno a toccare i vestiti sparpagliati sulla poltrona, poi si innalzano come fossero fumo, e finiscono per incollarsi sulla vetrata gelata dal nevischio mattutino. E' come se stessero cercando di scappare a tutti i costi dal mio petto, che non riesce più a sopportare tutto questo peso. Come se ci fosse un ascesso calcinato scolpito nella mia carne. Ah, il terribile pensiero di lei nella camera di fianco con un uomo, mi lascia come senza forze, inerme, senza alcuna volontà di uscire, come se le lenzuola

o anel no dedo. Um anel de madrepérola com ametista falsa. Herança de mamãe. Desde pequena eu vislumbrava essa jóia no seu dedo, enquanto me aninhava em seu corpo macio agasalhado de flanela e lã, olhando-a costurar. O dedal. Outra coisa que sempre me chamou a atenção foram os dedais, que eu pensava que seriam jóias. Mas por que estou pensando nisso agora? O anel me levou até mamãe. Sim, porque essa dor precisava de alívio.

Um deles arranha a porta. Naturalmente viu a risca de luz sob a porta. Quero e não quero abrir. Já disse: as cobertas me abrigam do mundo. Arranha de novo. Emília vai escutar e supor que não dormi a noite inteira por causa dela. Então me levanto e trago Cordélia para minha cama. É minha preferida. E sei que ela gosta mais de mim do que dos outros. Não dá a menor bola para Emília. Ela pode chamá-la várias vezes, sibilar, estalar os dedos que Cordélia não se mexe. Comigo, ao contrário, basta um olhar. Ela me entende. Falo com ela. Conversamos. Agarrada a Cordélia conto-lhe tudo: da estripulia de Emília esta noite. Que dormiu com padre. Pela primeira vez. Não, nós não queremos mais Emília, não é, Cordélia? Vamos ficar as duas sozinhas nesta casa, nesta imensa casa sem ninguém para nos aborrecer. Os outros — Rasputim, Corisco e Dorotéia — que partam com Emília. E o padeco. Que fundem uma paróquia no interior. Nós vamos ficar aqui, Cordélia. Lendo e tomando chocolate no inverno e plantando flores no verão. Ou viajando de bicicleta com Lila e sua gata malhada. Lila, que não acredita nos meus sonhos de castelos mouriscos. Assim será melhor.

Batem na porta. Não é um gato que arrasta as unhas sobre a madeira laqueada. É ela. Ou os dois. Não quero abrir, não quero me mover desta cama, destes cobertores. Cordélia mia como se também reprovasse uma resposta. Batem de novo. Ah, é ela, mas o que tem a me dizer, como vai justificar a sua atitude fútil desta noite? Não há como. E não sou eu quem vai exigir dela uma desculpa ou mesmo censurá-la ainda mais pela inutilidade das explicações que tem a me dar. Ela insiste em entrar. Não, Emília, não. Cordélia mia e escapa dos meus braços. Será que ela vai se atrever a abrir a porta assim mesmo? Não, Emília, não há nenhuma palavra a ser trocada, eu não quero te ver hoje, por favor não.

potessero farmi da scudo contro la realtà opprimente, che si fa sempre più spazio attraverso la luce che entra dalla finestra. Emília é nella camera di fianco con il pretonzolo. Questa frase mi perseguita, posso sentire il cuore palpitare. Accendo l'abat-jour e anche una sigaretta. Per un momento resto a girarmi l'anello sul dito. Un anello di madreperla con un ametista finto. Ereditato da mia madre. Fin da quando ero piccola intravedevo questo gioiello sul suo dito, quando mi accoccolavo sul suo corpo morbido e accogliente di flanella e lana, per guardarla mentre cuciva. Il ditale. Un'altra cosa che aveva sempre attirato la mia attenzione era il ditale, sono sempre stata convinta che anch'esso fosse un gioiello. Ma perché sto pensando a questo ora? E' l'anello che mi ricorda mia madre. Sì, è come se stessi cercando una specie di sollievo in tutto questo dolore.

Uno tra i due sta bussando alla mia porta. Ho visto la luce dalla fessura. Voglio, ma non voglio aprire. Come ho già detto: le coperte mi proteggono dal mondo esterno. Bussano di nuovo. Emília sarà sicuramente lì ad ascoltare, e avrà pensato che non avrò chiuso occhio per tutta la notte a causa sua. Così mi alzo e porto Cordélia sul letto con me. Lei è la mia preferita. E sono convinta che anche lei ami me più di chiunque altro. Non bada mai Émilia. Può chiamarla più volte, sibilare, muovere le dita, ma Cordélia non fa un passo. Con me, invece, basta un solo sguardo. Mi capisce. Parlo con lei. Parliamo. Quando l'ho presa in braccio, ho cominciato a raccontarle cos'era accaduto questa notte. Aveva dormito con il pretonzolo. Per la prima volta. Non la vogliamo più Emília, vero Cordélia? Rimarremo io e te in questa casa, in questa casa immensa, senza più nessuno a darci fastidio. Gli altri - Rasputim, Corisco e Dorotéia - che se ne vadano pure via con Emília. E il pretonzolo. Che vadano pure a tutti insieme a fondare una parrocchia verso l'interno. Noi resteremo qui invece, Cordélia. Leggendo e bevendo cioccolata d'inverno, e piantando i fiori d'estate. O andando in bicicletta con Lila e la sua gatta dal pelo maculato. Lila, che non crede ai miei sogni ambientati in castelli moreschi. Così staremo meglio.

Bussano alla porta. No, non è un gatto che sta affondando le unghie nel legno laccato. E' lei. O entrambi. Non voglio aprirgli, non voglio muovermi da questo letto, da queste coperte. Cordélia miagola come se esigesse anche lei una risposta. Bussano nuovamente. Ah, è lei, ma cosa vuole dirmi, come pensa di poter giustificare il comportamento di questa notte? Non può. E non sarò io di certo a pretendere delle scuse, o a rimproverarla ancora una volta per la futilità delle spiegazioni che mi vuole dare. Ma lei insiste, vuole entrare. No, Emília, no. Cordélia miagola e scappa dalle mie braccia.

Encontro Inge sentada na cama entre lençóis e cobertores amarfanhados. Ela finca seus olhos verdes em mim como uma gata prestes ao ataque. Cordélia se eriça e ergue a cauda pelos cantos debaixo das peças de roupa atiradas sobre a poltrona. Por trás de Inge a janela azulada. A manhã difícil de outono custa a se fazer plenamente. Inge agarra o pescoço, vira-o na direção do travesseiro e cerra os olhos. "Você está sentindo alguma coisa?" "Dor de cabeça", ela responde com uma voz opressa. Digo que vou pegar um comprimido, mas ela toma meu braço e o aperta.

— Não. Já disse que não.

— Mas você não disse nada, Inge.

Ficamos uns segundos em silêncio. A gata foge, como um mau presságio.

— Vou apanhar uma aspirina. Deixa eu ver sua testa. Inge, você está quente. Deve estar com febre. Onde está o termômetro?

— Eu não disse? Eu não disse? Eu te chamei a noite inteira e você não me escutou!

Repito a pergunta sobre o termômetro.

— Na mesinha-de-cabeceira.

Enquanto agito o pequeno tubo de vidro, corrijo-a:

— A última vez que te botei na cama, disse que você podia me chamar de novo a hora que bem entendesse

Vuole forse andare lei ad aprire la porta? No, Emilia, io e te non abbiamo nulla da dirci, non ti voglio vedere oggi, per favore.

20

Trovo Inge distesa nel letto, tra le lenzuola e le coperte in disordine. Sta puntando i suoi occhi verdi su di me, come fosse un gatto pronto ad attaccare. Cordélia si rizza, e sposta la coda da un lato all'altro degli stracci appoggiati sopra alla poltrona. Dietro ad Inge c'è la finestra azzurra. La difficile mattinata autunnale sta facendo fatica ad uscire del tutto. Inge si afferra il collo, se lo gira in direzione del cuscino e chiude gli occhi. "Ti senti male?" "Ho mal di testa", risponde lei con voce sommessa. Le dico che vado a prenderle una pastiglia, ma mi ferma, prendendomi per il braccio e stringendomelo.

— No. Ti ho già detto di no.

— Ma se non mi hai detto niente, Inge.

Rimaniamo in silenzio per un secondo. La gatta se ne va, quasi fosse un cattivo presagio.

— Vado a prenderti un aspirina. Fammi sentire la fronte. Inge, sei calda. Avrai sicuramente la febbre. Dov'è il termometro?

— Cosa ti avevo detto? Cosa ti avevo detto? Ti ho chiamato tutta la notte e non mi hai mai dato ascolto!

Le richiedo dov'è il termometro.

— Sulla mensola del capezzale.

Mentre agito il piccolo tubetto di vetro, la correggo:

— Quando ti ho riportato in camera, ti ho detto che avresti potuto chiamarmi a qualsiasi ora, se mai avessi avuto bisogno di me.

Ela se limitou a resmungar, aconchegada entre os lençóis. Desci e fui fazer um café para mim. Um raiozinho de sol se intromete por entre vasos de gerânios no jardim. A água ferve e eu contemplo o musgo num pedaço de muro. Sinto então uma carícia peluda nos meus tornozelos. É Dorotéia, que solta um miado suplicante. Despejo leite num pires e o deito com um tilintar sobre o azulejo. Logo vem disputar o leite o bandido Rasputim. O café pronto, subo sem tomá-lo. Inge deve já afligir-se com a minha demora. À medida que salto cada degrau, penso se ela realmente percebeu a presença de meu hóspede esta noite. Em caso afirmativo, ela deve estar fazendo fita com essa história de febre, e o termômetro será impiedoso com sua verdade mercurial. Se não, me preocupo com sua saúde. Afinal Inge não é nenhuma criança.

— Trinta e seis e meio. Você não tem nada.

Ela bruscamente se vira, agarra os dois travesseiros e começa a soluçar convulsivamente:

— Tenho sim, tenho sim...

— Inge! O que é?

Abraço-a, puxo-a para junto de mim, ela se aninha em meus ombros, mas continua chorando, as lágrimas molhando meu penhoar, até que entre soluços ela balbucia:

— Se eu ficar doente, Milinha... se eu ficar muito doente, você... vai me deixar sozinha?

— Claro que não, Inge. Eu nunca vou te deixar sozinha.

— Nunca?

E aqui seus olhos ganharam uma fixidez mortal.

— Nunca. Te juro. Agora vê se dorme. Você passou a noite em claro.

Si è limitata a borbottare qualcosa, rimanendo lì rannicchiata tra le lenzuola. Sono scesa a prepararmi un caffè. Un raggio di sole passa attraverso i vasi di gerani in giardino. L'acqua bolle e io mi soffermo a guardare il muschio incastrato in un pezzo di muro. Sento allora una carezza pelosa sulle caviglie. E' Dorotéia, che miagola supplicante. Verso un po' di latte nella ciotola, per poi appoggiarla a terra, lasciandola tentennare sul pavimento. E' arrivato subito quel bandito di Rasputin a litigare per il latte. Il caffè è pronto, ma mi dirigo verso la camera di Inge, senza averlo neanche bevuto. Mentre salgo i gradini, penso se realmente si fosse accorta della presenza di Bart in camera mia, quella notte. Se dovesse essere così, starà sicuramente provando a fare la vittima, inventandosi questa storia della febbre, e allora il termometro sarà decisivo nel sancire la verità. Nel caso contrario, sarei preoccupata per lei. Alla fine Inge non è più una bambina.

— Trentasei e mezzo. Non hai nulla.

Allora si gira bruscamente, afferra i due cuscini e comincia a piangere disperata:

— Sì che sto male, sto male ...

— Inge! Che succede?

La abbraccio e la stringo forte a me, si nasconde nelle mie spalle, continuando a piangere, mentre le lacrime bagnano la mia vestaglia, fino a riuscire a balbettare tra i singhiozzi:

— Se mi dovessi ammalare, Milinha ... se dovessi essere molto malata, tu mi abbandoneresti qui?

— Ma cosa stai dicendo, Inge? Non ti lascerei mai da sola.

— Mai?

E qui i suoi occhi hanno assunto un aspetto quasi spettrale.

— Mai. Te lo giuro. Ora dormi. Hai passato tutta la notte in bianco.

Terminei com Jap. Minha decisão se concretizou depois da noite de sábado passado. Voltávamos do Cock Ring já tarde, quando ele insistiu para darmos um pulo na D.O.K. Eu estava exausto, mas acabei cedendo. No entanto, fui eu e somente eu que a certo momento, entusiasmado pelo álcool disse-lhe que estava com vontade de fumar um baseado. Jap me deu então a resposta esperada: todas as cafeterias da cidade estavam fechadas àquela hora; a não ser que eu o seguisse. A princípio, fiquei com medo. Ele me abraçou e me beijou em plena rua, sobre uma ponte. Fui. Abraçado a Jap. Depois de vaguear por ruelas tortuosas, em direção ao porto, demos numa esquina onde havia grupos de indonésios e surinamenses. Homens que corriam sorrateiramente de um lado para o outro das calçadas. Pareciam bandos de camundongos. Jap se afastou e me pediu cinquenta florins, que lhe entreguei com relutância, instando-me que o esperasse ali. Dirigiu-se a um vulto encostado num canto. Fiquei então pensando que Jap não estava comprando maconha, porém algo pesado. Tive vontade de escapar dali imediatamente, hesitei, ele reapareceu, com um sorriso satisfeito abotoando seu casaco de couro.

Fomos para o hotel na Kerkstraat. Nessa vez tomara um quarto no último andar. Enquanto me despia, Jap foi ao banheiro no patamar entre o último e o penúltimo pavimentos. Esperei, esperei e quase caía no sono recostado ao espaldar da cama quando resolvi descer e perguntar-lhe o que estava acontecendo. Bati na porta, e ele me respondeu "já vou, já vou". Subi e esperei tanto que outra vez o sono ameaçou me dominar. Finalmente Jap reapareceu e se deitou ao meu lado. Menos de um minuto mais depois, vi urna seringa na sua mão. Saltei bruscamente da cama:

— Não. Heroína, não! Vamos, Jap, você vai embora. Ek não vou dormir com você.

— Não é heroína, eu juro! É insulina. Eu sou diabético. Preciso disso para dormir. Por favor... deixa...

Ho troncato con Jap. La mia decisione si era concretizzata dopo lo scorso sabato notte. Stavamo tornando dal Cock Ring che era già tardi, quando ha cominciato ad insistere per fare un salto alla D.O.K. Ero stanco morto, ma alla fine ho ceduto. A un certo punto, spinto dall'effetto dell'alcool, sono stato proprio io a dirgli che mi era venuta voglia di fumare una canna. Jap mi ha dato esattamente la risposta che aspettavo: tutti i coffee shop della città erano chiusi a quell'ora; a meno che non decidessi di seguirlo in un posto. All'inizio ero impaurito. Mi ha abbracciato e mi ha baciato in mezzo alla strada, sopra un ponte. Sono rimasto fermo. Abbracciato a lui. Dopo abbiamo cominciato a vagare per le stradine tortuose in direzione del porto, fino ad arrivare in un angolo dove erano appostati dei gruppi di indonesiani e di surinamesi. Uomini che correvano di soppiatto da un lato all'altro della strada. Sembravano bande di topi. Jap mi ha domandato cinquanta fiorini, che gli ho dato con riluttanza, per poi sparire, obbligandomi ad aspettarlo lì. Si era diretto verso un tipo posizionato in un angolo. Ho realizzato solo in quel momento, che Jap non aveva alcuna intenzione di comprare dell'erba, ma qualcosa di ben più forte. Volevo andarmene da lì subito, ma ho esitato. Jap ha fatto ritorno, sorridendo soddisfatto, mentre si abbottonava la giacca di pelle.

Ci siamo diretti verso l'hotel nella Kerkstraat. Questa volta avevo prenotato una camera all'ultimo piano. Mentre mi stavo spogliando, Jap era sparito nel bagno del pianerottolo tra l'ultimo e il penultimo piano. Ho aspettato, aspettato, ero sul punto di addormentarmi appoggiato allo schienale del letto, quando mi sono deciso a scendere per domandargli che cavolo stesse facendo. Ho bussato alla porta, e ho sentito la sua voce rispondere " arrivo, arrivo ". Sono tornato in camera, e ho aspettato così tanto da finire quasi per addormentarmi. Finalmente Jap si è deciso ad entrare in camera, distendendosi al mio fianco. Dopo meno di un minuto, mi sono accorto della siringa stretta nella sua mano. Sono saltato sul letto:

— No. L'eroina, no! Jap, vattene. Io non dormo con te.

— Non era eroina, giuro! E' insulina. Soffro di diabete. Mi serve per dormire. Per favore ... lasciami ...

Assenti. Me deitei na cama e assiti à aplicação da seringa no pé. Não era insulina, é claro, mas de repente senti pena dele. Não podia dormir sem a droga. Não sei como consegui pegar no sono ao seu lado.

No dia seguinte, não encontrava minha carteira de dinheiro. Jap estava sentado na beira da cama. Achei-a enfim sobre o carpete. Ele pulou de um jato e apanhou a carteira. Ordenei que me devolvesse. Jap se negou. Insisti com veemência. Ele então tirou dali cinqüenta florins, dizendo que seriam emprestados. Na realidade me preocupava mais com os tickets do Europass do que com o dinheiro. Tinha pena de Jap. Eu não duvidava mais: como todos os garotos daquela casa, ele se prostituía para pagar a heroína.

Deixei-o na ponte sobre o Keizergraat. Eram quatro da tarde e já anoitecia. Eu tinha de comprar uma gravata para o jantar de aniversário de Eduardito naquela mesma noite de domingo em Wassenaar. Jap me beijou, me deixando o número da casa de uns amigos no subúrbio, onde passaria o resto da tarde. Nos despedimos. Me dirigi daí a uma loja nova na Leidsestraat. Olhei para trás na tentativa de ainda distingui-lo por entre os transeuntes que se apressavam a fazer compras, antes da noite cair por completo.

Tomei o trem e cheguei a tempo na casa de Eduardo. Ele elogiou a minha gravata. Tinha trazido um blazer e pude tomar banho e me mudar no hotel. No quarto ao lado, aliás, havia um crioulo brasileiro que reencontrei na escada. Tínhamos nos falado pela primeira vez durante o café da manhã de sábado. Contei-lhe a história com Jap.

"Cruzes! Você devia ter esmurrado a minha porta pedindo socorro! Um cara desses..."

Disse-lhe que não fora preciso.

Os convidados de Eduardito eram, na maioria, holandeses e um tanto esnobes. Discutiam uma exposição num museu de Amsterdam, e eu, que não tinha ido vê-la, boiei quase o tempo todo, só me lembrando da noite conturbada com Jap. A um dado momento, Eduardito, com um copo de kir na mão,

Ho acconsentito. Mi sono rimesso a letto a guardarlo, mentre si buca il piede con la siringa. Chiaramente non era insulina, ma non ero stato capace a non provare una sorta di pena nei suoi confronti. Non riusciva a dormire senza prima essersi drogato. Non so come ho potuto trovare il coraggio per addormentarmi al suo fianco.

Il giorno seguente non trovavo più il mio portafoglio. Jap era seduto sul bordo del letto. Alla fine mi sono accorto che era sopra il tappeto. Jap si è alzato allora di scatto per prenderlo. Gli ho intimato di ridarmelo. Ma Jap non voleva. Continuava ad insistere con veemenza. Ha tirato fuori cinquanta fiorini, assicurandomi che erano solo un prestito. In realtà, ero più preoccupato per i biglietti dell'Europass che per i soldi. Mi faceva tenerezza. Non avevo più dubbi, anche lui, come tutti i ragazzi di quella casa, si prostituiva per potersi pagare l'eroina.

L'ho lasciato lì sul ponte sopra il Keizergraat. Erano le quattro di sera, e stava già cominciando a diventare buio. Dovevo comprare una cravatta per la cena di compleanno di Eduardito, quella stessa sera di domenica, a Wassenaar. Jap mi ha baciato, lasciandomi il numero di casa di alcuni suoi amici in periferia, dove avrebbe passato la serata. Ci siamo salutati. Ho proseguito verso un negozio nuovo a Leidsestraat. Mi sono guardato indietro per provare a vedere se sarei stato capace a distinguerlo tra i tanti passanti che si accalcavano per fare acquisti, prima che arrivasse il buio.

Ho preso il treno, e sono arrivato appena in tempo a casa di Eduardo. Si è complimentato subito per la mia cravatta. Mi ero portato via un blazer da casa, e sono tornato a lavarmi e a cambiarmi in hotel. Nella camera a fianco alla mia c'era un creolo brasiliano, che ho ritrovato sulle scale dell'hotel. Ci eravamo parlati per la prima volta durante la colazione del sabato mattina. Gli ho raccontato di quello che era successo con Jap.

“Cavolo! Saresti dovuto venire a bussare alla mia porta per chiedermi aiuto! Un tipo del genere ...”

Gli ho detto che non ce n'era stato il bisogno.

Gli invitati alla festa di Eduardito erano per la maggior parte olandesi, e anche un po' snob. Stanno discutendo di un'esposizione in un museo di Amsterdam, e io, che non ero andato a vederla, mi sono annoiato per quasi tutto il tempo. Continuavo a pensare alla notte appena passata con Jap. Ad un certo punto, Eduardito, con un bicchiere di kir in mano, ha cominciato a fare delle digressioni

começou a tecer digressões acerca da inscrição — sobre a qual me chamara a atenção certa vez — da parede próxima à estação antiga de trem da Haia: *Arte must be forgotten, Beauty has to be realized*, de Mondrian.

— A arte não pode morrer. Isto é um absurdo! A arte é a beleza filtrada pelo eu e materializada em cores, linhas, sons, palavras, imagens, "whatever"... Enquanto houver humanidade...

— Mondrian falava da arte enquanto conceito burguês, a fama, por exemplo, o sucesso, o dinheiro..., preconizou um rapaz ruivo.

Eduardito se inflamou, suas bochechas mesmo se enrubesceram e arrolou uma série de argumentos que não entendi patavina. Outro holandês revidou com citações que escapam à minha limitada ordem de preocupações.

À saída — somente à saída — ele me perguntou por que me mantivera calado quase a noite inteira, só tendo me dirigido a uma garota ao meu lado. Quis contar-lhe o episódio ocorrido com Jap, mas ali, à porta, em meio a todos aqueles holandeses ora falando em seu idioma natal ora em inglês, não me senti à vontade. Me despedi de Eduardo com um beijo em sua maçãs rubicundas de kir e respondi-lhe que se tratava de impressão sua: tinha me divertido muitíssimo.

Irene amassava uma flor vermelha contra a capa molhada da chuva de primavera que acabara de parar. Sorriu, apesar de eu ter me demorado em vir abrir a porta e ajeitou os cabelos, que pingavam água. Mandei que entrasse imediatamente e pendurei sua capa enxarcada no cabide do vestibulo.

sull'iscrizione – la quale aveva catturato la mia attenzione più di qualche volta – sulla parete vicino all'antica stazione dei treni ad Aia: *Arte must be forgotten, Beauty has to be realized*, di Mondrian.

— L'arte non può morire. Questa è un'assurdità! L'arte non è altro che la bellezza filtrata dall'io e che viene poi raffigurata tramite colori, linee, suoni, parole, immagini, “qualunque cosa” ... Fino a quando esisterà l'umanità ...

— Mondrian parlava di arte come concetto borghese, fama, ad esempio, o successo, o denaro ..., ha così pontificato un ragazzo rosso di capelli.

Eduardito a quel punto si è alterato, anche le sue guance avevano preso colore, e ha cominciato a tessere un discorso alquanto incomprensibile. Un altro olandese ha tirato fuori alcune citazioni, che andavano ben oltre il mio limitato raggio di preoccupazioni.

Quando stavo per andarmene – solo quando me ne stavo andando – mi ha domandato perché ero rimasto zitto per tutta la sera, dicendomi che avevo parlato solo con una ragazza di fianco a me. Volevo raccontargli dell'accaduto con Jap, ma lì, sulla porta, in mezzo a tutti quegli olandesi, che ora parlavano nella loro lingua madre, ora in inglese, non mi sentivo a mio agio. Così ho salutato Eduardo con un bacio sulla sua guancia arrossata dal kir, e gli ho risposto che era stata solo una sua impressione: in verità mi ero divertito tantissimo.

Irene stava cercando di appiattare un fiore rosso contro il mantello bagnato dalla pioggia di una primavera che stava tardando ad arrivare. Mi ha sorriso, nonostante l'avessi fatta aspettare un po' prima di arrivare ad aprirle la porta, e si è scompigliata i capelli gocciolanti. Le ho detto subito di entrare, e ho appeso la sua mantella bagnata nella cabina del vestibolo.

Na sala ofereci-lhe café. Notei que envelhecera nos últimos meses em que não tínhamos nos encontrado. As maçãs do rosto estavam mais salientes e uma pele caía sobre as pálpebras de seus olhos oblíquos, tornando-os mais diminutos. Não, Milinha não ia se demorar. Tinha ido ao Cassino, como de costume, com um grupo de amigos, mas já devia estar voltando — respondi a uma pergunta sua, enquanto admirava-lhe a postura ereta no sofá de couro verde.

Perguntou-me então sobre Rique. Disse-lhe que o via cada vez mais espaçadamente depois que se mudara para seu apartamento na Nordeinde. Fora lá algumas vezes — umas poucas, já que à noite saio raramente de casa. O apartamento está bonito, gesellig, aconchegante, aliás fica em cima do antiquário daqueles dois amigos meus, o Emil e o Freek, você se lembra deles, Irene? Ela se distraiu enquanto batia a cinza no cinzeiro. Talvez se preocupasse quanto ao objeto de nossa conversa, pois dissera-lhe ao telefone que precisava tratar de um assunto sério.

— O Emil e o Freek, você não está lembrada, Irene?

— Ah, sim, sim, aqueles dois. Como vão eles? Não têm uma casa ou um apartamento na Espanha? Acho que me encontrei um verão com um deles. Não sei se foi em Alicante ou Benidorm...

— Marbella. Eles têm um apartamento em Marbella. Mas estou muito chateada: parece que o Freek está muito doente.

Pela expressão de Irene, percebi que ela compreendeu de que doença se tratava.

Finalmente Emília chegou. Sentou-se e logo após as primeiras palavras trocadas, fez-se o silêncio embaraçoso que precede as conversas sérias. Pigarreei e, conhecendo a dificuldade de minha amiga em dar início à proposta que iríamos formular a Irene, embora tenha sido idéia de Emília, me dirigi a ela, depois do preâmbulo de praxe sobre franqueza e objetividade:

— Emília e eu queremos abrir um antiquário.

Le ho portato del caffè in salotto. Ho subito notato che era invecchiata negli ultimi mesi in cui non ci eravamo viste. Le macchie sul viso erano ora più evidenti, e la pelle sopra le palpebre stava cominciando a cedere sui suoi occhi infossati, facendoli sembrare così più piccoli. No, Milinha, non era in casa. Era andata al Casinò con un gruppo di amici, come d'abitudine, ma a quest'ora dovrebbe già essere di ritorno – ho risposto così alla sua domanda, mentre ammiravo la sua postura così eretta sul divano di pelle verde.

Mi ha domandato allora di Rique. Le ho risposto che mi capitava di vederlo sempre più raramente da quando si era trasferito nel suo appartamento a Nordeinde. Sono stata lì un po' di volte – poche, visto che esco raramente di sera. L'appartamento è bello, borghese, accogliente, si trova proprio sopra il negozio di antiquariato di quei miei amici, Emil e Freek, ti ricordi di loro, Irene? Si era distratta mentre faceva cadere la cenere nel portacenere. Forse era preoccupata per la piega che avrebbe preso la nostra conversazione, visto che per telefono le avevo spiegato, che avevo bisogno di parlarle di una cosa importante.

— Emil e Freek, non ti ricordi di loro, Irene?

— Ah, sì, sì, quei due là. Come stanno? Non hanno forse una casa o un appartamento in Spagna? Mi sembra di averli incontrati un'estate. Non mi ricordo più se ad Alicante o a Bernidorm ...

— Marbella. Hanno un appartamento a Marbella. Ma sono un po' preoccupata: pare che Freek sia molto malato.

Dall'espressione di Irene ho come percepito che avesse già capito il tipo di malattia.

Finalmente è arrivata Emília. Si è seduta con noi, ma, subito dopo aver scambiato poche parole, è caduto un silenzio imbarazzante, quello che precede sempre i discorsi seri. Mi sono schiarita la gola e, essendo a conoscenza della difficoltà in cui si trovava la mia amica nel formulare quella proposta ad Irene, nonostante l'idea fosse stata proprio sua, mi sono rivolta io a lei, non prima di aver anticipato il solito preambolo sulla franchezza e sull'oggettività, che in questi casi non guasta mai:

— E o capital? — responderam, por seu lado aquelas suas qualidades da indonésia com sangue holandês.

— Bem... Nós duas temos umas economias...

Era claro que não eram suficientes, e minha reticência bailou no ar por alguns bons segundos. Irene então aliviou o constrangimento perguntando se seria um bric-à-brac ou uma loja de maior porte, com peças raras, de alto valor.

— Não, não, alguma coisa simples ... Pensei daí em contar os planos de Milinha em trazer antigüidades do Brasil, mas ao olhar para ela, percebi a precipitação e me calei.

Irene expirou uma baforada e seu rosto oriental ganhou uma solenidade de estátua.

— Interessante...

Emília deixou escapar um riso nervoso. Em seguida tentou, já agora despreendida da timidez inicial, convencer a indonésia de que o negócio afinal valeria a pena.

Rasputin e Cordélia surgiram na sala como que para dar seu apoio à realização de nosso projeto.

— Se eu aceitasse... se eu realmente aceitasse... só para eu ter uma idéia... de quanto seria minha participação no negócio?

Irene tinha absorvido todo o sentido de pragmatismo de sua educação em escolas calvinistas.

Emília disse a soma. Irene arregalou seus olhos oblíquos. Em seguida pigarreou e olhou fixamente para baixo. Parecia murmurar a quantia repetidas vezes. Me voltei para Emília, que sorria com o olhar, na sua forma de me interrogar sobre a resposta da indonésia

— Io ed Emília vorremmo aprire un negozio di antiquariato.

— E i soldi? — ha risposto così la sua indole indonesiana mischiata con sangue olandese.

— Beh ... percepiamo tutte e due i nostri rispettivi stipendi ...

Era chiaro che non potessero bastare, e la mia reticenza era aleggiata nell'aria per un po' di secondi. Irene allora ha cercato di scavalcare l'imbarazzo, domandando se si sarebbe trattato di un negozio di cianfrusaglie o di un negozio più prestigioso, con pezzi rari, di alto valore.

— No, no, delle cose semplici ... Ho dato ascolto all'idea di Milinha di portare dei pezzi antichi dal Brasile, ma quando mi sono voltata per cercare il suo sguardo, ho subito capito di essere stata troppo precipitosa, e così mi sono zittita.

Irene ha buttato fuori una nuvola di fumo, in questo modo il suo volto orientale ha assunto l'espressione solenne di una statua.

— Interessante...

Emília si è lasciata scappare una risatina nervosa. In seguito, ho provato a convincere l'indonesiana che l'affare alla fine sarebbe risultato vantaggioso.

Rasputin e Cordélia hanno fatto il loro ingresso in salotto, come per far sentire il loro appoggio nella realizzazione del nostro progetto.

— Se io accettassi ... se io accettassi sul serio ... solo per farmi un'idea ... a quanto ammonterebbe la mia quota di partecipazione nel negozio?

Irene aveva assorbito per bene gli ideali di pragmatismo che le erano stati inculcati nelle scuole calviniste.

Por fim, ela ergueu a cabeça, balançou-a para ajeitar os cabelos grisalhos e falou:

— Não posso dar uma resposta definitiva por enquanto. Vocês entenderam, não? Ao sair, ela se lembrou da flor que tinha guardado dentro do bolso do sobretudo, apalpou-a contra o peito e depois a esmigalhou com a mão, como se aquele gesto traísse sua decepção em não ter tido a oportunidade de revelar a nós duas seu verdadeiro propósito de ter vindo a nossa casa.

23

A idéia surgiu quando passeávamos Inge e eu pela Nordeinde, no dia em que forcei-a a comprar um vestido novo para o lançamento de um livro brasileiro traduzido por ela e publicado pela editora em que trabalha, a Maarten Vrijsman. Inge nunca compra roupas. Anda como uma militante russa do partido comunista ou como uma camponesa engajada. Ela saiu toda contente da loja, uma das mais caras da Haia. Fiz de propósito. Ela precisa de um pouco de vaidade, ora pitomba.

Andávamos pois pela Nordeinde quando demos com o Emil na porta de sua loja, apesar do frio. Ele nos contou que pensava em vender o seu antiquário. Nos convidou para entrar e tomar um café. Perguntamos por Freek, não sem antes informar-lhe que um amigo nosso habitava o último andar do mesmo prédio.

Emilía si è pronunciata sulla somma. Irene ha spalancato i suoi occhi orientali. Si è schiarita la voce, ed è restata a guardare il pavimento. Sembrava stesse mormorando dentro di sé la quantità più volte. Mi sono girata verso Emilía, che stava sorridendo con gli occhi, era quello il suo modo per interrogarmi sulla risposta dell'indonesiana.

Alla fine Irene ha alzato la testa, si è mossa un po' per agitare i capelli grigi, ed ha asserito:

— Per ora non posso dare una risposta definitiva. Mi potete capire, no?

Uscendo, si è ricordata del fiore che aveva riposto nella tasca del soprabito, se l'è lo stretto al petto, per dopo spezzettarlo con la mano, come se quel gesto potesse in qualche modo esprimere la sua delusione per non aver avuto l'opportunità di rivelarci il vero motivo per cui si era recata a casa nostra.

L'idea è nata mentre Inge e io stavamo passeggiando sulla Nordeinde, il giorno in cui l'ho obbligata a comprare un vestito nuovo per la presentazione di un libro brasiliano, tradotto da lei e pubblicato dall'editrice per cui lavora, la Maarten Vrijsman. Inge non compra mai vestiti. Gira vestita come un militante del partito comunista russo o come una contadina impegnata. E' uscita dal negozio tutta contenta, era uno dei più costosi di tutta Aia. L'ho portata lì di proposito. Credevo, infatti, che avesse sicuramente bisogno anche lei di una buona dose di narcisismo.

Stavamo camminando per la Nordeinde, quando ci siamo imbattuti in Emil, che, nonostante il freddo pungente, era lì fermo, in piedi davanti alla porta del suo negozio. Ci ha raccontato che stava pensando di vendere il suo negozio di antiquariato. Ci ha invitato ad entrare a bere un caffè. Gli abbiamo

— Eu sei, eu sei, lá na mansarda. Ricardo, não é? Muito simpático ele dizia enquanto apanhava xícaras num velho armário tão bonito que perguntamos se estava à venda.

— Não, pelo menos por enquanto. É uma das minhas relíquias.

Para que o assunto recaísse no Freek, ele precisou de tempo; nos serviu café, se sentou, cruzou as pernas e enrolou um cigarro. Só depois de acendê-lo é que nos revelou que Freek estava doente, muito doente.

— Mas o que que ele tem? — perguntei ingenuamente, sendo fuzilada pelos olhos acesos de Inge.

Quando ele nos disse, pousei a xícara no meu colo e fiquei uns instantes pasma sem ao menos conseguir gaguejar uma resposta. Inge é quem foi se adiantando.

— Há certos remédios hoje em dia... que se não curam... pelo menos retardam o processo...

— Eu sei. Eu sei — ele respondeu puxando fundo o cigarro.

A porta soou aquela campainha desagradável que na Holanda nos obriga a explicar ao vendedor que entramos tão-somente para olhar os objetos expostos. Uma cliente entrou. Emil se ergueu para atendê-la, enquanto Inge e eu nos entreolhamos em silêncio.

Tomei o resto de café do fundo da xícara. Não tinha propriamente esfriado, mas deixei aquela porção dançar um pouco na boca e só depois de uns segundos a engoli: Para não engolir em seco a morte de Freek. Daqui a uns meses eu não mais o veria. Aquele menino louro de olhos manhosos de gato. Que me chamava de Emily e se ria da minha pronúncia em holandês. Não, eu não móis o verei. Nunca mais. E essa idéia por um momento me fez esquecer que eu estava ali no antiquário com uma xícara na mão, em frente a Inge; que tinha acabado de engolir um bocado de café amargo; que Emil conversava com uma senhora de casaco de peles perto da porta.

Lembrei que Freek queria ir ao Brasil e perguntou se eu nunca tinha apertado a mão de um índio na minha vida. Disse que não. Respondi que a única vez que vira um índio tinha sido na praia.

Eu

domandato di Freek, non senza prima avergli detto che un nostro amico era venuto ad abitare all'ultimo piano dello stesso palazzo.

— Lo so, lo so, sulla mansarda. Si chiama Ricardo, no? Ci stava dicendo che era molto simpatico, mentre prendeva le tazze da un vecchio armadio, che era così bello che gli abbiamo domandato se era in vendita.

— No, per ora no. Si tratta di una delle mie reliquie.

Aveva bisogno di più tempo per cominciare a parlarci di Freek; ci ha servito il caffè, si è seduto, ha incrociato le gambe e si è preparato una sigaretta. Solo dopo averla accesa, ci ha rivelato che Freek era molto malato, molto.

— Ma cos'ha? — ho domandato io ingenuamente, venendo subito fulminata dallo sguardo di Inge.

Quando ci ha rivelato la natura del suo male, ho appoggiato la tazza sul mio grembo, e sono rimasta immobile per alcuni istanti, senza nemmeno riuscire a formulare una frase. E' stata Inge a farsi avanti.

— Oggi giorno ci sono delle cure ... che anche se non riescono a risolvere il problema ... perlomeno possono ritardare il processo ...

— Lo so. Lo so. Ha risposto lui, spegnendo con forza la sigaretta.

Siamo stati interrotti dal campanello della porta, che in Olanda ci obbliga a segnalare al venditore che siamo entrati solo per guardare gli oggetti esposti. Era entrato un cliente. Emil si è alzato per andare a servirlo. Mentre io e Inge rimaniamo a guardarci in silenzio.

tinha ido ao Rio e por acaso vi dois índios no Leblon. Provavelmente em excursão da Funai: Com cocar e tudo. As crianças os cercavam. "Eu teria vontade de cumprimentar um compatriota meu." Sorri. Agora ele morre e nunca vai cumprimentar um índio — esse compatriota meu.

Inge me observa compreendendo, lendo os meus pensamentos. Ela me invade.

Emil volta, a senhora de arminho não comprou nada. Ainda deve a última prestação de um bronze — ele confessa. Tentamos rir para aliviar o peso da notícia da doença de Freek.

Passeio então os olhos pela loja e sem mais nem por que me vem a idéia de ter uma igual àquela. Arrisco a pergunta:

— Emil, nós queremos comprar o antiquário.

— Vocês?

Inge arregala os olhos e me fulmina. É, comprar o negócio. Sei que a loja não é sua, mas eu sempre quis ter um antiquário.

— Inge também, não é Inge? —Ela diz que sim. Ela aceita todos os meus caprichos.

Ho sorseggiato il caffè rimasto nella tazza. Non era diventato completamente freddo, ma l'ho tenuto lo stesso un po' in bocca, per ingoiarlo solo dopo un po' di secondi: non volevo trangugiare di colpo la morte di Freek. Da qui a alcuni mesi non lo avrei più rivisto. Quel ragazzino biondo, con gli occhi furbi, da lince. Che mi chiamava Emily, e che rideva per la mia pronuncia olandese. No, non lo rivedrò più. Mai più. E questo pensiero mi ha fatto dimenticare che mi trovavo in un negozio di antiquariato, con una tazza di caffè in mano, seduta di fronte a Inge; che invece aveva già smesso di ingoiare sorsi di caffè amaro; e che Emil, nel frattempo, stava conversando con una signora che indossava una giacca di pelle vicino alla porta.

Mi è venuto in mente di colpo il desiderio di Freek di andare in Brasile, e di quando mi aveva domandato se avevo mai stretto la mano a un indio. Gli avevo risposto di no. Gli avevo spiegato, che l'unica volta che avevo visto un indio in vita mia era stata in spiaggia. Ero andata a Rio, e per caso avevo visto due indios nel quartiere di Leblon. Probabilmente provenivano da Funai: mi ero fermata a guardarli, mentre erano impegnati a disegnare e decorare i propri volti. Erano subito stati circondati da alcuni bambini. “ Vorrei tanto salutare un mio compatriota. “ Mi aveva sorriso. Ora è in punto di morte e non potrà più salutare un indio – i miei compatrioti.

Inge mi stava osservando, lo so che mi capisce, sa leggermi nel pensiero. Il suo sguardo mi invade.

Emil sta ritornando, la signora con l'ermellino non aveva comprato niente. Deve ancora pagarmi un bronzo – ci rivela Emil. Tentiamo di ridere per alleggerire il peso della malattia di Freek.

Comincio ad osservare il negozio, e, senza neanche sapere il perché, mi balena in testa l'idea di aprirne una uguale. Rischio la domanda:

— Emil, noi vorremo comprare il negozio.

— Chi, voi?

Um gato passa por entre as minhas pernas. Emil o repreende chamando-o. É amarelo e peludo. Pula no colo de Emil, que o acaricia.

— Fernando. A gente o encontrou na Espanha. Em Marbella. Se vocês realmente comprarem a loja ficam com ele também. Sabe? O problema é que todas essas coisas me lembram... Assim, me livro de tudo...

— Mas ele está tão mal assim?

— No hospital. Terminal. Uns três meses. Assim, ele concluiu esfregando as mãos e buscando o tabaco e o papel nos bolsos, eu me livro de tudo e vou morar na Espanha. Não em Marbella, é claro, mas em outro lugar... Em Portugal, quem sabe?

— Vai pro Brasil — Inge sugeriu acendendo o seu cigarro.

— Mas onde?

— Olha, tem uma praia ...

Inge spalanca gli occhi e mi fulmina.

— Sì, vorremmo comprarlo. So che non è di tua proprietà, ma ho sempre desiderato aprire un negozio di antiquariato. Anche Inge, non è vero Inge? – Lei rispose di sì. Tanto dice sempre di sì ai miei capricci.

Un gatto passa tra le mie gambe. Emil lo sgrida, chiamandolo. E' giallino e peloso. Salta in grembo ad Emil, che lo accarezza.

— Fernando. Lo abbiamo trovato in Spagna. A Marbella. Se avete veramente intenzione di acquistare il negozio, dovete prendervi cura anche di lui. Ok? Il problema è che tutto questo mi fa pensare ... In questo modo, mi libererò da tutto ...

— Ma sta così male?

— E' in ospedale. In fase terminale. Ancora tre mesi. Così, ha concluso sfregandosi le mani, e cercando il tabacco e la cartine nelle tasche, vorrà dire che mi libererò di tutto e mi trasferirò in Spagna. Chiaramente non a Marbella, ma da qualche altra parte ... Magari in Portogallo, chi lo sa!

— Vai in Brasile — gli ha suggerito Inge, mentre si accendeva una sigaretta.

— Ma dove?

— Ascolta me, c'è una spiaggia.

Eduardito gosta de comer bem, de pratos finos ou exóticos. Jantamos ontem num restaurante tailandês. A comida estava um pouco apimentada demais para mim. Para dizer a verdade, me contento com o mais simples: uma boa lasanha, um turnedô ao ponto com batatas fritas e pronto. Nada de extravagâncias. Prefiro gastar dinheiro com roupas boas. Dura mais. Eduardito não; aprecia bons vinhos, faz questão de escolhê-los com vagar e deleite.

A uma certa altura do jantar, pergunto-lhe o porquê dos óculos escuros àquela hora da noite. "*Hay que contarte una cosa...*", ele me confessa pressionando o aro de tartaruga. Teve uma experiência horrível em Amsterdam no fim de semana passado. Fora a um jantar na casa de um pintor chileno e depois, para esticar, resolveu ir a uma sauna a fim de, segundo ele, transpirar todo o álcool ingerido durante a noite. O recepcionista não permitiu que entrasse naquele estado. Contrariado, Eduardito se dirigiu a um outro estabelecimento semelhante apenas quanto aos serviços de banho que oferecia. Fica perto da Estação Central. Nunca estive lá, mas ouvi falar: trata-se de uma sauna de michês. Logo que entrou, Eduardito se sentou junto ao bar. O garoto que servia perguntou-lhe então com qual dos rapazes ele gostaria de passar alguns momentos relaxastes aquela noite. Meu amigo respondeu: "Com você." Pelo que ele me descreveu, o garçom era realmente bonito. Mas nada burro, porque não hesitou em servir ambos de champanhe.

Entraram então num compartimento onde havia uma banheira. O garoto masturbou Eduardito, que adormeceu dentro da água quente com espuma. Foi despertado não sabe quanto tempo mais tarde. Ao pagar, ele se deu conta de que só dispunha de uma nota de mil florins. O recepcionista alegou não ter troco, e meu amigo se viu obrigado a pinçar seu cartão de crédito da carteira.

A Eduardito piace mangiare bene, piatti raffinati o esotici. Ieri abbiamo cenato in un ristorante thailandese. Ci mettono troppo pepe per i miei gusti. Io amo le cose semplici: una lasagna, un filetto ben cotto con patate fritte e sono apposto. Niente di stravagante. Preferisco spendere i soldi in bei vestiti. Durano di più. Eduardito no; ama il vino buono, lo sceglie con scrupolo, e non senza provare un certo piacere.

A un certo punto, gli domando perché porta degli occhiali scuri a quell'ora di sera. "*Hay que contarte una cosa...*" mi confessa, mentre si tocca la montatura di tartaruga. Era finito dentro ad un'avventura orribile lo scorso fine settimana ad Amsterdam. Era andato a cena a casa di un pittore cileno e, per prolungare la serata, aveva deciso di recarsi a fare una sauna, con la speranza di riuscire ad espellere tutto l'alcool che aveva immagazzinato durante la notte. Il ragazzo della reception, però, non gli ha permesso di entrare in quelle condizioni. Eduardito, molto contrariato dalla cosa, si è diretto verso un altro stabilimento abbastanza simile all'altro per i servizi che offriva. Si trovava vicino alla Stazione Centrale. Non ci sono mai stato, ma ne ho già sentito parlare: si tratta di una sauna per gay. Appena entrato, Eduardito si è subito seduto vicino al bancone. Il ragazzo che serviva gli ha domandato con quale dei due ragazzi avrebbe preferito passare quella notte. Il mio amico gli ha risposto: "Con te". Da comeme lo ha descritto, il ragazzo doveva essere veramente bello. Non era neanche uno stolto, perché non aveva esitato a servire dello champagne a tutti e due.

Sono quindi entrati in una stanza dove c'era una vasca idromassaggio. Il ragazzo ha cominciato a masturbare Eduardito, che si è addormentato nell'acqua calda piena di schiuma. Non si è reso conto di quanto tempo dopo sono venuti a svegliarlo. Solo quando si è recato a pagare, si è accorto di essere in possesso solo di una banconota da mille fiorini. Il ragazzo della reception gli ha detto di non poterglielo cambiare, e a quel punto il mio amico non aveva altra soluzione che tirare fuori dal portafoglio la carta di credito. E' successo che, ancora preso dai fumi dell'alcool, ha cominciato ad agitare la banconota con la tipica veemenza latina, insistendo con il ragazzo perché gli cambiasse i

Acontece que na sua bebedeira, ele como que brandira a nota com certa veemência latina, insistindo em que o garçom lhe trocasse aquele montante. Não percebeu, no entanto, que ao descer as escadas estava sendo seguido. Tinha pedido um táxi — imagine — para chegar à Estação Central, que dista dois quarteirões dali. Surgiu então um garoto com aparência árabe que lhe pediu carona. Eduardito caiu na imensa besteira de aceitá-lo dentro do carro. Evidentemente ele cochilou e só foi acordar num subúrbio de Amsterdam. O árabe lhe desferiu daí uns três murros no rosto exigindo: "Give me your money, give your money". Eduardito entregou-lhe a carteira e mais o relógio, enquanto caía para fora do veículo, já com a velocidade reduzida. Demorou bem uma meia hora até conseguir carona de volta para a Haia. Um negro americano levou-o primeiro até a policia onde ele, incredulamente latino, apresentou queixa.

Em casa ele tem a coragem de tirar os óculos, e assisto estupefato á transmutação em seu rosto: os olhos roxos, inchados.

"Eduardito, não adianta você tentar ser igual a mim. Eu me atiro no mundo e sei voltar ileso. Você não."

25

Irene me telefona tarde da noite para dizer que finalmente aceita nossa proposta. Jogávamos cartas, Emília e eu. Quando lhe dei a notícia, ela em vez de demonstrar alegria, jogou uma carta sobre a mesa e disse:

"Você não achou estranha a atitude de Irene naquele dia?"

soldi. Non aveva notato di essere stato seguito da qualcuno, mentre scendeva le scale. Aveva chiamato un taxi – immaginando – che lo avrebbe portato alla Stazione Centrale, distante quattro quartieri da lì. E' arrivato allora un ragazzo dai lineamenti arabi a domandargli un passaggio. Eduardito ha commesso il grande errore di dirgli di sì. E' finito per appisolarsi, e, appena svegliato, si è ritrovato in un sobborgo di Amsterdam. Allora l'arabo gli ha sferrato tre pugni in faccia, intimandogli: “ Dammi i soldi, dammi tutti i soldi che hai “. Eduardito gli ha consegnato il portafoglio e anche l'orologio, mentre veniva spinto fuori dall'auto, che stava avanzando a velocità ridotta. E' passata una mezz'ora prima che riuscisse a trovare un passaggio per tornare ad Aia. Un afro americano lo ha accompagnato subito dalla polizia, dove lui, ancora sotto shock, ha presentato una denuncia.

Solo a casa ha trovato il coraggio di togliersi gli occhiali. Sono rimasto di stucco nel vedere il suo viso trasformato: gli occhi rossi, gonfi.

“Eduardito, non devi provare a diventare come me a tutti i costi. Io mi butto nella mischia, ma riesco sempre ad uscirne illeso, Tu no.“

25

Ricevo una telefonata di Irene a tarda notte, che finalmente mi informa di aver deciso di accettare la nostra proposta. Io e Emília stavamo giocando a carte. Quando le ho dato la notizia, invece di mostrarsi allegra, ha giocato una carta sul tavolo, dicendo:

“Ma tu non hai trovato strano il suo comportamento quel giorno?”

Respondi-lhe que estranha não seria propriamente um adjetivo adequado, porém triste, entristecida. Emília acrescentou que ela devia ocultar um segredo. Argumentei então que Irene e eu éramos amigas de tão longa data que não podia crer que ela fosse capaz de me ocultar um problema, ainda que fosse da maior gravidade.

Fomos nos deitar com suspeitas. Ao me acomodar na cama, me lembrei do padreco. Há muito não o via. Evito perguntar notícias suas a Emília, que pode interpretar erroneamente essa curiosidade passageira. Sim, porque passados alguns momentos de inquisição interior sobre o seu paradeiro (os padres muitas vezes viajam, vão a paróquias distantes, mesmo a países longínquos como missionários — não me falou ele uma vez de sua curiosidade em conhecer o Brasil?), sua imagem se apaga da minha mente, me deixando livre para me ocupar de assuntos mais importantes, como nosso antiquário, que resolvemos registrar com o nome de Aux Chats de l'Antiquaire.

No entanto, nessa noite de inverno penso nele. Penso na sua ausência nem um pouco lamentada — devo confessar. Acomodo-me sob os cobertores, corno que para me proteger de uma futura catástrofe. Da catástrofe de ver Milinha me abandonar por causa dele, de deixar esta casa de uma vez por todas.

Cordélia passa na portinhola acompanhada de Rasputin e Dorotéia e vêm se aninhar na minha cama. Ah, seus pêlos ma-cios e seus ruídos pedindo mãos para os afagarem. Agora estou pronta para cair no sono, senão continuo a pensar na desapareição do padreco. Será que eles estão tramando alguma coisa contra mim? Não deixo de perguntar aos gatos à minha volta.

Sopra um vento forte lá fora.

Ergo-me na cama, os gatos pulam para fora, me dirijo mansa para a porta. Nunca nunca ousei me aproximar do quarto dela à noite. Por que então a hospedei um dia aqui? Por que não procurei sempre mulheres do tipo Lila? Vivemos juntas nove anos. Fomos felizes? Às vezes. Talvez a maioria dos dias e das noites. Fui eu que rompi, e ela sofreu o suficiente para fazer uma viagem à Índia e à

Le ho risposto che strano non mi sembrava l'aggettivo appropriato, ma bensì triste, malinconico. Emília ha aggiunto che, secondo lei, stava custodendo un segreto. Allora ho ribattuto che io e Irene eravamo amiche di vecchia data, e che non riuscivo a credere che sarebbe stata capace di nascondermi un problema, anche se fosse stato molto grave.

Siamo andate a dormire piene di dubbi. Mettendomi a letto, mi è venuto in mente il pretonzolo. Non lo vedo da molto. Evito di fare domande ad Emília, che potrebbe fraintendere la mia curiosità. Sì, dopo alcuni momenti di illazioni interiori sul suo pretonzolo (i preti sono spesso in viaggio verso parrocchie distanti, vanno anche in paesi confinanti come missionari – non mi aveva forse detto una volta che sarebbe voluto andare in Brasile?), la sua faccia comincia ad allontanarsi dalla mia testa, per lasciare spazio a questioni più importanti, come il nostro negozio d'antiquariato che abbiamo deciso di chiamare Aux Chats de l'Antiquaire.

Nel frattempo, in questa notte invernale, penso a lui. Penso al fatto che è già da un po' che non lo vedo, ma devo dire che questo non mi reca proprio alcun dispiacere. Mi rannicchio sotto le coperte, come a proteggermi da una catastrofe imminente. Dover vedere Milinha che mi abbandona per lui, vederla lasciare questa casa una volta per tutte.

Cordélia, che fa il suo ingresso attraverso la gabbiola insieme a Rasputin e Dorotéia, viene ad accoccolarsi sul mio letto. Ah il suo pelo maculato, lei che fa le fusa prendendomi la mano per farsi accarezzare. Sento che sto per addormentarmi, sennò continuerei sicuramente a pensare alla sparizione del pretonzolo. E se invece stessero architettando qualcosa contro di me? Non riesco a fare a meno di domandarlo ai gatti.

Lì fuori soffia forte il vento.

Mi alzo dal letto, i gatti scappano via e io mi dirigo silenziosa verso la porta. Di notte non ho mai osato avvicinarmi alla sua camera. Perché avevo deciso di ospitarla quel giorno? Perché non ho cercato sempre delle ragazze come Lila? Abbiamo vissuto insieme per ben nove anni. Siamo state felici? A volte. Forse sì per la maggior parte dei giorni e delle notti. Sono stata io a rompere con lei

Indonésia, onde conheceu o marido. Hoje vem me ver duas vezes por ano para tomar café no inverno ou para me trazer framboesas no verão.

Toco a porta dela. Não, não posso entrar. Se ela descobrir, vai-se embora para sempre daqui. Foi essa a condição tácita que se estabeleceu entre nós. E se o padrego estiver aí dentro? Ele bem pode ter entrado pelos fundos, por meio de um estratagema qualquer dos dois, como nessas novelas pícaras. Espero um pouco. De repente me enxergo a mim mesma neste limiar de porta, em camisola e de chinelas e considero minha figura inteiramente ridícula. Uma velha como eu... Cordélia se me enrosca nos tornozelos. Felizmente sem emitir ruído.

Empurro então levemente a porta. Vou entrando devagar. Ouço sua respiração e entrevejo seu corpo inerte entre os lençóis. Se eu pudesse pelo menos tocá-la. Um toque que fosse. Não, eu ia querer mais, ia querer outras carícias. Estaco por fim ao pé da cama de Emília. Não sei o que fazer. Volto para o meu quarto. Satisfiz o desejo estúpido de vê-la dormindo. Preparo-me para sair, ergo o peito, movo os braços e as pernas para dar meia volta quando eis que Cordélia salta em cima da cama de Emília.

"Vai dormir, Inge", foi o som oco que escutei.

A luz do abajur foi pior do que o sol de verão depois que saímos do cinema.

e lei ci ha sofferto abbastanza da decidere di intraprendere un viaggio in India e in Indonesia, dove ha conosciuto suo marito. Viene ancora a trovarmi due volte all'anno per bere un caffè in inverno e per portarmi le fragole in estate.

Appoggio la mano sulla sua porta. No, non posso entrare. Se dovesse scoprirmi, mi abbandonerebbe per sempre. E' sempre stata una condizione tacita tra noi. E se il pretonzolo fosse là dentro? Potrebbe essersi infiltrato dal fondo, per mezzo di un ingegnoso stratagemma, come in quelle novelle di bricconi. Aspetto un po'. Di colpo mi intravedo lì sul limitare della porta, in vestaglia e pantofole e capisco di essere completamente ridicola. Vecchia come sono... Cordélia si striscia sulle mie caviglie. Per fortuna non emette alcun suono.

Apro piano la porta. Provo ad entrare senza far rumore. La sento respirare, mentre intravedo il suo corpo inerte tra le lenzuola. Se almeno potessi toccarla. Appena toccarla. No, io vorrei di più, vorrei le carezze. Mi fermo davanti al letto di Emília. Non so che fare. Ritorno in camera mia. Ho già soddisfatto lo stupido desiderio di vederla dormire. Stavo per uscire dalla camera, mi sono raddrizzata, ho mosso i piedi per andarmene, quando ho sentito Cordélia saltare in cima al letto di Emília.

“Vai a dormire, Inge”, ha detto Emília.

La luce dell'abatjour sembrava più accecante di quella della luce estiva appena usciti dal cinema.

Todas as peças sacras que comprei em Minas ficaram retidas na alfândega. As taxas para retirá-las são altíssimas. Além disso, o mobiliário e todo o resto que Emil nos legou parece perdidamente encalhado. No verão as pessoas estão no sul, em férias, e a cidade fica aplastada de sol e monotonia. O aluguel é caro, para não mencionar os impostos para esse tipo de negócio de luxo.

Rique passa aqui de vez em quando para tornar um café, o que nos alivia um pouco do tédio que paira sufocante.

Inge não suporta o calor e só sabe se lastimar o dia inteiro. Traz os gatos para distraí-la na loja, o que às vezes chama a atenção de alguma velha aposentada, cujos filhos a abandonaram para viajar sem incômodo à Espanha, que entra e brinca com um deles.

Andamos meio afastadas uma da outra depois que a surpreendi em meu quarto. Aquela noite quase soltei um grito quando a vi ao pé da minha cama como uma assombração, de camisola e sob o influxo da luz do abajur. Pálida com os olhos como que aterrorizados. "Vai dormir, Inge", me limitei a dizer. E ela meio encurvada saiu sem dizer coisa alguma. Custei eu então a pegar no sono. Inge persiste em sua obsessão. Mas por que não vou me embora? era a pergunta que me espicou durante toda a noite.

Soubemos semana passada da morte de Freek por uma carta de Emil postada de Marbella. Ele ficou com Freek no hospital em Amsterdam até escutar o pedido do amigo: não queria morrer entre soros e cheiro de éter, mas perto do mar. Do mar que tinham compartilhado. Emil levou-o daí para a Espanha. De cadeira de rodas ele contemplou o Mediterrâneo. Como aquele personagem de Proust, Balthasar Sylvande, que pediu para morrer olhando o mar. De qualquer maneira ficamos muito abalados, os três. Rique lembrou que Freek tinha o ar de um pequeno demônio.

Tutti i pezzi sacri che avevo acquistato a Minas erano stati trattiene alla dogana. Per poterli ritirare bisogna pagare una cifra molto alta. Oltre a questo, il mobilio e tutto quello che Emil ci aveva lasciato, sembrava essersi perduto arenato. D'estate la gente va in vacanza verso sud, e la città appare affaticata dal sole e dalla monotonia. L'affitto è salato, senza menzionare le imposte che bisogna pagare per questo tipo di negozio di lusso.

Rique passa a trovarci ogni tanto e si ferma a bere un caffè, alleviandoci così un po' dal tedio, che ormai sta risultando soffocante.

Inge non sopporta il caldo e riesce ad andare avanti a lamentarsi per tutto il giorno. Si porta sempre dietro i gatti per avere una distrazione in negozio, i quali, a volte, attirano anche l'attenzione di qualche vecchia pensionata abbandonata dai figli già in vacanza in Spagna, e che entra per giocare con loro, mossa dalla solitudine.

Ci eravamo allontanate da quando l'avevo sorpresa in camera mia. Mi era quasi sfuggito un grido quella notte, quando l'ho vista lì davanti al mio letto, come se fosse un'apparizione in camicia, illuminata solo dalla luce dell'abat-jour. Pallida come i suoi occhi atterriti. "Vai a dormire, Inge", mi ero limitata a dire. E lei era uscita dalla camera mezza incurvata, senza dire niente. Ho fatto fatica a riaddormentarmi quella notte. Inge continua ad essere ossessionata. Perché non me ne sono ancora andata? Questa domanda mi ha torturato per tutta la notte.

La scorsa settimana siamo venute a conoscenza della morte di Freek tramite una lettera di Emil, spedita da Marbella. E' sempre rimasto con Freek nell'ospedale di Amsterdam, finché questi non ha avanzato l'ultima richiesta: non voleva morire tra i sieri e l'odore di etere, ma vicino al mare. Vicino allo stesso mare che avevano condiviso. Emil lo ha quindi portato in Spagna. Così ha potuto contemplare il mare ancora una volta dalla sua sedia a rotelle. Come quel personaggio di Proust,

Flor de Lis, a empregada de Eduardito, me diz que ele ainda está dormindo às duas horas da tarde num sábado ensolarado. Entro mesmo assim, forçando certa indignação com a preguiça do amigo. Flor de Lis ri diminuindo mais seus olhos de indonésia e me deixa à vontade na sala enquanto sobe para despertar o patrão. Ele desce se espreguiçando com seu caudaloso chambre chinês de seda branca, forrado de vermelho. Reclama que interrompi seus sonhos com o inglês que ele conheceu há três sema-nas e me convida para acompanhá-lo no desayuno no jardim. Aceito um café preto em xícara grande de Flor de Lis (Eduardito empregou-a somente por causa do nome poético, que recebeu de sua mãe, originária de Timor. Depois chegou à dura constatação acerca da incompatibilidade entre poesia e vida prática, pois Flor de Lis se revelou uma verdadeira nulidade tanto na cozinha como na habilidade em passar a roupa). Eduardito se farta com suco de laranja, café com leite, torradas, pãezinhos e geléias, à medida que me conta como conheceu Martin, o inglês, numa tarde de domingo cinzenta e úmida, como um pano de chão (a comparação é dele) no Stairs. Ele tinha ido rever Julieta dos Espíritos na cinemateca, estava apenas com alguns florins no bolso, mas mesmo assim resolveu dar um pulo no bar para os últimos chopos.

Martin estava lá bêbado e triste. Eduardito ofereceu-lhe uma cerveja. Ele disse-lhe que tinha perdido duas coisas naquele dia: o emprego e o caso. Era crupiê. Crupiê de cassinos ilegais. Eduardito então se apaixonou: um crupiê de cassinos ilegais satisfazia plenamente suas cavalgadas oníricas. Imediatamen-te se imaginou ao lado dele num lugar escuso, onde a ansiedade de ganhar no jogo convive com a angústia da súbita aparição da polícia.

Balthasar Sylvande, che ha chiesto di morire di fronte al mare. Siamo rimasti tutti e tre turbati. Rique ha ricordato come Freek avesse sempre avuto l'aria di un piccolo demonio.

27

La domestica di Eduardito, Flor de Lis, mi informa che questi stava ancora dormendo alle due di pomeriggio di quel sabato soleggiato. Entro lo stesso, sforzandomi, non senza provare una certa indignazione per la pigrizia del mio amico. Flor de Lis ride, rimpicciolendo così ancora di più i suoi occhi da indonesiana, e mi lascia accomodare in salotto, mentre lei sale per andare a svegliare il padrone di casa. Eduardito scende le scale, stiracchiandosi nella sua voluminosa vestaglia cinese di seta bianca foderata di rosso. Mi rimprovera per aver interrotto il suo sogno con un inglese, che aveva conosciuto tre settimane fa, e mi invita a prendere parte al suo brunch in giardino. Accetto volentieri un caffè in tazza grande, servitomi da Flora de Lis (Eduardito l'ha assunta solamente per il nome poetico, che aveva ereditato dalla madre, originaria di Timor. Dopo, però, aveva dovuto fare i conti con l'intrinseca incompatibilità tra la poesia e la vita reale, dal momento che Flor de Lis si era rivelata essere un vero disastro in cucina come nel lavare i vestiti). Eduardito si ciba di succo d'arancia, caffè-latte, pane tostato, pane e gelatina, mentre mi racconta di come ha conosciuto Martin, l'inglese, una domenica sera grigia e umida come uno straccio per i pavimenti (paragone azzardato da lui stesso) nello Stairs. Era andato a rivedere *Juilieta dos Espíritos* alla cineteca, aveva pochi fiorini in tasca, ma aveva comunque deciso di fare una tappa al bar a bere le ultime birre.

Martin era lì, ubriaco e triste. Eduardito gli ha offerto una birra. Lui gli ha confidato allora di aver perso due cose quel giorno: il lavoro e la fortuna. Faceva il croupier. Il croupier nei casinò clandestini. Eduardito ha perso subito la testa: un croupier di casinò clandestini poteva pienamente soddisfare le sue cavalcate oniriche. Si è subito immaginato insieme a lui in un posto occulto, dove l'angoscia di vincere al gioco si mescolava perfettamente con la paura per l'arrivo della polizia.

— E vocês treparam? — a minha objetividade costumeira não pôde deixar de perguntar.

— Não. Ainda não — Eduardito responde abaixando a cabeça e bebericando seu café, agora puro, sem creme, como o meu.

— E como é que você pode estar apaixonado, Eduardo?

Ele explode num riso encabulado, bate na minha coxa, revira os olhos esverdeados para cima e, como que se dando conta da luminosidade do dia, do azul do céu e da brisa que levemente toca as árvores do jardim, me propõe:

— Vamos à praia?

— Mas é pra isso que eu vim te acordar.

Tomamos o bonde para Scheveningen, e eu me lembro, enquanto entramos bosque adentro, do ano passado quando começamos a sair juntos e que havíamos combinado nos encontrar em Zandvoort, uma praia badalada, perto de Amsterdam. Por um desencontro que não posso precisar, Eduardito tinha dormido em Amsterdam e eu ficara na Haia. Peguei então o trem, tarde já, por volta do meio-dia. Estava acostumado a ir a Zandvoort, mas não sei por que, talvez por ainda pensar em jap, fiz a baldeação errada e fui parar em Haarlem. Fazia um calor insuportável. O trem para Zandvoort não é muito regular e tive de esperar uma meia hora naquela estação. Sentado no banco reparei em alguém do outro lado da plataforma que acenava para mim. Apertei os olhos e então me dei conta de que era uma garçonete de papelão que indicava o cardápio do dia e a entrada do restaurante ao lado. O vento morno

— Você precisa fazer um tratamento psiquiátrico — me diz Eduardito.

— Você é que precisa. Se apaixonando por um cara que nem conhece só porque é crupiê. E de cassinos ilegais, ainda por cima.

— Ed avete concluso? — non può fare a meno di chiedere il mio immancabile lato pragmatico.

— No. Ancora no. — risponde Eduardito abbassando la testa per bere il suo caffè ora puro, senza latte, come il mio.

— E come puoi già aver perso la testa allora, Eduardo?

Esplode in una risata sonora, mi batte sulla coscia, punta gli occhi verdi verso l'alto e, come rendendosi conto solo ora della luce del giorno, del cielo azzurro e della brezza che tocca delicatamente gli alberi del giardino, mi propone:

— Andiamo in spiaggia?

— Ma è proprio per questo motivo che sono venuto a svegliarti.

Prendiamo il tram che porta a Scheveningen e allora mi viene in mente, mentre stiamo entrando nel bosco, di quando avevamo cominciato ad uscire insieme l'anno prima, di quando ci eravamo messi d'accordo per incontrarci a Zandvoort, una spiaggia famosa, vicina ad Amsterdam. Per un equivoco che non posso spiegare ora, Eduardito aveva dormito ad Amsterdam, io invece ad Aia. Così avevo preso il treno, quando era già tardi, verso mezzogiorno. Ero abituato ad andare a Zandvoort, ma non so come mai, forse stavo pensando a Jap in quel momento, avevo sbagliato la fermata ed ero finito per fermarmi a Harleem. C'era un caldo insopportabile. Non passano molti treni per Zandvoort, così ho dovuto aspettare ben mezz'ora in quella stazione. Ero seduto su una panchina, e a un certo punto mi ero accorto che qualcuno mi stava chiamando dall'altro lato della piattaforma. Il vento tiepido accarezzava quella figura che sembrava mi stesse salutando. Che strano, ma ci sono solo io su questa piattaforma, circondato da questo caldo soffocante, a guardare quell'annuncio in movimento, che aveva un che di angoscioso. Il treno sembrava non arrivare più, e le ore non davano cenno di passare.

— Tu hai bisogno di una seduta psichiatrica — mi dice Eduardito.

Uma semana depois Eduardito me conta pelo telefone que o seu "caso" com o inglês aguara. Ele o encontrou numa boate na Haia, ficou aos beijos com o crupiê num canto e quando ia comprar-lhe uma cerveja, sentiu um dedo nas suas costas: era um cara louro, todo vestido de couro, com uma tatuagem no braço esquerdo.

"That's my boyfriend. If you kiss him again I'll smash your face", Eduardito escutou do bofe, mirou a saída, fez uma reta e deu o fora da boate.

— Você já pensou a minha carita roxa de novo?

28

Depois do enterro de Irene, Bart me confessou que deixara a batina. Bem que notei seu traje pouco apropriado à cerimônia. Estava com uma camisa clara e jeans. A verdade é que não era seu costume vir à nossa casa com aquela camisa de gola de barbatana, mas sem desconfiar de nada, considerei que deveria ter-se vestido mais sobriamente para a ocasião. Fiquei pasma, a custo segurei a alça da xícara de café e fixei o tapete. Os arabescos se embaralharam como num caleidoscópio. Eles então iam se casar. Era o fim.

— Que foi, Inge? — Emília me perguntou tocando no meu braço.

— Nada. Pensando em Irene. Se lembra de quando ela tentou nos contar alguma coisa naquele dia? Lembra que eu até comentei com você?

— Sei tu che ne hai bisogno, invece. Ti sei invaghito di un tipo che manco conosci solo perché fa il croupier. E nei casinò illegali per giunta.

Una settimana dopo, Eduardito mi ha raccontato di come fosse già naufragata la sua storia con il croupier. Lo aveva incontrato su una barca ad Aia, si stavano baciando in un angolo, quando l'inglese a un certo punto si era allontanato per andare a prendergli una birra. Di colpo ha sentito un dito battergli sulle spalle: era un tipo biondo, tutto vestito di pelle, con un tatuaggio sul braccio sinistro.

“That's my boyfriend. If you kiss him again I'll smash your face “, Eduardito era rimasto di stucco, aveva guardato verso l'uscita per poi lanciarsi una corsa e scappare fuori dalla barca.

— Stavi già ripensando alla mia faccia tumefatta?

28

Dopo aver sepolto Irene, Bart mi ha confessato che avrebbe lasciato la sua carriera di prete. Avevo già notato che i suoi vestiti erano poco adeguati per una cerimonia. Indossava una camicia chiara ed un paio di jeans. Non lo avevo mai visto entrare in casa nostra con una camicia con il colletto di seta, ma non avevo sospettato nulla, avevo solo pensato che avrebbe dovuto essersi vestito in modo più consono per quell'occasione. Sono rimasta a bocca aperta, a fatica non mi sono lasciata cadere la tazza di caffè dalle mani, ho guardato fisso il tappeto. Gli arabeschi si mescolavano come in un caleidoscopio. Si sarebbero sposati. Era giunta la fine.

— Cosa c'è, Inge? — mi ha domandato Emilia, toccandomi il braccio.

Emília fez que sim com a cabeça e disse que Irene devia ter sabido da doença há poucos dias. Talvez há muito tempo — eu retruquei sem deixar de olhar Bart de soslaio —, e só naquela tarde tivesse juntado forças para nos revelar o seu grande segredo.

— Foi câncer, não foi? O enxerido do Bart interrompeu nosso diálogo.

— Foi, foi. Começou no colo do útero e depois se espalhou pelo corpo inteiro, expliquei meio entredentes, como se pormenorizando a doença de Irene, eu me vingasse dele. E expliquei como o câncer se ramificara por todos os órgãos de minha amiga, enquanto me deliciava com o rosto contraído de Bart. Pensei mais tarde, cá comigo, que imaginava uma sublimação dos sacerdotes para os detalhes da miséria humana. Mas não; Bart demonstrou uma expressão de repulsa tão evidente que, por um momento, imaginei-o nauseado e vomitando.

Emília então se ergueu. Disse que faria outro café. Eu acei-tei mas Bart fez um gesto negativo com a mão. Pediu um licor.

— E Rique? — ele perguntou antes que Emília ou eu disséssemos "pois não" ou fizéssemos qualquer gesto para apanhar a garrafa.

— Foi para a Grécia com uns amigos — nós respondemos quase em coro.

— Para a Grécia? — ele fez com espanto. — Puxa! mas está cara a Grécia hoje em dia. Por que ele não foi para a Tunísia? Uma vez eu comprei um pacote baratinho para lá.

Servi Bart de Cointreau. Emília preparava o café.

— Nulla. Stavo pensando ad Irene. Ti ricordi di come sembrava volesse confidarci qualcosa quel giorno? Ti ricordi che ne avevamo parlato dopo?

Emília ha annuito con la testa, asserendo che secondo lei doveva aver saputo di essere malata da pochi giorni. – Forse lo sapeva già da tempo – ho ribattuto io, senza smettere di guardare Bart con la coda dell’occhio -, e solo quella sera si era decisa a prendere coraggio e a rivelarci il suo grande segreto.

— E’ morta di cancro, vero? — l’intrusione di Bart interrompe il nostro dialogo.

— Sì, sì. E’ nato nel collo dell’utero, per poi espandersi in tutto il corpo, ho esplicito io stringendo i denti, come se illustrare la malattia di Irene nei dettagli, mi potesse liberare dalla presenza di lui. Ho continuato spiegandogli di come il cancro si fosse ramificato in tutti gli organi della mia amica, mentre mi deliziavo alla vista del suo volto contratto. Più tardi ho pensato, tra me e me, a come si fosse immaginato una sublimazione dei sacerdoti rispetto alla miseria umana. Ma non era così; Bart ha sfoggiato apertamente un’espressione di repulsione che, per un momento, me lo sono immaginato nauseato a vomitare.

Emília si è alzata. Vuole preparare dell’altro caffè. Io ho annuito, ma Bart ha fatto un gesto negativo con la mano. Le ha domandato invece un liquore.

— E Rique? — ha chiesto lui prima che Emília o io potessimo dire “ ma no” , o facessimo qualunque mossa per prendere la caraffa.

— E’ andato in Grecia con alcuni amici – rispondiamo noi quasi in coro.

— In Grecia? — ha ripetuto lui sorpreso. — Cavolo! Oggigiorno è molto caro come posto. Perché non è andato in Tunisia? Una volta avevo comprato un pacchetto vacanza molto economico.

Ho versato del Cointreau a Bart. Emília era andata a preparare il caffè.

— Quando é que vocês se casam?

Bart, que tinha virado o licor de um só gole, me olhou fixamente com seus olhos azuis e aquosos. Emília estacou no meio da sala com o bule de café.

— Nós nem pensamos nisto, além do mais... — balbuciou o ex-padreco.

— Inge! Onde é que você está com a cabeça?

Confessei então minhas suspeitas. De que me abandonariam para sempre. Exagerei um pouco, é certo, mas eu tinha que provocar uma explicação sincera de Emília. Naquele momento criei forças para estar preparada para qualquer abalo.

— Nós temos um negócio juntas, Inge! Como é que eu posso te abandonar! Além disso, não tenho o menor interesse em voltar para o Brasil...

— Eu não tenho interesse algum... — Bart afirmou com um sotaque mais forte que o habitual.

— Allora quando vi sposate?

Bart, che aveva bevuto il liquore tutto in un sorso, mi ha fissata di colpo con i suoi occhi azzurri e acquosi. Emília si è fermata nel bel mezzo del salotto con la cuccuma di caffè in mano.

— Non ci stiamo pensando, ancora ... - ha balbettato l'ex-pretonzolo.

— Inge! Ma cosa stai dicendo ora ?

E così avevo confessato i miei timori. Avevo paura che mi avrebbero abbandonata per sempre. Ho un po' esagerato, è vero, ma volevo provocare una reazione sincera di Emília. In quel momento ho cercato tutta la forza possibile dentro di me per risultare preparata a qualunque notizia.

— Io e te abbiamo un'attività insieme, Inge! Come potrei abbandonarti! Ma oltre a questo, non ho la minima intenzione di ritornare in Brasile ...

— Io non ho alcun interesse ... — ha affermato Bart con tono più deciso rispetto al solito.

Respondi então que tinha me demitido da editora para me dedicar exclusivamente ao antiquário e que não poderia suportá-lo sozinha nos ombros. Bart bate as duas palmas largas com ruído. Emília solta um suspiro e não desmente os meus temores.

— E a Condessa? — ela finalmente parte o silêncio provocado pelo meu desabafo, como que para mudar de assunto. Respondo que reagi mal, tentando instigar o Professor a não aceitar a minha demissão. Estava de malas prontas para passar um fim de semana em Paris. Soprou-me num canto da editora, quando ficamos sozinhas, que iria com o amante, um escritor holandês.

"Mas rico, filha, rico. Não como esses miseráveis amigos do Maarten... Rico... Escreve sobre... coisas assim... sobrenaturais, sabes?"

Tinha ordenado à empregada, uma surinanesa, que lhe preparasse sanduichinhos para levar no carro.

— Uma piada essa condessa. Ainda bem que você se livrou dela — Emília disse enquanto eu me levantava, não sem antes deixar de observar a expressão apalermada de Bart, naturalmente por eu ter descoberto o plano dos dois, e ouvir o chamado de Emília para saírem.

Caminho então para a janela, de onde contemplo o meu jardim. Olho a tarde de verão que cai e penso em Irene sob a terra. Dos seus olhos e nariz brotarão violetas, da boca rosas e dos ouvidos hortências. Imagino um canteiro dessas flores no meu jardim, como se Irene estivesse enterrada ali: eu colheria um ramo todos os anos no mês de abril e o poria no vaso de porcelana da sala; e o perfume que elas exalariam me recordaria a minha amiga Irene e a sua doçura. Ela sempre viveu solitária. Tantos anos convivemos e não sei se amou alguém. Falava com frequência do pai, um holandês de barbas louras, a fumar cachimbo pelas suas plantações de café em Java e da cozinha apimentada de sua mãe indonésia. Não, acho que da sepultura de Irene só nascerão violetas e musgos. Solitários como ela. Vice-jando em lugares úmidos e escuros.

Allora ho aggiunto che mi ero dimessa dal lavoro all'editoria solo per occuparmi del negozio di antiquariato, e che non avrei potuto sopportare tutto sulle mie spalle. Bart ha battuto forte i palmi delle mani. Emília si è lasciata andare a un sospiro, che di certo non ha smentito miei dubbi.

— E la Contessa? — Emília ha rotto così il silenzio, causato dal mio sfogo, tentando di cambiare discorso. Ho risposto che non l'aveva presa tanto bene, e che aveva tentato di istigare il Professore a non accettare le mie dimissioni. Aveva già le valigie pronte per passare un fine settimana a Parigi. Mi aveva sussurrato in un angolo dell'editoria, quando eravamo rimaste sole, che ci sarebbe andata con l'amante, uno scrittore olandese.

“E' ricco, figlia mia, molto ricco. Non come quegli amici poveracci di Maarten ... Ricco ... Scrive di ... cose come ... sovranaturali, capito?”

Aveva ordinato alla domestica, una surinamense, di prepararle un panino da portare in macchina.

— Sembra una barzelletta questa contessa. Meno male che te ne sei liberata – ha affermato Emília, mentre mi stavo alzando, non senza essermi prima soffermata sull'espressione atterrita di Bart, visto che avevo già smascherato i loro piani, e non senza sentire l'invito di Emília ad andarsene .

Vado verso la finestra, da dove posso guardare il mio giardino. Guardo scendere la sera in quella giornata estiva, e penso ad Irene già sotto terra. Dai suoi occhi e dalla sue narici sbocceranno violette, dalla bocca le rose e dalle orecchie le ortensie. Immagino questi fiori piantati in un angolo del mio giardino, come se Irene fosse stata sotterrata proprio lì: andrei a raccogliere un ramo tutti gli anni nel mese di aprile e lo metterei nel vaso di porcellana in salotto; il profumo esalato mi avrebbe sempre fatto pensare alla mia amica Irene, e alla sua gentilezza e dolcezza. E' sempre stata da sola. Abbiamo convissuto tanti anni, ma non ho mai saputo se le fosse capitato di innamorarsi. Parlava spesso del padre, un olandese dalla barba chiara, che fumava la pipa nelle sue piantagioni di caffè a Java, e della cucina pepata di sua madre, che proveniva dall'Indonesia. No, penso che dalla tomba di Irene

Ela nega; jura ter sido um dos gatos o culpado por ter derrubado uma ponta de cigarro aceso num dos tapetes. Dali se espalhou para os móveis, e a loja ardeu em plena madrugada. Despertamos com o alarme dos bombeiros em nossa porta. O antiquário em chamas. Corremos até à Nordeinde, Bart e eu. Inge estava com um rosto de cera. Mas perguntamos o que ela fazia àquela hora da noite na loja. Respondeu que tinha ido jantar na casa de Lila e esquecera as chaves de casa no antiquário. Acendeu um cigarro, fez um café e se distraiu com um livro que Eduardito, o amigo de Rique, lhe emprestara para ler nas horas de pouco movimento — que, aliás, eram muitas. Adormeceu na poltrona e acordou tossindo com a fumaça. Os gatos em pânico. O calor e as labaredas. Os bombeiros demoraram a che-gar — segundo ela, que esperava na rua aos gritos. Foram os vizinhos que os chamaram. As chamas crepitavam, a rua se iluminava, pessoas assomavam às janelas para logo povoarem as calçadas.

— Um pesadelo — e Inge recostou a cabeça em meu ombro. Bart pôs a mão em suas costas.

Quando os bombeiros terminaram de apagar o fogo, concluí que não restava mais nada da nossa loja. O Chats de l'Antiquairc morrera. Algumas peças de prata sobreviveram. Os gatos mesmo desapareceram. Só Fernando rondava a esquina, afinal aquela sempre fora a sua casa, agora negra de fuligem.

potrebbero nascere solo le violette e del muschio. Solitaria com'era. Verdeggiante in luoghi umidi e scuri.

Lei continua a negare; sostiene che uno dei gatti doveva aver rovesciato la cenere della sigaretta ancora accesa su uno dei tappeti. Da lì il fuoco si sarebbe poi espanso sui mobili, ed è stato così che il negozio è finito in fiamme di piena mattina. Ci siamo svegliati con il suono dell'allarme dei pompieri davanti alla nostra porta di casa. Il negozio era in fiamme. Io e Bart siamo corsi fino a Nordeinde. Inge sembrava imbalsamata. Le abbiamo chiesto che cosa ci facesse a quell'ora di notte in negozio. Ci ha risposto che era andata a mangiare a casa di Lila e che si era dimenticata le chiavi di casa in negozio. Si era accesa una sigaretta, si era preparata un caffè, e si era distratta con un libro, che le aveva prestato Eduardito, l'amico di Rique, per leggerlo nei tempi morti lì al negozio – che erano molti. Aveva finito per addormentarsi sulla poltrona e si era svegliata tossendo, immersa nel fumo. I gatti erano in panico. Il calore e le fiamme dappertutto. I pompieri avevano tardato ad arrivare – secondo lei, che li stava aspettando in strada tra le grida. Erano stati i vicini a chiamarli. Le fiamme crepitavano, la strada si stava illuminando, la gente si stava ammassando alle finestre per poi scendere nelle strade.

— Un incubo — Inge ha appoggiato la testa sulle mie spalle. Bart le messo la mano sulla schiena.

Quando i pompieri avevano finito di spegnere il fuoco, ci siamo subito resi conto che del nostro negozio era rimasto ben poco. O Chats de l'Antiquaire non esisteva più. Erano rimasti solo alcuni pezzi di argenteria. Anche i gatti erano scomparsi. Solo Fernando girava ancora qui intorno, alla fine quella era sempre stata la sua casa, anche se ora era tutta nera per la fuliggine.

— Temos, temos seguro, Bart.

No entanto, enquanto voltávamos para casa, abraçada a Inge, não conseguia deixar de me indagar no que ela estava fazendo ali àquela hora tardia. A versão dela não me convencia, apesar de reconhecer seu abalo. A solução — sobre isso conversamos a madrugada inteira — seria primeiro recorrer à companhia de seguro, que deveria nos ressarcir do prejuízo, para então entregarmos o negócio.

— Não! Não! — Inge bradava quase histérica.

— Mas como, Inge, não? Como é que nós vamos reerguer uma loja que nem estava indo bem?

Ela então me acusa de só pensar em voltar para o Brasil depois de ter me casado com Bart. Devia negar, em consideração ao seu desespero, mas não consigo. Me mantenho calada. Bart me olha condescendente. Inge parece se descontrolar. Me ofereço então para apanhar-lhe o vidro de calmantes. "Você quer me drogar só pra se ver livre de mim!" — ela grita, eu alego o sono dos vizinhos, mas Inge parece pela primeira vez não se importar com o barulho. Por fim, acabo por jurar que não vou abandoná-la, porém não posso satisfazê-la em relação ao meu casamento com Bart. Mas tenho gratidão e afeto por Inge. Abraço-a, tento acalmá-la, à medida que ela repete "Jura? Jura?" e vou levá-la para a cama, quando ao pé da escada, ela se lembra dos gatos. "Rasputim? Cordélia? Dorotéia? Corisco?" Prometo que vou recuperá-los, mas a crise de Inge dá mostras de recomeçar.

— Você quer um uísque, Inge? — Bart resolveu oferecer. Pensei que ela fosse daí ter um ataque de fúria, mas me enganei. Ela, que nunca bebe, aceitou. Seus nervos tinham esticado ao máximo. Seria remorso por ter atacado fogo no antiquário?

— No! No! — gridava Inge, quasi istericamente.

— Ma come no, Inge? Come possiamo risollevarlo un negozio che già non stava andando bene prima?

— Siamo coperti dall'assicurazione, Bart. Quando stavo andando verso casa, abbracciata ad Inge, non riuscivo a smettere di pensare a cosa stesse facendo lei lì, a quell'ora di notte. La sua versione non mi convinceva, nonostante potessi constatare con i miei occhi quanto fosse spaventata. La soluzione – ne abbiamo parlato per una mattinata intera – sarebbe quella di appellarsi all'assicurazione, che dovrebbe risarcire il danno per dopo rivendere il negozio.

A quel punto mi accusa di pensare esclusivamente a tornare in Brasile, non appena fossi riuscita a sposarmi con Bart. Dovrei negare, per pietà della sua disperazione, ma non ci riesco. Rimango zitta. Bart mi guarda con fare accondiscendente. Sembra che Inge stia per perdere il controllo. Allora mi offro per andare a prenderle la boccettina di calmante. “ Mi vuoi drogare solo per liberarti della mia presenza! “ – grida lei, allora le ricordo che i vicini stanno dormendo, ma per la prima volta sembra che il rumore non le interessi più. Alla fine, mi ritrovo a giurarle che non la abbandonerò, anche se non posso dirle che non mi sposerò con Bart. Ma che continuo a nutrire profondo affetto e profonda gratitudine nei suoi confronti. La abbraccio, provo a calmarla, mentre lei continua a ripetere “ Giura? Giura? “ , la conduco verso la camera, ma quando raggiungiamo i piedi delle scale, le vengono in mente i gatti. “ Rasputim” Cordélia? Dorotéia? Corisco? “ Le prometto che andrò a cercarli, ma ormai la crisi di Inge sembra essere sul punto di ricominciare.

— Vuoi un bicchiere di whisky, Inge? — è intervenuto Bart. All'inizio ho pensato che sarebbe stata sconvolta da un attacco d'ira nei suoi confronti, ma mi sbagliavo. Ha accettato, proprio lei che non beve mai. I suoi nervi avevano raggiunto il punto massimo di tensione. Sarà forse dovuto al rimorso che provava per aver dato fuoco al negozio di antiquariato?

Bart a serve de uísque, que ela vira de um gole só. Logo seus olhos ficam aquosos, sua língua engrola e ela me suplica que a leve para cima. Obedeço. Ao reencontrar Bart na sala, percebo a luz da manhã.

— Nada é para sempre — ele diz num tom judicioso.

O antiquário? Ou minha relação com Inge? Espero que o nosso casamento...

Fizemos amor ali mesmo no sofá de couro verde, ao som do amanhecer e sabendo que Inge dormia calma lá em cima. Os gatos decerto não serão mais encontrados. Fernando também; deverá ser adotado por alguma velha vizinha. E nunca mais voltará para a Espanha (a não ser que a vizinha não seja tão velha assim e faça temporadas em Marbella ou em Benidorm). Nós iremos para o Brasil. Já avisei Eunice e mamãe. Acho que vamos nos casar em Minas mesmo. Numa daquelas igrejas decoradas com arabescos de ouro e santos barrocos, modelos daqueles pe-quenos, de fazenda, esculpidos por um artista mestiço que certamente nunca imaginou fossem se perder em incêndio num país varrido pelos ventos.

Bart le versa del whisky, che lei beve in un sorso solo. I suoi occhi diventano subito acquosi, comincia a biascicare, e mi supplica di accompagnarla in camera. Faccio come mi chiede. Quando ho fatto ritorno da Bart in salotto, stava già entrando la luce del giorno.

— Niente è per sempre — mi dice lui in tono giudizioso.

Il negozio di antiquariato? O il mio rapporto con Inge? Spero che per quanto riguardi il nostro matrimonio ...

Abbiamo fatto l'amore lì sul divano di cuoio verde, accompagnati dal suono della mattina, e coscienti del fatto che Inge stava dormendo di sopra. Di certo non rivedremo più i gatti. Lo stesso vale per Fernando; dovrà finire per essere adottato da qualche anziana vicina. E non farà più ritorno in Spagna (a meno che la vicina non sia già così vecchia e voglia concedersi una gita a Marbella o a Bernidorm). Ce ne andremo in Brasile. Ho già avvisato Eunice e mia mamma. Penso che ci sposteremo lì a Minas. In una di quelle chiese decorate con arabeschi oro, e con statue di santi barocche, della stessa fattezze di quelle piccole, quelle che si trovano nelle fazende, scolpite da un artista meticcio, che certamente non avrebbe mai immaginato che sarebbero andate perdute in un incendio in un paese dove soffia sempre il vento.

Mykonos, 9 de julho 1988.

O sol se pôs, o mar ganhou um azul opala e eu me estirei na areia pedregosa. Tinha tomado cerveja a tarde toda inteiramente nu. Eduardito, que no fim do dia tinha abandonado a vergonha e tirado a roupa, nadava bem longe, como um delfim. Emil se aproximou de mim. À medida que falava de Freek, fui sendo acometido por uma lembrança corrosiva. A noite desceu e voltamos para a pensão. Me deitei uns minutos antes de juntar forças para ligar para a Holanda. Tinha finalmente me submetido ao teste em junho, alguns meses depois da festa da Rainha em Amsterdam, quando terminei com Ruud, o garoto de Utrecht, que morava num barco. Agora fraquejava para telefonar e conhecer o resultado. Eduardito e Emil fumavam um baseado e riam a bandeiras despregadas. Eu e o meu dilema. E o meu segredo. Fumei uns tapas do baseado deles e liguei para o hospital. Positivo, foi a resposta. Pus o fone no gancho devagar e fiquei estatelado, olhando os dois sem vê-los.

— Cê ligou pra quem, Rique?

Não respondi imediatamente. A resposta ribombava nos meus ouvidos como trombetas. Eu então vou acabar. Acabo então. Finito. Mas quando?

Eduardito arregalou os olhos, pôs as mãos na cabeça e gritou:

— Mas você nunca me disse que tinha feito o teste!

Mykonos, 9 luglio 1988.

Il sole sta tramontando, il mare sembra si stia tingendo di un colore azzurro opaco, mentre io mi sto andando a distendere sulla sabbia di sassolini. Avevo bevuto birra per tutta la sera, ero completamente nudo. Eduardito, che a fine giornata aveva messo da parte la vergogna e si era tolto anche lui vestiti, stava nuotando in lontananza, sembrava un delfino. Emil si stava avvicinando. Mentre mi stava parlando di Freek, sono stato improvvisamente assalito da un ricordo corrosivo. Stava calando la notte e stavamo facendo ritorno alla nostra pensione. Ho dormito dieci minuti prima di dover ritrovare le forze per chiamare in Olanda. Avevo finalmente deciso di sottopormi al test in giugno, alcuni mesi dopo la festa della Regina ad Amsterdam, quando avevo rotto con Ruud, il ragazzo di Utrecht, che abitava in una barca. Ora tentennavo a fare quella telefonata per sapere il risultato. Eduardito e Emil stavano fumando un sigaro e ridevano come matti. Io e il mio dilemma. E il mio segreto. Ho fatto due tiri dal loro sigaro per poi telefonare all'ospedale. Positivo, questa è stata la risposta. Ho riposto lentamente la cornetta sul gancio, e sono rimasto immobile, guardandoli senza riuscire a vederli.

— A chi hai telefonato, Rique?

Non ho risposto subito. L'esito rimbombava nelle mie orecchie come se ci fossero delle trombe. E' tutto finito. Finito. Ma quando?

Eduardito ha spalancato gli occhi, si è portato la mano alla testa e ha gridato:

— Ma non mi avevi mai detto di aver fatto il test!

Emil pareceu comovido mas sem espanto.

Como não respondi à sua reação, Eduardito caminhava pelo quarto sem parar.

— Ligue de novo. Quiçá se enganaram.

Não, não adiantava. Me deitei na cama e recostei o pescoço na parede. Um turbilhão de imagens, frases, recorrências passa-vam pela minha cabeça. Iria contar a Inge? a Emília? a Clea? a...

Naquela noite'. não jantei com eles. Caminhei sozinho na praia. Contemplei a lua e seus reflexos no mar. Escutei o cais. Nada daquilo mais me pertencia. Sou um barco que se afasta.

Vejo ao longe os letreiros luminosos. Não ousou me aproximar. Passeio ao longo do canal, o frio já começou em setembro, e a noite chega mais cedo. Um vento atravessa meus agasalhos, paro e tento me aquecer com os braços. Ajeito os cabelos. Hesito se entro ou não na rua dos antiquários. Vislumbro o livreiro deste ângulo, mas me recuso a acreditar. A loja que construímos juntas, não existe mais. E ela ainda me acusou. Depois se foi, como eu sabia que iria. Com o padreco. Ou o ex-padreco. Rique também se foi. Já faz um ano tudo isso. Me aproximo da Nordeinde, me atrevo a chegar até a porta e ler: JAIPUR RESTAURANT Indian Food.

Emil sembrava commosso, ma non sconvolto.

Non ho dato nessuna risposta a Eduardito, che ha cominciato a camminare avanti e indietro per la camera.

— Devi rifarlo. Possono essersi sbagliati.

No, non lo avrei ripetuto. Mi sono messo a letto e ho appoggiato il collo contro la parete. Un turbinio di immagini, frasi, ricorrenze mi stavano passando per la testa. Lo avrei detto a Inge? A Emília? A Cléa? A ...

Quella sera non ho cenato con loro. Sono andato a camminare per la spiaggia in solitudine. Mi sono fermato a contemplare la luna e il suo riflesso sul mare. Ho ascoltato i rumori del porto. Niente che mi potesse rappresentare di più. Sono come una barca che si sta allontanando.

Vedo le insegne illuminate in lontananza. Non oso avvicinarmi. Passeggio lungo il canale. Il freddo era già arrivato a settembre, comincia già a diventare buio presto. Il vento mi trapassa i vestiti, fermo, e provo a ripararmi con le braccia. Cerco di darmi una sistemata ai capelli. Rimango immobile, indecisa se imboccare o meno la strada del negozio di antiquariato. Intravedo il libraio all'angolo, ma mi rifiuto di crederci. Il negozio che abbiamo costruito insieme non esiste più. Lei mi aveva accusato ancora. E dopo se n'era andata, come già sapevo avrebbe fatto. Con il pretonzolo. O l'ex-pretonzolo. Anche Rique se n'era andato. E' già passato un anno da quando tutto questo era accaduto. Mi avvicino alla Nordeinde, mi avvicino fino ad arrivare alla porta e a leggere: JAIPUR RESTAURANT – cibo Indiano. Lì dentro dei ragazzi dalla carnagione scura si muovevano tra i tavoli, relativamente occupati.

Dentro garçons morenos se movimentam entre as mesas relativamente ocupadas. Um odor de curry bafeja quando a porta se abre. Há uma predominância de luzes vermelhas, o que não pode deixar de me reportar ao famoso bairro de Amsterdã. Bem, ambos os tipos de comércio para o prazer de Dioniso. O nosso, por outro lado, não deixava de sê-lo também. A contemplação da beleza. Vanitas vanitatum. Apoio não quer adereços; prefere o rigor. Assim serei eu doravante: adepta do deus de Delfos. Não uma anacoreta, mas urna apolínea —vejamos. Falando em mi mitos e Cléa? Trepou na sua vassoura e regressou à terra dos Incas? Encontrei outro dia Eduardito —que me disse estar defendendo a sua tese — que Cléa entrara para um grupo de teatro tátil. Ignoro o que seja isso, mas faz sentido.

O maitre do Jaipur chega à vidraça da janela e me faz um sinal para que entre. Faz tantos minutos que estou aqui parada que chamei a sua atenção. Respondo negativamente com a mão. Mulheres não podem ir a restaurantes sozinhas. É outro grilhão que nos impõem. Eu até estava com fome, mas sempre há alguma coisa que preparar em casa. Além disso, os meus pequenos devem também estar famintos. Pois Dorotéia teve ninhada de quatro. Naturalmente com um vagabundo qualquer, que en-controu enquanto estava perdida. Debaixo de um carro, miando como uma louca. Ou num parque à noite. Mas não consegui recuperar os outros. Sumiram: Rasputim, Cordélia e Corisco. Devem ter sido adotados por três velhas, vizinhas umas das ou-tras. Dessas que ainda fazem compras de bicicleta. Como Lila, que não acredita nos meus sonhos de castelos mouriscos. De-vem estar bem, os três. Não sei ainda como vou nomear os filhos de Dorotéia com o vagabundo do parque: Corniaud —um talvez, já que não sei o nome do pai; Ofélia — a outra, para continuar a tradição shakespeareana e... Emília — outra, se for fêmea. Ou não. E... Rique talvez. O mesmo Eduardito me contou de seu estado. Grave. Vou visitá-lo na próxima vez que for ao Brasil, mas tenho medo de não encontrar mais o meu amigo; só uma forma irreconhecível. Custa a aceitar essa outra perda. Essa falta definitiva. Por momentos chego a ter raiva dele. Raiva por ter-se deixado contaminar por essa peste inominável.

Não sei quando irei ao Brasil. Há tanto tempo estou nesse país que me sinto atada a esses canais como um bote pesqueiro. Essas ruas silenciosas, essas janelas iluminadas, próximas da calçada, para onde se tem vontade de entrar e participar do aconchego das famílias que tomam café e comem bolo a essa hora da noite; essas siluetas de torres em forma de biscoito. Para dentro da noite prossigo, é como se ela me engolisse e eu ainda me viro para trás e vejo os letreiros verde e vermelho do Jaipur

Appena si apre la porta, vengo sopraffatta dall'odore del curry. C'è una predominanza di luci rosse, che non può non farmi pensare al famoso quartiere di Amsterdam. Beh, tutte e due le attività possono essere portate avanti in nome di Dionisio. Anche il nostro negozio lo era a suo modo. La contemplazione della bellezza. *Vanitas vanitatum*. Apollo non gradisce gli ornamenti: preferisce il rigore. D'ora in avanti sarò anch'io così: un'addetta degli dei di Delfi. Non un'eremita, ma un'apollinea – vediamo. Parlando di miti, mi viene in mente Cléa. Avrà forse inforcato la scopa per ritornarsene nella terra degli Incas? L'altro giorno ho incontrato Eduardito – mi ha rivelato che stava preparando la tesi – e che Cléa era entrata a far parte di un gruppo di teatro tattile. Non so cosa sia, ma l'ho già sentito.

Il maître di Jaipour si avvicina alla finestra del ristorante e mi fa segno di entrare. Sono rimasta ferma qui davanti per così tanto tempo da richiamare la sua attenzione. Faccio cenno di no con la mano. Le donne non devono andare da sole al ristorante. E' un limite che ci viene imposto. Avevo fame in realtà, ma a casa c'era sicuramente qualcosa da mettere sotto i denti che mi stava aspettando. A parte questo, anche i miei piccolini dovevano essere sicuramente affamati. Dorotéia aveva fatto quattro cuccioli con un vagabondo qualunque che aveva incontrato, quando vagava persa per la strada. Sotto a una macchina, miagolando come una matta. O una notte in un parco. Non sono riuscita, però, a recuperare gli altri. Sono spariti tutti: Rasputim, Cordélia e Corisco. Dovevano essere stati adottati da tre vecchiette, tutte e tre vicine di casa. Quelle che vanno ancora a fare la spesa in bicicletta. Come Lila, che non crede ai miei sogni di castelli moreschi. Staranno bene, tutti e tre. Non so ancora come chiamerò i figli di Dorotéia e del vagabondo del parco: forse uno Corniaud – visto che non so il nome del padre; Ofélia – l'altra, per continuare la tradizione shakespeariana e ... Emília – l'altra, se fosse stata femmina. O no. E ... Rique forse. Lo stesso Eduardito mi aveva informato del suo stato di salute. Era grave. Gli farò visita la prossima volta che andrò in Brasile, ma ho paura di non trovare più il mio amico; ma solo una sagoma irriconoscibile. Faccio fatica a dover accettare anche questa perdita. Questa mancanza definitiva. In certi momenti provo rabbia nei suoi confronti. La rabbia per essersi lasciato contagiare da questa peste innominabile.

como a sombra do antiquário, com aquelas pessoas comendo, alheias ao que existiu antes, alheias a mim e a Emilia, aos gatos, a Rique, ao padreco, a tudo em que me tornei nesses últimos anos e que agora se convertem em cera, num museu, guardado numa caixa com cartas velhas, e como elas, para sempre meu.

Non so quando andrò in Brasile. E' da così tanto tempo che abito in questo paese, che mi sento quasi ancorata a questi canali, come una barca di pescatori. Queste strade silenziose, le finestre illuminate così vicine alla strada, attraverso le quali si desidera prendere parte al ritrovo delle famiglie che bevono caffè e mangiano un dolce a quest'ora di sera; queste sagome di torri a forma di biscotto. Proseguo nella notte, è come se venissi ingoiata, torno a voltarmi indietro così riesco a rivedere le vetrine verdi e rosse del Jaipur, quasi fossero l'ombra del nostro negozio di antiquariato. Quelle persone che mangiano lì dentro, ignare di quello che una volta era quel posto, estranee a me e a Emília, ai gatti, a Rique, al pretonzolo, a tutto quello da cui ero stata circondata negli ultimi anni, e che ora si è trasformato in cera, in un museo, custodito in una scatola con delle vecchie lettere, e come queste, mio per sempre.

CONCLUSÃO

Este meu trabalho de tradução e de interpretação dos contos de Jorge de Sá Earp levou-me, após uma longa reflexão e estudo, a tirar algumas conclusões acerca não apenas da obra deste autor, mas sobre as tarefas do tradutor, o ato de traduzir e as dificuldades de tradução e de compreensão inerentes aos texto de Sá Earp.

A tradução de um livro de contos é um trabalho que necessita de muita flexibilidade e conhecimento da língua portuguesa, mas também da língua italiana. A escritura de Jorge de Sá Earp é muito íntima e profunda, no sentido de que as palavras usadas são escolhidas com muita atenção pelo autor, com o objetivo de provocar e estimular o pensamento do leitor sobre as temáticas desenvolvidas no livro.

Nos textos, os problemas vividos pelas personagens não são enfrentados diretamente, porque elas não têm coragem suficiente para admitir os seus verdadeiros medos. Como resultado disso, o narrador apresenta-as indiretamente, através dos seus mais íntimos pensamentos e de ações impulsivas, mas também pelo uso atento das palavras. Por este motivo a linguagem utilizada foi minuciosamente escolhida e cada palavra contém diferentes interpretações. A língua empregada por Jorge é muito rica e diversificada. Muitas palavras estão ligadas às variedades regionais, a provérbios, a pratos típicos da cozinha brasileira e, muitas vezes, à comida carioca, palavras que provêm da linguagem oral, muitas vezes usadas pelos jovens que possuem um vocabulário cheio de gírias. Trata-se de palavras de uso da língua coloquial brasileira e que, portanto, não se encontram no dicionário bilíngue português-italiano (es. *tirar um sarrinho, enviado de Trevas, caguei para Etienne, barraquinhas, poxa, dar trepada, grampo, biriba, farofa de ameixa, pivetes, gaucha, muxoxo, BIOSCA, braminha, vatapá, lanchonete, furreco, boteco, rolinhos, torresmo, pique, ressaca, bochicho, penhoar, talidomida, turnedôs, badalada*). Não foi fácil adaptar e traduzir para o italiano uma linguagem repleta de termos específicos da cultura brasileira, muitas vezes tive que eliminar algumas ou adaptá-las a um termo em italiano correspondente.

Eu tentei de fazer uma tradução muito pessoal do livro, exprimendo também a minha visão das histórias, mas mantendo o estilo do autor, que é muito pessoal, inconfundível na sua vontade de expressar a verdadeira interioridade dos personagens. Quis sublinhar as emoções, os movimentos, a maneira de falar e de olhar as coisas dos personagens, porque eu penso que eles são o centro do livro, apesar que eles possam aparecer como seres inúteis e que prestem muita atenção à aparência da vida, mas na realidade os acontecimentos presentes nas histórias passam em segundo plano ao respeito das personalidades que populam estes contos e que tornam a história interessante. Quero dizer que as personagens não fazem soamente parte do contexto, ao contrário eles são talmente verdadeiros nas suas fraquezas, e nessa maneira se tornam mais familiares aos olhos dos leitores.

Tentei fazer uma tradução muito pessoal do livro, expondo a minha visão das histórias e mantendo o estilo do autor, que é muito pessoal e inconfundível na sua vontade de expressar a verdadeira interioridade das personagens. Fiz questão também de sublinhar as emoções das personagens, os seus movimentos, a sua maneira de falar e de olhar o mundo, porque elas são o centro da narração, da trama. Embora pareçam seres inúteis e estejam ligadas à aparência da vida, as personagens são aquelas que tornam as histórias interessantes. Os acontecimentos, os fatos, passam em segundo plano diante das personalidades que povoam esses contos. Elas não fazem apenas parte do contexto, ao contrário, elas parecem tão verdadeiras nas suas fraquezas, nas suas vicissitudes que se tornam familiares aos olhos dos leitores.

BIBLIOGRAFIA

LOBO, Luiza, *Posse de Jorge Sá Earp no Pen Club do Brasil*, Rio de Janeiro, 2009.

STEGAGNO PICCHIO, Lucia, *Breve storia della letteratura brasiliana*, Genova: Il Nuovo Melangolo Editore, 2005.

OLINTO, Antonio, *Letteratura brasiliana*, Milano: Jaca Book, 1993.

SÁ EARP, Jorge, *Areias Pretas*, Rio de Janeiro: 7 Letras, 2004.

MEA, Giuseppe, *Dicionário de Italiano-Português*, Bologna: Zanichelli ; Porto: Porto editora, 2009.

MEA, Giuseppe, *Dicionário de Português-Italiano*, Bologna: Zanichelli; Porto: Porto editora, 2009.

